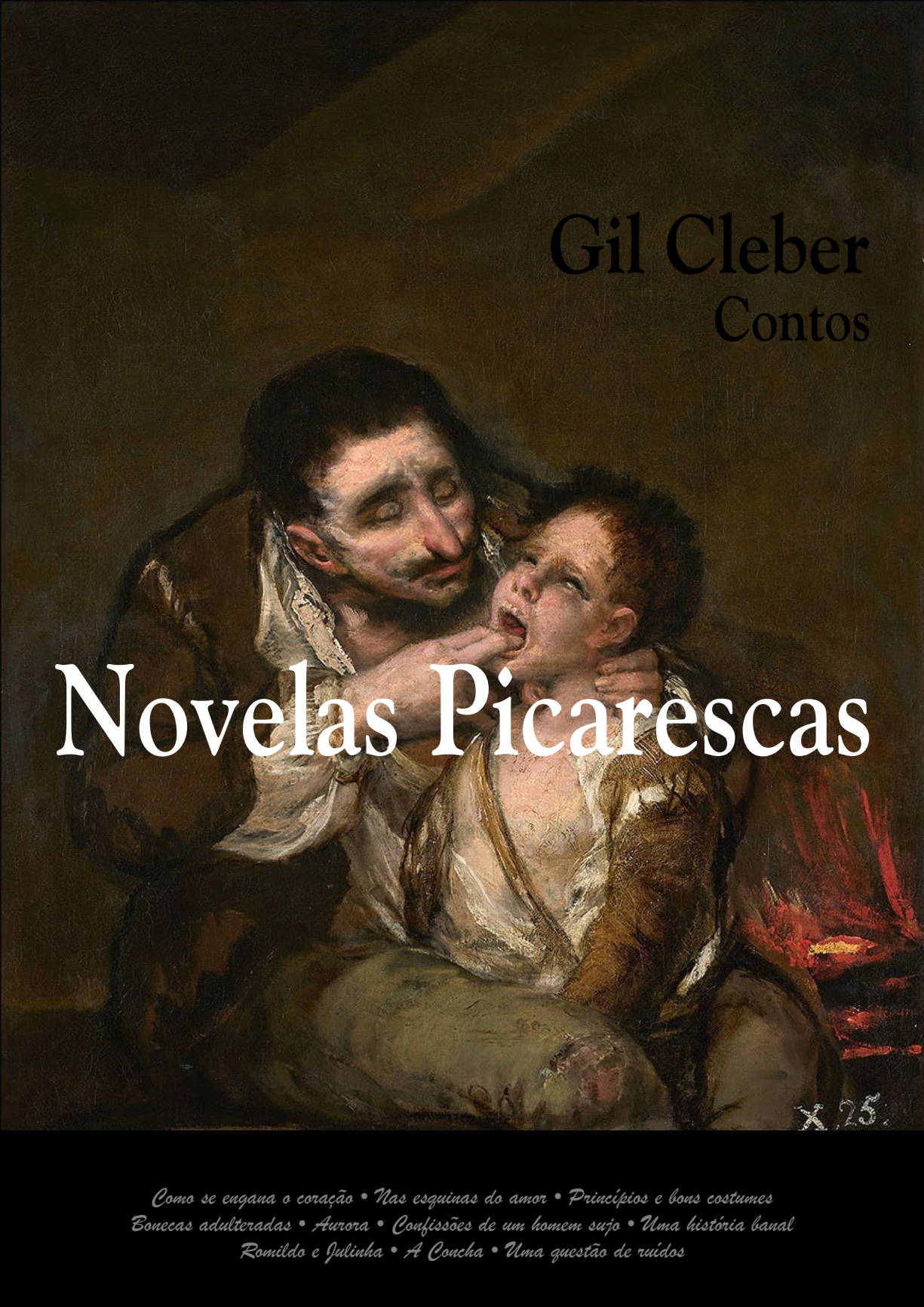




Gil Cleber
Contos

Novelas Picarescas

*Como se engana o coração • Nas esquinas do amor • Princípios e bons costumes
Bonecas adulteradas • Aurora • Confissões de um homem sujo • Uma história banal
Romildo e Jalinha • A Concha • Uma questão de ruídos*

NOVELAS PICARESCAS

Gil Cleber

Novelas Picarescas

Contos

Edição do Autor — 2023

Arte final e capa: Gil Cleber
Ilustração da capa: **Lazarillo de Tormes**, Goya.
Óleo sobre tela, 1808-1812

© Gil Cleber Duarte Carvalho
Obra registrada Câmara Brasileira do Livro.

Nota essencial:

Sendo o autor terminantemente contra as mudanças introduzidas pelo atual acordo ortográfico, mantém o texto de suas obras segundo o Formulário Ortográfico de 12 de agosto de 1943 com as alterações aprovadas pela lei nº 5.765 de 18 de dezembro de 1971.

Contato e *site* do autor:
gilccarvalho959@gmail.com
www.gilcleber.com.br



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cleber, Gil

Novelas picarescas / Gil Cleber. -- 1. ed. --
Paty do Alferes, RJ : Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-63635-2

1. Contos brasileiros 2. Literatura brasileira
3. Novelas I. Título.

23-147068

CDD-B869.3
-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3
2. Novelas : Literatura brasileira 869.93

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

Como se engana o coração	1
Nas esquinas do amor	40
Princípios e bons costumes	94
Bonecas adulteradas.....	122
Aurora.....	147
Confissões de um homem sujo	155
Uma história banal.....	225
Romildo e Julinha	237
A Concha	251
Uma questão de ruídos	283

Como se engana o coração

Alberto Pontes alcançara os quarenta e sete anos como certamente a maioria dos homens gostaria de alcançar: com boa disposição física, conquistada na academia de ginástica — onde se exercitava duas a três vezes por semana — e nas corridas ocasionais de sábados e domingos pela manhã; e também com a aparência de quem anota dez anos menos do que consta na carteira de identidade: os poucos grisalhos de suas têmporas, ao contrário de parecerem maus, proporcionavam-lhe um certo ar de elegância e juventude tardia.

Se acrescentarmos a isso uma situação econômica favorável, uma boa cultura e ainda o fato de estar solteiro, não se poderá dizer de sua vida menos que fosse invejável.

Esmiuçando um pouco mais, a estabilidade de sua situação econômica decorria primeiramente da sinecura que ocupara nos quadros da Justiça (trabalhava três ou quatro dias na semana, nem sempre em expediente integral) com um excelente salário, e depois, com o falecimento do pai já idoso, do que lhe ficara de herança: o belo casarão nos arredores de P*** onde vivera desde a infância e, no jardim amplo e arborizado, brincara de pique com outros meninos de sua idade; alguns imóveis mais cujos rendimentos iam somar-se fartamente aos seus ganhos, e por fim uma certa quantia na caderneta de poupança na qual preferia não tocar, exceto pelos acréscimos que fazia vez por outra para o caso de alguma urgência futura. De todos esses recursos Alberto Pontes lançava mão com equilíbrio, pois se não era de seu feitio um proceder perdulário, tampouco raspava pela avareza, e com isso tanto podia vestir-se bem quanto aparecer vez por outra nos restaurantes da moda ou em algum outro ambiente mais requintado, além de trocar de carro pelo menos de dois em dois anos e fazer um passeio pela Europa com maior freqüência.

A cultura, não tanto superficial nem tanto profunda, ia buscar nos livros, e não apenas nos de leis, que devia compulsar mais por dever de ofício do que por prazer: lia, portanto, os clássicos, apreciava particularmente a poesia e, em certa época, chegou mesmo a fazer alguns versos; desistiu porém de escrevê-los ao concluir que lhe faltava talento — atitude que denotava autocrítica e bom-senso —, mas não desistiu de continuar lendo, e para evitar a monotonia vez por outra pegava-se com um livro menos erudito nas mãos: algo na linha da literatura policial ou da picaresca, com as costumeiras “cenas íntimas” descritas nos menores detalhes. Para justificar-se desses pecados, costumava dizer que procedia como aquele *sommelier* de paladar apuradíssimo que, vez por

outra, deixando intocada na prateleira uma garrafa de Romanée S' Vivant, chafurda na cachaça de botequim para escapar ao tédio.

Para completar o quadro, resta falar de sua solteirice.

Alberto Pontes era desses homens que se não descreiam totalmente do casamento, tampouco acreditavam nele a ponto de acenderem velas em seu altar. Tinha para si que, se estava bem solteiro, melhor seria permanecer assim — embora, caso as circunstâncias dispusessem em contrário, não descartasse de todo a possibilidade de tomar estado, e num muxoxo franzia o nariz com um resmungo, “ora, isso de casar ou ficar solteiro tanto faz como tanto fez”.

Na extrema juventude, aquela que se veste de luzes e cores aí por volta dos vinte anos, mas que para muitos acaba justamente quando assumem compromisso poucos anos depois; na extrema juventude, portanto, teve algumas ilusões capazes de fazê-lo entrever os cetins e brocados da vida conjugal sem cogitar na chita barata e na estopa grosseira que subjaz; aos dezenove anos, por exemplo, deixou-se cativar por umas pernas morenas e uns olhos verdes que vira na praia certa manhã de verão, mas como não tivesse tido êxito nesse primeiro enleio — pelo contrário, viu-o levado sem demora por outros braços para longe de si —, curtiu o desencanto por algum tempo até deparar, já com os vinte completos, com uns olhos castanhos intensos e longos cabelos negros que o subjugaram durante um semestre inteiro para, por fim, escapar de entre seus dedos, alcançados por outros mais firmes e rapaces. Umas poucas desilusões mais serviram de boa escola, e passando a envolver-se ocasionalmente com algumas carinhas bonitas aqui e ali pôde constatar que o amor — e por extensão o casamento — era coisa com que não valia a pena amofinar-se.

Com o transcurso dos anos optou pelo celibato quase sem se dar conta de sua opção, ou de que se tratava mesmo de uma opção, e viu chegar os trinta e cinco anos cobrado pelos amigos:

— E então, Alberto? Não vai dar os doces?

— Nessa idade e ainda jogando no time dos solteiros?

— Um homem sério deve constituir família — acrescentavam com gravidade os mais antigos —, principalmente tendo uma ocupação de responsabilidade como a sua!

A todas essas intervenções fazia boa cara, sorria com displicência, “quando chegar a hora” dizia, “tudo tem seu tempo” completava, mas as horas convertiam-se em dias, os dias em meses, os meses em anos, e era de ver um amigo divorciar-se aqui após uma união tumultuada da qual saía lesado física e economicamente; outro ali a carregar um monstruoso par de chifres que culminavam em esbordoamento e delegacia; um terceiro ainda acolá, esfrangalhado e maltrapilho, a fazer serões até mesmo nos domingos para alimentar meia dúzia de bocas famintas e catarrosas; era, portanto, de ver tais desgraças que deixava a vida correr, e o princípio filosófico do “tanto faz como tanto fez” converter-se gradualmente na suma sabedoria de que “o que se fez está feito e bem feito”.

Continuou solteiro.

Já não mais lhe cobravam os amigos, alguns dos quais — já desiludidos — chegavam até a dizer:

— Você é que fez bem, Alberto, você é que fez bem!

Com sua decisão de permanecer solteiro Alberto não podia evitar desapontar uma ou outra conquista que lhe ambicionava o coração e os rendimentos, pois não lhe parecia possível que uma mulher agisse sem cálculo ao aproximar-se de um homem, tinha como certo — principalmente depois de ter avançado pela casa dos quarenta — que todas aquelas com quem se envolvia e se esforçavam por demonstrar-lhe amor e dedicação estavam, na verdade, mais interessadas em garantias para o futuro do que propriamente na presença de um marido ao seu lado, embora — reconhecia — não se pudesse afirmar que também não tivessem em vista esse último alvo, donde resumir-se a história numa frase comum e certa como “unir o útil ao agradável” ou “matar dois coelhos com uma só cajadada”, ou qualquer outra simples e direta que caiba.

Nos últimos tempos, porém, Alberto recolhera-se um tanto: depois de um período de amores freqüentes e passageiros, fez-se menos visível — já não aparecia com a mesma assiduidade nos lugares de costume, raramente o encontravam em algum evento público; mesmo na academia de ginástica sentiram sua falta, e quando por lá apareceu casualmente para apanhar uns objetos esquecidos em seu armário justificou seu sumiço explicando que havia comprado aparelhos e agora se exercitava em casa — o que não deixava de ser verdade, mas não de todo: pois se exercitava em casa, mas também passava boa parte da noite lendo ou assistindo filmes na TV, e quando, nos dias de sinecura, os colegas de trabalho tentavam fisgá-lo — como antes — após o expediente para o costureiro chopinho de fim de tarde, alegava qualquer desculpa — uma visita urgente a fazer, uma encomenda a apanhar, um compromisso de última hora — para esquivar-se educadamente. Quando não lhe ocorria desculpa nenhuma, terminava de pôr em ordem sua mesa de trabalho e simplesmente respondia “não tenho vontade”, e sem mais lá se ia, sossegado.

No entanto não havia mistério nenhum nessa mudança de comportamento: Alberto sentia-se entediado com a monotonia da vida que vinha levando e esse recolhimento fora o meio encontrado para buscar algo novo, que tornasse sua existência menos prosaica e lhe propiciasse um sentido que, se até então não lhe havia preocupado, passara de repente a lhe fazer falta. Em outras palavras: Alberto dava-se conta de que atingira uma idade crítica, nada de útil fizera até então, vivera como um dândi — embora não fosse propriamente um dândi — e só. Logo faria cinqüenta anos, e como o tempo parece andar mais depressa à medida que se envelhece, já se via com sessenta, setenta, levando sempre aquela existência inócua, que se não era de todo má, tampouco se poderia dizer dela “é brilhante, pelo menos é frutífera”.

Ele, porém, não se isolava tão completamente assim, e tanto é que desde algum tempo freqüentava a casa de uns amigos, aonde ia para espairer, conversar um pouco, passar algumas horas agradáveis e depois voltar para casa, para seus livros, seus filmes na TV, seus lençóis...

O casal Peçanha residia num dos bairros chiques de P***, e a amizade com Alberto datava de décadas. Essa amizade começara no ensino médio, continuou pelos anos afora quando freqüentavam em grupos de amigos as mesmas festas e dançavam os mesmos bailes. Depois de casados houve não uma quebra da amizade mas um certo afastamento: Jorge Peçanha fazia o tipo de marido caseiro, todo entregue ao lar e aos seus compromissos, e sua mulher, Anita, não destoava da conduta do marido; ao lhe nascerem as três filhas, uma a cada ano — para ao fim de três anos encerrarem a produção —, tornaram-se ainda mais recolhidos, e em vez de irem para a rua preferiam receber os amigos em casa, fosse para um churrasco de final de semana, fosse para jogar cartas, ou simplesmente para passar algumas horas de bom papo. Alguns anos mais tarde os Peçanha decidiram mudar-se, escolheram Brasília pelo *chic* de morar na capital, e ali viveram por pelo menos década e meia: perderam então de vez contato com os antigos amigos, e ao regressarem não houve uma reaproximação imediata.

Na altura em que começamos esta história a mais velha das filhas do casal, Tatiana, completara vinte e três anos, seguindo-lhe Telma, a do meio, e Tereza, a caçula. As três tinham entre si bastante semelhança, e por terem puxado mais à mãe que ao pai, possuíam os cabelos negros e lisos, a pele ligeiramente morena e os olhos noturnos. Eram bem feitas de corpo e vestiam sempre com muito gosto, e sendo a mais velha também a mais alta era a que parecia mais magra e mais elegante; pode-se dizer com certeza que era mesmo a mais bonita. Apesar de seus vinte e três anos, Tatiana não tinha namorado e não fazia tenção de casar-se tão cedo. É certo que já passara por alguns namoricos, nada que durasse mais de três ou quatro semanas; nenhum garoto em tempos de ensino secundário causara-lhe viva impressão, e talvez por seu jeito quieto e concentrado (decorrente, como veremos, de um temperamento forte e uma pertinácia incomum em defender suas opiniões) os próprios rapazes se sentissem um tanto intimidados em sua presença. Na faculdade mantinha um círculo bastante restrito de amigos, mas tinha-os de ambos os sexos. Mais de uma vez ensaiara uns encontros, mas Tatiana não se sentia bem fingindo um sentimento que estava longe de conhecer. Muito afeita aos estudos, desistiu de vez desses derriços fúteis que não a satisfaziam e nada lhe acrescentavam e dedicou-se inteiramente ao curso, pretendendo formar-se em engenharia no máximo em um ano e meio. Houve, não obstante, um jovem de outro curso que mesmo não tendo despertado nela um sentimento intenso como ela gostaria, talvez por não se render às suas recusas iniciais e mostrar-se tão pertinaz quanto ela, acabou cativando-a. Chamava-se Felício, cursava química e traba-

lhava com o pai no comércio. Encantou-se de tal maneira por Tatiana que nem tentou disfarçar: declarou-se pouco tempo depois de se conhecerem, e Tatiana aceitou-o perguntando-se se aqueles elementos em comum seriam suficientes para acordar nela um sentimento forte e duradouro como esperava que fosse o amor, mas uma vez mais o namoro não foi adiante. Durou, é bem verdade, mais que os outros, mas ao fim de uns poucos meses a moça deu-se por vencida: Felício poderia ser seu amigo por toda a vida, mas não era o homem com quem pretendesse casar-se. O pobre rapaz sofreu a perda, fingiu aparar o golpe com elegância e sem tornar-se incômodo numa insistência que sabia inútil, mas não escondeu seu sentimento:

— Eu a amo, Tatiana — disse ele em seu último encontro —, e vou esperar o quanto for possível que você reconsidere... se isso não acontecer, paciência, mas eu não posso dizer ao meu coração para deixar de amá-la.

Tatiana sentiu-se lisonjeada e triste ao mesmo tempo: gostaria de fazer feliz o rapaz, mas reconhecia que tal coisa não estava ao seu alcance, e mesmo com pesar afastou-se dele.

Apenas para não deixar de falar de suas irmãs, diremos que Telma e Tereza eram o inteiro oposto de Tatiana: também estudavam e eram aplicadas, mas não desgostavam de namorar e de dançar, e em todas as festas e eventos públicos — aos quais Tatiana nem sempre comparecia — eram vistas na companhia de muitas amigas e de seus namorados, com os quais não pensavam em nenhum outro compromisso que não fosse aproveitar a vida.

Fazia cerca de seis ou sete meses que Alberto reatara as relações com os amigos de juventude, o que se deu de forma casual: poucas semanas havia que os Peçanha estavam de regresso quando Alberto e Jorge se encontraram no centro de P***, seguindo-se um estreitar de abraços, as exclamações e indagações de costume e de par com os votos de boas-vindas do primeiro a esperada declaração de “saudades da terrinha” proferida pelo segundo. Na companhia de Jorge estava a filha mais velha, a quem Alberto cumprimentou com alguma cerimônia, já que mal se lembrava da garotinha que havia conhecido. O convite para aparecer a fim de botarem os assuntos em dia foi feito e aceito com sincero entusiasmo, e em seguida se despediram apressadamente pois cada qual tinha suas urgências e pendências a tratar.

Alberto Pontes não visitou os Peçanha de imediato, e para sermos exato diremos que chegou mesmo a esquecer-se do convite. Porém uma tarde de sábado, cerca de três semanas depois do encontro, lembrou-se do amigo, e como não tivesse nada a fazer a não ser pegar algum livro ou ligar a TV, resolveu conhecer-lhe a casa.

Veio atendê-lo Anita que, vendo-o, abriu muito os olhos de surpresa e gritou para dentro:

— Jorge, adivinha quem está aqui! — e logo mandou-o entrar na sala: — Sente-se, fique à vontade. Mas que surpresa!, não o esperávamos — e se-

guiu dizendo que Jorge lhe falara do encontro de dias antes, mas como já se tivessem passado semanas chegaram a crer que não mais os estimasse!

À noite a família reuniu-se à mesa do jantar, e para não afirmar que Alberto sentiu-se inteiramente à vontade com os antigos amigos, diremos que a presença das filhas do casal o deixaram um pouco embaraçado, fosse pela beleza das meninas, fosse pela falta de intimidade, ou mesmo pelo de novidade que havia em sua presença. Não se deixou abalar, contudo, e mostrou-se como era, ou como se tornara: algo reservado nas palavras mas sem deixar de conduzir a conversa com naturalidade; um tanto comedido de gestos, mas sem parecer rígido; e frugal no comer, embora se portasse à mesa com muita correção.

Houve alguma troca de olhar entre Alberto e Tatiana?

A pergunta tem sua razão de ser porque, apesar da trivialidade dos fatos, foi esta quem atravessou o caminho de Alberto, que — dado o curso dos acontecimentos e refletindo depois sobre eles — não se lembrou de ter trocado olhares com a mais velha dos Peçanha, pelo menos de forma ostensiva. Certamente haviam se olhado enquanto conversavam, mas as duas mais novas também participaram da conversa e ele se recordava bem de ter respondido a elas da mesma forma com que respondera aos pais, não podendo ter sido diferente com Tatiana.

— Virão uns amigos no próximo sábado — disse-lhe Jorge ao se despedir pouco depois das nove. — Venha cedo, se quiser venha para almoçar. Não é festa, é apenas uma reunião mais íntima...

— Mas se é íntima... — ponderou.

— E você por acaso não é íntimo, caramba? Há quanto tempo nos conhecemos!... Sim, venha, estarão aqui alguns daquela época... todos casados, é bem verdade, mas isso não deve obstar...

— Não, claro!... Não garanto, mas se tudo correr bem...

Tudo deve ter corrido bem, pois no sábado — não para almoçar, mas para o café no fim da tarde — Alberto compareceu, e esteve enquanto estiveram os demais convidados, retirando-se com eles pouco depois das dez.

Não é preciso amiudar as visitas de Alberto aos Peçanha: a antiga amizade fora reatada e agora, decidido a sair da ostra de vez em quando, pelo menos a título de uma quebra salutar de rotina, lá aparecia vez por outra, e como não lhe faltasse o senso de oportunidade percebera logo quais os melhores dias e com que freqüência ir de modo a não tornar-se inoportuno. Fato é que o recebiam sempre com satisfação, e a afabilidade calorosa das primeiras vezes cedeu seu lugar a uma familiaridade de costume que não significava menor acolhida.

O que deu origem ao equívoco foram alguns episódios que, isoladamente, nada significariam, e mesmo em conjunto seria difícil significar alguma coisa não fosse certa má vontade por parte da mais velha dos Peçanha em relação ao caso, e até mesmo uma notória predisposição sua para querelas.

O primeiro desses episódios foram esses olhares a que aludimos acima: teria Alberto sido mais insistente em olhar Tatiana que as outras nessas primeiras visitas, ou teriam esses olhares algum significado que Alberto não soube disfarçar? Conhecendo nosso herói como conhecemos, estamos para que não houve olhar algum nem qualquer intenção; porém, tivesse ou não Alberto olhado Tatiana com mais insistência, tivessem ou não esses olhares um sentido mal disfarçado, à moça decididamente pareceu que sim e isso a deixou incomodada. Como as visitas de Alberto, embora não inconvenientemente frequentes, se repetissem — lá ia ele menos de uma vez por semana, às vezes faltava um sábado para ir apenas no seguinte —, Tatiana tardava em aparecer, e enquanto as irmãs conversavam animadamente com o visitante (diremos delas que eram mais extrovertidas e alegres, desprentensiosas e molecas), a moça trancava-se no quarto com seus livros de estudo e só aparecia à hora do jantar, quando então punha-se a vigiá-lo de esguelha a ver se estava certa em sua desconfiança, e sempre encontrava um meio de confirmá-la: se casualmente Alberto voltava-lhe os olhos fazendo algum comentário, tomava esse gesto como de escuso interesse, e caso não lhe surpreendia nenhum olhar tinha como certo que aquilo não passava de uma estratégia dele para fazer-se de “difícil”, embora nem consigo mesma conseguisse esclarecer as razões de tal implicância.

Tatiana seria de hábito uma pessoa birrenta ou apenas naquele caso excedia-se com um julgamento que tudo indicava leviano? Talvez a aborrecesse a possibilidade de ser cortejada por um homem bem passado da mocidade, ainda que dono de atributos positivos como Alberto? Acima referimos que Tatiana teria uma notória pré-disposição para querelas, o que se confirma se levarmos em conta que não raras vezes entrava em disputa com as irmãs e com os pais por qualquer “dá cá aquela palha”, e não só em casa procedia assim: também na escola já tivera ocasiões de destempero com colegas e professores, conquanto não chegasse a cometer grosserias — digamos que se impunha com veemência mas nunca de forma descabida —, razão pela qual todos acabavam por ceder diante de suas imperiosas razões; essa notória pré-disposição para a querela, por outro lado, não se confirmaria se considerarmos sua conduta sempre mansa e seu caráter arredio, além de sua dedicação quase exclusiva aos estudos, e com isso temos que a moça era uma contradição em si mesma.

Poderemos ajuizar melhor seu temperamento a partir de umas novas cismas que lhe vieram: tinha agora para si que Alberto a seguia na rua. Do que já foi dito acerca do jeito de ser do nosso dândi de meia-idade isso pode parecer inverossímil, principalmente se levarmos em conta seu afastamento voluntário da vida social intensa que tivera até pouco tempo antes, mas para Tatiana o amigo do pai seguia-a sim pelas ruas — estava disposta a assumir como certa essa desconfiança —, porém, se não propriamente isso, parecia adivinhar os lugares aonde ela iria, lá aparecendo de inopino, passando por ela com um cumprimento formal mas, vez por outra, parando para trocar um dedo de pro-

sa “sem se dar conta da inconveniência”, Tatiana mordia os lábios com irritação, “o que é que ele está pensando afinal?”.

Um outro acontecimento, banal como os anteriores, serviu de confirmação às suas suspeitas que, se até então podiam não passar de cismas sem fundamento, agora tomavam o caráter de uma certeza cada vez maior: já fazia alguns meses que Alberto visitava os Peçanha quando, certa tarde de sábado, aí pelas cinco horas, lá chegando não encontrou Jorge. Estavam apenas Anita e as filhas.

— Alberto! O Jorge acaba de sair para atender a um compromisso de última hora, mas pediu-me para dizer-lhe, caso você aparecesse, para não ir embora antes dele chegar. Parece que não se demora.

Alberto, apesar de sentir-se ligeiramente incomodado, refletiu que poderia estar à vontade mesmo na ausência de Jorge, já que se encontravam também as filhas, e enquanto Anita se retirava alegando as ocupações domésticas de sempre, sentou-se no sofá da sala com uma revista nas mãos. Ali apareceram alternadamente Telma e Tereza para cumprimentá-lo com sua extroversão de sempre, retirando-se em seguida. Está visto que Tatiana não se deu ao trabalho de deixar o quarto, onde estudava, dizendo para si mesma que “se esse sujeito tivesse um mínimo de educação, sabendo da ausência de papai iria embora imediatamente, mas não, além de ser um maçador é também um mal educado”.

A certa altura largou Alberto a revista e correu os olhos ao redor, chamando sua atenção três pequenos porta-retratos que ficavam sobre o aparador, cada qual com a foto de uma das filhas do casal tiradas uns dois anos antes. Esse retratos não eram uma novidade, já os havia visto diversas vezes, mas dessa vez levantou-se e foi até o aparador para examiná-los mais de perto. Demorou-se aí algum tempo; a certa altura escutou fora, na varanda, os passos de Jorge que chegava, e logo que este entrou Alberto esqueceu-se dos retratos cumprimentando o amigo e ouvindo-lhe as explicações do compromisso que o arrastara à rua àquela hora, “que chateação, meu amigo! Uma verdadeira chateação!”.

Um incidente tão banal não poderia ter qualquer influência na disposição de espírito de Tatiana em relação a Alberto, a não ser por uma circunstância: no momento em que ele examinava os três retratos, deteve-se um pouco mais no de Tatiana, tomando-o nas mãos e virando-o para a luz que provinha da janela para ver melhor. Telma, que passava pela porta naquele momento, parou sem ser percebida, e mais tarde naquela noite, as três irmãs já recolhidas, achou a moça de fazer troça do caso: referiu com um arzinho de mofa que “o Alberto ficou olhando tanto tempo pra teu retrato, mana, que parecia embeber-se dele!”, e virando-se para Tereza, que já achava graça na história, acrescentou seu inocente veneno: “Olha, Tereza, que temos um pretendente pra nossa irmã!”.

— Bem que está precisando — comentou Tereza com malícia —, pois a Tati parece que está mesmo é encalhada.

Tatiana foi cortante:

— É melhor as duas nem continuarem, que não tem graça nenhuma.

— Ora essa, por quê? — Telma perguntou sem disfarçar a ironia estampada em seu rosto. — O velhinho está apaixonado, Tatiana, só isso. Tinha que ver como olhava teu retrato, parecia que ia babar nele — e caiu na gargalhada, virando-se para a outra irmã: — Deixa estar, Tereza, que dessa vez a mana desencalha.

Tatiana, furiosa, levantou-se da cama apanhando travesseiro e lençol e atirou:

— Querem saber o que vou fazer? Vou mas é botar um fim nessa palhaçada — e saiu do quarto batendo a porta com estrondo.

A residência dos Peçanha ficava nos fundos de uma propriedade razoavelmente ampla, tendo à frente um jardim espaçoso formado de canteiros e árvores ornamentais que ocultavam parcialmente a casa. A propriedade era limitada em toda seu perímetro por um muro alto com um portão de madeira largo e baixo na frente, que oferecia aos olhos dos passantes perfeita visão do interior jardim. Foi junto a esse portão que Tatiana esperou pela chegada de Alberto no sábado seguinte, no horário em que ele costumava aparecer. Havi-am-se passado duas semanas desde a troça pregada por Telma e Tereza na irmã, semanas essas durante as quais Alberto, quando não comparecia em sua sinecura, permanecera em casa a maior parte do tempo. Não era a primeira, senão a terceira vez que Tatiana ia esperá-lo ali em horário que supunha ele fosse chegar, e naquele sábado andava de um lado para outro nervosa com a possibilidade de uma vez mais ele não aparecer, pois ansiava por colocar logo um ponto final na brincadeira (diga-se aqui que as irmãs vez por outra a espiçavam com uma piadinha, sempre longe dos pais para não serem repreendidas, ao que Tatiana mordida-se de raiva mas esforçava-se por manter-se calada e não explodir).

Naquela tarde de sábado, contudo, aí pelas cinco horas, Alberto chegou e foi recebido junto ao portão por uma Tatiana fria e direta:

— Senhor Alberto, podemos conversar francamente?

A Alberto pareceram-lhe inusuais o tom de voz da moça e o tratamento, até então nunca usado com ele, mas sorriu com franqueza:

— Sim, claro! Fale.

— O senhor por certo se tem na conta de um amigo da família, não?

— Sim...

— Quero apenas que saiba que se vem a esta casa como amigo da família, tudo bem, será sempre bem-vindo, mas se lhe passa pela cabeça alguma intenção a meu respeito, será melhor que não ponha mais os pés aqui. Afinal o senhor tem idade para ser meu pai, e ter pretensões dessa natureza não seria menos que ridículo.

Por alguns segundos, colhido de surpresa pelo intempestivo ataque da

jovem, Alberto se calou, o olhar fixo de assombro em seu rosto de gelo. Recompôs-se porém de imediato, sangue frio era um talento que não lhe faltava, e com uma calma e uma placidez exigidas pelas circunstâncias disse:

— Senhorita, sou amigo de seus pais desde uma época em que nem pensavam em casar-se, e se venho aqui é a convite deles e movido por tal amizade que, como sabe, reatamos há pouco. Não tenho nem nunca tive seja pela senhorita, seja por qualquer de suas irmãs, nenhum sentimento diferente que, no entanto, pelo menos no seu caso, já se vê obstado. Esteja certa de que não desejo ser importuno nem dar-lhe motivos de queixa contra mim, e diante do que a senhorita acaba de dizer me vejo obrigado a não retornar a esta casa.

— Eu só queria deixar claro...

— Já deixou — Alberto respondeu, ainda com a mesma placidez —, já deixou, não é preciso dizer mais nada — cumprimentou-a com um movimento de cabeça e retirou-se.

Tal episódio, favorecido pelo fato de que do interior da residência não se dispunha de uma vista muito clara do portão, não foi testemunhado por ninguém, e se Tatiana não fez nenhuma alusão acerca de sua atitude, tampouco Alberto comentou o acontecido com quem quer que fosse.

Certo dia Jorge, lembrando-se, comentou à mesa a ausência do amigo:

— O Alberto não tem aparecido. Que será que houve?

Tatiana não levantou o rosto para não mostrar sua contrariedade; as irmãs — que ignoravam o que havia se passado entre os dois — disseram “é mesmo, ele não tem vindo”, sendo que Tereza, a mais nova e mais atirada, desconfiando, acrescentou:

— Será que alguma coisa o aborreceu?

— Estará doente? — tornou Jorge, subitamente preocupado.

— Ora — contrapôs Anita —, ele decerto tem seus afazeres e compromissos. Não há de ser nada demais.

— Mas já faz dois meses que não aparece — continuou Jorge. — Tem visto o Alberto na cidade, Tatiana?

A indagação direta teve o poder de irritá-la que, não se contendo, respondeu com rispidez, ainda que logo em seguida tenha se arrependido de sua reação:

— E por que seria justamente eu a vê-lo? Lá tenho eu obrigação de saber por anda o senhor Alberto? O amigo é de vocês, não meu.

Jorge olhou para a filha com surpresa e quase lhe escapa da mão o copo de refresco. Relanceou a mulher, que também estranhou a reação de Tatiana, enquanto as irmãs se imobilizavam e faziam silêncio, certas agora de que algo se passara entre ambos.

Anita, ainda de cenho franzido, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa, Tatiana, que não nos contou? Você por acaso se desaveio com o Alberto?

— Eu? Mas que idéia! Que tenho eu lá com esse sujeito?!

— Esse sujeito? — scandalizou-se Anita. — Filha!
— Pois a mim me parece... — começou Jorge.
— Não parece nada, papai. Que bobagem! Apenas aborreceu-me pensarem que justo eu teria de saber dele. Para mim é quase um estranho, se querem a minha opinião.

— Está bem — disse a mãe baixando a voz enquanto o pai dava de ombros — não é preciso exaltar-se —, também eles agora desconfiados de que ali havia coisa.

Passaram-se algumas semanas até Alberto reaparecer na noite: foi numa grande festividade pública no centro de P*** em comemoração a alguma data importante do município, tendo-se instalado na praça barracas de comes e bebes, exposição de artesanato, brinquedos para as crianças e onde também se preparava um palco para a apresentação de algumas bandas locais; naquela noite, portanto, Alberto ocupou uma das mesas principais na companhia de uma mulher desconhecida na cidade. Tratava-se de uma mulher já não muito fresca (talvez passasse dos quarenta e cinco), embora com sua figura quisesse dar a impressão de uma juventude à qual parecia agarrar-se a qualquer custo, mas que fazia nítidos esforços para abandoná-la sem tardança. Tinha os cabelos pelo meio das costas, escandalosamente ruivos e crespos, e o rosto — até certo ponto agradável, mas de uma beleza severa e decadente — aparecia pesado de uma maquiagem agressiva, os olhos afundando numa sombra quase negra, as faces empalidecidas de pó e os lábios grossos tingidos de um vermelho gritante. Tinha as mãos fortes, dedos longos e unhas enormes, também pintadas de vermelho, e o vestido azul profundo deixava-lhe nuas as costas e quase nu o colo em razão de um decote absurdamente cavado. Ao ficar de pé e andar, fazia-o com perícia sobre uns sapatos de salto agulha que lhe acrescentavam pelo menos quinze centímetros à estatura, e como o vestido fosse bastante justo destacava-lhe as nádegas volumosas projetadas para trás enquanto para frente, a contrabalançar, seios igualmente grandes pareciam querer explodir para fora do corpete quase inexistente.

Ao ocupar aquela mesa Alberto não percebeu que pouco mais à frente, noutra mesa, encontrava-se a família Peçanha, e como se tivesse sentado quase de costas para aquela direção, ao passear as vistas à sua volta continuou sem dar-se conta de sua presença.

Foi Jorge quem se levantou e fez questão de cumprimentá-lo. Alberto voltou-se ao toque no ombro e, agradavelmente surpreso, pôs-se de pé apertando a mão que o outro lhe estendia.

— Anda sumido lá de casa — Jorge comentou.

— Sim — Alberto respondeu de pronto —, de fato sumi um pouco, mas é que estou envolvido em algumas atividades que não me têm dado folga. — Falar com segurança foi suficiente para não fazer o amigo suspeitar, mas achou por bem acrescentar: — Tenho até viajado com alguma frequência.

— Ah... sendo assim... mas olhe, estamos ali adiante, venham sentar-se conosco, há espaço para ambos.

Alberto olhou na direção indicada, fez um aceno, mas recusou, apresentando sua acompanhante a Jorge, “Estela, Jorge”, e explicou:

— Estela é uma amiga antiga, é empresária em Minas, e como em nossa correspondência eu lhe falasse da nossa cidade ela acabou por interessar-se em conhecer.

— Ah, sim? — e para Estela: — Então pretende investir aqui?

A mulher abriu-se num sorriso gigantesco repleto de dentes impecavelmente brancos:

— Por enquanto apenas avaliando o potencial da cidade.

— Espero que lhe pareça satisfatório. Qual o seu ramo?

— Confeções. Tenho uma casa bastante expressiva em Viçosa e uma dúzia de filiais em cidades vizinhas, e gostaria de expandir.

— Ah... não duvido de que fará uma boa escolha se optar por ficar conosco — disse Jorge. — Então continuam...?

— Sim — respondeu Alberto —, mesmo porque não nos demoraremos muito mais. Estela quer conhecer mais a vida noturna daqui.

Jorge se retirou e Alberto voltou a sentar-se. Uma hora mais tarde, ao levantar-se para saírem, percebeu de esguelha uns olhos ferozes na sua direção mas fez que não viu, e enquanto conduzia Estela para fora do cenário da festa ia ruminando consigo mesmo o que teria Tatiana contra si, pois que se lembrasse em nenhuma ocasião lhe dera motivos de ressentimento, e até deixara de frequentar-lhe a casa para evitar novos aborrecimentos.

Alberto, com efeito, após reatar a amizade com o casal Peçanha visitava-os motivado unicamente pela satisfação que o convívio com aquela família lhe propiciava, e mesmo não deixando de reconhecer a beleza e a graça das três meninas, principalmente de Tatiana por sobressair-se às irmãs em altura, em momento algum cogitara envolver-se com qualquer uma delas. Não que se considerasse velho, mas tampouco ignorava que sua idade seria um obstáculo a um namoro com uma jovens de vinte anos — a menos que não fosse além de um caso fortuito, um encontro para algumas horas num motel e depois mais nada; as filhas de Jorge, contudo, lhe pareciam “meninas de família” demais, e conquanto não o formulasse com palavras, intuía que o que melhor lhes convinha, sem prejuízo de uma formação profissional, seria a segurança e a estabilidade do casamento.

“Poderia eu casar-me com uma delas?” perguntou-se, “mesmo com Tatiana, a mais velha?”.

Como preservasse a máxima de “não mexer em time que está ganhando”, e sua solteirice fosse uma vitória conquistada à vida, continuava não cogitando no matrimônio, mesmo com uma mulher jovem, bonita e por isso mesmo desejável. Assim, suas visitas aos Peçanha seriam mesmo as de um amigo

desinteressado, e na tarde em que, apanhando o retrato de Tatiana sobre o aparador, se detivera por mais tempo a examiná-lo, não o fizera movido por interesse em um envolvimento amoroso com a moça mas tão somente para comparar as três irmãs e, mais que a semelhança, descobrir-lhes as diferenças.

No entanto... o que dizer da própria Tatiana?

Sabemos que se resolvera a uma intempestiva explicação com Alberto impulsionada por seu temperamento esquentado, por suas cismas e por aquele princípio de brincadeira por parte das irmãs, a quem — percebendo-as dispostas a prosseguir com os gracejos — proibiu qualquer nova alusão ao caso sob pena de deixar de falar-lhes, e foi tão taxativa, a raiva contida em seu semblante era tão evidente que Telma e Tereza tiveram de resignar-se, “foi só uma brincadeira, maninha” disse a mais nova, “está acabado”, e a paz doméstica voltou a reinar.

A paz doméstica voltou, mas e a paz interior de Tatiana? A moça tinha como certo que Alberto não demoraria a reaparecer, apesar de ter garantido não voltar àquela casa, e não duvidou em nenhum momento de que sabendo onde encontrá-la haveria de provocar encontros, mesmo que não lhe falasse, apenas para vê-la e ser visto por ela: pois julgando conhecer o caráter masculino e insistindo consigo que Alberto pretendia cortjá-la, ocorria-lhe que ele, ferido pela franqueza com que lhe havia falado e decerto decepcionado por ter suas pretensões não apenas postas a nu mas também terminantemente contrariadas, ele faria de tudo por mostrar-se, nem que fosse para afrontá-la. Alberto, porém, não voltou a visitá-los e não apareceu mais em público, exceto nos dias em que deveria ocupar-se de sua sinecura, e mesmo nesses dias mal era visto transitando pelo centro de P***. Transcorridos, porém, três meses desde então e não vendo suas previsões se confirmarem, Tatiana respirou fundo, mas não diremos que foi apenas de alívio pois, ainda que não quisesse admiti-lo, sentiu-se também desapontada: ter-se-ia enganado, afinal de contas?

O reaparecimento de Alberto na noite da festa acompanhado por uma desconhecida teve o poder de irritar a moça, e o que veio em seguida de transformar-lhe o espírito: o dândi quarentão investia-se de um estado de ânimo jovial como talvez nunca até então, pois agora passara a freqüentar a vida noturna de P*** a ponto de surpreender mesmo os que já o conheciam de outras épocas: não havia baile, espetáculo, festa e outros acontecimentos aos quais não comparecesse, de cada vez com uma mulher diferente, e se nenhuma tão jovem quando Tatiana, pelo menos jovem o suficiente para chamar atenção, “aquela moça não tem idade pra ser filha do Alberto?” diziam alguns, “filha não digo, mas quase” concordavam outros, “estará interessada decerto no dinheiro dele” cochichavam os críticos picados por um tanto de despeito, “ora” a resposta irônica e invariável dos panos quentes, “quem pode pagar, come do melhor”.

Em um baile de casamento no Clube Municipal fez figura apresentando-se na companhia de uma conhecida atriz de TV, convidada dos nubentes;

exibiu-a como uma notável conquista durante toda a noite, e houve mesmo quem garantiu tê-los visto nas quebradas da madrugada dirigindo-se para o melhor motel da cidade. Lá estava também o casal Peçanha com as filhas, e mais uma vez Jorge — num intervalo entre as danças — foi até a mesa de Alberto cumprimentá-lo:

— Continua sumido, hein, Alberto? Rapaz!... Não querem vir sentar-se conosco? Tem espaço, e seria um prazer...

— Amigo Jorge! — exclamou Alberto. — Caramba!... — Havia bebido um pouco, sentia-se aéreo mas não a ponto de não sustentar-se nas pernas. — Não... — disse, e pôs-se de pé para mostrar que conseguia levantar-se, apertando-lhe a mão: — Gostaria muito, mas... não, não quero incomodar...

— Mas não será incômodo nenhum, afinal você é ou não é um amigo?

— Ora, mas que dúvida...

— Então venham!

— Não — objetou a conhecida atriz fixando em Jorge um olhar cheio de brilho, e fazendo um adorável trejeito com os lábios intensamente rubros, trejeito no entanto que denotava um certo grau de embriaguês —, esta noite ele é meu, só meu...

— Mas senhorita, ele continuará em sua companhia — gaguejou Jorge, que não esperava por tal objeção.

— ...só que na sua mesa eu estou vendo umas moças muito bonitas — fez também um esforço para levantar-se, agarrando-se em Alberto, mas suas pernas fraquejaram. Resignou-se em permanecer sentada: — ...e eu sou terrivelmente ciumenta — concluiu.

Alberto abriu as mãos num gesto de resignação:

— Como vê, Jorge...

— Ah... bem — Jorge parecia embaraçado mas não deixou de sorrir — ...de qualquer forma, se mudarem de idéia...

Naquela noite Alberto não notou nenhum olhar furibundo em sua direção, pois ao sair, já muito tarde, tocado pelo álcool não conseguia enxergar nada com muita clareza. O mesmo não ocorreu com Tatiana, que permaneceu sóbria e vigiando de longe o dândi e sua acompanhante famosa com um misto de rancor e piedade que lhe fazia torcer as feições numa careta de desprezo. Telma naquela madrugada, numa atitude temerária, resolveu não poupar a irmã, e mesmo arriscando-se a que o céu desabasse sobre sua cabeça, ao se verem as três sozinhas no quarto, comentou:

— Seu pretendente hoje estava bem acompanhado, Tatiana. Conheço aquela moça de uma novela...

Tereza tampouco manteve-se calada:

— Eu também. Aliás, o Alberto tem aparecido muito ultimamente, em tudo quanto é lugar, e sempre bem acompanhado.

— Menina! — reforçou Telma. — Ele não repete mulher, assim como certas peruas da alta não repetem vestido!

Sentindo que um vulcão ia entrar em erupção em seu peito, Tatiana limitou-se a um olhar prolongado e repleto de ódio na direção das irmãs e saiu num assomo de despeito. No corredor parou, mordeu os lábios e cravou as unhas na palma das mãos; então voltou, abriu a porta e berrou para o interior do quarto:

— **Putas!**

E foi encafiar-se no quarto dos fundos.

— Meu Deus! — exclamou a mãe, acudindo. — O que foi isso?

— O que é que está acontecendo? — o pai vindo em seu rastro.

Telma e Tereza cochichavam e riam na cama; puseram-se sérias quando os pais entraram:

— Nada não, mãe — disse a mais nova —, Tatiana irritou-se conosco, só isso.

— E cadê ela?

— Cadela? — pilheriou Tereza.

— Menina!... — a mãe de cenho carregado.

— Acho que foi lá para os fundos — apressou-se Telma em responder.

— Que coisa mais feia! — reprovou o pai, e ambos se retiraram com a convicção de que era melhor deixar como estava do que aticar mais os ânimos.

Dois dias depois ocorreu uma cena inusitada no centro de P***, quando por acaso Tatiana, ao sair de uma loja, viu passar Alberto, que seguia em direção contrária:

— Senhor Alberto — ela chamou e Alberto, voltando-se, não pôde evitar surpreender-se ao ver quem se dirigia a ele. Tatiana, contudo, não lhe deu tempo e atirou: — Que o senhor não tenha nenhum senso do ridículo é coisa que não me espanta, um homem da sua idade andando por aí com molecas que, francamente... e foi a um homem como o senhor que meu pai convidou para sentar-se à nossa mesa!

Alberto escutava-a atônito.

— Mas — continuou a moça com o mesmo ímpeto — esteja certo de que, se pensa que nos afronta, e especialmente a mim, com seu comportamento libertino, está redondamente enganado.

— Você estará doida por acaso, garota? — respondeu ele contendo sua irritação. — Que tem você com minha vida para se sentir afrontada?

— Acontece que o senhor não se dá conta de sua inconveniência — ela fuzilou.

— Minha inconveniência? Ora essa! Ouça aqui, senhorita Tatiana, desde quando lhe dei liberdade para abordar-me na rua dessa maneira? Não se dá conta do feio papel que está representando? Olhe que há pessoas vendo

seu procedimento! — e sem se deter, seguiu em frente mastigando um palavrão.

Tatiana viu-o pelas costas afastar-se calçada afora enquanto escutava cochichos à sua volta. Mordeu os lábios de indignação, apercebeu-se de que fora estúpida e, baixando a cabeça, afastou-se rapidamente rubra de vergonha; sem atinar com o que fazia meteu-se pelo prédio da biblioteca municipal, a dois passos dali, indo refugiar-se entre as estantes. Enquanto fingia olhar a lombada dos livros, revoltava-se consigo mesma, chamava-se burra tentando entender por que procedera de maneira tão intempestiva e sem razão alguma. Pois via-se forçada a reconhecer que Alberto tivera razão: que tinha a ver com ele para censurá-lo? E pior, no meio da rua, à vista de todos!

— Meu Deus — murmurou arrancando com violência um livro da estante e apertando-o entre os dedos —, as pessoas da loja conhecem minha família e decerto ouviram tudo! Que vergonha!

Respirou fundo recolocando o livro no lugar.

— O que é que está acontecendo comigo? Sujeitinho detestável! Por que é que papai tinha de meter aquele pulha dentro de nossa casa? Ainda bem que criou vergonha e não botou mais os pés lá... Pelo menos isso!

Ouviu um ruído e voltou-se:

— Tatiana, você está se sentindo bem?

Respirou com alívio e sentiu um refrigério tomar conta de seu corpo:

— Felício! Você por aqui?

— É que a vi entrar... então vim falar-lhe mas... bem, notei que parecia nervosa...

Tatiana sorriu, descontraiu-se e aproximando-se de Felício tomou-lhe as mãos:

— Um aborrecimento, mas... bobagem, já passou. E você, estudando?

— Fazendo pesquisa para um trabalho.

— Ah... mas você não tem um tempinho para tomarmos um sorvete? Sou eu que estou convidando.

Fazia algum tempo que não paravam para conversar, e agora, após terem escolhido uma mesinha num canto da sorveteria, cada qual diante de sua taça de sorvete, aproveitavam o tempo disponível para falarem das novidades. Depois saíram a deambular pelas ruas e olhar vitrines, e foram parar à porta do cinema, onde discutiram sobre os filmes da programação. Felício convidou-a para a seção seguinte, embora o filme em cartaz não fosse tanto do seu agrado, e ficou feliz quando Tatiana aceitou, segurando-lhe a mão e demonstrando (ou pelo menos fingindo) um certo entusiasmo. Durante o filme se beijaram, e ao saírem, no fim da seção, tinham reatado o namoro.

Após o reinício do namoro Tatiana demonstrou um comportamento mais expansivo e animado, passara a sair com mais frequência para divertir-se; dir-se-ia que estar com Felício lhe fazia bem. Jorge e Anita apreciavam o rapaz

e o recebiam com cordialidade, não sendo diferentes Telma e Tereza, que já o conheciam da universidade. O noivado dois meses mais tarde, porém, pegou a todos de surpresa: os pais, embora aprovassem o noivo, conheciam o temperamento da filha e acharam a decisão um tanto precipitada; para as irmãs Tatiana encontrava-se confusa e agia sem refletir, ou quem sabe pensasse apenas em “escapar”, embora não tivessem uma idéia muito precisa do quê; Telma e Tereza se davam conta de que haviam tocado numa corda sensível da irmã ao brincarem com ela referindo-se a Alberto; eram apenas brincadeiras, mas tanto da primeira como da última vez a reação de Tatiana foi tão surpreendente que chegou a ocorrer-lhes que de fato a moça estaria apaixonada pelo dândi quarentão. Decidiram contudo nada comentar com os pais e parar de importuná-la. Durante os dias que antecederam a oficialização do noivado, as duas garotas sentiram-se incomodadas. Não, diziam consigo mesmas, que não havia nada entre ela e Alberto era fato concreto: Tatiana por demonstrar abertamente sua antipatia (provocada mais por culpa das irmãs com suas brincadeiras), e Alberto porque não voltara mais à sua casa e agora se mostrava em todos os lugares sempre acompanhado, e, volúvel como parecia ser, com uma mulher diferente por vez. Mas as duas não estavam seguras de nada e davam voltas sobre si mesmas: uma vez mais cogitaram se Tatiana, com esse noivado, não pretendia “escapar”, ocorrendo-lhes por fim que essa fuga talvez fosse de um amor sem esperança.

— Será que ela gosta mesmo do Alberto? — disse Telma.

— Será? — respondeu Tereza. — Mas ele é muito mais velho...

— Esse noivado intempestivo... além do mais ela nunca gostou do Felício. Que paixão repentina foi essa agora?

— É... não deixa de ser estranho. Mas o Alberto... será?

Assim debatiam, duvidavam, desconfiavam... mas calavam-se.

Alberto, convidado para a festa de noivado, viu que não poderia faltar sem desagradar o casal amigo que — supunha ele — não sabia da cena junto ao portão. Chegou à casa dos Peçanha por volta das oito na companhia de sua atual namorada, como a apresentou, uma mulher de seus trinta e cinco anos, mulata de cabelo cortado rente, não propriamente bonita mas cujo corpo, soberbo, lhe valera a escolha para desfilar como porta-estandarte da principal escola de samba de P***, o que a fizera muito conhecida e estimada na cidade.

Durante a festa Alberto evitou aproximar-se de Tatiana e a maior parte do tempo esteve no jardim conversando com uns e outros, longe portanto dos olhos da moça, mas em momento oportuno não pôde deixar de cumprimentar aos noivos, e ao fazê-lo notou que a moça não olhou para ele e que sua mão esteve inerte na sua. Tão logo pôde sair sem parecer indelicado, despediu-se rapidamente de todos e se foi na companhia da mulata, que seria sua “atual namorada” apenas até o meio da semana seguinte: já no sábado apareceu na quermesse da igreja matriz na companhia de outra mulher, esta bem mais velha, além do que desconhecida na cidade. Seria, contudo, apenas mais um

de seus muitos casos de um único dia, pois dita mulher não foi vista mais em sua companhia e já na semana seguinte voltou a desfilar pelo centro de P*** em pleno dia com Estela, a empresária de Minas, que estava de volta e disposta a abrir ali uma de suas filiais. Foi a essa altura que ocorreu um incidente que a todos deixou desconcertados — pelo menos a todos os envolvidos na história: por volta de uma da tarde Alberto saía em companhia de Estela do *Chic's*, o mais nobre restaurante da cidade, e o casal quase esbarrou com Jorge, que vinha pela calçada na companhia da esposa e da filha mais velha.

— Querido — Estela tocou o braço de Alberto para chamar-lhe a atenção —, este não é seu amigo daquele dia? — e estacou em cima de seus quinze centímetros de salto agulha com o aprumo de uma equina puro-sangue.

Alberto voltou-se em tempo de ver Jorge e Anita se deterem com uma expressão de surpresa enquanto Tatiana, parada um pouco atrás dos pais, mostrava sua cara de descontentamento.

— A senhora tem ótima memória! — exclamou Jorge. — Afinal já faz um bom tempo...

— Meu caro — exclamou Estela, dona de toda sua exuberância, com um sorriso que lhe tomava todo o rosto —, sempre tive memória de elefante para feições — e para Alberto: — Lembro-me perfeitamente, querido, naquela noite eles estavam a duas mesas de distância de nós! — E voltando-se para Jorge, quase furando-o com o indicador do qual a comprida e aguçada unha vermelha simulava uma lança viking tinta de sangue do inimigo: — Acertei?

— Não tenho dúvidas — Jorge sorriu, bem humorado —, embora eu mesmo já não me lembre muito bem em que mesa estávamos.

— Eu não disse? — e Estela agitou-se, abraçou-se a Alberto, mexeu abundantemente nos cabelos crespos e longos feito um fogaréu atizado pelo ventou. Respirou fundo e disse: — Que lindo dia! Esta cidade é mesmo aprazível, Sr... Jorge, não é isso?... Sim — disse sem esperar que o outro confirmasse —, Jorge, lembro-me bem. Mas como eu dizia, esta cidade tem um quê de... de... — e esfregava os dedos uns nos outros na tentativa de reter a idéia que parecia querer escapar-lhe: — Ah — desistiu da idéia —, vocês me entendem, e é por isso que resolvi mesmo investir aqui.

— Verdade? — disse Jorge maravilhado. — Boas notícias, a economia local necessita de novos investidores. Será certamente muito bem-vinda.

— Ainda agorinha eu dizia isso para o Alberto — e voltando-se para o companheiro: — Não é verdade, querido? Investimento!! — lançou, assim mesmo, com dois pontos de exclamação. — Investimento é o segredo, o grande segredo.

Foi nesse momento que Tatiana interveio:

— Pois se quer minha opinião, senhora, eu não faria isso.

Súbito silêncio! Alberto sentiu-se gelar, Jorge e Anita olharam a filha já ressabiados e a exuberante Estela recuou o peito:

— Por quêêê?!

— Porque esta cidade já tem comércio demais, os vendedores disputam fregueses quase a bordoadas e ninguém vê com bons olhos novos competidores. Além de a senhora vir a ter inevitáveis prejuízos, não dou dois meses para que sua casa sofra um atentado.

— Atentaaaado?!?!

— Sim, um assalto, por exemplo, ou um incêndio...

— Minha filha! — exclamou Anita. — O que você está dizendo?

— A verdade, mãe, então a senhora não sabe que aqui é assim? Muito me espanta que vocês não saibam! — e de novo para Estela: — E saiba, senhora: não seria a primeira vez, isso já aconteceu em pelo menos quatro ou cinco ocasiões.

Alberto baixara a cabeça sem ânimo de contestá-la, Jorge e Anita estavam mudos de espanto, pois Tatiana mentia cruamente, e Estela, cenho franzido voltava-se ora para Alberto, ora para os demais com uma interrogação silenciosa, “isso será verdade?”. Não houve, contudo, tempo para uma reação:

— Mas vocês vão me dar licença — Tatiana continuou —, meu noivo está chegando e temos mais o que fazer.

Com efeito Felício aproximava-se do pequeno grupo na calçada, mas Tatiana, adiantando-se, colheu-o pelo braço e o arrastou para longe dali.

Os pais desculparam-se pela atitude intempestiva da filha, “não repare, dona Estela, são exageros da moça” disse Jorge com um sorriso desenhado e se retiraram, Anita ruborizada de vergonha. Alberto afirmou que Tatiana apenas dissera tolices, que ela podia sentir-se segura se decidisse abrir uma filial em P***, mas Estela sentiu-se intranquila e, desistindo de seu intento, desapareceu do mapa.

O casamento entre Tatiana e Felício fora marcado para daí a seis meses.

Tatiana seguiu sua rotina sem alterações, recebendo Felício nos finais de semana, estudando juntos às vezes, saindo a passear e mostrando-se a todos como um jovem casal cheio de perspectivas e com tudo para acertarem na vida em comum que escolhiam. O incidente defronte ao *Chic's* estava esquecido.

À medida, porém, que se aproximava a data das bodas Tatiana começou a mostrar-se inquieta, pouco a pouco seu comportamento foi se alterando, a princípio muito sutilmente, mas dia a dia tornando-se impaciente e irritadíssima, ora parecendo eufórica sem uma razão muito óbvia (levantava-se pela manhã animada, ria, falava, expandia-se a mais não poder, inventava de fazer alguma receita complicada e ia para o fogão, abraçava a mãe e beijava-a no rosto de uma forma que não lhe era natural, ou então exclamava “vou molhar o jardim” e ia buscar a mangueira, ou ainda punha-se a falar sem parar de como seria sua vida de casada, dos projetos que tinham ela e Felício, “queremos pelo menos três ou quatro filhos” e, depois de um instante de reflexão, “o que é que

a senhora acha, mamãe? Quatro são muitos? Três, talvez?... Oh, mamãe! Diga alguma coisa, a senhora teve três!” e por aí afora passava o dia de despropósito em despropósito); ora retirando-se para um canto e para lá ficando o dia inteiro, amuada, abatida, de cara enfiada nos livros sem pronunciar palavra e, ou demonstrando apatia, ou aborrecimento se alguém lhe falava; nos dias em que permanecia apática não conversava com ninguém, era uma sombra em seu canto, um fantasma silencioso; mas naqueles em que se aborrecia qualquer miudeza era motivo para exaltar-se, quando não para explodir de vez com uma fúria desconhecida, e como essa fúria tinha de extravasar-se de qualquer jeito, não raro e sem motivo aparente levantava-se pela manhã atirando os livros para o chão, chutando alguma cadeira que encontrasse pelo caminho, empurrando com maus modos a mesa da sala se estivesse alguém aí, e certo dia, num acesso de descontrole, estando na cozinha, apanhou um copo e o espatifou contra a pia, espalhando cacos para todas as direções.

— O que está acontecendo com nossa filha, Anita? — perguntou Jorge à mulher certa noite, após haverem-se recolhido. Falava em voz baixa temendo que Tatiana o escutasse.

— Nem imagino, Jorge, mas já começo a ficar preocupada. O que é que você sugere que façamos?

— Devolvo-lhe a pergunta, minha querida: o que é que podemos fazer?

Anita suspirou.

— Levá-la a um profissional?

Jorge limpou a garganta. A que tipo de profissional estaria se referindo sua mulher?

— Um psicólogo? — arriscou.

— Ou um psiquiatra — Anita concluiu.

— Oh, Senhor! — Jorge murmurou. — Você consegue imaginar a reação dela? E faltando um mês para o casamento!

— Mas alguma coisa temos de fazer. Não podemos simplesmente fingir que não notamos, ou que tudo está bem.

Ficaram em silêncio alguns minutos, cada qual pensando na melhor solução — que parecia não haver.

— Será que esse estado de excitação se deve à proximidade do casamento? — Jorge sugeriu. — Se for assim, tão logo se casem as coisas normalizam...

— E se for porque ela não quer casar-se e esse noivado foi um erro, do qual ela só agora se dá conta?

— Mas... por quê? Ninguém a obriga... Acredita mesmo nisso?

Anita respirou fundo. Tampouco ela compreendia, dissera aquilo apenas por dizer. Com efeito: quem obrigaria Tatiana a casar-se? Se fosse esse o motivo, era romper o noivado e pronto!

— Será que ela gosta de outro? — ocorreu-lhe, no entanto.

— Se fosse isso — contestou Jorge —, por que escolheu noivar com Felício? Ou ficava com aquele de quem gosta, ou com ninguém, já que mais uma vez ninguém a obriga!

Anita fez um muxoxo. Só lhe ocorriam hipóteses sem sentido. Mas em que pensar, afinal?

O cataclismo aconteceu a menos de uma semana do dia marcado para as bodas.

Por aqueles dias um escândalo agitava a cidade, provocando comentário geral: não havia bar, esquina, loja ou qualquer outro lugar público onde em dado momento alguém não trouxesse à baila o acontecimento, qual seja, a aventura de Alberto Pontes com uma mulher casada. Ora, envolver-se com uma mulher casada, mesmo sendo Alberto uma pessoa muito conhecida em P***, não seria suficiente para um escândalo de tais proporções, provocaria no máximo alguns cochichos maldosos, tapinhas nas costas pelos mais chegados, “aí, malandro, quem diria, hein?”; uns rosnados surdos do marido traído e, caso este não tivesse instinto assassino, a coisa ficaria por aí. Porém Alberto ser surpreendido saindo de um motel na cidade vizinha de R*** com a primeira-dama de P*** era motivo bastante para provocar um terremoto com grande poder de destruição. Dava-se que a primeira-dama, mulher já entrada nos cinqüenta anos, ainda que bem conservada, era pessoa tida na mais alta conta por todos, senhora respeitabilíssima contra quem nem mesmo os adversários políticos do prefeito ousavam um reproche, quanto mais levantar uma suspeita. Aquele era o terceiro mandato de seu marido, homem correto e administrador competente, membro do Rotary Club, católico praticante, e ela, filha de Maria, era também a primeira nas procissões, organizando encontros de devotas para o estudo da Bíblia, promovendo ações sociais para atender aos necessitados, orientando os jovens casais no caminho da fé, uma mulher portanto bem-vista e estimada pela população como exemplo de religiosidade e recato... e agora isso: surpreendida saindo de um motel, em R***, com o dândi quarentão, o grande conquistador Alberto Pontes. E não podia haver qualquer dúvida acerca dos fatos: ali estavam as fotos, das quais ninguém sabia o autor, espalhadas pela cidade, de mão em mão, nos botequins, nas barbearias, coladas nas paredes do banheiro público, na feira, nas ruas, indo algumas parar mesmo nas mãos do pároco e da madre superiora!

Fora, a cidade fervia; dentro, ferveu certa noite a casa dos Peçanha: o grau de exaltação e desequilíbrio de Tatiana atingira o clímax — seria o clímax, pois nem os pais nem as irmãs poderiam imaginar uma situação pior.

O escândalo envolvendo Alberto e a mulher do prefeito já chegara aos ouvidos da moça, que sentia próxima a erupção de seu Vesúvio interior; o desenlace se deu, em outras palavras a lava explodiu e jorrou quando a mãe resolveu sugerir-lhe uma entrevista com um psicólogo. Já era tarde e Tatiana, sozinha na sala, aproveitava para pôr a matéria em dia; desviando a atenção dos

livros, ouviu as palavras de Anita sem que um único traço de seu rosto se alterasse.

— Talvez seja necessário, filha — acrescentou —, nós entendemos que o casamento é um grande passo na vida de uma mulher, e pode afetar os nervos...

— A senhora está me chamando de louca, mamãe? — respondeu Tatiana com a voz estranhamente calma, tão calma que a própria mãe se surpreendeu.

— Louca? — disse. — Não filha, o que é isso? Que absurdo! Quem é que...?

— Pois se está me chamando de louca — e o tom de voz de Tatiana começou a alterar-se e seus olhos estreitaram-se ameaçadoramente —, eu lhe digo que louca é a senhora, está ouvindo?

— Filha, eu...

— Cale a boca e me escute! — explodiu por fim a moça, meio levantando-se da cadeira. — Louco é papai — apontou vagamente uma direção qualquer, como se apontasse para o pai — que trouxe pra dentro desta casa aquele patife, e louca, ouviu bem?, louca foi a senhora — agora curvara-se sobre a mesa na direção da mãe, batendo ritmadamente com a ponta do dedo indicador na superfície de madeira — quando consentiu que o patife se sentasse conosco à mesa.

Aos gritos de Tatiana, o pai e as irmãs, que já se haviam recolhido, levantaram-se e foram até a sala.

Mãe e filha se enfrentavam.

— O que é que está acontecendo aqui? — interveio Jorge tentando dar à voz um tom de autoridade.

— Ah, o senhor está aí? — gritou Tatiana voltando-se para ele, pondo-se de pé. — Pois saiba bem o que o senhor fez, quando trouxe seu amiguinho depravado para nossa casa. Agora, aí está: trata-se de um libertino, um don juan, um velho desavergonhado que se sentou conosco à mesa e agora nos enxovalha o nome.

— Mas filha — e Jorge titubeou —, do que é que você está falando?

— Do seu amiguinho conquistador de todas as vadias da cidade, ora de quem mais! Do senhor Alberto Pontes!

— Mas Tatiana — interveio Anita —, o Alberto nem tem vindo mais aqui! Já faz um bom tempo que...

— Porque eu proibi! — gritou a moça dando um soco na mesa e em seguida um safanão no jarro de louça, que se espatifou no chão.

— Você... o quê? — Jorge, atônito, não compreendia mais nada. — O que foi que você fez?

— Eu proibi — Tatiana repetiu —, sim, proibi, porque esta casa é um lugar de respeito e de gente bem, ou pelo menos deveria ser!

— Mas... Tatiana... você não nos disse nada sobre isso — disse Anita.

— Filha — gaguejou Jorge —, então é por isso... uma desfeita...

— Desfeita não! — e Tatiana deu dois passos na direção do pai como se fosse atacá-lo. — Alto lá, que eu não fiz desfeita nenhuma! Eu apenas o coloquei em seu devido lugar, e se querem saber a razão, perguntem a essas duas putas aí — e apontou para as irmãs, que assistiam a cena mudas e atemorizadas, constatando que Tatiana encontrava-se inteiramente fora de si.

— Tatiana — Jorge alterou a voz, com severidade —, não fale assim de suas irmãs! Isso é falta de respeito!

— Putas! — berrou Tatiana — Putas sim, mil vezes putas!

— O que foi que nós fizemos? — gemeu Tereza levando as mãos ao rosto.

— Pois não sabem? Ah, que gracinhas! Então não sabem? — e virando-se para os pais: — Essas duas aí ficaram debochando de mim, ouviram?, dizendo que aquele... aquele... aquele pulha vinha a esta casa por minha causa, que me queria para ele... um velho... e... e... — agora os olhos de Tatiana enchiam-se de lágrimas e sua voz se tornava trêmula.

Jorge encarou as duas mais novas, ainda com a voz alterada:

— Telma, Tereza, vocês não deviam fazer isso! Essa história já está indo longe demais!

— Mas papai, foi só uma brincadeira, não mais que isso. E só duas ou três vezes! Puxa...!

— Filhas — Anita, a voz suave, tentando contemporizar —, isso não se faz, vejam as conseqüências! E justo agora, tão perto do casamento...!

— Tatiana! — exclamou Jorge, avançando na direção da filha.

Todos olharam: subitamente inteiriçada, os olhos fixos, a boca aberta, Tatiana parecia presa de um ataque dos nervos, mas quando o pai seguiu em sua direção estendeu o braço com a mão espalmada:

— Fique onde está, papai, não se aproxime de mim! — bufou. — Quem saber? Eu vou... eu... eu vou sair — e saiu para a varanda, batendo com violência a porta atrás de si.

Todos olharam apavorados na direção da porta.

— Jorge — disse Anita com lágrimas correndo pelas faces —, vai atrás dela! Indo pra rua do jeito que está, alguma coisa pode acontecer-lhe!

Mas a porta se abriu subitamente:

— Nem pensem em vir atrás de mim, nem pensem nisso! Saibam que sou maior de idade e dona do meu nariz! E tem mais: não me caso! Vou imediatamente procurar Felício e romper o noivado. Vou lá agora mesmo! Pensam que vou lhes dar essa satisfação? Pois não dou!

— Mas, filha — ponderou Anita —, a escolha e a decisão de casar-se sempre foi sua, nós não tivemos nenhuma participação!

— Pois não dou! — repetiu Tatiana chorando descontroladamente,

como se não tivesse ouvido a mãe. — Não me caso com aquele banana, um palerma é o que ele é, um palerma, um moleirão.

E saiu, quase pondo novamente a porta abaixo.

Jorge, Anita, Telma e Tereza estão agora sentados em volta da mesa da sala. Confabulam.

— Explique-nos direitinho essa história, Telma — disse Jorge. — Queremos saber o que foi que vocês duas disseram à sua irmã.

— Não dissemos nada demais, pai — Telma respondeu.

— Está bem, se foi demais ou de menos quem decide sou eu. Diga.

— Lembra-se daquele dia em que o Alberto chegou e o senhor não estava? — referiu então os fatos, falando de como, passando pela sala, viu Alberto examinando com muita atenção o retrato de Tatiana, e por essa razão mais tarde brincara com ela, dizendo-o apaixonado.

— Ela irritou-se e pediu que não continuássemos — complementou Tereza —, e disse que logo iria pôr um fim na história. Penso que foi por isso que ela disse a Alberto para não voltar mais aqui.

— Foi só isso? — Anita perguntou.

— Bem... — responderam as duas ao mesmo tempo, olhando uma para a outra.

— Vez por outra caçoávamos — prosseguiu Tereza —, mas houve uma vez... foi na noite em que Alberto apareceu em companhia daquela atriz de TV...

— O que foi que houve? — quis saber Jorge.

— Nada demais — interveio Telma tentando dar ao caso um aspecto banal. — Apenas brincamos mais uma vez acerca do acontecido...

— O que foi que vocês disseram? — perguntou Anita.

— Dissemos — respondeu Tereza — que o pretendente de Tatiana estava acompanhado na festa, e que ultimamente ele aparecia sempre bem acompanhado em todos os lugares...

— ...e que ele não repetia mulher... — gaguejou Telma.

— ...foi quando ela saiu gritando aquele palavrão — Tereza completou baixando a voz e os olhos para não encarar os pais —, vocês decerto se lembram.

— Penso que vocês não fizeram bem — disse Jorge taxativo. — Afinal sua irmã está visivelmente desequilibrada.

— Não podíamos saber, pai — escusou-se Telma. — Àquela altura ela parecia perfeitamente bem.

— Está certo, está certo — disse Anita. — Não se fala mais no assunto, e quando ela voltar, ajam como se nada tivesse acontecido.

Quando Alberto ouviu baterem à porta — pancadas aliás intimativas e inesperadas, pois o natural seria chamarem-no do portão —, levantou-se com

má cara do sofá onde uma hora antes se recostara para ler. Não esperava ninguém àquela hora, e olhou para o relógio de parede — um relógio antigo de pêndulo que pertencera aos seus avós paternos: passava das onze, mas não dera ainda onze e meia.

Largou o livro no chão, espreguiçou-se enquanto as batidas se renovavam com mais força, depois caminhou devagar até a porta.

Abriu.

Recuou com assombro.

— Quê...?

Tatiana passou por ele e entrou, parando no meio da sala.

— Saiba que por sua causa meu casamento se desfez — atirou. — Tive de magoar uma pessoa que me respeitava e queria bem, tudo por sua causa, pelo seu comportamento obsceno. E o senhor decerto não se importa. Aliás a minha vida e o meu bem-estar não lhe importam nem um pouco. Para o senhor tanto faz que eu esteja bem ou não, porque para o senhor tanto faz que os outros estejam bem ou não, desde que possa satisfazer seus apetites vergonhosos. Vergonhosos e insaciáveis, diga-se de passagem! Francamente, não sei como as autoridades toleram na cidade a presença de um desavergonhado como o senhor, de alguém que só pode servir de mau exemplo para os mais jovens, as crianças! O mínimo que o senhor deveria fazer era mudar-se, ir para bem longe, deixar-nos em paz. Em paz!!

Após tal saraivada de acusações Alberto, sem entender bem o que estava acontecendo e o que fazia Tatiana ali àquela hora, tentou juntar o que ela havia dito: pois ela havia dito alguma coisa sobre seu casamento ter-se desfeito e parecia acusá-lo — entre outras coisas — de ser o responsável. Seria isso? Ao mesmo tempo percebia que a jovem encontrava-se alterada: os olhos vermelhos e inchados denunciavam que ela havia chorado, e como estivesse com os cabelos e a roupa em desalinho percebia-se que se exasperara ao extremo nas últimas horas.

— Senhorita Tatiana, primeiro de tudo: eu não a convidei para vir aqui, portanto não é bem-vinda. Segundo: não entendi nada do que disse. Pode ser mais clara?

— Eu não sou bem-vinda? Ora, mas seria de estranhar se fosse, pois talvez bem-vindas à sua casa sejam apenas essas... essas... essas marafonas com quem o senhor anda por aí.

— ?!!

— O senhor por acaso não se envergonha? — continuou a moça com uma veemência que a punha vermelha. — Até com mulheres casadas se mete agora? E parece que com a intenção de meter-se com a política, não é mesmo! Já andou pedindo votos por aí?... Sim, porque cabo eleitoral o senhor parece que arranjou, e dos bons! Que horror, senhor Alberto, que horror!!

— E com que direito a senhorita se tornou guardiã dos meus atos? Virou polícia? Ou estará agora a serviço da moral e dos bons costumes?

— Então o senhor se dá o direito de ironizar? De caçoar de mim?

— Quem é que está...?

Tatiana, porém, no extremo de sua exaltação largou um tapa numa estatueta de louça que adormecia sobre um aparador de jacarandá, atirando-a para o chão e reduzindo-a a cacos.

— O senhor pensa que eu estou brincando? — avançou para a mesinha de centro, agarrou ali um bibelô de porcelana despedaçando-o contra a tela da TV, que tampouco resistiu ao impacto. — Pensa que eu estou aqui à toa? Pensa?... Pois está enganado!

Alberto, assustado de fato, correu para o telefone e ligou para a casa dos Peçanha.

— O que é o senhor está fazendo?

— Alô... é Anita?... Olá, Anita, é Alberto...

— Covarde, está ligando para minha casa? — e agarrou-o pelo braço, tentando arrancar o telefone de suas mãos. — O senhor tem coragem de ligar para minha casa? Covarde! Covarde!

— ...por favor, venham rápido, Tatiana está aqui como louca quebrando tudo! Rápido!

Tatiana por fim conseguiu tomar-lhe o telefone e, agarrada a ele como a um objeto muito precioso, escorregou em prantos para o chão.

— Covarde! Por que foi que você fez isso! Por quê?

A moça chorava, sentada no chão e agarrada ao telefone, que comprimia contra o peito.

Alberto sentiu pena, abaixou-se ao seu lado, tocou-lhe o ombro.

— Venha sentar-se no sofá — disse em voz pausada e tranqüila —, você não está bem, venha.

Quando Jorge e Anita chegaram, encontraram a filha mais calma, ainda soluçando e encharcada de lágrimas, mas recuperando-se pouco a pouco.

Alberto explicou-lhe o que havia se passado e eles — abismados diante dos cacos espalhados pela sala — a levaram para casa mais preocupados que nunca com seu estado.

Bem tarde naquela noite, após terem se recolhido há algum tempo, Anita, chegando a uma conclusão que agora lhe parecia óbvia, sacudiu o marido e disse:

— Jorge...

— O que foi?

— ...nossa filha está apaixonada por Alberto.

— Você acha? — e Jorge sentou-se dum salto na cama.

— Não acho — Anita disse —, tenho certeza.

— E o que podemos fazer quanto a isso?

— Precisamos casá-los — ela respondeu após alguns instantes de reflexão —, ou perderemos Tatiana.

- Casá-los? Você está louca?
- Por que louca?... Nossa filha é que vai enlouquecer se não conseguir o que quer! O problema é convencer Alberto a aceitar.
- Mas ele é muito mais velho do que ela, Anita!
- E que tem isso? Pelo número de suas conquistas, certamente é homem de sobra para uma mulher.
- E é isso que você quer para nossa filha? Um homem muito mais velho e mulherengo até a medula?
- O que eu quero é salvar nossa filha, o resto se ajesta.
- Deus do céu!

Jorge voltou a deitar-se, mas ficou de olhos abertos no escuro. Anita pôs as pernas para fora da cama como se fosse levantar-se, mas continuou sentada, pensando. Por fim levantou-se, saiu do quarto, foi até a cozinha, apanhou um copo de leite, sentou-se e continuou pensando, o queixo apoiado numa das mãos enquanto com a outra tamborilava no tampo da mesa. Escovou os dentes no banheiro e voltou para o quarto.

— Já sei o que fazer — disse —, vou convencer Tatiana a procurá-lo para desculpar-se.

- E se ela se recusar? — Jorge perguntou.
- Não vai se recusar diante das razões que vou expor para ela.
- Está bem, digamos que ela concorde, o que você acha que vai acontecer entre ambos?

— Antes de convencê-la a ir, irei eu primeiro e falarei com Alberto — Anita sentou-se na cama, recostou-se, estirou as pernas, relaxou. — Vou preparar o terreno. É claro que nem um nem outro desconfiarão de minha intenção...

— Anita, seja racional. De que maneira você pretende fazer com que ambos cheguem onde você quer que eles cheguem?

— Deixarei essa parte à sorte. Eu vou preparar o terreno, fazer com que um veja o outro com um olhar diferente. — Volta-se para o marido, reclinase em sua direção: — Jorge, entenda uma coisa: um está vendo o outro da pior maneira possível. Para Tatiana Alberto não passa de um conquistador barato, o que ele não deixa de ser, diga-se de passagem; com isso morde-se de ciúmes e confunde o amor que sente com ódio. Já Alberto, este não tem dúvida alguma de que Tatiana está doida, e com certeza anda não pouco irritado com ela. Mas se fizermos com que se encontrem e cada um veja o que há de bom no outro...

— Pois para mim tudo isso não passa de fantasias da sua cabeça, e no final das contas esse seu plano não vai dar em nada.

— Seja, mas é melhor tentar do que não tentar. Está decidido, amanhã vou procurar Alberto.

Nas manhã seguinte, contudo, antes que Anita saísse de casa para pôr seu plano em ação, teve de entender-se com um Felício desiludido e infeliz. O

rapaz fora procurá-los bem cedo a fim de conversar com Tatiana para, pelo menos, entender o que havia se passado na noite anterior: Felício encontrava-se em casa quando, por volta das dez, o telefone tocou e, ao atender, reconheceu a voz de Tatiana. “Felício, estou ligando para dizer-lhe que não quero mais casar-me com você” ela disse sem nenhum preâmbulo, “peço que tome minha decisão como definitiva e não insista. Adeus”, e seguiu-se o clique do telefone sendo desligado. Felício ouvira claramente as palavras de Tatiana, não lhe restavam dúvidas de que ela falava a sério, notara-lhe mesmo um certo nervosismo na voz, mas parecia-lhe impossível e absurdo um rompimento assim repentino, na semana do casamento e sem qualquer explicação.

— Felício — e Anita tomou afetuosamente as mãos do rapaz —, ela não quer falar com você agora... não que não vá lhe dar uma satisfação, afinal ela lhe deve isso e garantiu que irá conversar com você, mas outro dia. Aliás, ela não passou nada bem à noite e não deve levantar-se agora... aconteceram coisas... muito desagradáveis... Eu confesso minha tristeza, Felício, e minha decepção com esse comportamento, mas apelo ao seu bom-senso para que compreenda: Tatiana não está nada bem, e o melhor para ambos é de fato que dêem o dito pelo não dito e... esqueçam essa história de casamento.

Felício voltou para casa abatido e confuso enquanto Anita punha seu plano em ação, e foi encontrar Alberto tomando o café da manhã.

— Faça-me companhia — ele disse. — Às vezes só tenho a empregada para conversar comigo, mas hoje ela não vem e por isso estou sozinho.

Anita sentou-se com alguma cerimônia, serviu-se apenas de um café e, por fim, quando seus olhos cruzaram com os de Alberto sorriu e desviou o olhar com algum embaraço. Nesse primeiro momento sentiu as palavras faltarem-lhe, mas — pensou — não era hora de titubear, portanto entrou direto no assunto que a levava até ali: inicialmente desculpou-se mais uma vez pelo ocorrido na véspera e em seguida passou a falar de Tatiana. Que já havia notado que a filha não andava bem nos últimos tempos, às vezes eufórica e expansiva num dia para, no dia seguinte, permanecer enfiada no quarto, macambúzia, sem falar com ninguém, recusando mesmo sentar-se à mesa com a família à hora das refeições. Que com a persistência de tais sintomas, primeiro deduziu — e aqui inverteu a ordem dos acontecimentos — que aquele estado se devia ao fato de ter-se decidido a casar-se não estando apaixonada, “porque a verdade é que ela nunca esteve apaixonada por Felício” disse, e mentiu um pouco, “coisa que sempre soubemos mas achamos por bem não interferir”; segundo que haviam cogitado levá-la a um psicólogo (evitou estrategicamente a palavra psiquiatra) para uma avaliação... E Anita fez uma pausa, pensando se deveria estender a conversa nesse rumo: que tipo de avaliação, afinal? E achou por bem mudar de assunto, referindo que pela manhã Tatiana parecia muito envergonhada com o que havia feito, deixando a entender que gostaria de desculpar-se.

Anita esfregou o rosto com ambas as mãos.

— Cortou-me o coração vê-la daquele jeito — disse —, foi então que decidi vir.

— Mas Anita, o que você quer, exatamente? — ele perguntou, falando pela primeira vez.

Oh, não, nada demais! ela disse, apenas que ele a recebesse... pois sabia que mais cedo ou mais tarde Tatiana haveria de procurá-lo para apagar a má impressão deixada, e assim viera pedir-lhe apenas para que a recebesse, que a tratasse bem, “é uma jovem adorável, Alberto, além de linda, é preciso conhecê-la melhor” e enfatizou “tente conhecê-la melhor, conversar com ela, e você verá que é uma boa garota... aliás, uma excelente garota” e fez uma pausa encarando o outro enquanto reconsiderava, perguntando-se se não estaria dando a entender algo sobre o que não desejaria ser explícita, ainda que sua vontade fosse na verdade ser o mais explícita possível: “Alberto, peça-a em casamento!”, mas isso estava fora de cogitação.

— Mas claro, Anita! Se ela vier é claro que a receberei bem... conversaremos, e não tenho dúvida de que Tatiana é uma pessoa excelente. No entanto é preciso que você saiba... tudo isso começou da parte dela, não da minha...

Mas Anita sabia de tudo, sim!, e havia mesmo recriminado a atitude intempestiva de Tatiana proibi-lo de ir à sua casa; não!, ela agira mal, muito mal mesmo, “e sem nos consultar, Alberto, soubemos tudo apenas ontem!”, porém — e aqui exagerou, diremos mesmo que mentiu um pouquinho mais —, tal atitude já seria um sinal de que ela não estava muito bem (conquanto Tatiana estivesse muito bem à época, já que seu destempero começara só nas últimas semanas).

— Mas isso já passou — ela concluiu estendendo a mão sobre a mesa e apertando-lhe o braço com um sorriso de franco otimismo. — Pensemos só daqui para frente — e espetou: — Por que não a convida para saírem? Um almoço... ou um jantar... assim consolidam a amizade. Tudo que eu quero é ver minha filha saudável outra vez. Posso contar com você?

Anita não podia estar mais satisfeita ao deixar a casa de Alberto: embora faltasse ainda chão a ser percorrido, a boa-vontade do rapaz (já pensava nele como um rapaz!) significava um passo na direção almejada. Convenceria, contudo, Tatiana de procurá-lo? Teria de ser convincente com ela, e para isso seria preciso enleá-la com bons argumentos. Meditava, matutava, e aos poucos foi construindo sua encenação...

— Tatiana — Anita mostrou-se delicadamente severa ao notar o primeiro gesto de resistência da filha, conversando a sós com ela naquele mesmo dia à tarde —, o seu comportamento, seja ou não causado pelos nervos, nos deixou a todos muito embaraçados perante o senhor Alberto, que é um amigo da família.

Anita achou por bem referir-se a Alberto como “senhor”: tal tratamento

conferia à conversa um tom de mais gravidade, que lhe parecia conveniente e necessário.

Tatiana não respondeu: sentada diante da mãe no sofá da sala, torceu as mãos no colo e baixou a cabeça.

— Desculpe, mamãe — disse em tom submisso.

O tom agradou Anita, Tatiana fazia-se maleável, não seria tão difícil tratar com ela.

— Eu sei, filha, eu estou certa de que até a você o ocorrido está incomodando — disse, e esperou uma reação de Tatiana, que se deu na forma de um olhar úmido e uma expressão de sofrimento.

Então Anita passou a fazer o panegírico de Alberto: conheciam-no desde os tempos de solteiros, estudaram juntos no segundo grau, “ele sempre pronto a ajudar os colegas com a matéria, só vendo!, muito inteligente, aprendia tudo com facilidade”, não havia queixas, todos o estimavam — e lembrou-se das reuniões da turma, das festas, do entusiasmo de estarem juntos então e de o quanto Alberto contribuía para a alegria geral. “Era um tanto mulhengo, certamente” admitiu, e logo se deu conta de que tocar nesse assunto poderia não levar ao resultado pretendido, mas já que havia tocado achou melhor não desconversar, foi em frente: “Continua sendo, aliás... e teve esse caso com a mulher do prefeito... não fica bem para a imagem dele, é preciso reconhecer”, e procurando desculpá-lo “mas são coisas de homem solteiro” — e então Anita deu com o rumo favorável aos seus interesses: “Homens solteiros, principalmente se mais madurões, costumam ser muito atirados às mulheres, mas uma vez que se casam...”

Coube aqui uma inteligente pausa: após aludir ao casamento seria melhor deixar a idéia no ar, se fosse em frente talvez permitisse entrever suas intenções provocando nova resistência em Tatiana. No mais, ela prosseguiu depois de alguns instantes durante os quais curvou-se para ajeitar a toalha de crochê da mesinha de centro e mudar de lugar um bibelô de louça; no mais Alberto era um homem idôneo, tinha um excelente emprego na Justiça, possuía fortuna, era considerado e, principalmente, amigo da família; sendo assim não ficaria bem que permanecesse entre eles aquela má impressão, “não que eu a esteja culpando de nada, filha, compreenda, não se trata de uma acusação, afinal os seus nervos...”

— Já entendi, mamãe — disse Tatiana com mansidão. — Mas o que é que a senhora quer que eu faça?... Já que fiz aquela besteira toda ontem!...

Anita respirou fundo. A isca fora lançada, era esperar que o peixe abocanhasse. A sugestão para que Tatiana fosse até a casa de Alberto fez a moça torcer as feições como torcia as mãos uma na outra, “voltar lá?!”; mas não havia nada demais, exclamou Anita, afinal “você não foi ontem fazer ‘aquela besteira toda’?”, agora era voltar para desfazer, ou pelo menos tentar desfazer, “por exemplo, amanhã pela manhã...”. Além do mais bastaria apenas de-

monstrar um pouco de boa vontade com Alberto, “o que é que custa um sorriso, um aperto de mãos?”. Mas, oh!, não havia dúvida de que ele a receberia — Anita fez questão de enfatizar quando Tatiana contrapôs que talvez Alberto estivesse aborrecido a ponto de nem abrir-lhe a porta —, sim, pois afinal tratava-se de um cavalheiro e não de um desses homens brancos que levam tudo a ferro e fogo, e talvez até lhe fizesse galantemente um convite!

— Convite? — estranhou a moça.

— Para almoçarem juntos, por que não?... Claro, não posso afirmar que isso vá acontecer, mas se acontecer nem pense em recusar! Seria uma desfeita! É aceitar, aceitar e conversarem, que no fim dará tudo certo. Não tenho dúvida de que todo esse mal entendido será coisa do passado.

Fez nova pausa, e reforçou:

— O importante é que tudo se esclareça, e que possamos recebê-lo aqui novamente como amigo.

Tatiana suspirou. Ainda tinha dúvidas, ficou olhando demoradamente para o tapete enquanto ruminava as palavras da mãe. Por fim:

— Está bem, mamãe — disse, e Anita exultou, sem dar no entanto a perceber o alívio que lhe arrancava um suspiro —, amanhã eu vou até lá... e tento desfazer a má impressão.

Uma menininha de oito anos, olhos grandes e cabelos negros, atravessa correndo de pezinhos descalços o gramado defronte à casa em direção ao portão e salta nos braços do homem que acaba de entrar. Na varanda aparece uma mulher que observa a cena, já habitual, mas que lhe parece sempre renovar-se.

O homem, após ter levantado bem alto a criança, aperta-a contra si beijando-a nas faces coradas e a põe outra vez no chão, seguindo de mãos dadas na direção da casa. Ao subirem para a varanda, a mulher avança e o beija com a cotidiana ternura, e os três entram para a merenda das cinco horas.

Este foi Alberto Pontes chegando em casa após um de seus dias de sincura. Sempre do mesmo jeito, a criança vai recebê-lo no portão, saltando-lhe nos braços e depois atravessando o gramado defronte de mãos dadas com o pai — pois é preciso esclarecer o óbvio: a menina é sua filha, embora no moreno da pele e no negrume dos cabelos tenha puxado à mãe. Esta — e continuemos com o óbvio, pois dele nem sempre se consegue escapar — não será outra, pois outra não poderia ser: é Tatiana, dez anos mais velha — pois este foi o tempo que transcorreu desde os últimos acontecimentos —, porém preservando sua elegância natural e uma beleza sólida que promete resistir aos anos, pelo menos o quanto lhe for permitido.

Esta cena, que acabamos de presenciar numa de suas inúmeras variações e com quanta singeleza possui, é — podemos dizer — o resultado do olho esperto de Anita para o que estava se passando com sua filha, mas não só: contribuiu para esse final docemente prosaico o fato de Tatiana dar-se por vencida

e abrir seu coração. Foi preciso descobrir em si o amor para que ele saísse vitorioso, e é com a referência dessa descoberta — feita a contragosto, enfrentando ainda umas últimas barricadas de resistência, com que a moça de temperamento forte e exaltado conseguiu abrir as primeiras brechas na muralha construída ao redor de si mesmo pelo homem por quem se apaixonara —; é, portanto, com a referência dessa descoberta que vamos finalizar este relato, e para isso precisamos retornar à manhã de sua ida à casa de Alberto, vencendo sua repulsa em procurá-lo, para, como lhe sugerira a mãe, “desfazer a má impressão” que causara.

Foi por volta das dez da manhã que lá chegou.

Bateu palmas várias vezes defronte ao portão, e como ninguém atendes-se abriu-o e avançou pelo gramado na direção da varanda. Tatiana irritou-se com o fato, afinal, dizia consigo mesma, ali estava de boa vontade para mostrar-se “civilizada”, e era desse jeito que a recebiam, “pois a verdade é que não me recebem, nem sequer atendem para ver quem é que bate”. Subindo à varanda, foi dar duas ou três pancadas de leve com a mão fechada à porta, mas tampouco assim apareceu alguém, o que fez refluir sangue ao coração da moça, cada vez mais aborrecida. “Vai ver que está dormindo a essa hora, quando qualquer pessoa decente já está há muito em seu local de trabalho” murmurou consigo mesma com quanta má vontade descobria em si mesma. Resolveu bater com mais força e escutou como resposta o eco — um som cavo no interior da sala que parecia reboar também pelo andar superior. Bateu e esperou. Tornou a bater, agora com verdadeira irritação, e só então ouviu um “já vai” atirado de alguma parte da casa. Quando a porta se abriu, viu diante de si um Alberto descabelado, cara de sono, vestindo um pijama de flanela de listras azuis e sem camisa. Apesar de sua pretensa boa vontade, verdade é que Tatiana estava disposta mesmo a não fazer concessões e achou por bem mostrar-se escandalizada com o que via:

— Então é assim que o senhor recebe uma senhorita honesta e de boa família que vem falar-lhe? — disse, empinando a cabeça e alteando-se na ponta dos pés.

Alberto espreguiçou-se, abafou um bocejo, abriu e fechou os olhos várias vezes e, por fim, franzindo muito o cenho — não de zanga, mas por causa da luz forte da manhã —, disse:

— Entre e sente-se. Vou tomar um banho rápido.

— Talvez não seja preciso. Eu não vim para demorar-me.

Alberto não respondeu, deu-lhe as costas e com um gesto indefinido de mão afastou-se, saiu da sala e só voltou quinze minutos mais tarde, agora vestindo uma leve camiseta de malha e uma calça *jeans* velha e puída, nos pés umas sandálias de couro.

Enquanto o esperava, Tatiana — apesar da contrariedade e já arrependida de ter concordado em vir — sentou-se muito a prumo no sofá e

olhou em volta. Não havia mais sinais de sua passagem devastadora por ali na antevéspera: a televisão fora substituída por uma nova, e sobre o aparador um jarro de cristal multicolorido ocupava o lugar da estatueta que ela atirara ao chão.

Alberto entrou riçando com os dedos os cabelos úmidos e foi sentar-se em frente à moça.

— A senhorita me desculpe — disse —, mas tive um compromisso ontem e fui dormir bem tarde. Por isso não acordei de pronto. Chamou muito?

Tatiana, a prumo no sofá, as mãos no colo, digna e concentrada, levantou o rosto:

— Não é preciso justificar-se, senhor Alberto. Seus compromissos não são da minha conta. Saiba que vim aqui...

E engasgou. O que que diria? Como dizer o que fora fazer ali? Em última instância, o que fora mesmo fazer ali? “Terei de pedir desculpas a esse pulha?”

— Mas não! — exclamou Alberto pondo-se de pé. — Ainda não tomei café, por isso convido-a a fazer-me companhia.

— Convida-me a...? — ela olhou para ele um tanto desconcertada, mas lembrou-se da recomendação da mãe e resolveu não opor resistência ao convite.

— Sim, mas não tomaremos o café aqui, pois não tem nada pronto. Vamos àquele bistrozinho que tem ali no centro. A essa hora já estarão abertos. Lá comeremos alguma coisa.

— Mas, senhor Alberto, eu vim...

— Ora essa, eu estou vendo que veio, não é preciso repetir. A senhorita é bem visível. Vou apanhar a chave do carro que deixei lá em cima, num minuto eu volto.

Agora estavam de frente um para o outro sentados numa mesinha discreta, a um canto do salão, e em vez de um simples dejejum Alberto pedira uma refeição ligeira, “afinal já são quase onze horas, e eu tenho o hábito de almoçar no máximo às onze e meia. Até nos servirem já será hora”.

Tatiana sentia-se pouco à vontade, pois não lhe agradava ser vista em público com Alberto, principalmente depois do escândalo de seus namoricos com a mulher do prefeito. “E se alguém nos vê e pensa que eu sou mais uma de suas conquistas?” disse consigo mesma, insatisfeita por não saber como entrar no assunto que pretendia.

Enquanto aguardavam o pedido, Alberto começou a tagarelar sobre algumas trivialidades de seu dia a dia e Tatiana, a quem tais miudezas não podiam interessar e seriam de enfadá-la, no entanto ouvia-o com alguma atenção, evitando desviar os olhos para não parecer desatenta e mal educada. Agora prestava atenção menos em suas palavras do que em seu jeito de falar, nos seus gestos, e o conjunto não lhe pareceu desagradável.

— Mas — e Alberto subitamente interrompeu-se —, estou aqui falando tolices e não lhe dei oportunidade ainda de dizer por que foi à minha casa.

Tatiana, pega de surpresa, sorriu brevemente e se pôs séria outra vez:

— Ah, sim... mas neste momento não é adequado... parece que já vão nos servir.

Com efeito, o garçom aproximou-se com a bandeja, as travessas, os talheres, e começou a dispor as coisas sobre a mesa.

“Parece que já vão nos servir” — e essa frase, dita de forma solene por uma Tatiana séria e compenetrada, permaneceu. Não para Alberto, que mal prestou atenção, voltando-se para o garçom que se aproximava, mas para a própria Tatiana, pois ela havia dito “nos servir”, e não podia deixar de pensar que havia em tais palavras uma espécie de cumplicidade: o garçom não estava ali para servi-lo, embora ele tivesse feito o pedido, mas para servir a ambos, pois ela estava com ele, ela comeria em sua companhia, e se um instante atrás lhe pareceu inconveniente que alguém, vendo-os juntos, julgasse uma nova conquista do D. Juan da cidade, neste momento tal pensamento nem lhe ocorreu, ocorrendo-lhe — isto sim — que no fim das contas o senhor Alberto demonstrava bastante boas maneiras, e alguma simpatia, “não é de todo um pulha” pensou a moça, “ainda que não o deixe de ser totalmente” concluiu demorando-se um pouco a olhá-lo enquanto ele se ocupava em auxiliar o garçom a dispor a mesa, “e tem feições bem agradáveis”. (Não deixou, porém, de aborrecer-se ao pensamento de que aquelas “feições bem agradáveis” eram o responsável por seu mundanismo e sucesso com as mulheres.)

Ao fim, quando se levantaram para sair, menos sabia Tatiana como tocar no assunto que a levava a procurar Alberto. De qualquer forma, já do lado de fora, tentou falar:

— Senhor Alberto, eu...

— Ah! — exclamou ele sem perceber que acabava de interrompê-la. — Tive uma idéia: não vamos para casa agora, hoje eu tenho o dia todo, e creio que a senhorita não terá um compromisso que não possa adiar para mais tarde, certo? — e sem esperar por uma confirmação: — Então pronto! Convido-a para fazer uma caminhada pelo parque. Claro que a senhorita já conhece o parque, as trilhas são sempre as mesmas, mas é bom caminhar um pouco após o almoço. É salutar, bom para a digestão. Vamos?

E como quem nem ao menos cogitasse uma recusa, tocou-lhe de leve o braço e seguiram na direção do estacionamento.

O parque ficava nos arredores de P***, não muito distante do centro, e as trilhas, que conduziam a lugares bastante pitorescos, por serem muito atraentes para os turistas, eram mantidas sempre limpas e de trânsito fácil.

Boa parte do passeio transcorreu em silêncio. Vez por outra Alberto contava alguma história, fazia referência a um episódio engraçado, lembrava-se

de algum fato da infância acontecido ali, onde se reunia a amigos e colegas de escola para brincadeiras.

— Senhor Alberto — ela começou depois de algum tempo, já impaciente, pois afinal “quando é que ele vai parar de contar essas histórias e me dar uma chance?” —, eu queria lhe falar...

— Senhorita Tatiana — ele interrompeu mais que de imediato, e ambos ficaram se encarando, cada qual na expectativa de que o outro falasse.

Tatiana hesitou por um instante, moveu os lábios mas não disse nada e Alberto continuou, apontando para cima:

— Ouça...

— O que quer que eu ouça, senhor Alberto?

— Não está ouvindo? Não percebe essa harmonia?

— A que o senhor se refere, para ser mais explícito?

— Ora, mas ao rumor do vento nas copas junto com o canto dos pássaros! Não é lindo?

Tatiana abriu a boca sem pronunciar palavra, e quase sem acreditar no que ouvia. Tomou coragem e atirou:

— Senhor Alberto...

Mas Alberto a interrompeu:

— Sabe de uma coisa?

Tatiana calou-se tomada de perplexidade. Decididamente, pensou, esse sujeito estava brincando com ela, talvez intencionalmente debochando, gozando com sua cara.

— Esse tratamento cheio de cerimônias entre nós — Alberto prosseguiu — está cheirando a fins do século XIX, não lhe parece? Chame-me de Alberto, é mais simples, e eu a chamarei de Tatiana.

— Talvez não seja indicado — ela gaguejou, visivelmente embaraçada por perceber ao mesmo tempo que ele tinha razão e que ela não conseguia entrar no assunto, pois a cada tentativa sua Alberto se safava com alguma novidade.

— Ora, por que não? Amigos não precisam de tratamento cerimonioso.

— Amigos?

— Creio que posso tê-la na qualidade de amiga, não?

— Bem, senhor Alberto... Senhor Alberto, eu não estou habituada!...

— Hábitos se adquirem, Tatiana — cortou ele —, faça questão!

Tatiana baixou a cabeça.

— Tive uma idéia — ele exclamou.

Tatiana levantou o rosto. Em suas feições, timidez e decepção: a timidez decerto se justificava por não contar com a maneira como Alberto a estava tratando, afinal parecia não ter acontecido nenhum incidente há menos de dois dias entre ambos; a decepção seria consigo mesma. “Então eu não passo de uma paspalha sem qualquer iniciativa?”

— Venha comigo — tomou-a pela mão.

— Mas...

— Não diga nada, venha comigo e você vai se surpreender.

Alberto abandonou a trilha:

— O lugar aonde vamos é pouco conhecido e o caminho nada bom, mas eu a ajudo. — Fez uma pausa, fixando-a: — Ou você não consegue andar em lugares acidentados?

Tatiana encarou-o com irritação:

— Eu não sou nenhuma palerma!

— Eu não disse isso...

— Mas pensou. Vamos logo! — e espantou-se consigo mesma por tomar a dianteira e ainda sem compreender por que aceitava acompanhar “esse pulha pelo meio do mato, afinal aqui estou à mercê dele! Poderá abusar de mim e assassinar-me sem que ninguém testemunhe!”.

Após um trecho cruzando denso matagal seguiu-se uma subida, íngreme, que exigiu de Tatiana mais disposição física do que ela julgara ter, mas nos trechos mais difíceis apoiava-se na mão de Alberto. Chegaram ao cume, “aposto como você nunca veio até aqui” ele disse, “não” ela respondeu em voz baixa, confusa com o rumo que aquela brincadeira estava tomando, pensou, “Deus do céu, o que é que eu estou fazendo? Decididamente perdi o juízo!”. Então começaram a descer. A descida pareceu-lhe pior que a subida, não conseguia firmar-se direito, perdera inteiramente a noção do que pretendia conversar com Alberto e de como tocar no assunto, não coordenava mais os pensamentos e só se preocupava em não “fazer feio na frente desse aventureiro, se ele pensa que eu sou uma moleirona está muito enganado”; e enquanto se esforçava por equilibrar-se perguntava-se por que aceitar passivamente “tal absurdo, pois tudo isso não passa de um absurdo!”, por que não rebelar-se e exigir uma explicação, “senhor Alberto” deveria dizer, “eu não o procurei hoje para fazer um passeio em sua companhia no meio desta selva” e acrescentaria com veemência: “Tenho um assunto muito sério a tratar com o senhor”, mas a voz não lhe saía, as palavras fugiam-lhe pois a verdade é que essas frases acudiram mais tarde, quando já não fazia sentido serem ditas e, ao tropeçar numa raiz e quase ir ao chão, queda evitada pelo braço ágil e vigoroso do outro, refletia que se naquela manhã alguém lhe dissesse que pouco mais tarde meter-se-ia mata adentro com “o inimigo”, que a guiava para algum lugar desconhecido dentro do ermo, diria que tal pessoa não estava em seu perfeito juízo.

Foi com um amálgama de confusão, irritação e deslumbramento que subitamente se viu num lugar extraordinário: saíram para uma vasta clareira cercada de árvores muito altas; ali passava um rio, largo porém raso o bastante para que pudessem atravessar a pé, “temos de descalçar os sapatos se quisermos ir para o outro lado” disse Alberto; adiante, do alto de um rochedo descia um véu d’água que na queda formava uma névoa fria que fez Tatiana estreme-

cer; à borda da clareira abria-se um abismo no fundo do qual podia ver-se a copa verdejante do arvoredo lá embaixo.

— Poucas pessoas vêm aqui — Alberto disse —, principalmente pela dificuldade de chegar.

Tatiana olhava em volta encantada e ainda ofegante, e para descansar foi sentar-se em uma pedra ao sol.

Durante o tempo em que estiveram ali, Alberto falou o tempo todo, referiu casos e mais casos, contou sobre as lendas que envolviam aquele lugar, e Tatiana ouvia sem ânimo de interrompê-lo, desistindo pouco a pouco de falar-lhe sobre o ocorrido na antevéspera, até esquecer-se de vez de que em algum momento daquela manhã tivera essa intenção. Houve um momento em que Alberto calou-se, ele próprio recostado ao tronco de uma árvore, e fechou os olhos. Assim estiveram submersos no agreste, absorvidos pela mágica natureza. Então já não importava falar, mas ouvir, e Tatiana começou a perceber a harmonia a que ele se havia referido...

Naquele dia Tatiana chegou em casa no fim da tarde, o pai ainda estava para a rua e as irmãs, no quarto, estranharam que ela houvesse saído sem levar a bolsa com seus livros. Não fora à faculdade, ela explicou, passara a tarde com a Silvinha, que não podia andar devido a uma luxação no tornozelo, e aproveitaram para repassar a matéria.

Uma hora mais tarde, quando Telma e Tereza saíram, Anita correu a falar-lhe, quase sem conseguir disfarçar sua curiosidade e seu afobamento.

— Conversamos, mamãe — Tatiana explicou —, nada demais, apenas conversamos.

— Sim, mas... conte por miúdo...

Tatiana, recostada em dois ou três travesseiros, um caderno apoiado nas pernas dobradas e livros espalhados à sua volta, estudava. Não se mostrou perturbada, pelo contrário, parecia indiferente.

— Não há o que contar, mamãe: conversamos, apenas isso.

— Sim, mas... você passou a tarde fora...

— Estive na casa da Silvinha. Ela torceu o tornozelo e mal consegue andar, não tem ido à faculdade. Passei a tarde com ela, revendo a matéria.

— Ah... mas então... ele não a convidou para almoçar? Pelo menos para tomarem um sorvete? Hoje, que fez tanto calor!...

— Oh, sim... ele estava de saída quando cheguei lá, convidou-me para acompanhá-lo ao bistrô...

— Ah!... E o que foi que vocês comeram? Do que falaram? Como é o Alberto como companhia? Deve ser um homem galante, não?

— Mamãe! — Tatiana parecia scandalizada com a intromissão da mãe. — O que é que a senhora está pensando? Não confunda as coisas!

Largou o caderno de lado, apanhou um livro ao acaso, estirou as pernas.

— Ainda havia um clima desagradável... Eu sei que agi como louca, e não podia esperar que ele compreendesse... Aliás nem eu mesma... Mas eu me desincumbi de minha missão: falei-lhe, expliquei-me... pelo menos tentei... Disse também que você e papai gostariam que ele voltasse a vir aqui como antes... e foi só. Dali, fui para a casa da Silvinha.

Empinou o queixo:

— Satisfeita?... Espero que não precisem mais envergonhar-se por minha causa.

Os dias se seguiram sem novas alterações e a paz doméstica voltou a reinar na casa dos Peçanha.

Tatiana parecia recuperada de sua exaltação nervosa e retomara sua rotina: passava as manhãs estudando, ao meio-dia saía para a faculdade, retornava à noite como de costume. Algumas vezes chegava um pouco mais tarde, mas nunca muito tarde, “estive em casa de *fulana* para estudarmos juntas” dizia algumas vezes, e noutras “fui com a turma tomar um chopinho no final da aula”, e tendo passado um sábado inteirinho fora, só chegando em casa depois das nove, disse que fora a “um piquenique em R*** com as alunas do sétimo período”, coisas bastante diversas de seu costume mas que aos pais pareceu salutar.

— Pelo menos o caracol está saindo da concha — comentou Jorge com a mulher —, aproveitando a juventude.

Anita, desapontada por ter-se enganado em suas previsões, mordida os lábios com aborrecimento nessas ocasiões, mas não dizia nada.

Certo dia almoçavam, a família reunida à mesa, quando Tatiana — com uma naturalidade espantosa — anunciou de repente:

— O senhor Alberto Pontes pediu-me em casamento ontem, e eu aceitei. Amanhã ele virá falar com o senhor, papai.

O pai franziu a testa; a mãe, que fazia tenção de levantar-se para trazer a sobremesa, manteve-se pregada à cadeira; e as irmãs, estateladas de assombro, encararam Tatiana com os olhos quase a saltarem das órbitas, tendo mesmo Tereza deixado cair o garfo.

E foi a uma casa alvoroçada — exceto pela pessoa que mais devia estar inquieta mas que, pelo contrário, mantinha-se numa inesperada tranquilidade — que Alberto compareceu no dia seguinte para, à moda antiga, formular o pedido. Jorge ainda não assimilara a novidade mas apertou a mão do amigo, “venham cá esses ossos, meu caro”; Anita parecia a própria noiva em seu entusiasmo, tão feliz com a felicidade da filha quanto pelo fato de ter acertado em sua previsão; e Telma e Tereza tampouco acreditando no que presenciavam, “só pode ser uma encenação, uma comédia” cochichou Tereza no ouvido de Telma em dado momento, “duvido” respondeu Telma apertando o braço da irmã, “o caso agora é pra valer” — e já não caberia dúvida alguma quando alguns meses mais tarde viram Tatiana vestir-se de branco...

Assim foi. Casaram-se. Nasceu-lhes a pequena, batizada como Anita Maria — numa homenagem às avós —, e a vida correu.

Continua correndo. Não se pode falar de um casamento isento de brigas: rezingam às vezes um contra o outro, ficam assim de cara amarrada durante um dia inteiro, depois fazem as pazes. Tatiana não esconde o ciúme e vez por outra o caso com a mulher do prefeito vem à baila, “eu o conheço muito bem, senhor Alberto Pontes, muito bem!”; Alberto jura que fora um tanto atirado, sim, em outras épocas, “mas antes de você entrar na minha vida, minha linda”, e quando as birras passam resta esse amor sólido e generoso que é garantia de permanência — e entre os dois, para vigiá-los, os olhos grandes e incisivos da pequena a lembrá-los: “Ei, eu estou aqui!”.

Nas esquinas do amor

O amor tem suas esquinas, e mesmo quinas e ângulos não raro agudos, acúleos na carne dos apaixonados, que desassossegam e às vezes destrambelham. Dirá o leitor que o amor, com os transtornos que acarreta, os distúrbios que produz, as mazelas que provoca, já é tema superado e não tem mais a oferecer. Com efeito, a narrativa que ora inicio tendo como tema o amor não poderia ser mais insossa, desinteressante e repetitiva. Porém a necessidade de escrever tem de ser satisfeita mesmo quando não há sobre o que falar, donde então apanhar-se qualquer coisa como objeto de reflexão, alinhar-se mal-mal um enredo e ver no que dá, mormente quando o enredo está de acordo com os fatos — e para os que apreciam o suspense bem elaborado, a trama bem feita, o desfecho surpreendente, os fatos vez por outra podem mostrar-se decepcionantes.

Dos fatos, portanto da realidade, eu fui apanhar os casos corriqueiros de amor de três personagens que, por se relacionarem — embora cada qual tenha vivido seus percalços na solidão de si mesmo —, permitem ser tratados numa mesma história, livrando o leitor da maçada de três narrativas iguais, ainda que diferentes.

Apresentando nossos três heróis, são eles Leopoldo Ventura, um tipo que cresceu na vida por mérito; Josias Leitão, que não cresceu, não tanto por demérito, mas talvez porque seus méritos não se sobressaíam, ou por inexpressivos ou mesmo por inexistentes; e Álvaro Ribeiro, que cresceu e decresceu nem por mérito, nem por demérito, mas por decisões que tomou em momento oportuno, do que podemos adiantar que nem na ascensão, nem na queda, teve motivos para remordimento, ou se os teve preferiu aquietá-los em nome da dignidade.

Como temos de começar por um deles, comecemos pelo primeiro, o ponto comum entre os outros dois, que surgirão na seqüência.

Leopoldo Ventura é um homem de hábitos bastante regulares: levanta-se por volta das sete, mete-se no banheiro para um banho quente e rápido durante o qual esfrega o corpo vigorosamente com uma bucha, barbeia-se — porém somente às segundas, quintas e sábados —, umedece o rosto com água de colônia e, já vestido, põe-se à mesa para o café da manhã.

Sai para o trabalho às sete e quarenta.

Amiudando (e esta será uma história repleta de miudezas), acrescentemos que Leopoldo mora sozinho e, pouco afeito às lidas da cozinha, conta

com os serviços de uma dona, uma certa Antônia, que chega cedo para preparar-lhe o café e depois se ocupa em pôr a casa em ordem e organizar a roupa do patrão — lava e passa-lhe as camisas e as calças com cuidados de mãe, embora não seja tão mais velha que ele, razão pela qual Leopoldo apresenta-se sempre alinhado.

Antônia prepara-lhe também o jantar, que ele aquece à noite no micro-ondas, e ao meio-dia vai-se embora.

Duas vezes por semana traz consigo uma ajudante para a limpeza, graças a quem a casa — espaçosa e até com alguns requintes de luxo — permanece brilhando.

Leopoldo chega na empresa às oito e dez e sai às cinco e meia, goza de hora e meia de almoço, jamais se atrasa e somente fica depois da hora quando os compromissos se avolumam — o que não acontece com frequência — ou para as reuniões da diretoria. Entra em casa às seis, tira um cochilo, janta às sete e depois assiste um pouco de TV ou lê algum livro — costuma deixar dois ou três bem à mão, para não ter de procurá-los na estante. Por volta das dez recolhe-se. É raro sair à noite durante a semana para bebericar com amigos, o que faz às sextas e sábados com a mesma regularidade do costume, mas nunca entra em casa depois das onze, e calhando alguma aventurazinha amorosa convidada-a para sua cama e a despacha invariavelmente pela manhã sob a alegação — nem sempre verdadeira, nem sempre mentirosa — de que teria “um dia cheio”.

Cumpre acrescentar que nosso herói vive só mas tem família: os pais, já idosos à altura em que começamos a fuxicar-lhe a vida, residem em Rio Verde, uma cidadezinha de interior onde se chega em pouco mais de três horas de carro; lá também reside sua única irmã, mais nova que ele meia dúzia de anos, e casada com um comerciante de tecidos. O pai fora advogado atuante em Rio Verde e fizera renome, escrevera três ou quatro livros sobre jurisprudência e alguns artigos muito festejados, publicados em mais de uma revista da área jurídica; a mãe, do lar, não fazia má figura ao lado do marido nas cerimônias oficiais; Leopoldo lembra-se bem dessas ocasiões em sua adolescência nas quais, vestido a rigor, ele e a irmã acompanhavam os pais para acabar dormindo de tédio em algum recanto onde por acaso houvesse uma poltrona isolada. Ao se aposentar, havia dez anos isso, o Dr. Nicanor Ventura foi homenageado pela Ordem e também pela Câmara Municipal de Rio Verde, tendo Leopoldo mais uma vez enfrentado o tédio das cerimônias oficiais, porém já adulto não lhe sendo permitido dormir: fez questão de manter um sorriso permanente, mesmo porque “os velhos mereciam o esforço”. Deles não se esquecendo, visita-os com a mesma regularidade com que conduz sua vida: uma vez ao mês, no segundo final de semana viaja para Rio Verde partindo no sábado de manhã — às vezes na sexta-feira após o expediente — e regressando no domingo à noite.

Há quinze anos ocupa o cargo de sub-diretor executivo numa empresa

de grande porte, a Top-Mais Calçados S.A., ao qual ascendera por excelência de serviços e por gozar de total confiança da direção geral; como seja agora a quarta ou quinta cabeça da empresa, e como esta fabrique produtos de qualidade tanto para abastecer o mercado nacional quanto para exportar, tem vencimentos consideráveis, casa própria e dois carros na garagem: o primeiro, um Simca Chambord vermelho e branco que adquiriu por capricho há uma dúzia de anos, restaurou dando-lhe cara de novo e, encerado, brunido e reluzente, exhibe com orgulho aos amigos que vez ou outra aparecem para uma visita; o outro, que ele faz questão de trocar todos os anos, não é nunca um modelo ou marca específica, basta apenas que seja novo, tipo esportivo, elegante... e caro.

Mencionar o capricho de ter como relíquia um velho automóvel ao lado de um modelo novo e esportivo pode levar o leitor a criar uma imagem física equivocada do nosso herói: Leopoldo, de estatura quase nada acima da mediana, fora na juventude um tipo magro, de mãos pequenas e dedos longos, não muito chegado a exercícios físicos, sendo que para não submergir num sedentarismo doentio decorrente de suas funções na empresa, adquirira o hábito de fazer uma boa caminhada nos sábados e domingos pela manhã. Nos finais de semana, mesmo sem precisar, acorda às sete; toma então um suco de frutas batidas no liquidificador e, depois de alongar-se bem, sai para uma caminhada de hora e meia; indo à praia nos dias de canícula, também aproveita para andar longamente pela areia; no mais, mantém-se afastado de campos de futebol e academias, e é com um discreto horror que pára para observar homens musculosos fazendo longas séries de levantamento de peso nos clubes de ginástica. Manteve o mesmo tipo físico até por volta dos trinta e cinco, quando percebeu que uma pequena proeminência à altura da barriga tendia a manter sua camisa ligeiramente estufada na frente, que ele disfarçava encolhendo e contraindo a musculatura; olhou discretamente para a cintura de alguns colegas de trabalho, e percebeu que a maioria — de sua idade ou mais velhos — também ostentava a mesma proeminência, e alguns uma verdadeira e hedionda gravidez de chope. O fenômeno não o abalou, e viu chegar os quarenta e poucos anos com a barriga um pouco maior, ainda que sem exagero e podendo ser disfarçada, os músculos do peito e dos braços algo flácidos conquanto as pernas, pelo hábito das caminhadas, se mantivessem firmes e a respiração regular: sua resistência física não seria a de um atleta, está visto, mas tampouco seria das piores. Por volta dos quarenta e quatro anos, vencendo a repulsa por exercícios com peso, pensou em tomar aulas de musculação para tonificar a musculatura superior, o que aliás lhe fora recomendado por seu médico durante uma consulta, após auscultar-lhe o peito e as costas, porém transcorrido um ano ainda não tomara tal decisão. Por fim passou a freqüentar à noite uma academia que havia no seu quarteirão, e como tudo mais com a mesma regularidade de sempre, porém cheia de ojeriza: não tolerava tais exercícios, demorava-se o menos possível entre aquela infinidade de aparelhos de modelagem física e marombeiros pro-

fissionais, e retornava para casa esfalfado. Seis meses depois, sua condição física algo melhor mas a barriguinha ainda persistindo em seu volume habitual (o que já se tornara parte integrante de seu perfil), contrariou a regularidade de hábitos que lhe norteava a existência e passou a exercitar-se com pesos apenas uma vez por semana; mais seis meses e desistiu dos pesos, persistiu nas caminhadas de final de semana às quais passou a acrescentar uma série de abdominais e outra de flexão de braços — e só.

Dissemos acima que Leopoldo Ventura vive sozinho e aludimos a algumas conquistas ocasionais, do que se conclui por conseguinte que não é casado. Com efeito, Leopoldo não se casara quando novo, e agora que beira os cinqüenta esta é uma possibilidade que já não entra em suas cogitações. Não se pode negar que tenha tido paixões na juventude, pouco duradouras, e mesmo mais tarde não deixara de envolver-se amorosamente. Voltaremos a suas aventuras, pois como ficou dito esta será uma história de minúcias, de idas e vindas, para um total esclarecimento dos fatos que compõem a vida desse personagem ao mesmo tempo corriqueiro e singular, conforme o ângulo sob o qual seja observado. Por enquanto fiquemos no que foi dito: Leopoldo via, sem alarme, susto ou receio, a idade chegar encontrando-o numa solteirice crônica. Sendo mais precisos diremos que completara quase ao mesmo tempo quarenta e nove anos de idade e vinte e cinco de trabalho havia dois ou três meses; daí a cinco estaria aposentado, “e o que é que você vai fazer da vida, Leopoldo, sem esposa, sem filhos, sem netos para pajear?”, perguntam-lhe os pais, a irmã, que um depois do outro pusera quatro no mundo, e vez por outra o Josias Leitão — e eis que nosso segundo personagem entra em cena! —, colega de trabalho, se bem que subalterno, e amigo de longa data, homem carregado de filhos, netos e problemas e cujos cabelos embranqueceram antes do tempo, embora nem tão mais velho seja: acaba de completar cinqüenta e um.

— Vou viajar — responde Leopoldo, despreocupado —, o mundo é grande e tem muita coisa pra ver.

— Mas sozinho? — diz-lhe o pai, balançando a cabeça com um risinho de descrédito.

— Sozinho, meu irmão? — a irmã, acariciando os cabelos do mais novo, já entrando na adolescência.

— Sozinho, Leopoldo? — o Josias Leitão, metendo os dedos pelas repas do cabelo ralo. — Que graça tem?

Leopoldo dá de ombros. Afinal, não era o que ele fazia todos os anos nas férias? Sozinho conhecera, se não o mundo, pelo menos diversas capitais das mais famosas, e não houve uma única pela qual tenha passado de todo só: aonde fosse as conquistas pareciam-lhe coisa fácil, satisfatória e, principalmente, vantajosa por não implicar compromisso.

Leopoldo às vezes pensa retrucar ao colega de trabalho, contrapondo às suas instâncias para que finalmente arranje uma esposa o próprio desastre que

ele, Josias, enfrenta em família — e para entendermos o caso, vamos invadir um tanto a privacidade doméstica do amigo, mesmo porque é hora de conhecermos mais de perto nosso segundo herói — ou anti-herói, que melhor quadra para o tipo que vamos examinar.

Josias Leitão é filho do subúrbio e na infância vendeu picolé no trem da Central para ajudar nas despesas da casa. Estou ciente de que um começo assim não promete — costela tão reles não dá bom caldo, dirão os que por complacência me lêem —, mas o que fazer? Devo ater-me aos fatos, e os fatos são esses e não outros: Josias, o mais velho dos cinco irmãos, vendeu bala e picolé no trem da Central, com o que pôde ajudar o pai a manter a casa, pois a mãe enferma nada podia fazer a não ser consumir o magro orçamento doméstico; na sua esteira, chegando a idade, seguiram os outros — exceto a segunda da prole, a única menina da turma, que ficava em casa lavando e cozinhando —, e houve época de Josias sair manhãzinha levando consigo os irmãos e cada qual sua caixa de isopor, e só entrarem em casa à noite. Josias quis estudar, mas quase não pôde, e melhor diremos se dissermos que freqüentou, sim, a escola, mas mal, e só conseguiu um diploma do segundo grau aos dezoito anos, quando a mãe havia dois anos partira desta para melhor. Fazia bicos aqui e ali com que continuar ajudando o pobre pai, já entrado em anos e também com a saúde abalada — pois apesar de não serem os anos tantos assim, multiplicavam-se com a penúria e suas seqüelas —; fez à noite um cursinho de auxiliar de escritório e outro de datilografia, conseguiu um emprego regular aos vinte e sete anos e um ganho melhor — apenas pouco melhor — na empresa em que ficou até o momento em que vamos conhecê-lo, e onde permanecerá certamente até aposentar-se, o que não demora acontecer. (Antevemos que o Leitão, uma vez aposentado, continuará trabalhando, e até mesmo em dobro, porque pessoas assim não aspiram a outra coisa na vida que não esfalfar-se num trabalho quase inútil, que rende menos do que merece o laborioso oficial e mais do que na verdade vale.)

Aos vinte e dois ainda fazia bicos e levava uma vida incerta. A irmã casara-se havia dois anos, um dos irmãos arranjara um emprego nos correios e os dois mais novos estavam a essa altura engajados na caserna.

Foi então que, mal tendo completado vinte e três, iludido por um par de olhos castanhos e um sorriso espontâneo numa carinha regular, resolveu casar-se e levou a mulher para a casa paterna. O arranjo — proposto pelo pai, para que não tivessem uma desnecessária despesa de aluguel — não foi mau, pois a moça era simples, de boa índole, deu-se bem com o sogro e cuidava dele como se fosse seu próprio pai; o sogro, por sua vez, apreciava o gênio afável da nora e os caldos que ela sabia preparar. Os três anos seguintes foram de durezas: Josias levantava-se às cinco e meia e só chegava em casa às oito da noite, esbodegado, mal conseguindo tomar um banho e largar o corpo na cama, para na manhã seguinte estar mais uma vez de pé.

(Fazendo uma pausa nos acontecimentos, sendo esta uma história que trata das esquinas do amor, falemos do amor do Leitão por sua leitoinha. Josias conheceu Celita numa festinha de aniversário no subúrbio [não sabemos ao certo onde, o que não faz diferença, já que todo subúrbio se parece, ou seja, é feio, sem graça, deselegante e no mais das vezes fede]. Nunca fora um grande namorado, seja por falta de tempo, de dinheiro, de graças físicas ou de todas essas causas juntas; tampouco seria virgem. Digamos que às vezes conseguia arrastar uma desbeijada qualquer para trás do muro da via férrea ou, em sobrando um trocado, pagar um motel para dar-se ares, coisa de momento, pois seus ares de tão escassos pouco duravam, e deles melhor seria dizer desares, e até mesmo desaires. Celita não era bonita mas também não se podia dizer que fosse feia: magrinha, cabelo encaracolado feito Miojo, rostinho miúdo. Somos propensos a crer que não foi pelo rosto que Josias se apaixonou, mas pelas mãos de Celita: a moça cuidava das mãos com esmero, fazia as unhas com perícia e usava esmaltes discretos, mas era a própria forma dessas mãos que encantava, os dedos pequenos e afilados, ágeis no gesticular, a borda externa polpuda mas não em excesso e a tonalidade da pele que lembrava doce de leite... O namoro começou desde a primeira vez que dançaram, na vitrolinha mono tocando um sertanejo desses que a gente releis aprecia, e embora desajeitado Josias beijou com gosto sua futura consorte, que riu de puro embaraço e afundou o rosto em seu peito. Em menos de um ano estavam casados, esperava-os uma vida de aflições, incertezas e escassez, mas isso não lhes parecia importar muito — talvez por cogitarem que a vida era assim mesmo e não poderia ser de outro jeito, ou por não cogitarem nada, o que é mais provável, pois nos parece que os leitões via de regra não têm o hábito de cogitar.)

Nesse meio-tempo, o irmão que trabalhava nos correios também se casou e mudou para o norte, onde residia a família da noiva, e com pouca frequência de lá escrevia dando notícias e falando das dificuldades do dia-a-dia, o que não seria uma novidade. Dos dois mais novos, um continuou na caserna, e como não via melhor expectativa para o futuro por lá persistiria: planejava passar a cabo em breve, com pouco mais a terceiro sargento e estabilizar-se; o outro dera baixa e fora trabalhar como estafeta numa firma, alugara um cômodo próximo ao emprego e só vinha em casa de quinze em quinze dias. Sendo suficiente o que já dissemos acerca da família de Josias Leitão, desnecessário é amiudar mais: vemos que cada qual a seu tempo ganhou o mundo, ninguém se destacou em coisa alguma e levaram sua vida ordinária por aí, do mesmo jeito que outros milhões de fracassados, de resto a grande maioria das gentes, que finge sua existência anódina porque fica feio desistir dela; se escolhemos nos concentrar em Josias é unicamente por ele fazer parte da tríade de que trataremos em nossa história.

De um mal súbito morre o pai de Josias.

Transtorno!

A herança, que já era pouca, torna-se pífia quando é para dividir-se entre cinco. Como dos irmãos nenhum pudesse comprar a parte dos outros, acordaram que o melhor para todos seria vender a casa no subúrbio e repartir o dinheiro. O que coube a Josias coube a cada um dos demais, o que coube a cada um dos demais coube a Josias: um dinheiro escasso que lhe permitiu tão só dar entrada num apartamentozinho estreito, de não mais que cinco cômodos apertados, que ele terminaria de pagar numa infinidade de prestações que mal cabiam no seu bolso puído — mas que tinha a vantagem de ser mais perto do centro. Foi por essa época que conseguiu seu emprego na Top-Mais Calçados S.A., emprego que trataria de agarrar com unhas, dentes e cabelos...

Lembremos neste ponto que como já fizesse quatro anos de casado não é de surpreender que o casal já tivesse três filhos, e como todo miserável outra coisa não faz a não ser filhos para que herdem sua desgraça, foi o que Josias e a mulher fizeram nos anos seguintes. Pode-se atribuir tal comportamento à ignorância sobre a necessidade de um planejamento familiar e a responsabilidade de não acrescentar miseráveis ao mundo, pois decerto Josias e a mulher não desconheciam o uso de preservativos.

O pobre-diabo viu-se então obrigado a desdobrar-se em serões, muitas vezes até nos sábados e domingos, para fazer frente às despesas cada vez maiores, e quando decidiu que era hora de pôr um fim na fertilidade da mulher, já tinha nove crianças em escadinha tirando-lhe definitivamente a paz; aos cincoenta e um anos de idade e vinte e oito de matrimônio, quando se podia dizer que os filhos estavam quase todos crescidos e a maioria já não dependia dele; que, por fim, teria direito a um pouco de sossego, a situação estava pior: agora eram os netos que lhe enchiam a casa e a quem ele se via na contingência de ajudar a manter: seu mais velho, Atílio Leitão, justamente aquele que mais largara crias no mundo, largara também a mulher e os rebentos em sua casa — fora aqueles que rebentaram pela rua e para lá ficariam se ele não se apiedasse e, mesmo não levando para sua casa, prestasse auxílio como e quando podia —; seu mais velho, portanto, desembarcou a mulher e as crias em sua casa e desapareceu como num passe de mágica: no início de nossa história fazia pelo menos cinco anos que não dava qualquer notícia, tanto poderia estar vivo quanto morto; as quatro meninas que se seguiam ao mais velho, também sem refletir sobre a necessidade dos preservativos e de não produzirem indigentes, já carregavam cada uma o seu (apenas uma estava casada e tinha sua própria casa), e não tardaria que os mais novos também contribuíssem com sua cota de pirralhos catarrosos para a explosão demográfica domiciliar, tudo isso recaindo-lhe nas já recurvadas costas de escravo doméstico.

O apartamentozinho de cinco cômodos regurgitava.

Josias não era, todavia, homem para desânimos. O desacerto doméstico, ele o encarava com boa disposição, e se lhe escasseava tempo até mesmo para passar os olhos no caderno de esportes (sua única distração eram os jogos do

Vasco, que ele assistia na TV pela falta de dinheiro e oportunidade para ir ao Maracanã), não escassearia para inventar mais serão ou levar trabalho para casa. No final das contas, se por um lado a esposa do Josias ao fim de todos aqueles anos de aperturas minguara feito uva-passa, por outro o próprio Josias mais não seria que um punhado de ossos dentro de uma pele ressequida feito couro de tambor, as roupas penduradas em seu corpo como num cabide de pau, os olhos fundos na cara chupada.

Sim, Leopoldo pensa às vezes em fazê-lo enxergar sua própria realidade, mas nessas ocasiões reflete que é melhor sacudir ombros...

Nosso anti-herói ainda não seria o cadáver ambulante que descrevemos acima quando ele e o Leopoldo se conheceram. Fora uma casualidade: estava em sua seção no subsolo da empresa quando recebeu uma ordem extraordinária para levar uns papéis no quinto andar. Como já dessem as horas encontrou o destinatário dos tais papéis saindo para o almoço.

— Obrigado — disse-lhe o tipo bem vestido e de ar jovial sentado detrás de uma mesa. — Pode deixar aí em cima que mais tarde eu dou uma olhada. Já almoçou?

Josias recuou um passo fazendo que não com a cabeça e murmurando qualquer coisa inaudível em resposta.

— Pois então, está na hora. Pode vir que é por minha conta. Leopoldo. E você?

— Josias Leitão.

— Hum... Lá de baixo, não? — por “lá de baixo” Leopoldo indicava o subsolo, o porão onde trabalhavam os assalariados e a vista eram apenas aquelas paredes cinzentas de cimento, os corredores sombrios iluminados por lâmpadas sujas de cocô de mosca e poeira, amareladas, tristes.

— Sim, senhor.

— Nada de senhoria, caramba! Temos a mesma idade, parece-me...

— É possível — gaguejou o Josias na mesma proporção em que Leopoldo falava com desenvoltura.

— Oh, com certeza — fechou uma gaveta, apanhou o paletó, indicou a porta para o subalterno e saiu em seguida, trancando a sala. — Vamos aí em frente, é uma casa simples mas muito asseada e a comida é ótima.

— Se o senhor insiste...

— Claro, mas sem senhoria. Josias, não? — perguntou, como se já tivesse esquecido.

— Sim...

— Leopoldo. Não gosto desse negócio de senhor pra cá, senhor pra lá, Leopoldo e pronto.

— Está certo — e o Josias esboçou um sorriso que mais pareceu o retorcer de cara de um macaco, tal o seu embaraço.

Desse almoço, durante o qual frente à vivacidade de Leopoldo o Josias

foi pouco a pouco pondo-se à vontade, resultou uma amizade franca e permanente. Contudo, enquanto nos anos seguintes Leopoldo progrediu rapidamente na empresa chegando ao posto de sub-diretor executivo com vencimentos invejáveis, Josias estacionou, e não fosse o amigo em sua ascensão lembrar-se dele, restaria esquecido em sua saleta “lá embaixo”; lembrando-se dele, porém — impossível seria esquecer, já que agora quase sempre almoçavam juntos —, conseguiu com o tempo alçá-lo a um cargo mais bem remunerado. Quando se viu instalado num salinha melhor, de onde podia espiar pela janela e ver a rua; quando percebeu a mudança em seu contra-cheque, não coube em si de contentamento, seus olhos encheram-se d’água e jurou em silêncio com seus botões dar a alma pelo amigo. Tanto, está claro, não seria necessário, o contrário é que aconteceria, pois mais de uma vez seria o Leopoldo a socorrê-lo, mesmo sob protestos de que não queria incomodar, “você já fez muito por mim, não é preciso”, mas Leopoldo não dava atenção:

— Amigo é pra essas coisas — sentenciava, sem admitir contestação.

Embora tivesse passado a ganhar mais, esse “mais” não seria bastante para fazer frente ao cataclismo familiar que com os anos se abateria sobre o infeliz. Leopoldo sabia disso, mais não podia fazer, e mesmo que tentasse o Josias se ofenderia: um homem de brios não suportaria a humilhação da esmola, e como não tivesse medo de serviço, continuava a desdobrar-se pelos anos afora.

Ouvindo as referências do amigo às vantagens do casamento (embora com tais protestos o Josias lhe pareça meio desarranjado da bola), Leopoldo sorri um sorriso fino de descrédito e nada diz. Por que magoá-lo lembrando-o de seu próprio infortúnio? Para quê, murmura consigo mesmo, fazê-lo reconhecer que ele, Josias Leitão, sim, fizera uma loucura na vida? Dá de ombros, espia para a rua, funga franzindo o nariz... e o assunto morre por enquanto.

Porém Leopoldo tem outro amigo, este de infância, da infância passada em Rio Verde, de onde partira para ganhar a vida na cidade grande. Esse amigo chama-se Álvaro Ribeiro, e é tempo de introduzi-lo na história.

Álvaro e Leopoldo cresceram juntos em Rio Verde, teriam a mesma idade não fosse a diferença de um mês e meio a menos para aquele, estudaram na mesma escolinha da cidade, brincaram as mesmas brincadeiras com o resto da molecada, eram amigos de infância, continuaram amigos na adolescência quando disputaram as mesmas namoradas sem que isso despertasse rivalidades ou rancores, e no começo da vida adulta, cada qual seguindo rumo diferente, a amizade se manteve mesmo com o distanciamento: Leopoldo não fez o serviço militar, dono de uma inteligência aguda preferiu formar-se o mais cedo possível em Administração, título que lhe foi de grande valia ao ingressar na Top-Mais Calçados S.A., o que fez pouco tempo depois de formado; Álvaro esteve um ano na caserna, detestou a hierarquia e as tradições militares mas não deixou de obedecer ao regulamento, e ao dar baixa retornou placidamente para Rio Verde e continuou levando a vida como se nada tivesse alterado sua rotina.

A família de Álvaro não se destacava na sociedade local. Como em qualquer província, Rio Verde tinha seu “clube”, sua “nata”, porém os pais de Álvaro, pequenos comerciantes — o pai e a mãe se revezavam no balcão de uma papelaria — não faziam parte dessa “nata”, não tinham acesso ao “clube”, menos por rejeição do que por vontade: pessoas apagadas, viviam apenas para a estreiteza de seus limites domésticos, e conquanto mantivessem relações cordiais com a gente “melhor”, vale dizer, os socialmente elevados, tais relações não ultrapassavam as formalidades da educação, na conversa ocasional quando a “senhora fulana” ia à papelaria para comprar alguns envelopes, ou S. Ex^a o prefeito por lá passava para fazer alguma encomenda ou verificar se esta já havia chegado.

Deixando a farda, Álvaro passou a ajudar os pais com a papelaria. Nessa época o negócio cresceu — mas só um pouco, só o quanto podia crescer com o trabalho de mais uma pessoa, portanto em proporções numéricas a mudança não representou grande coisa. Álvaro, que havia abandonado os estudos por volta dos dezesseis anos, decidiu-se a retomá-los então e matriculou-se no terceiro ano do ensino médio. No fim não soube que curso escolher dentre os que eram oferecidos pela universidade local, ficou um ano na indecisão e quando prestou o vestibular decidiu-se, à última hora, por Direito, que abandonou no segundo período, “nunca vi nada mais chato do que o Direito” diria como justificativa; depois começou o curso de Farmácia, e novamente abandonou antes de dois anos, “sei lá...” já não soube ou não quis justificar-se; sua última tentativa foi Arquitetura, mas aquilo tudo lhe parecia tão estéril, árido e maçante que ao fim do terceiro período deu adeus de vez às intenções de formar-se. Voltou para o balcão da papelaria, planejou uns investimentos para que o negócio crescesse, o negócio cresceu, útubeou, rendeu um pouco mais, estagnou; tendo a banca de jornais e revistas da cidade fechado suas portas, Álvaro passou a incluir esses itens em sua loja, que voltou a dar algum lucro, até que novamente estagnou — e assim, de altos e baixos, melhor dizendo, de médios e baixos ele foi levando a vida.

Não que Álvaro Ribeiro fosse incapaz: assim como Leopoldo, era dono de uma mente arguta, quando queria aprendia rapidamente: p. ex., algum tempo depois de desistir de formar-se resolveu estudar inglês e em pouco tempo dominou o idioma; logo iniciou-se no alemão, que tampouco lhe ofereceu dificuldades, e não tardou a incursionar pela língua de Hugo, sempre com o mesmo sucesso — mas a verdade é que não se havia encontrado: o estudo de idiomas não passava de um capricho inconseqüente do qual não tentou tirar proveito, e assim cabe a pergunta: o que esperava ele da vida, além de vender canetas e cadernos? Não sabia.

Aos vinte e seis anos continuava no balcão da papelaria. O pai, que fizera seu pecúlio, comprou nos arredores de Rio Verde uma pequena granja para criar galinhas e se retirou, deixando o negócio na cidade por sua conta. Aos

vinte e sete Álvaro não se casara ainda. Havia pouco mais de um ano namorava uma ex-colega de escola dois anos mais nova, mas mesmo tendo ficado noivo da garota, após um pedido formal aos pais como ainda é costume em certas cidades e famílias, perguntassem-no se pretendia casar-se não saberia responder; se, insistindo com ele, quisessem saber se pelo menos amava a garota, tampouco responderia, e como ele próprio à sua maneira fizesse a si mesmo essas perguntas, um dia resolveu romper o noivado.

Naquela noite haviam saído para uma festa de aniversário. Foi de improviso, quando se retiraram para um recanto do jardim, que ele atirou:

— Lenice, é melhor terminarmos.

Diante do olhar espantado da moça, acrescentou:

— Com franqueza, não sei se a amo para justificar que continuemos juntos e nos casemos, tampouco sei se quero casar, seja com você, seja com qualquer outra. Assim sendo, não acho honesto de minha parte que continue enganando-a.

Lenice, assombrada com o inesperado do rompimento, só conseguiu exclamar:

— Você está me enganando, Álvaro! — e depois de uma pausa: — Com quem você está me enganando? É com aquela desbotada que sempre vejo na papelaria?

Álvaro não conseguiu evitar um sorriso, enquanto a olhava diretamente nos olhos. Então:

— Quem disse que a estou enganando com alguém, Lenice?

— Você acabou de dizer!!

— A que desbotada você se refere?

— Aquela branca azeda da loja defronte, que parece trabalhar não na loja defronte, mas na sua papelaria!

Lenice compreendera e não compreendera o que ele havia dito; em outras palavras, preferia estar sendo traída a vê-lo romper o namoro, e por fim podemos acrescentar que mesmo que ele a estivesse traindo, ainda assim ela seria capaz de perdoar.

— Eu disse... ora, o que eu disse! Você entendeu muito bem! Eu não a estou enganando com ninguém, muito menos com a moça da loja defronte! Porém, é como enganá-la manter um namoro que não vai passar disso. Você decerto deseja o casamento, eu não sei o que quero. Pronto! *C'est fini*.

Lenice estava boquiaberta de espanto.

— E você diz isso assim?

— Como você queria que eu dissesse?

Por fim a moça deu-se conta da verdade, cobriu o rosto com as mãos, caiu num banco sacudida pelos soluços e Álvaro, curvando-se e beijando-lhe os cabelos com carinho, disse, antes de se retirar:

— Perdoe, Lenice, mas tente entender.

Embora morassem na mesma cidade, Álvaro não botou os olhos novamente em Lenice. A moça evitava aparecer no centro; magoada, passara a esquivar-se de lugares públicos onde pudesse encontrar o ex-namorado, e algum tempo depois resolveu passar uma temporada em São Paulo, na casa de uma amiga que já a havia convidado diversas vezes. Dessa temporada, Lenice acabou ficando de vez, ao surgir a oportunidade de um emprego, e não voltou a Rio Verde por um bom tempo; ao visitar a família, passava o final de semana com os pais, ia até a casa de alguma amiga mais chegada e só. A própria Lenice não sabia explicar seu comportamento, a mágoa fispava-a ainda, mesmo já se tendo transcorrido seis meses, um ano, dois desde o fim do namoro. Seria mágoa mesmo ou despeito? Não vira mais o ex-namorado, não queria vê-lo, não compreendia seu coração: dizia para si mesma que não o amava mais, se é que chegara a amá-lo algum dia, mas pensar nele tinha farpas...

O tempo passou.

Nos dois anos seguintes ao fim do namoro, Álvaro continuou na papelaria. Divertia-se nos fins de semana, namorava aqui e ali sem compromisso, fazia a contabilidade dos pais no novo negócio — a granja —, levava sua vida sem se preocupar. Através de uma amiga em comum soube que Lenice havia se casado, mas isso não lhe causou perda.

Mais de uma vez ouvia um sermão do pai:

— Então, seu moço? Casa ou não casa? Você já está com vinte e oito, vinte e nove, trinta anos! Sua mãe sonha com um neto, pelo menos.

Álvaro sorria, “tudo a seu tempo, pai”, e voltava para seu quarto-e-sala nos fundos da loja.

A reviravolta, contudo, estava a caminho — como o próprio Álvaro, sem pressa, andando devagar.

Pachorrentamente.

Mas um dia ela, a reviravolta, aconteceu.

Chegara o verão, o calor intenso convidava os cidadãos para o interior, o veraneio intensificava-se em Rio Verde, as ruas se enchiam de gente estranha com suas câmeras fotográficas, suas bermudas e sandálias de couro, seus chapéus de palha como se estivessem em região praieira, o que até certo ponto não deixaria de ser, pois se praias não havia, havia cachoeiras, várias, que por essa época superlotavam.

Era assim todos os anos, naquele não seria diferente.

A não ser para Álvaro Ribeiro: naquele ano ele conheceria Isabela.

Isabela Di Franco Albertelli — nome sonoro, pele amorenada, olhos verdes, vinte e quatro anos. Bisneta de italianos. Filha de uma das grandes fortunas do país.

O que levou uma garota como Isabela Di Franco Albertelli para o interior num verão como aquele, quando ela podia muito bem ter escolhido um cruzeiro pelo mar grego, ou quem sabe encontrar um consorte em Saint-

Tropez? (Isso de “encontrar um consorte” pode muito bem ser tomado como força de expressão: linda e milionária, consortes não faltariam à espera de um olhar de aquiescência, mas podemos dizer que em Saint-Tropez ela pelo menos depararia algum príncipe europeu com quem divertir-se na noite. Mas em Rio Verde?)

O fato é que Isabela foi para Rio Verde; com o descuido de uma adolescente — embora sua adolescência já se distanciasse — passeou por ali com a prima feia, digamos assim, pois qualquer uma, prima ou não, na presença de Isabela figuraria como uma prima feia, mesmo que não o fosse de todo. A prima feia de que falamos era uma mocinha de dezenove anos, espigada de corpo, cabelos bem curtinhos, olhos castanhos, um pouco sardenta e com alguma graça, sim, mas nenhum dinheiro. Sendo assim podíamos ter dito que Isabela passeou por Rio Verde com a prima pobre, mas como na presença de uma fortuna como aquela alguém ainda que razoavelmente bem situado passaria por pobre, e daí para ser feio seria um passo, talvez menos, uma questão de conceito, ou preconceito, fiquemos no que deixamos: acompanhava a jovem e bela milionária sua prima feia, e está dito.

Isabela Di Franco Albertelli e a prima Tânia (e até no nome já percebemos a diferença entre ambas, já que desta última nem sequer referimos o sobrenome, não que não tivesse um, mas é que não lhe faria falta e para sermos exatos não nos lembramos dele); Isabela Di Franco Albertelli, portanto, e Tânia passaram por Rio Verde, divertiram-se nas cachoeiras, andaram a cavalo, o que lhes pareceu uma grande brincadeira, pois a menina rica estava acostumada aos nobres animais das cavalaria da família, enquanto os pangarés de aluguel traziam os atrativos da novidade; fizeram caminhadas pelas trilhas locais e chegaram no hotel esfalfadas...

Foi na véspera de irem embora — já estavam na cidade havia quase uma semana — que Isabela, deixando Tânia no hotel, saiu manhãzinha para um passeio pelo centro, que ela até então havia negligenciado — não sem razão, diga-se de passagem, pois tão desimportante era o centro que ela não perderia nada (e talvez até ganhasse) se lá não tivesse posto os pés.

Caminhando pelas ruas centrais vigiou com um arzinho divertido e meio debochado o comércio mofino, a gente simples que trançava pelas calçadas, os bebedores que já de manhã paravam pelos bares e chegavam à porta ostentando os sinais incipientes de embriaguez... Deteve-se por um momento na entrada da papelaria olhando as revistas em exposição, as manchetes do dia, e apanhando uma revista na prateleira foi até o balcão.

Ela podia esperar pelo que aconteceria quando seu olhar cruzasse com o de Álvaro Ribeiro? Para o leitor não será surpresa se dissermos que Álvaro, ao deparar a verde intensidade do olhar de Isabela, ao vislumbrar a cor de canela de sua pele e o porte altaneiro de seu corpo esplêndido, teve um estremecimento que o deixou momentaneamente desnorreado; afinal qualquer homem

que, apreciando o belo sexo, se visse diante de uma garota assim estremeceria primeiro, teria uma vertigem em seguida, e por fim não saberia o que fazer ou dizer, pois até mesmo as palavras perderiam o caminho da laringe. Porém, o que terá feito Isabela Di Franco estremecer, deter-se paralisada com a revista nas mãos e por um breve instante perder a fala? O leitor decerto há de pensar que estamos ou exagerando ou mesmo mentindo! Pois a jovem e linda milionária Isabela Di Franco Albertelli avançou até o balcão exibindo a revista escolhida, entregou uma cédula que apanhou ao acaso na bolsa que levava a tiracolo, “pode ficar com o troco” disse nem sequer olhando a pessoa que ali estava para atendê-la e virando-se saiu sem mais, ganhando a rua, ganhando o mundo, pois o mundo seria inquestionavelmente seu, dizer “ganhando-o” soa mesmo como uma redundância... Foi assim, ou mais ou menos assim que aconteceu, dirá o leitor taxativo, recusando-se a crer que pudesse ser de outra forma.

Caro leitor... foi de outra forma.

Os olhares de Isabela e Álvaro se cruzaram no que ela se aproximou do balcão com a revista nas mãos. Ele, já sabemos, estremeceu e o mais que já foi dito; ela parou, sentiu-se momentaneamente perdida enquanto a expressão de seu rosto se liquefazia, isto é, diluía-se para recompor-se dois ou três segundos depois, momento em que, atrapalhando-se ao procurar o dinheiro, deixou cair no chão alguns badulaques — essas coisas que não servem pra nada e as mulheres normalmente carregam em suas bolsas —, acontecimento que fez Álvaro despertar de seu apatetamento e apressar-se em ajudá-la: contornou pressuroso o balcão e abaixou-se — abaixaram-se juntos — para recolher os objetos caídos.

De novo, e mais próximos agora, seus olhares outra vez se fisgaram. Sorriam um para o outro...

Isabela não viajou no dia seguinte: ficaria ainda uma semana em Rio Verde, e nos dias e noites seguintes foi vista sempre na companhia da prima feia e de Álvaro (que deixou a papelaria por conta de um substituto): no restaurante do hotel, nos pontos turísticos, nas casas de espetáculo (embora falar em casas de espetáculo em Rio Verde seja mesmo uma força de expressão: o clube local, um *dancing*, um pequeno teatro onde vez por outra algum cantor ou um conjuntozinho musical da localidade se apresentava não podem legitimamente levar esse nome, dependendo de quem esteja na platéia)...

Tânia divertia-se a valer com o flerte entre sua prima e o pobretão da cidade. Visto está que não levava tal coisa a sério, mesmo reconhecendo que Álvaro era um tipo bastante atraente (consigo mesma chegou a pensar que se a prima desse uma chance não hesitaria em passear com o rapaz por algumas daquelas trilhas solitárias que haviam percorrido nos dias anteriores).

— Não vai desgrudar do pobretão não? — Tânia perguntou um dia de manhã, enquanto passava um pouco de pó nas faces defronte ao espelhinho do banheiro.

— Não gosto que você fale assim — retrucou Isabela, ainda na cama.
 — Ah, Isabela! Caramba! Essa não!
 — O que foi?
 — Não vai me dizer que está apaixonada pelo cara?
 — Não é isso...
 — Logo você!
 — O que tem eu?
 — Será que não vê a diferença que há entre você e esse sujeito?
 — Tânia, por favor! Eu não disse que estou apaixonada. Só que não acho legal referir-se dessa maneira ao rapaz. Tem sido uma boa companhia, agradável, leva-nos a lugares interessantes, ignora quem sejamos...
 — Quem você é — corrigiu Tânia —, não eu, que sou tão pobretona quanto ele.
 — Ignora quem sejamos — reforçou, incisiva, Isabela —, você é minha prima e tem tudo que eu tenho. Mesmo ignorando quem somos, mostra-se educado e respeitador.
 — Respeitador. Vá se fiar.
 — Pelo menos até agora.
 — Quando vocês dançaram ontem à noite, agarradinhos, ele não tentou nada?
 — Não.
 — E você espera que eu acredite nessa!
 — Não tentou mesmo. Fez-me elogios, claro... Disse que se impressionara comigo, que me achava bonita, essas coisas... mas logo mudou de assunto.
 — Não teve mão boba?
 — Não lhe disse que é respeitador? Nada de mão boba.
 — Jura? — Tânia agora está à porta do banheiro e encara a prima entre séria e divertida.
 — Não estou lhe dizendo? Puxa, não acredita?
 — Bem — e foi sentar-se na beira da cama —, se você está dizendo...
 Isabela espreguiçou-se. Pôs um pé pra fora da cama, pôs o outro, sentou-se, bocejou espreguiçando-se outra vez.
 — Ele é bem simpático mesmo — admitiu Tânia.
 “Ele é maravilhoso” pensou consigo mesmo Isabela, mas por nada deste mundo diria isso em voz alta. Por mais que confiasse na prima, preferia guardar consigo mesma o que se passava em seu íntimo.
 Por fim Isabela disse a Álvaro que não podia ficar mais: as aulas começavam no princípio da semana seguinte, “tanto para mim quanto para minha prima” acrescentou, “por mim eu nem me importaria em perder o começo das aulas, mas Tânia não pode negligenciar, sabe?, a faculdade, os pais dela nesse ponto são bastante exigentes”.

Álvaro suspirou no dia seguinte quando se despediu das garotas, e ficou olhando demoradamente o carro afastar-se, desaparecer na estrada. Passou aquele dia pensativo, pediu ao substituto que ficasse ainda um pouco na papelaria e foi até a granja dos pais. Almoçou em sua companhia, proseguiu com os velhos, ouviu do pai mais uma vez a velha cantilena, “meu filho, meu filho, você precisa tomar estado”, e já no final da tarde, a papelaria fechada, entrou em casa com um desespero contido no peito.

“É claro que eu não verei mais essa garota, e nem sei ao certo quem ela é.”

Estirado no sofá da sala viu a noite penetrar, vagarosa, pelos vidros da janela e continuou ali, deitado, pensando...

Certo dia, já se haviam transcorrido cinco ou seis semanas desde os episódios narrados nos parágrafos anteriores, Álvaro voltou do almoço, abriu a papelaria e, mal começou a organizar algumas mercadorias nos fundos da loja, pareceu-lhe que algum freguês havia entrado. Avançou até o balcão e estacou, quase sem acreditar no que via: com uma revista nas mãos, Isabela sorria para ele.

— Casar?! — Leopoldo olhava atônito o amigo enquanto, instalados em mesinhas postas na calçada, tomavam um chopinho no bar defronte à praça.

— Por que o espanto? — Álvaro perguntou.

Naquele final de semana Leopoldo viajara para Rio Verde, como fazia regularmente todo mês a fim de visitar a família. Nesses dois dias que passava no interior aproveitava, entre outras coisas, para estar com os amigos, Álvaro o mais próximo e assíduo. Tomar uma cerveja no barzinho defronte à praça era o costume.

Leopoldo não se surpreendeu com o rompimento do noivado com Lenice, pois namoros e noivados não são para sempre, “nem o casamento é para sempre, embora apenas seja uma amolação maior” pensava consigo mesmo; achou divertida a história do namoro do amigo com uma garota rica, e agora, quando ia a Rio Verde em visita aos pais nem sempre o encontrava, “Álvaro viajou ontem” dizia-lhe o substituto na papelaria, “foi passar o final de semana com a namorada” acrescentava, “um final de semana ela vem, outro ele vai”; porém quando Álvaro naquela tarde de sábado lhe falou que iria casar-se com Isabela, não pôde conter o espanto:

— Você está certo disso? — perguntou. — Tem certeza de que é uma boa idéia?

— O que há de errado na idéia? — foi a vez de Álvaro estranhar a reação do amigo de infância.

— Bem... Um namoro está certo... é diversão, é, por assim dizer, um “descompromisso”, mas... casamento? — e fez uma careta.

Álvaro bebeu pausadamente sua cerveja, pousou o copo na mesinha enquanto olhava para o largo em frente, as crianças que brincavam nos brinquedos públicos instalados pela prefeitura, os dois conhecidos cachorrinhos que rodeavam a carrocinha de churro.

— Eu e Isabela já estamos namorando há quase um ano — disse por fim —, eu vou completar trinta e um em breve... aliás, vamos completar trinta e um em breve, não é, Leopoldo? Você primeiro... Mas, então é isso, com trinta e um, tendo encontrado uma boa garota, a gente se gostando como se gosta, não vejo por que não... Inda mais que meu pai vive insistindo para que eu me case e lhe dê netos.

Leopoldo meditou.

Deixou a cerveja esquentar no copo antes de dizer qualquer coisa.

— Os Di Franco Albertelli são uma das famílias mais ricas do Brasil, Álvaro, você sabe onde está se metendo?

— Sei que Isabela é uma garota rica — disse depois de um minuto —, mas uma das mais ricas do Brasil, duvido...

— Não, você não sabe onde está se metendo.

— Caramba, Leopoldo!

— Ou está querendo dar o golpe do baú?

— Caralho, Leopoldo! Que golpe do baú! Parece que não me conhece!

— Desculpa, mas... Álvaro, falando sério: essa história de hierarquia social, sabe?, não é só história, essa gente leva isso a sério **mesmo**! — fristou a palavra “mesmo”. — Essa família tem dinheiro feito água, é de botar no chinelo muitos por aí que posam de milionários, você não tem idéia...

— Bem, eu já estive na casa deles... é uma mansão, mas...

— Não, não... Você não esteve na “casa” deles, Álvaro, não! Você esteve numa das mais de vinte mansões que eles têm espalhadas pelo mundo, e a do Rio é a menor delas. Nas revistas que falam dessas pessoas os Di Franco Albertelli sempre aparecem... Além disso um dos diretores lá da Top Mais conhece o pai de Isabela e nos conta. Estou lhe dizendo: você não sabe em que família está entrando.

— Puxa, mas que estímulo! — Álvaro fez um muxoxo, aborrecido, e permaneceu com o cotovelo apoiado na mesa, enquanto se fixava nos cachorros perto da carrocinha de churro.

— Como eles te receberam? — Leopoldo quis saber.

— Bem, com simpatia, fizeram questão de deixar-me à vontade.

— Sim, pensando que se tratava de um amigo da filha...

— Não, Isabela me apresentou como namorado.

— Ah... mas pelo menos pensam que você é algum empresário de sucesso...

— Tampouco. Isabela, quando me apresentou aos pais, disse textualmente “o Álvaro, papai, tem uma papelaria em Rio Verde”.

— E...?

— E nada. Continuaram simpáticos, continuam simpáticos até hoje. Entro em sua casa como se fosse na minha.

Conhecendo a reação de Leopoldo — bastante racional —, talvez devêssemos dar uma espiada na da família Albertelli quando Isabela lhes anunciou a firme intenção de casar-se com Álvaro. (Não será relevante a da família do próprio Álvaro: aquela gente simples nem sequer tinha idéia de que uma tal fortuna pudesse aproximar-se de sua obscura cidade, quanto mais de sua casa, de forma que à notícia do casamento reagiram com a natural alegria de pais que querem o melhor para seus filhos, na cabeça dos quais esse “melhor” será sempre o casamento, a estabilidade, e netos...)

— Casar, minha filha? — exclamou a senhora Di Franco Albertelli. — Com esse rapaz?

— Ué, mãe...

— Sua mãe tem razão, minha filha — ponderou gravemente o pai —, trata-se de um casamento muito desigual.

— Mas... a gente já namora há um ano... e só agora vocês se opõem!

— Não, Isabela — a mãe, com igual gravidade. Falavam em tom moderado, eram pessoas finas. — Não nos opomos, só estamos querendo que compreenda o abismo social que há entre vocês.

— Vocês acham que ele é um aproveitador? Um interesseiro?

— Não dizemos isso, filha — contornou o Sr. Albertelli.

— Tampouco o negamos — completou a mãe. — O Álvaro procedeu sempre com muita distinção em nossa casa, é simpático, não o podemos negar... um homem bonito, sem dúvida... pareceu-nos uma pessoa boa, mas...

— Mas... — e o olhar aflito de Isabela ia do pai para a mãe, da mãe para o pai.

— Não vamos interferir — disse o pai. — Nunca interferimos em seus namoros, não somos antiquados... hoje em dia, enfim... são outros tempos. Pedimos apenas que reflita bem, para não haver arrependimento depois.

— Além do mais é preciso pensar também no rapaz — adverte a mãe. — Ele poderia sair magoado dessa história.

— Perfeito! — reforça o pai.

— Se, porém — e a mãe assumiu um tom levemente sentencioso —, a decisão for mesmo pelo casamento, impomos uma condição.

— Qual?

— O casamento será em regime de separação de bens — disse o pai.

— Caramba, pai! Ele não está interessado em nosso dinheiro, ele me ama! Afinal eu não tenho atrativos que possam, por si mesmos, agradar a um homem?

— Disso não temos dúvida — respondeu a mãe, tomando as mãos da

filha e fazendo-lhe uma carícia nos cabelos —, mas você é nossa filha única e fazemos tudo para preservá-la.

— Claro que ele terá participação no patrimônio — disse o pai dando um ou dois passos pela sala. — Digamos que lhe concederemos algum capital... e uma colocação em nossas empresas, para que ele não se sinta vexado; será você a fazer isso, estimulando-o a investir, por exemplo, mas isso fica a seu critério, você é esperta, saberá como fazê-lo sem melindrar o rapaz... Mas essa condição nos parece indispensável.

Isabela baixou a cabeça. Refletiu. Levantou a cabeça. Olhou os pais.

— Está bem — disse —, se é assim... Mas com o tempo vocês verão que eu tenho razão, o Álvaro não é um interesseiro. Está certo, é pobre, mas... mas penso que o que vale é o sentimento que temos um pelo outro... eu o amo, e ele a mim...

— Menina sonhadora — sorriu a mãe bagunçando o cabelo da filha para desanuviar o ambiente e desfazer as tensões. — Confiamos em você, filha, no seu discernimento...

— Confiaremos também em seu noivo — disse o pai com um sorriso amistoso —, creio que ambos merecem.

Voltando aos nossos amigos com sua cerveja naquela tarde de sábado, no barzinho defronte a praça de Rio Verde, Leopoldo, às declarações do amigo, coçou a testa, correu os dedos pelo cabelo. Por alguns momentos pensou em si mesmo: trabalhava há vários anos na Top-Mais Calçados S.A., progredia francamente na empresa, alcançara cargos com os quais funcionários antigos de quase trinta anos nem sonhariam, com sua perspicácia empresarial era visto com simpatia pela diretoria, “esse rapaz traz dinheiro para a empresa” ouviu cochicharem certa vez às suas costas (língindo não ter escutado para não parecer vaidoso), e já gozava de uma situação financeira que lhe permitia ter carro do ano e seu próprio apartamento em bairro bom. Não se sentia talhado para o casamento, mas se fosse, arriscar-se-ia a envolver-se com alguém de um nível social tão elevado? E ao mesmo tempo que media a situação financeira do amigo pela sua, reconhecia que comparados aos Albertelli ambos estavam na mesma.

Chegando neste ponto de nossa novelinha banal; digo banal, e até mesmo banalíssima, porque o leitor decerto já percebeu que se trata da história vulgar de um casamento calamitoso, uma união desigual com tudo para resultar igualmente num desastre e um celibato voluntário; chegando portanto neste ponto, é momento de voltarmos a tratar do nosso amigo Leopoldo, e já tendo adiantado que ele não se sentia talhado para o casamento (o que se reforça com a referência a um celibato voluntário), façamos a mui natural pergunta: sendo Leopoldo um sujeito bem situado na vida, que vez por outra leva alguma diversão para casa — mesmo que seja para despachá-la na manhã seguinte —, não

teria nunca gostado de fato de alguém? (Lembremos que fomos conhecê-lo já um solteirão inveterado de 49 anos e essas idas e vindas foram feitas para apresentarmos os outros dois heróis da história.) Não teria mesmo pensado, em nenhum momento — por exemplo, naquela idade típica em que todo homem teima em cometer alguma asneira, como vimos Álvaro Ribeiro prestes a fazer e o Josias Leitão já tendo feito —; não teria pensado, portanto, em casar-se? Enfim, nunca se apaixonara?

É da análise desse aspecto trivial da vida de nosso amigo que, com efeito, iremos desvendar sua personalidade.

Até os vinte e quatro anos Leopoldo não tivera por nenhuma mulher um sentimento que o levasse a pensar em algum compromisso mais sério do que os namoricos de fins de semana, excetuando os namoricos corriqueiros da adolescência, dos quais, contudo, os adolescentes, deixando de sê-lo, se esquecem em dois tempos. A essa altura de sua jovem vida, Leopoldo era um recém-formado com um futuro incerto, mudara-se para uma cidade grande, passou alguns apertos, fez uns bicos para sobreviver — período durante o qual não tinha nem tempo nem ânimo para pensar em namoro —, mas tendo-se candidatado a um cargo na Top-Mais e sido aprovado após entrevista, conseguiu seu ambicionado emprego e foi ali que, certo dia — já trabalhava na empresa havia uns seis ou oito meses —, uns olhos azuis atraíram sua atenção: esses olhos pertenciam a uma colega de trabalho recém-contratada que ocuparia uma sala ao lado da sua. Chamava-se Mirtes, tinha cabelos loiros e a pele clara, um corpinho miúdo mas como que cinzelado por escultor de truz no melhor Car-rara do mercado.

Mirtes, com um ano a menos, pareceu ter simpatizado também com Leopoldo, e assim como quem não quer nada passaram a sair juntos quase todos os dias ao final do expediente, aproveitando o fim de tarde — mormente nos dias longos de verão — para tomarem um chopinho e conversarem sobre... bem, sobre qualquer coisa que não os conduzissem para assuntos do coração, como quem faz rodeios, toma aperitivos, prova tira-gostos, receosos de que o prazer acabe rápido demais se vão com muita sede ao pote, em outras palavras, se atacam com muita fome o prato principal; ainda em outras palavras... bem, o leitor já deve ter entendido.

Algo que ainda não foi dito sobre Leopoldo Ventura e que diremos agora, traço essencial de sua personalidade e que decerto o fez conduzir sua vida amorosa como conduziu, era sua compulsão pela beleza — da qual, àquela altura, ainda não se teria dado conta, mas que, conscientemente ou não, ditava regras ao seu coração.

A beleza de Mirtes preenchia suas exigências, e nos momentos de maior proximidade Leopoldo deleitava-se em contemplar as feições da moça como um *connaisseur* — digamos assim, um especialista em arte diante de um Caravaggio. Encantava-o a brancura de sua pele impoluta, sem sardas nem pintas

nem qualquer outro tipo de manchas; com a ponta dos dedos tocava e alisava os pêlos finíssimos e quase transparentes dos braços e das pernas com uma delícia que às vezes despertava o riso na própria garota, “bobo” dizia ela, “não sou nenhuma divindade”, mas ele pousava a cabeça em seu peito sentindo nas faces a firmeza macia dos seios, fechava os olhos, “é como se fosse” respondia, “ah!...” e nesses momentos desejava morrer... mas apenas de uma forma figurada, está visto: quando se deu conta de estar de fato apaixonado pensou em casar-se com Mirtes; antevia o lar, o recolhimento doméstico, uma criança trançando pela casa, e no meio de tudo aquilo, banhada num halo resplandecente, a provedora da paz e do prazer, sua mulher...

Perdoe-nos o leitor tal derramamento e seu tanto de bufonaria, mas cumpre — como já foi dito — sermos fiéis aos fatos, e se o pieguismo amoroso é algo bastante comum entre os apaixonados — ainda que alguns, ou talvez a maioria, não o admita —, não podia deixar de ocorrer — e com muito mais intensidade — com nosso Leopoldo, que se apaixonava pela primeira vez.

Há coisas, contudo, que enfadam, até mesmo as melhores paixões, pois, ou não o são verdadeiramente (conforme certa corrente de pensamento), ou o são, porém sujeitas à corrosão do tédio (conforme outra corrente, não sei se predominante, mas da qual fazemos parte). Portanto, em que momento esse quadro cheio de blandícias começou a desvanecer-se?

Já namoravam havia cerca de um ano ou pouco mais. Se quiséssemos, porém, estabelecer o preciso instante em que a desilusão lançou suas patas pegajosas sobre um namoro que parecia tão promissor, mas que se estabelecera em bases muito pouco sólidas, não poderíamos: começou talvez com um fastio por parte de Leopoldo certa manhã de sábado quando, após chegar de sua caminhada habitual, por volta das nove, pensou em ficar em casa lendo um livro em vez de encontrar-se com Mirtes. Não saberia explicar por que tomara tal decisão, “vou ligar para ela marcando para a tarde” pensou, quando normalmente antes mesmo das dez e meia já estaria atravessando o portão da casa da namorada, onde passariam o dia juntos, salvo se resolvessem sair para almoçar e em seguida, aproveitando o belo dia de sol, fazer algum passeio (então se lembrou das vezes que visitaram o Jardim Botânico, o Parque Lage, a Pedra da Gávea, ou fizeram longas caminhadas pelo Aterro).

Naquela manhã, contudo, preferiu ficar em casa, e cumprindo o que se prometera, antes das onze ligou marcando não para a tarde mas para o dia seguinte. Mirtes estranhou um pouco, era a primeira vez em um ano que Leopoldo e ela não passavam o sábado juntos, mas ele alegou uma indisposição, “talvez esteja pegando uma gripe” mentiu; “quer que eu vá para aí?” alarmou-se ele ao ouvi-la, “assim eu faço uma sopinha pra você” ela completou, e ele apressou-se em dizer que não, “não se preocupe, querida, vou tomar uma aspirina e me enfiar na cama, creio que amanhã estarei novo em folha”, e após depor o fone no gancho estirou-se no sofá, abriu um livro não sem antes dar

uma espiada pela janela: dia de sol, as ruas estariam cheias depois da uma, “um bordejo por Copacabana...” e com algum sentimento de culpa tentou lembrar-se de quando fizera um passeio assim sozinho pela última vez...

Às duas Leopoldo Ventura caminhava tranqüilamente, sandálias de couro e bermudas *jeans*, pelo calçadão, no Posto 6. Detinha-se às vezes para olhar o mar através de suas lentes escuras, sentia com prazer a viração e os rumores da cidade e do mar se misturavam num cicio longínquo... Leopoldo está sozinho, o que nos leva a supor — e acertamos em nossa suposição — que ele não fora até lá para ver as belezas de biquíni, paquerar e, quem sabe, fazer alguma conquista; se conquista havia em seus planos seria a dessa pontinha de liberdade que ele já não conhecia, ainda que voluntariamente (como se via obrigado a admitir), desde que começara a namorar Mirtes com planos de casamento.

Naquele passeio pelo Posto 6 Leopoldo pensou. E o pensamento que lhe fez companhia quase constante durante a tarde foi “como seria depois do casamento?”, e ele concluiu que seria como vinha sendo há um ano, o que se não o incomodou de todo, tampouco pode-se dizer que o alegrou. Encontrando alguns amigos e sentando-se para tomar uma cerveja em sua companhia esqueceu suas preocupações, e só teve pressa em voltar para casa quando percebeu que as luzes começavam a acender-se: havia anoitecido e o mar se convertera numa plena escuridão...

Em casa, enquanto preparava qualquer coisa para comer, aquele quase incômodo retornou.

— Se eu me caso, não terei mais nada disso — ouviu a própria voz, e sobressaltou-se. O que significavam tais palavras? “Se eu me caso” repetiu em pensamento; ora, mas que seria aquilo? Por que aquele “se”, se o casamento parecia coisa decidida? — Afinal, não estará decidido? — perguntou-se, enquanto esperava o bife chegar ao ponto. — Eu amo Mirtes, ela é tudo pra mim... não! Não há por que não me casar com ela! Caso-me! Isso é coisa decidida!

Leopoldo, um tanto contrariado, apercebeu-se de que procurava dar às próprias palavras uma convicção que intimamente não tinha, e foi dormir preocupado com o encontro do dia seguinte.

No dia seguinte Mirtes quis saber se ele estava com efeito resfriado, “tomou a aspirina como disse que ia fazer? Cuidou-se? Evitou friagem, correntes de ar?”, como passara a noite e, tranqüilizada pelo bom aspecto do noivo, contou como fora seu sábado, “resolvi arrumar meu armário, e você não imagina que bagunça estava, quanta coisa tirei para jogar fora”; concluiu que de qualquer forma fora proveitoso ficar sozinha na véspera, “desde que não se repita” ela disse ao fim em tom de brincalhona censura.

Porém o estrago estava feito. Pouco a pouco Leopoldo começou a desinteressar-se de Mirtes, embora em sua presença fizesse um vero esforço para

nada transparecer, e aquela imagem adocicada que em muitas ocasiões se desenhava em seus devaneios — a mesma que descrevemos há pouco e que nos pareceu de um pieguismo rançoso —, quando lhe ocorria, também lhe parecia tola, ingênua e lamentavelmente ridícula.

O desinteresse crescente confundia-o, pois momentos havia em que Mirtes lhe parecia tão apaixonante como nos primeiros dias: nessas ocasiões, abraçando-a com muito carinho e tendo-a muito perto de si, deleitava-se em uma vez mais admirar sua beleza impoluta e dizia consigo mesmo que decerto passava por um mau momento, uma crise de dúvidas que devia ser muito natural, mas que o melhor a fazer seria mesmo não deixá-la perceber para que não se preocupasse, pois logo tudo haveria de “entrar nos eixos”.

— E se apressarmos o casamento? — disse em voz alta, mas não na presença da noiva, disse-o consigo mesmo, em casa, num daqueles momentos de confusão em que tentava entender o que acontecia com seu noivado. Disse-o primeiro com uma sólida convicção para em seguida titubear... “Não” reificou-se, “será melhor não agir com precipitação. Claro que vamos nos casar, mas...”

Mas o quê?

“...mas é preciso primeiro ter certeza de...”

Certeza...

...

Mirtes encarou-o com um sorriso de descrença como se desconfiasse de uma brincadeira — embora de gosto duvidoso —, quando sem mais nem menos ele declarou que o melhor seria terminarem o namoro, “pois não há futuro para nós” concluiu.

— Leopoldo... o que é isso?

— O que você ouviu, Mirtes.

— Você por acaso está brincando...?

— Estou falando sério.

Ela o encarava ainda sem compreender, mas o sorriso desaparecera de seu rosto. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não há futuro — ele continuou numa tentativa de explicação que ela não entenderia — porque cheguei à conclusão de que não a amo o suficiente. Ou seja: gosto muito de você, mas não de uma forma que justifique uma ligação pelo casamento.

— Não justifica... o quê?... não entendo...

— Além do mais somos muito jovens... e estamos começando a vida... mal começando a construir cada qual algo para si... e... — Fez uma pausa. Pensou na melhor maneira de continuar. — É isso — disse, sem encontrar palavras melhores —, e se é assim, não acho justo enganá-la mais... enganá-la, e a mim também.

Leopoldo, que fora à casa de Mirtes naquele sábado ainda sem saber

que tomaria tal atitude, levantou-se com a xícara nas mãos — tomavam um chá quente por causa do frio que viera com uma neblina e um nevoeiro matinal —, atrapalhou-se um pouco, em seguida depositou a xícara na mesinha de centro, murmurou um pedido de desculpas e saiu. Mirtes não tentou retê-lo, não fez nenhum protesto, apenas as lágrimas rolavam em silêncio por suas faces; perplexa com o inesperado do rompimento continuou sentada, fixando a parede à sua frente sem entender o que havia acontecido: na véspera — uma sexta-feira — tinham-se despedido como sempre, combinando apenas por hábito o encontro para a manhã de sábado, já que passavam sempre juntos o sábado e o domingo; durante os últimos dias não percebera nenhuma alteração no comportamento do noivo, nada que lhe fizesse crer que ele pudesse, por exemplo, ter outra pessoa em sua vida — “Não é possível!” refletiu, “se for isso, quando é que eles se encontram? Afinal estamos sempre juntos!” —, e somente naquela manhã, para justificar o rompimento súbito, Leopoldo declarava não amá-la o suficiente para casar-se, além do fato de serem muito jovens, de mal terem começado a construir algo para si, coisa que durante todo o tempo de namoro ele nunca deixara transparecer.

O rompimento deixou-o um tanto incomodado, embora convicto de que fizera o certo, e ao chegar em casa — ainda não eram onze da manhã — quis espiair, viajou para a casa dos pais no interior (o que consistia numa quebra de sua regularidade de hábitos, não sendo aquele o segundo final de semana do mês). Na segunda-feira Mirtes não apareceu para trabalhar e no dia seguinte soube que ela havia pedido as contas sem alegar qualquer motivo para tal decisão, incumbindo uma amiga de embalar suas coisas e enviá-las para seu endereço.

Leopoldo respirou com alívio. Passar-se-iam alguns anos antes de se reencontrarem, do que, no entanto, trataremos a seu tempo.

Nosso herói não passaria muito tempo sem uma namorada, porém a seguinte durou menos que Mirtes, e as que vieram depois passaram por sua vida — e por sua cama — sem conseguirem fisgá-lo. Transcorreram-se os anos, Leopoldo subia de cargo na empresa, passava a ter melhores vencimentos à medida de sua ascensão e as mulheres cobiçavam cada vez mais o excelente partido que ele se tornava, e assim, aos trinta e dois anos, ainda solteiro, recebia de bom humor os puxões de orelha dos pais e dos amigos, que instavam para que ele tomasse uma decisão, qual fosse, a de casar-se, pois “afinal de contas” diziam, “um homem precisa acertar sua vida, constituir família, etc.”, ou seja, ouvia as mesmas frases de sempre com um sorriso dúbio, um franzir de testa e um leve abanar de cabeça...

Fazendo um balanço de quantas mulheres havia conhecido até então, daquelas com quem apenas se divertira uma ou duas noites, das que chegaram a durar um pouco — semanas, meses — no posto de namorada, de duas ou

três que haviam durado mais... concluiu que nenhuma de fato reunia em si as qualidades requeridas para tornar-se sua companheira por toda a vida. Mas quais seriam essas qualidades?

Conquanto não soubesse responder com clareza a essa pergunta, reconhecia em si a alma de um esteta: a beleza — já o adiantamos alguns parágrafos atrás — era para ele um elemento mais que necessário, indispensável, e não podia negar que algumas namoradas que tivera primavam por essa prenda tão cobiçada; mais de uma vez julgou-se deveras apaixonado por um rosto bem proporcionado, por uns olhos perfeitos perfeitamente azuis, ou verdes, por uns lábios... Mas passado algum tempo aqueles traços quase divinos que tanto o enleavam no início começavam a enfadá-lo, e não raro ao abraçar sua atual namorada numa festa circunvagava as vistas pelos presentes deleitando-se em observar as carinhas bonitas que trançavam por ali, ao mesmo tempo que sentia um cansaço...

A história de Mirtes repetia-se, assim, com poucas variações, e quando se dava o rompimento era quase da mesma forma: ele, embaraçado, sem saber explicar por que tomava uma decisão para a qual não houvera preparatório, qualquer indício de que a fosse tomar; a da vez, assombrada diante do inesperado...

Leopoldo lembrava-se, no correr do tempo, que já fazia um ano, dois, três que Álvaro se casara com Isabela Di Franco Albertelli, e desde então não mais se viram. O casamento fora esplendoroso, uma festa requintada na mansão dos Albertelli no Rio, onde ele comparecera — na qualidade de padrinho do noivo — vestido a rigor, mas de onde se evadiu tão logo pôde sem cometer gafes, respirando aliviado enquanto guiava pela orla naquele começo de noite. Pensou nos pais do noivo metidos em roupas com as quais não estavam acostumados para não fazerem má figura e por certo encabulados à vista de tanto luxo. O pai parecia mais à vontade, viu-o conversando até com certa desenvoltura com uns figurões que pareciam complacentemente prestar-lhe atenção (Leopoldo sorriu ao imaginar se o velho não estaria falando de criação de galinhas com homens que construíam transatlânticos e aviões); a mãe, contudo, via-se que se sentia deslocada e decerto ansiava pelo fim do dia e pela hora de voltar para sua granja.

Leopoldo ambicionava o sucesso em sua carreira, gostava de seu emprego e das perspectivas que se delineavam à sua vista, sentia-se satisfeito com seu excelente salário e mais feliz ficou quando, promovido no começo do ano, viu seus vencimentos quase duplicarem. Já pensava em vender o apartamento para comprar uma casa espaçosa com um amplo quintal arborizado de um dos diretores da Top-Mais em São Conrado... Enfim, tudo que o dinheiro podia proporcionar lhe agradava, “quem não gosta do que é bom na vida!” pensava consigo mesmo, mas não podia negar que se sentira incomodado na mansão dos Albertelli.

A casa imensa de três pavimentos, jardins nos quais poderia perder-se se estivesse sozinho, o extremo requinte dos ambientes revestidos alguns de mármore outros de madeiras nobres e decorados com quadros e esculturas originais de artistas famosos desde os modernos aos antigos, raridades sem preço (não teve dúvida de que dois pequenos quadros que vira numa saleta de leitura, para onde os noivos o levaram a fim de descansar um pouco no fim da tarde, eram desenhos autênticos um de Leonardo, outro de Miguelângelo), e além disso o luxo das *toilettes*, o desfilar das limusines, o preço do vinho servido no almoço (soube porque o próprio Álvaro lho cochichou ao pé do ouvido, com um risinho debochado), “Deus do céu! Uma garrafa desse vinho custa tanto quanto meu carro, que não é qualquer carro”... Tudo aquilo, de que ele suspeitava pelo que já ouvira sobre os Albertelli ou lera nas colunas sociais, pareceu-lhe tão maior e desmedido que chegou e infundir-lhe um certo pavor...

Assim ele e Álvaro tinham-se distanciado e já fazia alguns anos que não se falavam. Chegara a ler alguma coisa sobre o jovem casal Albertelli aqui e ali, nenhuma alusão à origem humilde de Álvaro, mas quanto ao resto nada sabia. Lembrava-se vagamente de o amigo ter-lhe dado um cartão com seus números de telefone, porém não sabia o que fizera do cartão. Bem poderia tê-lo procurado em casa, reconhece, tanto como ter obtido seus números com os pais dele em Rio Verde, porém tampouco o fizera, e se perguntava se tal distanciamento não fora por sua decisão. Normalmente não se preocupava com isso, dizia às vezes consigo mesmo que “uma hora dessa a gente se esbarra por aí”, certo porém de que o mundo de Álvaro agora era outro, muito distante do seu — ainda que sua carreira na Top-Mais seguisse de vento em popa. No mais íntimo de si mesmo, contudo, reconhecia já não fazer tanto empenho assim em reencontrá-lo, e talvez mesmo tivesse perdido de propósito o cartão. O luxo e o requinte dos Di Franco Albertelli o haviam definitivamente perturbado, e quando pensava em tudo que vira dizia para si mesmo que jamais se casaria com uma mulher como Isabela, sem compreender como Álvaro, tão simples e despretensioso como era, aceitara tal mudança e a ela se adaptara tão prontamente.

Enfim, o tempo seguiu em frente feito um cavaleiro enfezado levando consigo Leopoldo...

Tinha trinta e seis, quase trinta e sete anos quando conheceu Heloísa Trindade, pessoa que representaria um tal transtorno em sua vida que cabe aqui amiar os acontecimentos.

Heloísa era uma mulher de vinte e cinco anos, a pele de um bronzeado natural a enfatizar o mistério dos olhos negros, cabelos longos, lisos e igualmente negros, dona de um sorriso amplo de dentes grandes e brilhantes que ela não fazia questão de poupar: sabia de sua beleza, sabia do mistério de seus olhos e do poder de sedução do seu sorriso, por isso não poupava olhares e

sorrisos, aos quais associava um molejo sutil do corpo elegante. Não era alta, tampouco seria baixinha, digamos que sua estatura fosse a ideal, pois com um ou dois centímetros menos que Leopoldo fazia presença ao seu lado.

Dizemos que fazia presença ao seu lado porque já estamos vendo os dois juntos, caminhando de mãos dadas pelo centro, ou em trajes de banho pelas areias de Copacabana. Porém não devemos antecipar essa imagem, senão parece-nos conveniente investigar como se conheceram, e nisso não há nenhum fato extraordinário: conheceram-se na fila do cinema, já não nos lembramos de qual filme, talvez o conhecimento tenha desviado o interesse de ambos pela fita, embora não deixassem de ocupar seus lugares e olhar para a tela. Como nesse dia o público fosse pouco numeroso, puderam escolher não apenas poltronas vizinhas como também afastadas do resto dos espectadores, e vez por outra trocavam algumas palavras, soltavam risinhos abafados e continuavam olhando para a tela.

Ao final da seção — já havia anoitecido —, saíram juntos — mas ainda não de mãos dadas — e, a convite dele, foram comer qualquer coisa num restaurantezinho discreto onde pediram um vinho, umas batatas fritas e outras bobagens com que ficaram enchendo as horas e conversando futilidades.

Como ainda fosse cedo ao saírem, esticaram um pouco mais por aqui e ali, os temas para conversa pareciam não ter fim, acabaram na fila de outro cinema e viram-não-viram outro filme. Como fosse a sessão das nove e o filme se estendesse por longas duas horas e meia, saíram do cinema perto de meia-noite; então Leopoldo se ofereceu para levá-la em casa. Heloísa anuiu com um sorriso que parecia não ter limites, e o negrume de seus olhos brilhou liquidamente como se quisessem de uma só vez desvendar seus mistérios — o que decerto não fez, ou por não haver mistério algum, ou por serem proibidos (somos propensos a acreditar na primeira explicação, mas os românticos decerto ficarão encantados com a segunda, portanto estejam à vontade para entenderem como quiserem, que não fará mal algum).

Heloísa morava no quinto andar de um prédio de classe média na Rua S***, e como dissesse que vivia na companhia da mãe viúva Leopoldo mostrou-se educado e não fez qualquer insinuação, porém Heloísa foi além: convidou-o para almoçar em sua companhia no domingo seguinte, “minha mãe faz um guisado de miúdos de frango que é de encher a boca” concluiu para convencê-lo. Leopoldo não precisaria ser convencido dessa maneira, pois já aceitara consigo mesmo antes que ela aludisse ao guisado da mãe, mas não se mostrou afoito: franziu o cenho como quem reflete, dizendo finalmente que sim, aceitava o convite, pelo que se lembrava não havia nenhum compromisso para aquele domingo — coisa que Heloísa sabia ser apenas uma farsa, certa de que mesmo se houvesse algum ele não hesitaria em desmarcar, pois afinal nenhum que fosse teria seus olhos, seu sorriso, a cor de canela de sua pele...

...E no domingo, às onze e meia, Leopoldo bateu à porta do aparta-

mento de Heloísa. Foi recebido por ela que, tomando-lhe a mão como quem se agarra a uma corda sobre um abismo, arrastou-o até a cozinha, “mãe” ela exclamou, “este é o Leopoldo, aquele amigo de quem lhe falei. Leopoldo, esta é dona Nicota, minha mãe”, e da pia voltou-se uma senhora baixinha, de ar tranqüilo e sorridente, cabelos meio grisalhos, que estendeu ao nosso amigo a mão úmida, mastigando umas desculpas atrapalhadas, “essa menina não tem jeito, trazê-lo justo aqui, nesta desordem”, mas Leopoldo apertou-lhe a mão com alguma desenvoltura, “oh, nada demais” disse, e para ser simpático: “Se ela não me trouxesse, certamente o cheiro de seu tempero o faria” e a boa senhora cruzou as mãos em frente ao peito, ruborizando-se um pouco.

— Agora vão lá para a sala, que logo logo o almoço será servido.

E Heloísa, travando da mão do futuro namorado, arrastou-o para a sala.

O romance entre Leopoldo e Heloísa remancheou. Ainda não foi nesse domingo que se declararam, tampouco seria no seguinte, quando mais uma vez estariam juntos, desta vez para jantarem num restaurante chique na Zona Sul, ele fazendo questão de que dona Nicota os acompanhasse, “não fica bem deixarmos sua mãe em casa” ele disse, “ela precisa divertir-se”. A boa senhora ficou impada de satisfação com o convite, “que cavalheiro!” pensou, e pôs seu melhor vestido, embora já um tanto gasto, o que porém não era de notar-se, principalmente pela boa idéia que teve de jogar sobre os ombros um finíssimo xale de caxemira para aproveitar a noite nublada. Acrescentemos que estávamos então no inverno, e ainda que no Rio o inverno raras vezes justifica um agasalho mais pesado, o xale caiu-lhe bem.

Aquele ata-não-desata, contudo, não perduraria: no sábado seguinte beijaram-se na sala escura do cinema, passearam pelo centro de mãos dadas depois da seção, esticaram até Copacabana pois a noite prometia...

Leopoldo deixou Heloísa na entrada do prédio e rumou para casa. Passava das quatro, logo amanheceria, e ao chegar estirou-se esfalfado na cama sem nem mesmo tirar os sapatos.

Abriu os olhos com o tilintar insistente do telefone — dava o meio-dia, viu no relógio de cabeceira —, e ao atender não pôde evitar um bocejo.

— Dorminhoco! — reconheceu ele a voz que o aparelho tornava metálica, e ficou feliz. Conversaram durante algum tempo, Heloísa perguntou-lhe se não iriam ver-se naquele dia e ele achou que seria uma boa idéia tomarem um chopinho em Ipanema no fim da tarde.

Agora Leopoldo tinha compromisso para os finais de semana: Heloísa não admitia ser deixada sozinha, “já passamos a semana inteira sem nos vermos” ela dizia, o que era verdade: ele, envolvido com seus compromissos de trabalho (a Top-Mais exigia cada vez mais: era o preço de sua franca ascensão na empresa), não dispunha de tempo livre; e ela, que trabalhava numa grande loja de departamentos, tampouco teria qualquer dia da semana de folga, e assim só se falavam pelo telefone e passavam juntos os finais de semana. Con-

trariando a regularidade de seus hábitos, Leopoldo passou seis meses sem visitar os pais, e justificou sua ausência ligando para eles e falando vagamente de trabalho, “mas é só por um período” explicou, “logo as coisas se acomodam outra vez”.

Leopoldo não se importava com o fato de Heloísa exigir dele o sábado e o domingo inteiro juntos (no começo, pois a partir do segundo mês de namoro Heloísa passou a aportar todas as sextas à noite em sua casa, quando não exigia que ele fosse para a dela, “uma sexta eu venho, na outra você vai” ela estabeleceu); parecia-lhe natural que namorados apaixonados quisessem estar juntos o mais que pudessem, e se por um lado ela se mostrasse um tanto exigente às vezes, cobrando sua presença o tempo todo, ele se sentia tão encantado com a garota que ficara vaidoso. Mais uma vez a beleza ocupava um lugar especial em sua vida: pois Heloísa era nada menos que linda, além de muito meiga na maior parte do tempo; notara-lhe, é bem verdade, alguns poucos momentos de irritação, em que ela se tornava algo ríspida, ficava emburrada e vez por outra afastava-se com uma rabanada. Eram os arrufos naturais entre namorados, ele compreendia, ela reconsiderava pensando que não havia por que perder tempo com bobagens e logo faziam as pazes.

No fazerem as pazes encontravam um momento único: abraçando-o, Heloísa despejava sobre ele a noite de seus olhos profundos, e mesmo que restasse algum aborrecimento desses amuos, Leopoldo capitulava... capitulava diante da Beleza.

Certa sexta-feira à tarde Leopoldo ligou para Heloísa e lhe disse que viajaria naquela mesma noite para Rio Verde.

— Já faz seis meses que não visito meus pais, de forma que decidi viajar hoje à noite e passar com eles o final de semana. Mas prometo voltar no domingo à tarde, em tempo de a gente se ver.

Do outro lado da linha seguiu-se um silêncio que durou...

— Alô, Heloísa — ele insistiu. — A ligação está ruim? Você conseguiu ouvir o que eu disse.

Por fim, uma voz de desagrado:

— Então terei de passar o final de semana sozinha?

— A menos que você queira ir comigo...

— Você sabe que eu detesto o interior e que lá eu não ponho meus pés.

— Sim, sei... mas...

— Não tem “mas”, Leopoldo, não tem “mas”. Você vai para a casa de seus pais e eu fico aqui sozinha, fazendo o quê? Coçando a boceta?

Agora o silêncio foi do lado de cá: um silêncio de espanto, porque Leopoldo não podia esperar uma frase de tal calão por parte de alguém que se sempre se mostrara tão fina.

— Heloísa — gaguejou, quando se recuperou do susto —, não estou entendendo... você não fala coisas assim...

— Pois quando estou com raiva falo sim, fique sabendo! E até piores!
Silêncio cá e lá.

— Então — ele recomeçou, com cautela e amaciando a voz —, como ficamos?

— Não ficamos, Leopoldo, não ficamos.

— Mas, Heloísa...

— Heloísa é o cu da mãe, está ouvindo? O **cu** da senhora sua mãe! Eu tenho um noivo que quer me deixar um final de semana inteirinho sozinha pra ir pegar carrapato na roça. Puta que o pariu, não é, Leopoldo?, puta que o pariu!!!

Leopoldo, estarrecido, não sabe o que responder. Por um breve instante tem a impressão de ter ligado para a pessoa errada e de que aquilo tudo é uma grande confusão entre pessoas de nomes e situações semelhantes, pois custava-lhe acreditar que a Beleza tinha uma face medonha!

Sem pensar no que fazia, pôs o fone no gancho e ficou longo tempo olhando a parede em frente com a mente vazia, um oco aterrador, um buraco negro. Pouco a pouco, no entanto, atinou com o que havia acontecido: ele acabara de testemunhar um acesso de cólera de sua doce e terna Heloísa, pior!, um acesso de cólera do mais baixo nível possível e sem razão que justificasse!

O telefone tocou.

— Alô.

— Escuta aqui, Leopoldo, escuta aqui: se você for para Rio Verde, está ouvindo?, se você não vier imediatamente para cá, fique sabendo: eu vou passar o final de semana inteiro dando o rabo pra tudo quanto é homem que encontrar na rua.

Plam!

“Quebrou o telefone” foi seu primeiro pensamento. “Ela encontrou um meio de baixar o nível ainda mais!” reconheceu em seguida.

Enquanto, ainda abismado, fazia a mala — não levaria muita coisa para Rio Verde, apenas a mala menor seria suficiente — e pensava no que acabara de acontecer, Leopoldo se lembrou de uma frase de Heloísa: *Eu tenho um noivo que...*

— Mas afinal quando foi que ficamos noivos? — disse, interrompendo-se. E depois daquele desastre ainda ficariam noivos?

As luzes da rua começavam a acender-se e iluminar a cidade quando ele terminou de vestir-se e, de mala na mão, preparava-se para abrir a porta de casa e sair quando o telefone tocou outra vez.

— Alô.

Uma voz debulhada em lágrimas embaralhou palavras que ele mal conseguia compreender:

— Me perdoa, Leopoldo, me perdoa que eu sou assim mesmo... uma

burra... não vou fazer mais isso... olha, meu amor... está ouvindo?... Leopoldo, você está ouvindo?

— Estou, Heloísa, estou. Pode falar.

— Você me perdoa? Diz que me perdoa!!

— Está bem, o que você quer?

— Olha, pode ir sim, pode ir visitar seus pais... eu vou ficar aqui te esperando, não se preocupe... aquilo tudo que eu disse... não leva a sério, eu seria incapaz de uma traição... vai visitar seus pais, um bom filho sempre visita os pais, são o que há de melhor que temos, afinal de contas! Vai sim, meu amor, e dá um beijinho em sua mãe por mim... diz que eu mandei... você diz pra ela que fui eu quem mandei? Diz...

— Digo, Heloísa.

— Então pode ir... vai sim... eu vou ficar quietinha aqui em casa esperando você.

— Está bem.

— Então até domingo, meu amor.

— Até domingo, Heloísa.

Leopoldo balançou a cabeça.

“Não é boa do juízo” pensou, enquanto entrava no carro e girava a chave na ignição, “decididamente, só pode ser doida!”.

No sábado pela manhã tomava café em companhia da mãe quando o pai, chegando da rua, exclamou:

— Que calor está lá fora, rapaz! Imagino o teu Rio de Janeiro!

Leopoldo sorriu. Já acostumado ao calor do Rio, mas gozando de suficiente conforto numa casa grande e dispondo de um amplo terreno arborizado, não tinha muito com que preocupar-se.

— É que estamos bem no meio do verão — continuou o pai, que por hábito foi olhar a folhinha, conquanto soubesse que janeiro ia a meio.

Estirou-se no sofá.

— Ah, filho, esquecia-me — e se levantou voltando à copa.

Leopoldo terminava o café da manhã.

— Teu amigo está na cidade.

Olhou para o pai sem compreender bem.

— O Álvaro.

— Ah, o Álvaro — disse devagar, cenho crispado pela surpresa.

— Vocês parece que não se vêem há tempos, não? Está na granja dos pais. Chegou no começo da semana e ficou até hoje. Ao contrário das outras vezes, em que veio num dia para voltar no outro.

— Ele tem aparecido pouco, não? De fato não o vi mais desde o casamento. Verdade é que foram residir em São Paulo e não entraram em contato. Eu tampouco...

— Em quase seis anos de casado veio visitar os pais somente três vezes

— comentou o Dr. Nicanor Ventura. — Três vezes com esta, quero dizer. — fez uma pausa. — Quer saber o que penso? Penso que esse casamento com uma garota rica não foi uma boa idéia.

— Rica não — corrigiu Leopoldo —, bilionária, e filha única.

— Veja você! — exclamou o Dr. Nicanor. — Bilionária! A diferença é muito grande, isso não pode dar certo... Não que eu esteja agourando, longe de mim, estimo muito o Álvaro e a família... Queira Deus que ele esteja feliz. Você deveria ir até lá.

— Irei. Com efeito, há tempos não o vejo... nem tenho qualquer notícia... Veio com a mulher?

— Veio só. Como das outras vezes.

Depois do almoço rumou para a granja.

Leopoldo encontrou o amigo à sombra de uma mangueira, sentado em uma cadeira de palhinha. Quando se aproximou, Álvaro, que tinha os olhos fechados e parecia cochilar, ouviu o ruído de seus passos e despertou.

— Leopoldo — disse —, que surpresa!

— Também para mim — disse Leopoldo. — Cheguei ontem e hoje pela manhã soube por meu pai que você estava na cidade.

— Na granja, melhor dizendo — brincou Álvaro.

Leopoldo sorriu.

— Férias? — perguntou.

— Férias de quê?

— Bem... sei lá... De algum cargo de alta responsabilidade nas inúmeras empresas do seu sogro — e Leopoldo deu à voz uma entonação de brincadeira.

Álvaro levantou-se, espreguiçou-se, tocou o braço do amigo:

— Vamos caminhar um pouco. Apesar do calor, é bom caminhar por aqui.

Saíram para a estrada, deserta àquela hora, e seguiram em direção contrária ao centro. A granja não era grande, pouco mais de nove hectares de terras bem distribuídas entre áreas revestidas de mata nativa, um pomar com espécies bem sortidas, um espaço grande para as galinhas... A paisagem campestre tinha ares de novidade para quem, mesmo tendo nascido no lugar, vivia na cidade grande.

O passeio pela estrada deserta, o silêncio cortado apenas pelos ruídos da natureza, tinha um efeito tranquilizador (Leopoldo ainda não conseguira se desfazer da má impressão causada pela reação violenta de Heloísa na véspera). Caminharam, pois, em silêncio durante algum tempo.

— Você veio com a esposa? — Leopoldo perguntou a certa altura.

— Não — respondeu Álvaro, e acrescentou: — Vim só... queria espalhar.

— Ah...

E depois de uma pausa:

— Mas está tudo bem entre vocês, não?

Álvaro suspirou.

— Eu não diria que esteja mal...

Pararam à beira de um lago. Alguns patos nadavam placidamente. Adiante, um cavalo parecia dormir, estivado na relva.

— Tampouco eu diria que vai tudo bem.

Leopoldo, para sermos verdadeiros, não estranhou. Consigo mesmo dizia que nada do que Álvaro lhe dissesse seria surpresa para ele. Pensou em seu próprio caso: como uma mulher doce e linda pode subitamente transformar-se numa jararaca insuportável? Assim como aconteceu com ele, poderia muito bem ter acontecido com Álvaro — talvez não nas mesmas proporções, mas pelo menos parecido. Perguntou:

— Mas o que aconteceu? Você se cansou da vida de casado... — e finalizou em tom de brincadeira: — ...ou se cansou de ser milionário?

— Minha mulher é milionária, Leopoldo, eu não.

— Bem sei — concordou Leopoldo —, mas é de esperar que você tenha feito fortuna... quero dizer, uma fortuna pessoal... Não trabalha com seu sogro? Deve portanto ganhar muito bem.

— Posso ser franco? — perguntou, sabendo que iria ser franco de qualquer maneira.

— Diga lá.

Álvaro cruzou as mãos atrás da nuca. Elevou-se na ponta dos pés, curvando ligeiramente o tronco para trás como para alongar-se, esteve assim por dois ou três segundos e então relaxou, descaiu os braços.

— Acho que eu me transformei numa espécie de... de boneco para uma mulher voluntariosa e mimada.

— Como assim?

— Isabela não quer que eu trabalhe com o pai. Logo depois do casamento fomos morar em São Paulo, no Morumbi... A mansão do Morumbi é quase o dobro daquela que você conheceu no Rio, onde nos casamos... Passados os primeiros tempos eu lhe disse para pedir ao pai que me desse um cargo qualquer numa de suas empresas... Eu não queria ficar sem fazer nada... “Mesmo que eu não tenha experiência, Isabela. Eu aprendo com facilidade, posso ajudar em alguma coisa, e nem precisa ser remunerado no começo...”. “Você não precisa trabalhar” ela respondeu, e abriu uma conta para mim... já tinha aberto antes de nos casarmos, mas eu não levava aquilo a sério e nunca lancei mão... Era tanto dinheiro que... se eu disser você não vai acreditar! Em que mundo ela vive, Leopoldo?

— Nesse mundo que você conheceu, Álvaro — respondeu Leopoldo prontamente —, e do qual resolveu fazer parte.

Álvaro bufou.

— Então você pediu um emprego pra sua mulher — Leopoldo continuou. — O que foi que ela disse?

— Que eu não precisava trabalhar, que já tinha tudo que queria, que eu era o marido dela e ela a minha ocupação... Quando ela disse isso de ser minha ocupação eu a encarei sem levar muito a sério. “Isabela, uma pessoa tem de ter um emprego, ser produtivo” eu disse, “eu sinto necessidade disso. Já estamos casados há seis meses, a lua-de-mel já passou, eu não quero que o seu pai pense que eu sou um inútil”. Sabe o que ela me respondeu? “Meu pai sabe que você não é um inútil, porque eu já conversei com ele sobre isso.” Estranhei. Então ela se antecipara? Se assim era, por que me dizia que eu não precisava trabalhar? Teria meu sogro me negado um emprego?, eu perguntei. “Não é isso” ela esclareceu com altivez... A altivez dela é que me irrita às vezes! “Não é isso” disse, “fui eu quem disse a ele para não lhe dar emprego nenhum, pois você é meu marido, não precisa, e pronto. Fica tranquilo que ele não vai fazer mal juízo de você”.

— Assim?

— Assim. É ela quem decide por mim. É ela quem manda. É assim o tempo todo.

Álvaro calou-se.

Apanhou um calhau e atirou no lago, espantando os patos.

— Ela parecia uma garota muito meiga — Leopoldo comentou, lembrando-se mais uma vez de Heloísa, que também lhe parecera meiga no começo...

O cavalo, adiante, espojou-se, levantou-se batendo a cauda, cheirou a relva, mordicou a grama.

— Posso lhe fazer uma pergunta indiscreta?

— Fique à vontade, afinal você é meu padrinho de casamento.

— A questão conjugal... entre vocês, como tem sido?

Álvaro não respondeu de imediato. Pareceu meditar em como falar ao amigo sobre tal assunto, não porque fosse um tema íntimo, mas porque era preciso ser conciso e claro. Por fim:

— Tudo cansa, Leopoldo, tudo cansa.

Leopoldo fez uma careta, encarando o outro.

— Até a beleza — acrescentou. — Não sei bem por quê, mas não sinto mais por ela o mesmo desejo de antes.

Leopoldo não respondeu. Ficou encarando o amigo.

— Além do mais — Álvaro continuou —, há muito que Isabela não é mais a mesma pessoa.

— Como assim?

— Tornou-se arrogante, vive de nariz empinado como se fosse dona das pessoas, dona do mundo... Às vezes eu penso que ela faz questão de deixar bem claro quem ela é e quem eu sou.

Leopoldo está perplexo.

— É assim — conclui Álvaro. E depois de um momento: — Tão linda. Tão linda, mas...

Enquanto dirigia de volta naquele domingo à tarde, Leopoldo refletia. Pensou no Josias Leitão: o pobre-diabo vivia aos trancos e barrancos — já os conhecemos, os trancos e barrancos do Leitão — e não parecia ter queixas. Poucos dias antes, enquanto almoçavam, havia lhe perguntado se não se sentia cansado de tanto fazer hora extra, e ele com um sorriso e um ar de desvalimento “são muitas bocas lá em casa, meu amigo, e tanta conta pra pagar!...”, mas não parecia infeliz; doutra feita foi mais direto e até mesmo — reconheceu depois — indelicado:

— Josias, me diz uma coisa: não te aborrece ter a casa sempre cheia? Seja franco!

— Como cheia, Leopoldo? — Josias perguntou sem entender.

— Quero dizer, você tem muitos filhos, quantos são? Nove? Criança faz muita algazarra e os seus, alguns já estão entrando na adolescência...

— É, o meu mais velho já tem catorze...

— Então, isso não te cansa?

— Mas são meus filhos, Leopoldo!... Além do que, a patroa parou... no último, sabe? — e fez um gesto com a mão, sugerindo a ligadura de trompas da mulher.

— Pudera! — exclamou Leopoldo.

— Mas não! Eu gosto... eu aprecio a criançada, a bagunça, aquilo pra mim é alegria. Lá em casa não tem tristeza, veja bem: com a graça de Deus, todos com saúde. Vez por outra uma verminose, mas é só... Vai-se no posto de saúde, lá eles dão vermífugos, fortificantes e a molecada só esticando, todo mundo parrudo. A patroa, por sua vez, sacudida como ela só. Ah, meu amigo, eu não tenho que reclamar da vida não. E como o ganho não é suficiente, faço uma forcinha pra complementar; minha esposa também ajuda: arranjamos uma carrocinha de salgados, ela faz uns salgadinhos daqui, ó — e beliscou a ponta da orelha —, vende feito água, e a gente vai vivendo.

Arrematou:

— Você também devia se casar, vida sem família não é vida! Inda mais que ganha bem, tem com quê!... Casa, arranja logo uns dois ou três barrigudinhos... Você vai ver que coisa boa!

Leopoldo sentira um arrepio subir-lhe pela espinha e ouriçar-lhe os pêlos da nuca.

Agora, enquanto dirigia de volta, sorria dessa lembrança. Josias Leitão pouco sabia do mundo à sua volta. Se lhe apresentassem Álvaro Ribeiro e lhe contassem sobre seu casamento decerto abriria os olhos abismado mas sem fazer uma idéia precisa da fortuna de que se falava: seria algo tão distante de seu mundinho exíguo que não lhe entraria no bestunto, e depois se poria a

falar com entusiasmo da vitória do Vasco no último domingo contra o Flamengo. Feliz da vida.

Álvaro Ribeiro, no entanto, com todas as chances de acabar dono de um império — lembremos uma vez mais que Isabela Di Franco Albertelli era filha única e seus pais já idosos —, estava simplesmente infeliz: mesmo sem ter bocas a alimentar, sem preocupar-se com as contas, não apenas sem ter de esfalfar-se em serões mas sem mesmo ter de levantar-se cedo para pegar no serviço às oito. Ou talvez por isso mesmo, vá-se saber!

Uma surpresa, porém, aguardava Leopoldo Ventura ao chegar em casa naquele fim de domingo...

Leopoldo, contudo ainda está viajando: já escureceu, e ele prevê que tem pelo menos hora e meia de estrada à sua frente. Deixemo-lo, pois, e voltemos a Rio Verde, onde nesse começo de noite vamos encontrar Álvaro Ribeiro sentado à mesa de um barzinho no centro, defronte à praça e quase ao lado da papelaria.

A papelaria continua em nome de sua família, mas é gerida pelo pai, que consegue dividir-se entre a granja e o antigo negócio, enquanto no balcão trabalha aquele substituto de que já falamos. Esse substituto, não o dissemos, digamo-lo agora, era um sobrinho postiço do velho Ribeiro, que vez por outra substituíra Álvaro na loja quando este precisava ausentar-se. Após o casamento, tornara-se efetivo.

O casamento de Álvaro fora muito comentado na cidade, e as opiniões se dividiram: uns achavam que ele metia os pés pelas mãos casando-se com uma mulher de um nível social e econômico tão acima do seu (embora ninguém em Rio Verde suspeitasse o quão acima); outros não viam nada de mal, ou por opinarem que o importante era o amor, ou por vislumbrar um cálculo naquele arranjo, pois o rapaz estava era sendo esperto e juntando o útil ao agradável, “no que faz muito bem”, finalizavam. Os pais de Álvaro — que desde então não saíram de Rio Verde, nem mesmo para visitar o filho em sua nova residência; e tampouco voltaram a ver a nora, que por sua vez não retornou a Rio Verde —; os pais de Álvaro, portanto, não estavam muito seguros de sua opinião acerca da decisão do filho. Ora achavam que o amor ligara os jovens, e que o fato de ser a moça filha “de gente rica” não tinha importância; ora reconheciam que não se tratava apenas de Isabela ser filha “de gente rica”, mas de uma família como poucas, ainda que lhes faltasse uma noção mais precisa do que isso significava. Os anos se passaram sem que Álvaro lhes desse um neto, e isso preocupou o pai, que chegou a tocar no assunto cautelosamente. Álvaro, contudo, desconversou, e como ele raramente aparecesse e apenas uma vez ou outra ligasse para ter e dar notícias, ligações rápidas durante as quais trocavam não mais que meia dúzia de frases, não houve ensejo de insistir no assunto, que permaneceu em aberto.

Dessa última visita pensou em mais uma vez aludir ao seu desejo de tornar-se avô, mas preferiu deixar para mais tarde. Os velhos não couberam em si de felicidade ao saber que ele ficaria uma semana inteira com eles, “sim, pai, talvez até duas”, tempo durante o qual haveria de surgir uma boa oportunidade...

Álvaro por sua vez passara aquela semana entre sensações e impressões diversas: dormir outra vez na cama de seus tempos de moço do interior, caminhar de pés descalços pela estrada poeirenta, pôr-se outra vez — ainda que por uma horinha só — detrás do balcão da papelaria e atender a alguns fregueses, deitar-se nas pedras de uma cachoeira próxima para tomar sol, enfim, tudo aquilo que fora comum para ele e do que parecia afastado não por seis anos mas por seis séculos.

No fim das contas chegou à conclusão de que não sentia falta do luxo, para ele desnecessário e até mesmo descartável.

Bebericava observando as pessoas que iam e vinham, ainda poucas, pois era cedo. A praça costumava ficar tomada de passeantes e principalmente de crianças nos sábados e domingos à noite, enquanto nos outros dias permanecia quase deserta. Dos que passavam, alguns não reconhecia, pois naqueles seis anos os adolescentes que compravam lápis e cadernos com ele na papelaria haviam se tornado adultos; outros, que ele conhecera e com quem muitas vezes até chegara a conversar, olhavam à distância e faziam tão só um aceno, decerto encabulados em aproximar-se; daqueles mais próximos, amigos de bailes, festas e namoros, somente com um ou outro trocara meia dúzia de palavras quando casualmente os encontrara pela rua durante aquela semana, e agora, sentado à mesinha posta na calçada, um que cruzara a praça acompanhado da esposa e de uma criança, avistando-o, aproximou-se para cumprimentá-lo. O sorriso e a mão estendida foram espontâneos, Álvaro levantou-se para saudar a esposa que lhe era apresentada e fez uma carícia nos cabelos da criança, mas foi só; um outro — o Elpídio Borba —, bem mais chegado em outros tempos e com quem diversas vezes ficara até tarde na rua à caça de garotas, vendo-o ali hesitou, seus olhares se encontraram e ambos titubearam, por fim o rapaz foi até lá e sentou-se; Álvaro ofereceu-lhe um copo, pediu mais uma e ficaram bebendo e conversando. Elpídio era quatro anos mais velho que Álvaro, já chegara aos quarenta e tinha uns ares cansados; com a barba por fazer e as mãos crestadas pelo trabalho rude — Álvaro pôde perceber — já não era o jovem de outros tempos.

Notando que Álvaro observava suas mãos, disse:

— Virei mecânico de moto — e acrescentou: — Eu sempre gostei de mexer com motores, e ao mesmo tempo gostava muito de motocicletas. Então larguei as vendas e abri uma oficina. Foi favorável, ganho mais e faço o que gosto. Tem a desvantagem de ficar com as mãos assim...

Álvaro suspirou.

— É bom fazer o que dá prazer — disse. — Eu me lembro de ouvi-lo falar muito de motos noutros tempos.

— Sim, eu gosto de consertar, de andar nelas. Costumo viajar bastante de moto. Tenho uma Boulevard...

No entanto o assunto parecia esgotar-se. Álvaro percebia isso e se lembrava com um travo de amargura dos tempos em que conversavam francamente nas festas da cidade, com alegria e despreocupação enquanto vigiavam as meninas à sua volta à espera de uma oportunidade para fregar alguma, mais de uma vez ambos interessados na mesma garota, quando então o Elpídio recuava, “é toda sua, Álvaro” dizia, e partia para outra, conquistador incorrigível. Eram muito jovens então, muito cheios de ilusões e expectativas para a vida.

— Você está casado? — Álvaro perguntou.

Elpídio enche as bochechas, arrota, bebe o resto do copo duma só vez.

— Casei — responde. — Dois anos depois de você ter ido embora. Mas não deu certo... — ri ao lembrar-se: — Casei com uma puta. Pior, uma puta pobre, o que tinha de pobre tinha de puta. — enche o copo de forma metódica, a fim de evitar a espuma e bebe. Voltando-se para o balcão acena pedindo mais uma. — Sabia que era pobre — diz com uma risadinha curta e irônica —, só não sabia que era puta.

Álvaro o encara com surpresa:

— Não podia imaginar... lamento.

— Não, não precisa lamentar. Quando vi onde tinha amarrado meu burro tratei de safar-me. Em menos de seis meses me separei. Felizmente não houve gravidez. Desde então estou sozinho. — Faz uma pausa. — Sozinho é modo de falar. Tenho meus casos por aí, mas não levo para casa.

Suspira.

— De qualquer forma, um homem não vive só a vida toda — continua. — Uma hora aparece alguém que vai lhe fazer companhia. A hora em que isso acontecer comigo será essa mesma.

Encara o amigo:

— E você? Como é a vida de milionário?

Álvaro está olhando fixamente o fundo do copo, onde resta um pouco de espuma. Lembra da conversa com Leopoldo na véspera. Está prestes a ter a mesma conversa com Elpídio e não se esquivava. Será uma catarse.

— Não é bem o que as pessoas pensam — diz.

— Mesmo?

Álvaro enche o copo outra vez. Aprecia a bebida bem gelada.

Um sorriso fugidio lhe aparece nas feições marcadas pela descrença, e repete o que havia dito na tarde anterior a Leopoldo:

— Eu me tornei um inútil, Elpídio.

— Que isso, homem!

— É verdade. Um inútil, pior, um cachorrinho. É o que sou hoje: o ca-

chorrinho de uma dondoca mimada ao extremo e que se julga a dona do mundo.

— Diabos! Nunca pensei...

— E o pior é que eu acho que ela é mesmo a dona do mundo. Com tudo que a família tem, e sendo a única herdeira...

— Mas... — Elpídio hesita. — Ela é... enfim... em termos de conduta...

— Se é puta também? — Álvaro ri. — Não. Nesse ponto eu posso confiar. Ela pode ter todos os defeitos, menos esse. Arrogante, dominadora, irritadiça, faz questão de mostrar que a milionária é ela e eu o pobretão, que aliás sou mesmo. Mas é certinha até demais.

— Bem...

— Mais até do que eu gostaria. Se eu a pegasse com outro pelo menos teria um motivo para meter o pé.

— Ué... mas o que é que te prende?

Álvaro pigarreja, recosta-se na cadeira.

— Sei lá... Acho que nada. Talvez seja só uma questão de tempo...

— Você trabalha nas empresas da família? Deve ter um bom rendimento...

— Quisera!

— Não?

— Ela proibiu o pai de arranjar-me qualquer trabalho. Falou com ele sem me consultar. Não lhe disse que virei cachorrinho de dondoca?

— Que loucura!... E quando você precisa de dinheiro?

— Quanto a isso não tenho que me preocupar — e curvou-se para o outro: — Se eu te disser quanto ela depositou em minha conta com a condição de eu não pensar em trabalhar, ou seja, de eu ser o cachorrinho que ela leva pela coleira pra lá e pra cá...

Elpídio crispa o rosto. Álvaro diz um número. O outro faz uma cara de assombro, depois de descrédito.

— Em dólares — complementa Álvaro. — E dobrou, quando proibiu o pai de me dar um emprego.

— Puta que o pariu! — exclama o outro esfregando o rosto com as mãos. — E você reclama!

Álvaro solta uma risada.

— Se você ainda é o mesmo cara que eu conheci, também reclamaria.

— Não sei não...

— “Meu marido não precisa trabalhar para o senhor, papai. Eu sou uma mulher rica, ele também é, e ponto final”. Com essas palavras. Desta vez foi na minha presença.

— Mas, e o teu sogro?

— Achou graça, apesar de eu ter ficado vermelho de vergonha. Nem sei

ao certo o que pensa... Não nos vemos com frequência. Nós moramos em São Paulo, ele no Rio, além do que está sempre viajando, daí os desencontros.

Álvaro silencia observando as pessoas que vão e vêm. Antigos conhecidos novamente passam com suas esposas e filhos, acenam de longe sem se decidir a aproximar-se, alguns; outros vêm cumprimentar Álvaro. As crianças correm para os brinquedos.

— Uma fortuna nas mãos e nenhum propósito na vida — Álvaro acrescenta. — Há coisas que não valem a pena, Elpídio — e olhando o amigo nos olhos: — Uma hora eu chuto o balde. Escuta o que estou te falando: uma hora eu chuto o balde.

Já não é tão cedo, embora ainda não seja tarde. Digamos que seja tempo: tempo de Elpídio despedir-se de Álvaro desejando-lhe boa-sorte e Álvaro apertar-lhe a mão retribuindo os votos; tempo também de Leopoldo ter chegado em casa — melhor dizendo, Leopoldo tardou um pouco, parou em alguma lanchonete de beira de estrada para tomar um refresco e comer dois ou três pastéis, dirigiu sem pressa e está entrando com o carro na garagem agora, às nove da noite.

Um minuto mais tarde mete a chave na porta da frente para abrir, entra, mas nem chega a tocar o interruptor as luzes do vestíbulo se acendem:

— Surpresa!

A dois passos de si Heloísa em roupa íntima estendia os braços para ele, abrindo-se num de seus sorrisos maiores, mais límpidos e envolventes.

Leopoldo apertou-a num caloroso abraço, feliz porque o desastre da sexta à noite parecia esquecido, ou, se não esquecido pelo menos atirado para o arquivo morto, e depois de um prolongado beijo Heloísa tomou-lhe a mão, “venha, tem uma sopinha esperando pelo meu amor”.

Antes mesmo de tomar um banho Leopoldo tomou a sopa de Heloísa que, sentada à sua frente, fixava-o com uns olhos nos quais os mistérios da noite sombria haviam momentaneamente cedido lugar a um anjinho travesso, uma espécie de brilho de felicidade que faziam da mulher uma menina mal entrando na puberdade.

— Agora vá tomar um banho, que eu tenho outra surpresa pra você...

— Outra surpresa? Nossa, que garota surpreendente eu tenho! Posso saber logo o que é?

— Não! Já pro chuveiro. Mas o de fora... a surpresa está no quarto.

Leopoldo sentiu-se aliviado. Temia que o reencontro com Heloísa fosse cheio de incertezas, ambos de olhos esquivos com medo de encarar-se, as palavras ditas com dificuldade, a necessidade de explicações e pedidos de desculpa de ambas as partes, mas não!, Heloísa tinha um coração maravilhoso — era forçoso reconhecer —, pois não demonstrara o menor sinal de zanga ou mágoa (Leopoldo nem pensava no fato de que fora ela a ofendê-lo, bastava-lhe que

tudo parecesse bem para tudo estar de fato bem), e relaxou enquanto a água morna escorria por seu corpo.

Entrando no quarto não notou nada de diferente.

— Cadê a surpresa? — perguntou a Heloísa que, sentada na beira da cama, sorriu largamente.

— Olha em volta...

— Não estou vendo nada!

— Caramba, Leopoldo! Seja minucioso, olha tudo, abra o guarda-roupa... entra no banheiro...

Leopoldo hesitou. Afinal, o que Heloísa queria com aquela história? Entrou no banheiro, voltou para o quarto, olhou em volta, abriu o armário...

Começou a compreender bem devagar, embora a novidade ainda resistisse a ser assimilada... Por fim sentiu um certo incômodo, uma espécie de frio na espinha. Entrou outra vez no banheiro, voltou ao quarto, olhou sobre a cômoda e uma vez mais dentro do guarda-roupa...

Afinal, o que ele viu?

Embaixo, num canto, duas malas que não lhe pertenciam e, numa repartição onde ele dependurava suas camisas notou que estas haviam sido despejadas para ceder lugar a um número anormalmente grande de roupas de Heloísa; sobre a cômoda algumas quinquilharias que também não lhe pertenciam, mas que a princípio não lhe pareceu estranho que estivessem ali (seriam, por exemplo, um agrado feito pela namorada para enfeitar o móvel), mas que agora... E no banheiro finalmente notou que havia coisas que tampouco estariam normalmente ali: um estojo grande e caro de maquiagem, pelo menos uma dezena de batons de cores diversas agrupados num canto da mesa do lavatório, dúzia e meia — se não mais — de *shampoos*, condicionadores, cremes rinses, óleos para massagem, etc. dentro do *box*.

Voltou-se atarantado para Heloísa.

Dum salto a moça foi dependurar-se em seu pescoço com um sorriso ainda maior que o anterior:

— Viu?

— Vi, mas ainda estou sem entender direito...

— Bobinho, é claro que você já entendeu, só não quer acreditar. Pois então lhe digo: é verdade! Eu me mudei para cá, meu amor, agora vamos estar sempre juntos, não vai ser preciso esperar as sextas-feiras, que saco!, por causa dos nossos empregos...

— Mas Heloísa — ele gaguejou tentando desvencilhar-se dela, que continuava atada ao seu pescoço —, não fica bem... nem somos casados... o que sua mãe não vai pensar?

— Não vai pensar nada, bobinho! Vivemos em tempos modernos e minha mãe não é antiquada. Além do mais, isso de casamento é só uma questão de tempo...

Leopoldo sentiu um aperto por dentro e, conseguindo por fim soltar-se — delicadamente para não parecer brusco e ofendê-la —, sentou-se na beira da cama.

— Isso não pode dar certo, Heloísa, você não me preveniu... nós nem discutimos sobre essa decisão sua...

— Você não gostou? — e ela, sentando-se ao seu lado, debruçou-se em seu ombro fazendo falsa cara de tristeza.

— Não, não é isso... é que me pegou de surpresa... e eu não estou acostumado a conviver com ninguém assim... sabe?, é...

— Você se acostuma — ela disse puxando-o para si e depois fazendo-o deitar-se. Pôs-se sobre ele e murmurou em seu ouvido: — Quer saber? Estou sem nada por baixo...

Leopoldo não dormiu bem: enquanto uma Heloísa saciada ressonava ao seu lado ele pensava, e pensando passou metade da noite. Por fim adormeceu e só acordou na hora de costume pela sua regularidade de hábitos que já conhecemos. Heloísa murmurou qualquer coisa, mexendo-se sob os lençóis, ele respondeu “sete horas, tenho de ir para a empresa” e ela esticou um braço em resposta, fazendo-lhe um carinho nas costas com a ponta das unhas. “Eu também tenho meu trabalho, mas pego um pouco mais tarde” e aquietou-se.

À uma Leopoldo comunicou na diretoria necessidade de ausentar-se por duas horas após o almoço, portanto estaria de regresso às três. Chegou em casa já acompanhado por um chaveiro e, ainda sem entender o que o havia levado a dar uma cópia da chave para Heloísa, mandou trocar a fechadura da porta da frente; por medida de segurança, trocou também a da porta dos fundos. Em seguida pôs todos os pertences da namorada nas duas malas e levou-as ao apartamento da sogra presuntiva.

— Dona Nicota, eu trouxe as malas da Heloísa.

— Ué — exclamou a boa senhora com ingenuidade —, ela disse que ia ficar por lá...

— Não será possível, dona Nicota. Vou ser franco com a senhora: Heloísa tomou essa decisão sem consultar-me, e eu penso que não fica bem, afinal não somos casados e eu sou um pouco antiquado em relação a essas coisas.

— Pois faz você muito bem, Leopoldo — apoiou-o a velha —, eu avisei a ela que você não iria aprovar. Eu tampouco aprovei, sabe?, mas preferi não dizer nada para que ela não explodisse.

— Fico feliz com sua compreensão, dona Nicota. À noite eu passo para conversar com ela e fazê-la entender.

Despediu-se e voltou para o trabalho.

Leopoldo já esperava por uma tempestade naquela noite, mas não podia esperar que essa tempestade viesse com tal profusão de raios, trovões e granizo. Mais tarde reconhecia consigo mesmo que não havia sido uma simples tempestade, mas uma pequena amostra do dilúvio bíblico.

Não vamos entrar nos detalhes dos gritos, das injúrias, das unhas eriçadas e nem do momento em que, enquanto Leopoldo na sala contava com a ajuda da pacífica senhora para acalmar Heloísa, esta saiu em direção da cozinha, de onde retornou com uma faca de picar legumes e o atacou sem hesitações. Não fosse correr e trancar-se num dos quartos do apartamento, aquela seria uma noite sangrenta.

Teve, porém, de sair do quarto poucos minutos depois aos gritos de horror da sogra presuntiva para conter Heloísa que, com a mesma faca com que o atacara, tentava cortar os pulsos. Leopoldo tirou-lhe a faca das mãos, atirando-a para baixo de um sofá, e viu a moça desabar num choro convulsivo garantindo com a voz embargada que iria atirar-se da janela do quarto.

Nosso honesto herói viu-se obrigado a passar a noite ali a fim de evitar uma desgraça, e sem ter pregado o olho chegou mais cedo na empresa com uma aparência que causou surpresa e preocupação aos seus superiores.

— Você está bem, Leopoldo? — Perguntou-lhe o sub-diretor da Top-Mais. — Parece doente. Não quer tirar o dia para descansar?

Leopoldo garantiu que estava tudo bem, “só um pouco cansado porque tive problemas à noite”, e mergulhou no trabalho.

O rompimento com Heloísa parecia agora o único caminho viável. De que maneira manter o namoro depois do que havia acontecido? Como haveriam de encarar-se? Enquanto dirigia de volta para casa ao fim do expediente, contudo, Leopoldo reconsiderou: Heloísa era uma mulher impulsiva quando contrariada, capaz de reações violentas, porém era forçoso reconhecer o quanto era carinhosa e meiga nos bons momentos, e o quanto era bonita... É mais uma vez deparava-se ele com a questão da beleza: não era sempre nem em qualquer lugar que podia encontrar um mulher tão bonita e elegante, e tampouco fazia questão de esconder de si mesmo o quanto se sentia orgulhoso de desfilar com ela nos lugares bem freqüentados, onde era comum os rostos se voltarem para admirá-la quando passavam.

— Não — disse consigo mesmo —, esse desacerto não será o fim. — E continuou, como se conversasse com alguém: — Eu preciso aprender a lidar com ela... e ela comigo... penso que se ambos fizemos um esforço... Precisamos ter uma conversa equilibrada, objetiva...

Leopoldo, contudo, parecia não conhecer ainda muito bem a namorada, e teve mais uma amostra ao chegar em casa e ver a devastação: o jardim ao redor da casa era grande, arborizado, com um gramado amplo, canteiros e uma piscina nos fundos.

Mas que furacão havia passado por ali?

Os canteiros revirados um a um, os arbustos decepados a golpes de foice, os vasos de cerâmica da entrada despedaçados (largada num canto, a marreta utilizada na proeza)... Nos fundos a desordem era ainda maior: das vidraças nenhuma restara intacta, todo o lixo boiava nas águas da piscina e no fundo, além

dos vasos de flor, conseguiu identificar sua caixa de ferramentas, o aparador de grama e a TV da churrasqueira, que também fora depredada. Sentava-se na escada apalermado e mal acreditando no que via quando ouviu um barulho de pancadas vindo da garagem. “Ficou aberta” só o que lhe ocorreu enquanto se levantava de um salto e corria para a entrada lateral, que dava para a garagem.

Viu duas coisas: a primeira, um vulto que saía em desabalada carreira do jardim pela portinha lateral, seguindo-se um ruído de automóvel que se afastava rapidamente; a segunda, um clarão no interior da garagem. Da porta avistou seu carro em chamas e um galão de gasolina incendiando-se sobre o capô. Recuou rapidamente para não ser colhido pela explosão.

Na mesma noite ligou para a empresa de segurança que prestava serviços à Top-Mais: que lhe enviassem um segurança experiente na manhã seguinte, antes da sete. “Minha propriedade foi violada e temo que possam fazer algo pior” explicou.

Pela manhã, Leopoldo — que passara mais uma noite em claro — recebeu o segurança. Tomaram café juntos e depois lhe exibiu uma foto de Heloísa, enfatizando:

— Cuidado com ela, essa mulher é perigosa. Se ela quiser entrar no quintal, impeça, se insistir pode algemar. Se for preciso, chame a polícia.

Leopoldo viu-se perseguido por Heloísa por pelo menos seis meses. Vez por outra o segurança notificava-lhe sua presença nas imediações, “passou de carro, seu Leopoldo, bem devagarinho e olhando para dentro do quintal”, “chegou até o portão e quis falar comigo, pediu que a deixasse entrar”, “ela é doida, seu Leopoldo, tirou uma faca de dentro da bolsa e quis me atacar. Chamei a polícia”...

Certa madrugada Leopoldo acordou com ruído de vidros se partindo. Quando se levantou para ver o que se passava, confirmou sua suspeita: Heloísa estava ali, com um porrete, e quebrava suas vidraças pela segunda vez. A polícia veio, a invasora foi conduzida para a delegacia e o fato registrado. “Não vou deixá-lo em paz” ameaçou. O delegado ouviu e advertiu-a. Leopoldo achou por bem contratar um segurança para a noite também.

Telefonemas e cartas caluniosas para a direção da Top-Mais foram semanais, ainda que sem prejuízo para nosso desvalido herói em razão do conceito de si que havia formado na empresa, mas não a ponto de evitar certas piadinhas por parte do diretor de produção, sujeito bonachão dado a chalaças, a que Leopoldo preferiu fazer boa cara para não ficar mal.

A todas essas provocações Leopoldo preferiu não responder: uma boa estratégia, pensou, seria deixá-la cansar-se e desistir, o que acabou acontecendo. Outra estratégia, além de continuar mantendo um segurança dia e noite em sua casa (“até quando, meu Deus?”), foi mudar sua rota de caminhadas habituais nos sábados e domingos pela manhã e evitar os lugares que ele sabia frequentados por Heloísa.

Não se viam há nove ou dez meses quando certa noite de sábado em que saíra com alguns amigos para uma comemoração avistou-a entrar sorridente — como sempre! — e acompanhada por um senhor bem mais velho que, contudo, deixava patente ser não um amigo, senão seu... namorado? Heloísa e o acompanhante passaram bem perto (ela fingiu não vê-lo), e Leopoldo pôde notar uma aliança em seu anular esquerdo.

Respirou com alívio.

Nosso esteta, contudo, não se corrigiu: embora não com as mesmas conseqüências desastrosas, deixou-se mais de uma vez enlevar pela beleza feminina para decepcionar-se em pouco tempo. Se o que teve foram dissabores ao constatar que mulheres lindas não apenas são iguais às outras como às vezes são um pouquinho pior, porque enganam pela aparência; por outro também divertiu-se — um divertimento amargo, é bem verdade — revendo as antigas belezas que haviam passado por sua vida de celibatário.

Uma delas foi Mirtes, a quem reencontrou dezoito anos depois do rompimento.

“O envelhecimento é ao mesmo tempo triste e picaresco” dizia consigo mesmo, abismado.

Mirtes, como vimos, deixara a Top-Mais e, por assim dizer, desaparecera. Não vamos nos demorar relatando suas andanças nesses dezoito anos: diremos apenas que ela trabalhou em três ou quatro empregos diferentes, mudou-se de cidade, casou-se cinco anos mais tarde e teve filhos, quatro, e à altura do nosso reencontro o mais velho tem dez anos.

O reencontro aconteceu numa tarde de junho, bastante fria, não em algum ponto do Rio como se poderia imaginar, mas em Petrópolis, durante um passeio em que Leopoldo aproveitara o final de semana para visitar uns amigos. Nessa tarde, quando circulava sozinho pelo centro, nosso amigo entrou num bistrô com cara de roça na rua T*** para aquecer-se com um chocolate e de imediato avistou numa mesa de meio entre a porta e os fundos um rosto familiar que falava a um menino de ar angelical e sorridente. O rosto voltou-se casualmente para ele. Imobilizaram-se no mútuo reconhecimento, e enquanto Leopoldo não sabia que fazer (aos borbotões as lembranças acudiam para deixá-lo aparvalhado) o rosto sorriu, u’a mão enluvada acenou para ele decidindo-o a aproximar-se.

— Mirtes?

— Leopoldo! Eu o reconheci tão logo o vi! Você não mudou nada! Sente-se.

— Com licença...

— Este é o meu mais velho — e indicou o menino de ar angelical. — Pablo, cumprimente o moço, é um amigo que a mamãe não via há tempos.

— Olá — sorriu o menino.

— Olá, Pablo — e Leopoldo piscou para ele retribuindo o sorriso. — O seu mais velho... então há outros.

— Mais três.

— Puxa. Eu até agora sem nenhum.

— Pois é! Como são as coisas!

— Bem, vou pedir um chocolate quente por causa do frio. Espero que vocês me acompanhem.

— Mas claro! O Pablo adora.

O chocolate fumegava diante dos três. Pablo sorvia pequenos goles, com cuidado para não queimar-se. Leopoldo esteve calado algum tempo, com embaraço olhava para a xícara sem saber o que dizer. Por fim:

— Ainda há pouco tive receio de mostrar que a reconheceria. Acho que se você não tivesse acenado eu teria ido sentar-me lá nos fundos fingindo não tê-la visto.

— Ora, que bobagem...

— Vejo que não me odeia.

— E por que haveria de odiá-lo?

— Você sabe por quê. Nenhum ressentimento?

— Não, nenhum. Já passou — ela disse levando sua xícara aos lábios. Bebeu franzindo muito o rosto, pousou a xícara no pires, olhou para fora. — Depois da sua... decisão, eu me senti perdida, confesso... Mas tinha de levar a vida em frente, não podia fraquejar.

— Você é forte, Mirtes — e enquanto conversavam Leopoldo investigava os efeitos do tempo naquele rosto que em outra ocasião o fizera apaixonar-se feito um adolescente.

Não era a primeira vez que reencontrava mais velhas namoradas que o haviam cativado pela beleza e constatava aquilo que já sabia: o tempo era implacável. Mirtes guardava a candura de dezoito anos atrás, a mesma expressão amável do olhar, mas as rugas que começavam a descompor a antiga beleza eram agora tão visíveis que impossível seria não notá-las. Leopoldo acusou-se de superficial, nada daquilo importava, todos envelheciam e deveria haver algo além da beleza a ser cultivado... Ao mesmo tempo reconheceu que tudo isso não passava de lugares-comuns, e acabou baixando o olhar encabulado e temeroso de que ela percebesse.

— Acho que não — ela respondeu —, sou prática.

— E seu marido?

— Ah, ele é dono de uma confecção... Esqueci-me de lhe dizer, moramos aqui. Quando me casei, meu marido sugeriu que nos mudássemos para cá; ele era do Rio mas sonhava com uma cidade mais tranqüila, então viemos. Ele investiu tudo que tinha numa confecção, e acertou. Trabalhamos bastante, é verdade, principalmente à medida que a família crescia, mas a gente acaba vencendo, não é?, uma hora acaba vencendo.

— Que bom. Fico feliz por você.

— Olhe, vou deixar-lhe o cartão da empresa — tirou da bolsa um elegante cartão azul com gravação dourada. — O endereço debaixo é o de nossa residência. Espero que aceite um convite para almoçar...

— Por certo — ele gaguejou, sem saber se deveria aceitar.

— Então amanhã, pode ser?

— Já amanhã?!

— Ora, o que é que tem? Está combinado! Eu previno o Nestor de que vamos receber um amigo, um antigo colega meu de trabalho. Diremos assim... você entende, não é? E aí você vai conhecer os outros meninos.

Leopoldo foi recebido mesmo como um velho amigo, encantou-se com as crianças, conversou toda a tarde com o marido de Mirtes e quando se despediram no começo da noite haviam feito amizade.

“Contudo... ela já não é a mesma” perseguia-lhe a idéia incômoda que, pelo menos no caso de Mirtes, tentava evitar. Depois sentiu-se um tanto só: com efeito não era um homem talhado para o casamento, mas até quando suportaria viver sozinho? “Que bonita família!” admitiu, “uma casa aconchegante, crianças...” Caminhando pelas ruas iluminadas de Petrópolis naquele anoitecer gelado de junho não pôde abafar uma pontada de tristeza; o vento que sacudia as árvores nas calçadas parecia acentuar essa tristeza, o rumor do tráfego tinha algo de perda irremediável e todas as luzes com seu brilho intenso e uniforme aduziam uma nota de saudade, mas não sabia de quê...

“Deus meu, o que é que eu estou fazendo de minha vida?”

Leopoldo estava a essa altura com quarenta e três anos. Como fomos conhecê-lo aos quarenta e nove e o vimos o mesmo solteirão incorrigível, concluímos que essas reflexões teriam sido apenas circunstanciais...

E não erramos nessa conclusão, pois ele não deixou de visitar Mirtes nos anos que seguiram, sempre que ia a Petrópolis almoçavam em família e passavam o dia conversando; já não o incomodava constatar que a divindade de outros tempos convertia-se sem qualquer remorso numa mulher madura e comum, um tanto mais gorducha, que se dedicava a ajudar o marido em seu negócio e a encaminhar os filhos. Era assim. Devia ser assim. Seria assim, no mais das vezes... e ao deixar a casa de Mirtes e o marido ao final de uma dessas visitas, o namorador obstinado seguia rua afora espiando as belezas que passavam pensando em mais uma conquista.

Não estamos longe de concluir essa história, e esperando que o leitor tenha tido paciência suficiente para chegar até aqui vamos nos deter ainda em algumas miudezas necessárias para o arremate. Se existe algo irritante na literatura são aquelas narrativas que vão se aproximando do fim com seus fios soltos, suas pendências, seus casos não resolvidos que lá ficam a reclamar uma solução.

Caro leitor, não pretendo despertar contra mim seu justo agastamento. Vamos aos fatos.

Lembramo-nos de ter visto Álvaro Ribeiro pela última vez tomando cerveja com o Elpídio num barzinho no centro de Rio Verde.

Vimos em que estado de ânimo o deixamos naquela noite, após ter repetido ao antigo amigo de farras juvenis os mesmos desencantos referidos na véspera a Leopoldo Ventura.

Vamos reencontrá-lo um ano mais tarde recolhido em seu quarto na mansão do Morumbi.

Para que o leitor não estranhe ouvindo-nos referir ao “seu quarto”, e não ao “quarto do casal”, é preciso esclarecer que apesar de haver na casa um quarto do casal, onde a contragosto passava a noite ao lado da esposa, Álvaro escolhera como uma espécie de refúgio um quartinho mais distante das áreas principais ao qual se retirava para esquivar-se de visitantes importunos ou mesmo apenas ler sem ser incomodado.

Nesse dia específico e decisivo para sua vida ele passava silenciosamente por uma saleta onde Isabela costumava receber suas amigas íntimas para falar de futilidades, e percebeu que havia alguém com ela. Chegou à porta e viu-a conversando com uma mulher mais velha que ele já conhecia bem e com que nunca simpatizara: tratava-se de uma certa marquesa descendente de uma dessas casas da decadente nobreza européia (Álvaro insistia no adjetivo “decadente”, o qual aplicava a todas essas famílias cheias de si por tradições de casta, endinheiradas ou não, mas composta por uma gente vazia de conteúdo que lhe causava engulhos), rica ainda, mas já não muito, recebida porém na melhor sociedade por seu nome. Álvaro não foi percebido, recuou para não sê-lo, mas ao mesmo tempo ouviu o que a dita marquesa dizia:

— Concordo com você, querida. Afinal trata-se, perdoe-me a franqueza, mas você já sabe que sou franca, trata-se de uma pessoa das classes inferiores... não sei como você pôde... enfim, o coração tem suas próprias leis.

— Não, minha amiga, eu sei, e você tem toda razão, não me aborreço com sua franqueza. Eu o conheço muito bem, e sei de onde veio, afinal foi onde o conheci. Mas eu sei pô-lo na linha, deixá-lo em seu devido lugar...

Álvaro chegou ao seu quarto com uma decisão tomada.

Tirou do pulso o Grandmaster Chime que Isabela lhe dera no último Natal, olhou as horas (passava um pouco de uma da tarde) e o jogou sobre a mesinha de cabeceira. Parou defronte ao espelho do guarda-roupa e riçou os cabelos com a ponta dos dedos, meteu a carteira com seus documentos no bolso de trás da calça, colheu no fundo de uma gaveta um pequeno embrulho que não sugeria seu conteúdo e saiu de casa, evitando passar pelos cômodos onde pudesse encontrar-se com a esposa e sua amiga.

Não se dirigiu, contudo, para a garagem: saiu caminhando por um dos portões laterais como quem pretende fazer um passeio. O guarda na guarita

cumprimentou-o, e Álvaro respondeu com um gesto de simpatia. Algumas centenas de metros adiante acenou para um táxi.

Ao entrar na agência bancária o gerente, avistando-o, levantou-se pressuroso:

— Dr. Álvaro, quanta honra! Em que podemos ser-lhe úteis?

Álvaro perguntou-se de onde o gerente foi arrancar-lhe um título de doutor, mas não se deteve nessa questão. Foi direto ao assunto:

— Pretendo fazer umas transferências.

— Pois não, de imediato. Acompanhe-me — e o conduziu até sua mesa, sobre a qual estavam espalhados papéis em profusão. — Sente-se, por gentileza.

Álvaro sentou-se e retirou do bolso alguns documentos enquanto o gerente ocupava de volta sua cadeira.

— Estas aqui são as minhas contas — e estendeu os documentos que extraíra do bolso. — Desejo encerrá-las, e para isso peço que todos os valores sejam transferidos para esta conta aqui, que é da minha esposa.

— Ah, da dona Isabela! Sim, sem dúvida. Não demora nada. Enquanto isso aceita uma água? Um café?

— Não, mas se me puder indicar o toalete...

— Sem dúvida! Siga por ali — e indicou um corredor. — Fica no fim, à direita.

No toalete desfez o embrulho: ali estava uma calça e uma camisa bastante coçadas, bem como um par de sapatos ordinários e gastos. Tratava-se de *souvenirs* de outros tempos que ele preservara sem saber ao certo para quê, com a vaga intuição de que poderiam ter utilidade algum dia. Via agora que acertara em sua previsão.

Mudou de roupa.

As peças que acabara de despir pôs no embrulho e fechou-o. Da carteira tirou um maço de cédulas, que conferiu. “É suficiente” disse consigo.

Voltou à gerência.

— Tudo pronto, Dr. Álvaro — exclamou o gerente, que não deixou de perceber a mudança operada em seu ilustre cliente. — Aqui estão os recibos da transferência. As contas foram devidamente encerradas, como pediu. No entanto, estaremos aqui à disposição para quando desejar reativá-las...

— Agradecido, mas por ora penso que não será necessário. Tenho, porém, mais um favor a pedir-lhe...

— Com certeza!

— Devo estar alguns dias fora — mentiu — e não poderei retornar a casa hoje. Poderia mandar entregar lá este embrulho? Basta deixar na guarita principal com o meu nome no remetente. Mais tarde ligo para Isabela informando-a.

— Será entregue hoje mesmo — garantiu o gerente com solicitude. — Temos um estafeta sempre de prontidão.

— Então está ótimo. Até a vista então.

— Até a vista, Dr. Álvaro — disse o gerente encantado com um cliente tão simpático. E achou por bem acrescentar: — Bom divertimento!

“Aonde será que ele pensa que eu vou?” pensou Álvaro, achando graça na ingenuidade do outro.

Apanhou um táxi para o Rio de Janeiro, de lá um ônibus para Rio Verde. Entrou na casa dos pais pouco depois das dez.

— Voltei — disse aos pais, surpresos com sua chegada repentina. — Para ficar. Tem janta pronta?

Na manhã seguinte Álvaro Ribeiro estava atrás do balcão da papelaria outra vez. Não despediu, contudo, o substituto: mantê-lo-ia para ajudar, tinha muito o que fazer.

Nos momentos finais de nossa narrativa voltamos ao começo, isto é, não bem ao começo, mas ao tempo do começo, quando não há mais quase nada a referir sobre nossos heróis, e chegamos à conclusão de termos começado a história pelo fim.

No entanto para não sermos assim tão taxativos quanto a isso, verificamos que sempre resta algo a ser dito, embora esse algo se refira ao Josias Leitão e, como não poderia deixar de ser em se tratando do Leitão, trata-se de episódio bastante chinfim.

Vamos portanto encontrar Leopoldo em certa manhã de segunda-feira atabalhoado na tentativa de ajudar o amigo pobre em mais uma de suas desditas — ou no que se poderia chamar de desdita afortunada, ou mesmo fortuna desditosa: pois naquela manhã mal o Josias sentou-se detrás de sua mesa para trabalhar recebeu uma ligação na qual uma voz identificou-se com sendo a de um policial que desejava confirmar sua identidade, “trata-se efetivamente do Sr. Josias Leitão, pai de um cidadão de nome Atílio Leitão?”, e ele confirmou, “sim, é meu filho, está desaparecido há cinco anos”. Então a voz informou-o de que Atílio acabara de reaparecer, encontrava-se preso no Estado de Minas por crime de morte. Deu-lhe o endereço da cadeia e disse que sua presença era solicitada o quanto antes naquela unidade.

Leopoldo ouviu a história do amigo inteiramente desacorçoado, e disse-lhe para acalmar-se, “com nervosismo nada se arranja” advertiu, “vou à diretoria explicar o caso e avisar que teremos de viajar. Partimos para lá imediatamente”.

A história de Atílio era duma trivialidade de causar indiferença, embora as aflições do pai não o fossem, ou talvez fossem, já que toda dor se assemelha e acaba se tornando maçadora: Atílio — como já o dissemos — havia cinco anos sumira no mundo, “sem expectativa, sem esperança de nada, quis tentar a sorte” explicou na sala de visitas para onde fora levado a fim de entrevistar-se com o pai.

— Zanzei por aí... Trabalhei feito um condenado, nada deu certo, estava decidido a não voltar... sabia que o senhor estava segurando a barra... minha mulher e meus moleques... mas eu não tinha cara para voltar de mãos abanando... não sou como o senhor, meu pai, que se contenta com migalhas...

— Seu pai é um homem honrado acima de tudo — atalhou Leopoldo, que ouvia até então a conversa entre pai e filho sem intervir.

— Eu sei, Dr. Leopoldo — disse ele baixando os olhos —, desculpe... eu não quis fazer pouco do meu pai... pessoa melhor do que ele eu sei que não tem... Eu é que não sirvo para isso...

— Mas, meu filho, o que foi que aconteceu?

— Pois é, tenho vivido por aí esse tempo todo... estive no Norte... estive no Sul... conheci o Brasil quase todo, mas nunca consegui uma situação melhor... tudo dava errado, era como andar pra trás... se nem caranguejo anda pra trás!... E agora as coisas acabaram de piorar, eu me desgracei de uma vez por todas...

E explicou como três meses atrás se metera numa briga com um sujeito que havia bebido além da conta num boteco da mal afamada periferia. Trocaram palavrões. Atracaram-se. Rolaram pelo chão. De repente o sujeito puxa uma faca e tenta alcançar-lhe a barriga, “mas fui eu que furei ele” diz, “tomei-lhe a faca e abri a barriga do cabra duma cortada só”.

Fora preso em flagrante.

Quanto tempo ficaria na cadeia? Só Deus sabia.

“Só mandei avisar o senhor porque não suportava mais estar preso sem ver minha gente, mas o senhor não precisa fazer nada por mim não, só vem de vez em quando me visitar... traz a mãe também, a dona e os meninos... estou com muitas saudades de todos... só isso já basta...”

Leopoldo entrou em casa já de noite entre penalizado e enfiado com a sordidez da vida. Parecia que as penas do Josias Leitão não tinham fim — e fora para isso, perguntava-se, que o sujeito casara, pusera filhos no mundo, envelhecera trabalhando regularmente e fazendo serões que lhe permitissem manter a casa com dignidade e decência?

“Na verdade o mundo é uma coisa indecente.”

No dia seguinte, enquanto Leopoldo Ventura reunia-se com a diretoria da Top-Mais Calçados S.A. para estudar novas estratégias de mercado, um Josias esbarrancado e aflito, mais magro e miserável do que nunca, voltava para trás de sua mesa a fim de pôr em dia suas tarefas atrasadas e ver com os colegas se alguém teria um servicinho extra para ele depois do expediente, “é meu filho, sabe?” justificava-se, “meteu-se em complicações e eu preciso de algum para poder ajudá-lo”.

Leopoldo agora quando vai a Rio Verde costuma convidar o amigo Ál-

varo para um bate-papo no bar defronte à praça, onde ficam falando até dar horas, e vez por outra lá aparece o Elpídio, que faz chalaça falando da “volta do filho pródigo” — mas isso no começo, pois agora já lá se vão anos que Álvaro retomou a papelaria e num belo dia de verão casou-se com Lenice, a Lenice de outros tempos, a quem calhou encontrar na quermesse da padroeira da cidade. Lenice era agora uma mulher de trinta e sete anos, vivia só desde que se divorciara um anos antes e voltara a residir em Rio Verde. Refez-se a amizade entre ambos, a amizade converteu-se em paquera, Álvaro fez-lhe a corte e Lenice ponderadamente aceitou; aceitou também seu pedido de casamento com a mesma tranquilidade e bom-senso que aceitara a corte, e estavam bem: principalmente porque Álvaro enfim satisfizera os pais, dando-lhes um neto, que acaba de completar sete anos.

Como nos tempos que correm não há mais qualquer novidade na vida dos nossos três heróis, vamos retroceder alguns anos, exatamente o número de anos necessários para que possamos encontrar Álvaro em casa de seus pais num dia de sábado à tarde, menos de uma semana depois de ter voltado para Rio Verde.

Nos sábados tornar-se-ia hábito deixar o substituto na papelaria e passar o dia no sítio, para onde futuramente iria com a nova família, ou seja, a mulher Lenice e, em tempo certo, o rebento.

Porém aquele era o primeiro sábado que passava em Rio Verde desde o regresso, e acabara de chegar do campo em companhia do pai, aonde tinham ido inspecionar uma colméia, quando viu estacionar no terreiro defronte à casa um carro último tipo.

Pai e filho entreolharam-se.

— É ela — murmurou.

— Tenha calma, filho — recomendou o velho.

— Não se preocupe, pai, eu sei como agir.

Ao volante, Isabela escondia os olhos detrás de uns óculos escuros.

— Vai entrar ou ficar aí do lado de fora? — ela perguntou.

— O que você preferir.

— Então entra.

Álvaro abriu a porta do lado do carona e entrou.

Estiveram em silêncio por um longo minuto. Por fim Isabela retirou os óculos e esfregou o rosto com a palma das mãos.

— O que foi que você fez, Álvaro?

Álvaro ergueu os ombros.

— Pensei que você tivesse entendido, Isabela.

— Você me abandonou? É isso?

— E faz diferença?

— Como? Então não faz diferença? Que é que você tem na cabeça?

— Na cabeça? Não sei. Mas na cara é vergonha.

— O que é isso, Álvaro? O que deu em você?

— Cansaço, Isabela, puro cansaço.

— Do quê, pode-se saber? — e pela primeira vez encarou-o, olhando-o diretamente nos olhos. Álvaro não titubeou. Sentiu-se incomodado com os olhos vermelhos e a expressão abatida de Isabela, mas não sabia até que ponto ela estava sendo sincera, até que ponto estaria representando.

(— Ele não levou nada, nada do que lhe demos — dizia Isabela derretendo-se em lágrimas enquanto seus olhos iam do pai para a mãe [que se sentara ao seu lado, tomando-lhe as mãos] e desta para o pai. — O dinheiro, o relógio do último Natal, até as roupas, mãe!, foi embora com toda certeza usando roupas velhas!

(O Sr. Di Franco Albertelli, mãos nos bolsos, deu uma volta pela sala, pigarreou.

(— Um homem de brios — murmurou. — Não há mais muita gente assim hoje em dia.

(— Ora brios, papai! — explodiu Isabela levantando-se bruscamente. — Malditos brios! Malditos brios.

(— Conforme-se, minha filha — murmurou a mãe, sem saber o que dizer. — Pelo visto, ele não irá retroceder da decisão tomada.

(Isabela caiu de joelhos e afundou o rosto no colo da mãe. Todo o corpo se sacudiu. Chorava descontroladamente...)

— Você conferiu os valores da transferência? — ele perguntou afetando indiferença. — Estava tudo certo? Entregaram o embrulho que mandei para sua casa? O relógio eu deixei na mesinha de cabeceira, naquele quarto que eu usava ultimamente para ler. Espero que tenha encontrado.

— O que significa tudo isso, Álvaro?

— Significa, Isabela, que de você e da sua família eu não quero nada. Nunca quis nada. Não me casei com você esperando enriquecer, nem impressionado com sua fortuna, casei-me porque me apaixonei, porque ameí você acho que desde o primeiro momento em que a vi, sem saber quem você era e o que tinha. Se você fosse uma simples costureirinha de roça sem tostão, eu teria me casado do mesmo jeito.

— ?

— Só que você, durante o tempo em que estivemos casados, a única coisa que soube fazer foi sufocar e por fim matar esse amor.

— Não é possível que você pense assim. Eu nunca deixei de te amar.

— E eu acredito — ele disse, encarando-a por sua vez com franqueza. — Acredito que você me ame, mas do seu jeito. E do seu jeito não me interessa.

Fez uma pausa. Percebeu através do pára-brisa que o pai chegava à janela, demorava-se aí breves instantes como se estivesse apenas verificando que tudo corria bem, e se retirava em seguida.

— Então é definitivo, Álvaro?

— Você me colocou no meu lugar, Isabela, não foi o que disse da última vez com aquela sua amiga, marquesa não sei de quê? Então! Eu estou o meu lugar: a granja de meu pai, a papelaria, que estou administrando novamente, são o meu lugar. Hum? Se é definitivo? — e viu o rosto de Isabela lavado em lágrimas. — Você tem alguma dúvida quanto a isso?

— Eu te perdi, Álvaro? Responde: eu te perdi?

— Agora é melhor você ir, Isabela. Pode ficar tarde, e não é bom dirigir à noite. Desejo-lhe uma boa viagem.

Saiu do carro, atravessou o terreiro, entrou em casa.

Um instante mais tarde ouviu o ruído do automóvel afastando-se.

Não sentiu nenhum pesar.

Pelo contrário, era alívio o que sentia.

Princípios e bons costumes

Bartolomeu Janjão era um homem de princípios, aliás sólidos princípios, e cultor dos bons costumes.

Essa expressão, “princípios e bons costumes”, era-lhe de preferência em suas conversas e julgava fazer-se entender muito bem ao usá-la, de forma que em certa ocasião pouco faltou para chegar às vias de fato com um conhecido que lhe perguntou, em tom escarninho, o que exatamente ele queria dizer com aquilo.

— Ora — respondeu escandalizado, encarando o outro com muita seriedade —, se o senhor não sabe o que são os bons costumes, por que tipo de conduta sua casa se orienta? — e com “sua casa” referia-se inequivocamente à mulher do amigo, que apreciava mostrar pernas não muito recomendáveis em roupas sumárias; em outras palavras, não pronunciadas mas implícitas, “que zona deve ser aquilo por lá, meu caro, que zona!”.

Cochicharam entre si as boas línguas que Bartolomeu Janjão fizera de propósito, a fim de que o amigo pusesse fim às inconveniências da mulher, mas o resultado foi um esfriamento nas relações entre ambos e um amarrar de caras que durou anos.

Funcionário público — ainda que dos escalões inferiores —, residia num bairro de classe média baixa (para sermos piedosos e não falarmos ralé) em N***, cidade interiorana não muito populosa e de pouca expressão. O cargo que ocupava — reles, mas propiciando-lhe vencimentos não de todo magros — conferia-lhe um certo *status* na comunidade, razão pela qual pusera tanto empenho em criar para si uma “imagem”, e com essas aspas queremos significar exatamente isso, “imagem”.

Completara 48 anos mas parecia ter seis a mais; um tanto arredondado na cintura sem ser propriamente gordo — sê-lo-ia, mas não em excesso, não obeso —, estaria mais para baixo do que para alto, embora dele não se pudesse dizer baixote: digamos um mediano reduzido, e penso que me faço entender. O cabelo, não fosse ralo e cortado cerce, seria miudamente crespo, fato capaz de causar-lhe desgosto, pois parecia cabelo de “gente de cor”, coisa que nunca dizia em voz alta mas que não podia evitar penetrar-lhe furtivamente os pensamentos: olhando-se no espelho do banheiro — diga-se de passagem um espelho muito velho, trincado e cheio de manchas —, impossível seria não reconhecer nos traços, na cor da pele, na crespidão dos cabelos os sinais que denunciavam antepassados africanos. Sua mãe, “que Deus a tenha, uma santa

mulher!”, era certamente clara, quase loira, como se podia deduzir dos retratos que preservava no álbum de família (e mesmo num pequeno porta-retratos sobre o movelzinho da televisão, na sala); porém o pai exibía um tom de pele fechado, e de certo tio paterno, de quem os mais antigos ainda se lembravam, preferira remover do álbum de família a fotografia na qual aparecia definitivamente “tostado” demais (tivesse embora tal incidente na conta de uma falha de iluminação à qual o fotógrafo não estivera atento), e foi guardá-la dentro de um livro de aspecto e título pouco atraentes, quase escondido num recanto da estante. Não que Bartolomeu Janjão fosse um homem de preconceitos, mas não queria que o tomassem por preto sem ser, afinal tinha — sim! — a pele bem amorenada (um amorenado, porém, que não chegaria a mulatice) e os lábios um tanto carnudos, mas o nariz se não era afilado tampouco achatava-se, e os olhos, não sendo claros, menos ainda pareceriam negros, digamos que passassem por um castanho médio e não se fala mais nisso.

Vestia habitualmente roupa social de cores sóbrias; avesso aos modismos, mesmo em casa fazia questão de trajar segundo os bons costumes, embora com mais simplicidade; mas na repartição não dispensava a gravata com prendedor e as fraldas da camisa — de mangas compridas com abotoaduras de ouro falso — adequadamente enfiadas para dentro das calças.

Trazia a barba sempre rapada — barbeava-se todas as manhãs, antes de sair para o trabalho — por lhe parecer sinal de desleixo o contrário, mas mantinha os bigodes, uma faixazinha estreita e algo rala por cima do beijo, e já com fios grisalhos, pois segundo sua opinião um homem casado e pai de família, que possui princípios e se conduz pelos bons costumes, deve sempre fazer a barba — por uma questão de higiene — mas preservar os bigodes, que conferem ao cidadão aparência de respeito.

Após barbear-se, esfregava a pele do rosto vigorosamente com a toalha e aplicava a loção, examinando-se para um último veredicto matinal, e concluía franzindo os lábios que, sim!... Sua aparência era boa, era ótima, não podia ser melhor! Afinal era um homem de princípios — e numa atitude resoluta abandonava o banheiro minúsculo seguindo em direção da copa, onde a mulher já lhe punha a mesa para o café.

Às sete e meia saía de casa.

Às oito entrava na repartição e trabalhava até as cinco, com intervalo de uma hora para o almoço.

Bartolomeu Janjão não possuía família numerosa, na verdade ele e a mulher não se empenharam muito em cumprir o mandamento bíblico que diz “crescei-vos e multiplicai-vos”, achando por bem que um casal nos dias que correm não deve ter muitos filhos, e assim sendo sua senhora trouxe ao mundo apenas uma filha, que soltou seu primeiro vagido com os fogos que saudavam o novo século e na pia recebeu o nome de Talita Janjão. Tendo-se casado aos quase trinta e um anos, no começo de nossa história a filha era uma adolescen-

te de quinze para dezesseis anos, com suas graças como costumam tê-las as adolescentes, algumas mais, outras menos; a menina Janjão não as teria de mais nem de menos, mas passava por agradável.

Sendo bonitinha, já vinha sendo cortejada por alguns rapazelhos da cidade, e teria sido beijada pela primeira vez pouco antes de completar os quinze anos por um menino com quem havia flertado na escola. Talita, por força da criação que tivera, não era uma garota atirada, seria até mesmo reservada e tímida, e não aceitava a corte de qualquer um, o que não a impedira de ter seus breves envolvimento amorosos, que não excediam muito o andar de mãos dadas, tomar um sorvete na padaria, aproveitar um começo de noite e as sombras das árvores da calçada para permitir uma troca de carinhos, procurando no entanto ser o mais discreta possível e também manter-se no controle da situação para evitar avanços demasiadamente afoitos...

Bartolomeu Janjão, apesar de seus princípios e dos bons costumes cultivados, não seria um chefe de família tacanho, atrasadão, que se mostrasse desnecessariamente severo, e como se tivesse dado conta de que a filha aprendera-lhe os ensinamentos e seguia-lhe os passos, não o molestavam os namoricos próprios da idade, para que ela escolhesse por si, ao longo do tempo, aquele com quem compartilharia a vida, bastando-lhe manter-se informado e alerta sem coibir à menina sua liberdade de adolescente. Tais namoricos, porém, não iam longe pois Talita não se sentia “capturada”, por assim dizer, como se seu grande amor ainda não tivesse chegado — o que nos parece muito natural numa garota dessa idade, “ainda que mesmo uma garota dessa idade entregasse muitas vezes a liberdades que tangem a libertinagem” refletia Bartolomeu Janjão orgulhoso da filha.

Assim, sem receios por ela, houve uma vez — e apenas uma — em que o Janjão espreitou-se: para sua surpresa viu rodear a menina um tipinho reles de fama duvidosa, um certo Xandinho do Pó, morador do Morro do Pitu — uma favela medonha a alastrar-se encostas acima no outro extremo da cidade —, que andou passando vezes e vezes por dia em sua rua, retardando os passos defronte à sua casa e pelo menos em duas ou três ocasiões chamando ao portão para pedir água, numa das quais perguntou à dona Odete pela filha.

Xandinho do Pó era um sujeito magrelo de seus vinte anos, cabelo enroladinho tingido de louro, cara ossuda, vadio por natureza e consumidor assíduo de certa substância que lhe acabara ficando por alcunha. Já havia passado duas ou três vezes pela delegacia de polícia sem ficar preso, por último andava cauteloso, mas era do conhecimento de todos que se metia com a vagabundagem e quando podia “cheirava o bom cheirar”.

Bartolomeu Janjão, informado pela esposa do que estava acontecendo, resolveu-se por uma medida definitiva: ficou um dia em casa à espera do sujeito, e quando ouviu baterem palmas no portão foi atender. Xandinho ao vê-lo não pôde disfarçar seu desapontamento, mas para não dar o braço a torcer e

denunciar-se pediu água. Janjão manteve-se calmo, abriu o portão “venha para a sombra, que o sol está de rachar”, e quando o moleque avançou foi contido pelo pescoço e empurrado de encontro à parede com uma força insuspeitada, pois ainda que o Janjão fosse balofo possuía vigores, e principalmente ganas, que lhos multiplicavam.

Foi incisivo: enquanto apertava o pescoço do outro, sacudia-o e lhe ber-rava na cara que não pusesse mais os pés ali, que ele não criara filha para “um traste feito você, que além de não trabalhar não passa de um maconheirozinho à toa”, após o que foi atirá-lo aos trambolhões no meio da rua, “e se eu souber que o senhor se aproximou de minha filha outra vez, saiba que tenho aqui uma 45 carregada e lhe despejo no couro meia dúzia de bolotas!”.

Não se deu por satisfeito: quando Talita chegou da escola, teve-a pela orelha e a carregou para dentro despejando-lhe nas ouças tudo que havia se passado, sem ouvir a esposa que procurava contemporizar:

— Não seja violento com nossa menina, Bartolomeu! Pelo amor de Deus, veja lá o que vai fazer!

— ...**escutou?!!** — foi o berro final, quando a largou meio ator-doadada em cima do sofá da sala.

— Tira-lhe o celular por duas semanas, Odete — determinou, e saiu com passos picados no piso de cerâmica.

Talita, aterrorizada, levantou-se de um salto “o senhor enlouqueceu?” e, chorando, foi trancar-se no quarto.

— Eu jamais daria confiança para um sujeito feito esse Xandinho — protestava aos prantos com a cara afundada no travesseiro, até que se levantou, abriu a porta do quarto e berrou: — Eu jamais daria confiança pra ele, escuta-ram? Jamais! Jamais! — bateu a porta, afundando outra vez a cara no travessei-ro.

Acabou adormecendo e só abriu os olhos quando anoitecia.

Incomodou-se depois o Janjão com o que havia feito: nunca se exaltara daquela maneira, principalmente com a filha, e acabou por reconhecer que se excedera com ela, embora não com o outro, pois “o maconheiro mereceu a lição, ora se não!”. Naquela noite tomou as mãos de sua menina, fez-lhe uma carícia nas faces, desculpou-se, falou do receio por seu bem-estar, engrolou umas justificativas e devolveu-lhe o celular. Por fim abraçaram-se pai e filha pacificados.

A paz doméstica fora restabelecida.

Tendo chegado a uma idade madura, usufruindo as bem-aventuranças de um lar bem estruturado, principalmente gozando de boa saúde (seus exames anuais pareceram muito bons ao médico, até mesmo excelentes), dir-se-ia que Bartolomeu Janjão tinha tudo para dar-se por satisfeito com sua vida de

pequeno-burguês; que poderia fazer planos para o futuro da filha (já a sondava acerca do curso que seguiria tão logo concluísse o ensino médio, “vá pensando” dizia, lembrando-se de que ao longo de todos aqueles anos fizera economias que o atendessem nesse que seria um momento de grandes despesas, “vá pensando, que é bom evitar afobações de última hora”) e também para quando estivesse aposentado, o que aconteceria daí a dois anos: arranjar outra ocupação e passear, “que um homem que sempre trabalhou não vai ficar à toa só porque aposentou-se, claro!, mas também é preciso gozar a vida”. Apesar de tudo, Bartolomeu Janjão escondia de todos — e às vezes até de si mesmo fazia questão de esconder — sua frustração, que não raro lhe arrancava um suspiro contrariado: não ter feito fortuna.

Entrara para o serviço público aos vinte anos esperando ascender rapidamente, mas apesar de mostrar-se um funcionário dedicado e eficiente, não ascendeu. Seus vencimentos, miúdos após quase três décadas de carreira, foram no começo irrisórios, e quando alguns anos mais tarde passou a ganhar um pouco melhor (devido a um curso técnico que lhe valera uma promoção) casou-se, e sobrevieram as despesas de família — ainda que sua família, como vimos, se limitasse a três cabeças, ou três bocas, conforme se queira.

Por sorte nunca precisara preocupar-se com aluguel: a casa para onde levava a esposa, apesar do bairro renquém, era da família, que deixara de renovar com o inquilino para cedê-la ao filho. Diga-se ainda que Bartolomeu Janjão tinha uma irmã três anos mais nova que não fez questão do arranjo pois, já casada, possuía casa própria e — combinou-se — herdaria a dos pais.

Assim Bartolomeu Janjão casou-se e foi residir naquela casinha que, se não era de todo má com seu quintalejo na frente, uma varanda grande e um amplo terreno arborizado ao redor, tampouco seria de todo boa, pois além de ser pequena via-se bastante maltratada pelo tempo: da varanda entrava-se para uma sala razoável e daí para dois quartos estreitos; havia um banheiro bem situado e uma copa, mas na cozinha minúscula espremiavam-se uma pia de bancada, um guarda-comida, uma geladeira e um fogão a gás cujo botijão, por segurança e falta de espaço, ficava do lado de fora. Sabia da urgência de uma reforma que concedesse a tal vivenda um aspecto de bem-estar — a cozinha, p. ex., requeria uma ampliação, os dois quartos poderiam ser convertidos num só para ter-se mais largueza, impondo-se a construção de um outro, o do casal, em posição antípoda; ampliava-se também a sala que, revestida com um papel de parede adequado, convertia-se num ambiente se não requintado pelo menos “de aparência” —, porém seriam tantas as modificações a serem feitas que, nunca desistindo delas em definitivo, ia protelando para quando estivesse “mais folgado”, e assim o tempo seguia impiedosamente adiante.

Bartolomeu Janjão, aos dezessete anos de casado, encontrava-se pois numa situação que classificava como de desgosto financeiro: em orações de bom católico agradecia a Deus por sua família — a esposa operosa, que fazia

quitutes para vender e ajudar nas despesas; a filha estudiosa e bem comportada que não lhe causava preocupações; e também o emprego que, bem ou mal, permitia-lhe viver com dignidade; porém não vislumbrava uma oportunidade já não se diga de enriquecer, pelo menos de conquistar um pouco mais para sair da mesmice cotidiana e aproveitar seu tanto a vida junto com os seus.

Vez por outra passava na casa lotérica e fazia lá sua fezinha, mas o grande prêmio parecia esquivar-se de suas apostas, e mesmo no bicho as poucas vezes que ganhou foram uns trocados que mal compensavam as perdas. Embora com os amigos dissesse jogar por brincadeira, “sabemos o quanto é difícil, não é mesmo?, não, é só por brincadeira”; intimamente — e muito secretamente, pois nunca falava disso em alto e bom som nem consigo mesmo, como se o tolhesse uma certa vergonha —; intimamente, portanto, mantinha a esperança de um dia conferir o volante e verificar que ganhara sozinho o primeiro prêmio! Mas esse dia tardava...

Bartolomeu Janjão cogitara também em épocas diversas tentar outra atividade, pois se ainda que no serviço público o pinga-pinga fosse certo, nunca passaria disso, um pinga-pinga medíocre: não descortinava por ora nenhuma possibilidade de ascensão, e quando por acaso fosse promovido novamente, seu novo posto seria uma mera continuação do anterior, com uma melhoria salarial irrisória. Deu, portanto, tratos à bola para descobrir qual seria a atividade mais indicada para si, mas não encontrou nenhuma: o comércio não lhe convinha pois não tinha jeito para fazer cobranças (um conhecido seu, dono de um mercadinho, andava de carro do ano, mas via-se vez por outra às voltas com fregueses caloteiros); pensou na corretagem de imóveis, mas tampouco lhe servia pois nada entendia do assunto, e para aprender, até que começasse a lucrar quanto tempo se passaria?; descobriu-se uma noite de insônia entrando para o ramo da construção civil, mas não lhe pareceu viável por uma infinidade de objeções que ia fazendo a si mesmo, desde lidar com engenheiros — que sabia ele de engenharia? — até com o pessoal lá de baixo, isto é, os que de fato constroem, mas não conhecia ninguém nessa área e não tinha nenhuma idéia de como poderia contratar uma equipe de profissionais competentes; assim as idéias acudiam para serem prontamente rechaçadas, e a última — que não deixou também de ser a primeira, à qual retornou depois de uma infinidade de alvitre mal alvitados (montar um escritório de contabilidade, ou uma empresa de transporte de valores, quem sabe dirigir um táxi, alugar um pasto para criar gado, abrir uma auto-escola, e até fundar um jornal...) —, tentar um outro cargo público que pagasse mais, ocorrendo-lhe a Justiça: promotores e juízes têm altos vencimentos “e não trabalham tanto assim” dizia em suas congeminções, mas refletiu que teria de voltar para a faculdade de direito, que abandonara no sexto período, o que simplesmente lhe pareceu impossível, “até eu me formar, até conseguir passar num concurso público...” e desanimou. Continuou no seu emprego, insatisfeito mas digno, e a dignidade — consolava-se

— seria o principal, pois um homem de princípios e que se orienta sempre pelos bons costumes carece sobretudo de dignidade, e isso não lhe faltava.

“Quanto ao resto...” suspirava longamente enxergando à sua frente a vasta e espessa muralha de suas impossibilidades.

Sendo um homem de princípios, Bartolomeu Janjão não poderia deixar de ser também algo turrão; em outras palavras, diremos que fosse uma pessoa de personalidade forte, um tipo de opinião, ou seja, não cedia facilmente na defesa de suas idéias, de sua posição, de seus direitos e o que mais houvesse para defender. Criticava-o às vezes o Alves, o vizinho Alves, com quem mantinha uma amizade de décadas:

— Amigo Janjão, não se pode ser tão cabeçudo! Às vezes convém um tanto de flexibilidade...

— Ora, que flexibilidade qual nada, Alves, em certos assuntos, e principalmente com certo tipo de gente, temos de ser rigorosos.

O Alves balançava a cabeça com um meio-sorriso de complacência e, pelo menos por então, não levava adiante as ponderações: Bartolomeu Janjão era assim, seria assim a vida inteira, e em decorrência dessa, por assim dizer, turrice, levava ele atravessado na garganta um vizinho, um certo Ademar Coelho, morador da casa defronte.

Ademar Coelho era um tipo franzino e amulatado de cabelo ruim, mas amasiado com Rita, mulher de volumes, tez alvacentas e cabeleira de fogo. Um ou dois anos mais novo que o vizinho, no começo de nossa história sua graciosa filha era da mesma idade da menina Janjão e se chamava Janice (a quem Bartolomeu Janjão passou a se referir de forma pejorativa como “a Coelhinha”, reservando “a Coelhona” para a mãe).

Ademar Coelho não era em nada melhor ou pior situado que o Janjão: sua casa não era nem maior nem mais bonita; não tinham ambos um bom carro, pelo contrário, se Bartolomeu Janjão saía todos os dias para a repartição em sua bem conservada mas antiquada Brasília, Ademar Coelho dirigira muito tempo uma Variant, passando depois para um fusquinha pior e por fim mudando-se para um Gol ano 82 bastante escangalhado que aos poucos conseguiu reformar até dar-lhe uma aparência apresentável e ficar com ele em definitivo. A única diferença notória entre os dois, na qual Janjão levava a melhor, era que, mourejando como mestre-de-obras de sol a sol, Ademar Coelho chegava em casa no fim da tarde imundo e esbodegado, enquanto o vizinho descia da bem conservada Brasília com sua roupa social em boa forma, as unhas limpas e até um cheiro de água-de-colônia, já que entre os bons costumes do Bartolomeu Janjão estavam a higiene corporal, a limpeza das mãos, o uso de um bom desodorante. Nessa diferença firmava-se nosso herói para soerguer o nariz ao encontrar o outro, mas nisso de soerguer o nariz vale dizer que o fazia, sim, mas evitando a direção do vento que lhe trouxesse a inhaca que por acaso o Coelho exalasse.

Tal rivalidade fora provocada por uma festa, uma simples festa ocorrida há uma dezena de anos.

Pois um dia cisma o Coelho de fazer uma festa de aniversário para sua esposa, que coincidia com o aniversário da filha, e enquanto esta apagaria cinco velinhas aquela, mediando a casa do trinta, perfaria os redondos trinta e cinco. Até então, se não havia propriamente amizade entre as duas famílias, havia pelo menos uma convivência neutra de vizinhos sem muito em comum. (Cumpra esclarecer que fazia não mais de três meses que a família Coelho residia na casa defronte ao Janjão, afugentada de um outro bairro pelo preço dos aluguéis. Ademar Coelho adquirira o imóvel raspando todas as suas economias e ainda fazendo um empréstimo para as últimas despesas, o que o obrigara a dobrar sua labuta sem conceder-se nem mesmo os domingos para um descanso, razão pela qual pouco parava em casa e não havia tempo nem oportunidade para entrosar-se com a vizinhança, nem mesmo com os moradores defrontantes.)

Se, portanto, até o dia da festa não havia laços de amizade entre ambas as casas, a partir desse dia Bartolomeu Janjão fez valer seus princípios e se não passou a considerar o Coelho um inimigo de morte, teve-o desde então e para toda a vida como um traste, um sujeito “exíguo”, um pulha, e trovejou andando de um lado para outro dentro de casa, as mãos nos bolsos e o ar carregado (embora trovejar seja mais uma força de expressão, pois falou baixo conquanto com energia):

— Não quero mais conversa com essa gente — olhou para a mulher: — Odete, não admito que a senhora trate com ninguém daquela casa, e nossa filha não brinca mais com a filha deles. Ponto final.

Esquecia-se de que a esposa não tratava mesmo com “aquela gente” simplesmente por absoluta falta de intimidade e a filha nunca brincara com a Coelhinha. Qual terá sido, no entanto, o pomo da discórdia?

Primeiro não ter sido convidado, coisa que lhe pareceu uma indesculpável desatenção.

O Coelho, contudo, não o fizera de propósito. Como andasse muito atarefado naqueles dias, mal tendo tempo de sentar-se para comer, deixou a cargo da mulher os preparativos da festa, bem como o rol de convidados. A Coelhina convidou parentes de perto e de longe, os amigos e vizinhos do antigo bairro, e do novo no máximo a vizinha do lado, uma senhora viúva que vivia só, única moradora com quem fizera algum entrosamento, e nem se lembrou dos vizinhos da frente.

Naquele começo de noite viu Bartolomeu Janjão encher-se a casa do Ademar Coelho, ouviu o vozerio e as risadas, o tinido dos copos e das garrafas cruzava a rua e na hora de cantarem os parabéns o coro desafinado dos convidados encheu a casa.

— Que desconsideração, Odete! — resmungou Bartolomeu Janjão.

— Ora, Bartolomeu, deixa pra lá — respondeu a mulher. — A gente nem se conhece direito ainda...

A coisa ficaria por aí, não fosse o prolongar-se da festa, o som alto de um toca-discos, o falatório e as gargalhadas que pareciam redobrar, isso tudo entrando pela noite e invadindo a madrugada.

A paciência de Bartolomeu Janjão esgotou-se gradualmente. Deu meia-noite e ele não viu sinal de que a festa fosse acabar; desejou descansar, mas como pegar no sono com tal baderna defronte a sua janela? Olhou no relógio: os ponteiros marcavam uma e meia e o alarido persistia no mesmo tom do início, se não mais alto. Às três Bartolomeu Janjão zanzava pela casa a ponto de explodir, e a explosão ocorreu às quatro: atravessou de pijama a rua, chamou ao portão, esbravejou quando o Coelho apareceu, que aquilo era um despropósito, que um trabalhador tinha direito de dormir, de gozar suas horas de descanso noturno sem tal importunação, que um lar decente e cristão deveria proceder pelos bons costumes e promover arruaças era coisa de desordeiros e gente sem princípios... Quase ao mesmo tempo chegava o Alves, o pacífico vizinho do lado de baixo, que também incomodado com o barulho mas vendo formar-se um cataclismo aproximou-se para temporizar.

— Vamos com calma, amigo Janjão — disse mansamente —, com calma tudo se resolve.

— Como ter calma, Alves — exclamou Bartolomeu Janjão girando, rubicundo, nos calcanhares e alçando-se na ponta dos pés —, como ter calma com um tipo desses! Pois não tem este sujeito o desplante de fazer barulho até essas horas, esquecendo-se do direito ao descanso que têm as pessoas de princípios e bons costumes?

— Eu só estou dando uma festa de aniversário em família, seu Alves — defendeu-se Ademar Coelho —, o que é um direito meu...

— Mas talvez o som esteja mesmo um pouco alto, seu Ademar — mansamente o Alves tentava contornar a situação, satisfazendo a ambos: ao Ademar, que continuaria com sua patuscada, e ao Janjão, que talvez se acalmasse se o outro reduzisse um pouco o volume.

Não contava o Alves mais que com a fúria, com o melindre do amigo por não ter sido convidado para a festa, pois a esta altura o que movia o Janjão, com razão suspeitamos, menos seria o aborrecimento com a zoeira do que o despeito pelo descaso do outro:

— Um pouco alto não! — exclamou Bartolomeu Janjão. — Isto não é um pouco alto não, Alves! Isto é um desplante, Alves, um desacato, um absurdo, o fim dos tempos, é o que é! Então pessoas que trabalham, que levam uma vida decente, que primam por sua dignidade têm de suportar os abusos de um vagabundo desse quilate, que vem por certo dos piores antros para enxovalhar a vizinhança de gente bem? — e voltando-se num salto para o Ademar: — O senhor, seu Ademar Coelho, para seu governo saiba que existe lei e a lei prevê

que o descanso das pessoas é sagrado e deve ser respeitado, além do que não está o senhor tratando com qualquer um da sua igualha, mas com um homem de brios, de princípios, que vem de uma família cujo nome é conhecido na cidade por sua integridade, um funcionário público que goza da amizade e do apreço de seus superiores por sua conduta irrepreensível, pela competência no exercício de suas funções, e é nessa qualidade que lho exijo: faça silêncio nesta choça imediatamente ou então irá se ver comigo!!

— Seu Janjão — e o Ademar Coelho, após ouvir tal tirada com um ar de curiosidade e até algo divertido, impacientou-se —, quer saber do que mais? Vai tomar no olho do cu — e, deixando o Janjão e o Alves plantados no meio da rua, entrou em casa e foi aumentar o som da vitrola, que tocou desbragadamente até as seis da manhã.

Tal episódio, no entanto, foi único, não apenas por não dispor Ademar Coelho de recursos para gastar amiúde com festas e tampouco de ânimo para passar noites em claro, como também porque a vizinhança estrilou: ainda que não da mesma forma que o Janjão, os vizinhos mais próximos — entre os quais o próprio Alves — e até alguns de mais longe reuniram-se em comissão e foram à casa do Coelho na tarde seguinte requerer do mesmo que não repetisse a proeza; houve, assim, entendimento entre as partes e o sossego noturno voltou a reinar no bairro.

Ao contrário do Janjão, não se lastimava o Coelho por “não ter feito fortuna”. Ser pobre parecia-lhe uma contingência inevitável, pois bem poucos são de fato ricos; verdade é que existem aqueles de quem se diz remediados, e ele mesmo conhecia muitos assim, mas se não invejava a riqueza de poucos, menos ainda invejaria o “remediamento” de tantos, e a ele bastava ter conseguido “fugir do aluguel, que Deus nos livre desse mal”, como garantia com satisfação aos amigos em hora de alegre cervejada, pois que, se noutros tempos lhe parecia uma desmedida e distante ambição ter sua própria casa, ao se ver proprietário sentiu-se um predileto dos deuses.

Após o destempero com o Janjão, Ademar Coelho não pensou mais no caso. Não lhe ocorreu desculpar-se com o vizinho, talvez nem mesmo atinasse com a razão do outro e com sua má resposta: simplesmente tocou a vida adiante, atribulado pelo volume de compromissos assumidos naqueles dias, e o tempo correu sobre o incidente que, pelo menos de sua parte, restou esquecido.

Havia sete para oito anos que os Coelho ocupavam seu novo lar quando certo dia, ao chegar casualmente mais cedo, Ademar refestelou-se no sofá da sala como há muito não fazia e cochilou. Acordou com a mulher chamando-o para jantar. Espreguiçou-se, acendeu a luz — pois o anoitecer entrava pela vitraça —, olhou em volta e deu-se conta de que a casa precisava de uma reforma.

Ao sentar-se à mesa para comer, disse à mulher:

— A casa precisa de uma reforma.

A Coelhona olhou-o com um ar inquisitivo.

— Vou fazer um orçamento dos gastos — disse ainda, e acrescentou: — Não hão de ser nenhum bicho-de-sete-cabeças, visto que a mão de obra é minha.

— Tem necessidade, Ademar? — perguntou a Coelhona apreensiva.

— Tenho algumas economias — respondeu. — Dá pra fazer. Além do mais, eu tenho crédito na praça.

Dias depois Bartolomeu Janjão, sem esconder de si mesmo seu despeito — mas disfarçando-o diante da esposa —, vigiava pela janela da frente a chegada de um caminhão repleto de fardos cuja carga foi incontinentemente transferida para o quintal do Coelho; e ainda durante aquela semana e a seguinte mais material chegou em caminhões e foi acumulado no quintal do outro, que ele não viu mas lhe foi reportado pela mulher ao regressar da repartição:

— Chegou hoje mais material para a casa aí da frente. — E após uma pausa: — Acho que vão reformar tudo.

Bartolomeu Janjão resposta não deu. Entrou para o banheiro, sentou-se no vaso, em seguida tomou seu banho e estirou-se na cama.

Nas semanas seguintes acompanhou com uma irritação contida a transformação que ia se operando na “toca da coelhada”, conforme dizia com um risinho de mofa que servia para disfarçar a indignação. A mulher teria comentado no começo que “está ficando tudo muito bom, ele parece um excelente profissional”; percebendo porém que o marido amarrava a cara ao tocar no assunto não falou mais naquilo.

Por fim a coisa acabou, e certo dia — no fim da tarde de um festivo sábado de sol — Bartolomeu Janjão vigiando pela veneziana viu o Coelho e seus ajudantes removerem uns restos de entulho enquanto a mulher, com os jatos vigorosos de uma mangueira, esguichava água pela varanda envidraçada, pelo quintal com passeio revestido de ardósia entre canteiros bem recortados onde vicejavam uma grama verde e mudas de flores recém-plantadas; já a lateral e os fundos da casa, guarnecidos por avarandado amplo e novo, habilmente erguido por meio de colunas de madeira envernizada a sustentarem uma cobertura de telhas coloniais, conferiam ao todo uma impressão de grandeza, onde, conquanto ainda fosse dia, acesos os lustres de vidros coloridos, via-se dispersarem brilhos e rebrilhos em todas as direções (os lustres estiveram acesos por apenas uma hora, não mais — o bastante para que todos que passassem na rua apreciassem a novidade, mas não tanto que um desnecessário consumo de energia pesasse na conta ao fim do mês).

Janjão nada disse, sentou-se numa poltrona esfregando vigorosamente o bigode, e apanhou o jornal.

Depois de meia-hora lendo sem ler as notícias, levantou-se dum rom-

pante e, entrando na cozinha acanhada, onde a mulher acabava de coar o café da tarde:

— Creio que a casa precisa de uma reforma — declarou.

As mãos nos bolsos soergueu-se momentaneamente no bico dos pés, andou daqui pr'ali, deteve-se na porta que dava para fora espiando para os fundos do terreno.

A mulher atenta, em suspense, vigiando-o pelas costas.

— A vizinhança decerto espera de nós uma atitude — disse e, voltando-se para dentro, seu olhar encontrou o de sua consorte. Fez um bico, “temos recursos” fungou, “e espaço para ampliações há bastante, o terreno é grande”. Voltou para a sala e retomou o jornal.

Dias mais tarde a vizinhança viu um caminhão que se deteve defronte à casa de Bartolomeu Janjão. Dele desceram alguns homens que, sem tardança, começaram a descarregar areia e brita; e no dia seguinte tubos, tijolos, sacos de cimento; depois portas e janelas de madeira em estilo colonial, e mais tubos, tijolos e sacos de cimento; e por fim sacas de argamassa, caixas de azulejos, latas de tinta, vernizes...

A reforma na casa da família Janjão durou exatas nove semanas a mais que a da “toca dos coelhos”. Ainda que fosse com um secreto pesar que vira esvaírem-se as economias de tantos anos destinadas à faculdade da Janjãozinha (“dar-se-á porém um jeito, meu Deus” consolava-se sem muita convicção, “dar-se-á um jeito”), tal demora figurava um indicativo de que sua obra fora mais ampla, mais cara e melhor que a de seu rival, o que constituía um ponto de honra para Bartolomeu Janjão que agora, quando entrava ou saía da garagem com sua Brasília reluzente — que nesse meio-tempo passara também por uma lanternagem e recebera pintura nova —, levantando e abaixando solenemente o portão movido a controle remoto, empinava o nariz em sinal de, não diremos soberba, mas importância: sim!, e por que não, se por aqueles dias verificou-se um novo sucesso em sua vida? Pois sucedeu que Bartolomeu Janjão fora distinguido pela Câmara Municipal com um Diploma de Honra ao Mérito como servidor zeloso e pessoa de sólidos princípios morais, premiado por assim dizer como um “cidadão modelo”, razão pela qual não cabia em si quando, em cerimônia pública e sob os olhos e os aplausos da cidade, levantou-se abafado dentro de um terno novo para receber das mãos do presidente da casa sua honraria. Essa novidade nos diz que, se para Janjão a soberba não condizia com os bons costumes, assumir um ar de importância quando além da casa recém-reformada e praticamente reconstruída possuía tal Diploma em sua parede impunha-se como um dever!

(Verdade é que, se a reforma da casa estava à vista de todos, a notícia da honraria mal chegou, se é que chegou, à “toca da coelhada” e lá não causou impressão: alheio ao que se passava no número defronte, para o qual lançou duas ou três espiadas de pouca curiosidade e nem de longe lhe ocorrendo que

aquilo pudesse ser uma espécie de desforra do outro, Ademar Coelho seguia sua vida e sua labuta, e ao chegar sujo e esbodegado em casa ao fim do dia só o que desejava era um banho, um prato de janta e cama.)

Agora menina Janjão está com dezesseis anos. É da mesma idade da “Coelhinha”, mas por imposição paterna não são amigas. Frequentam escolas diferentes, Bartolomeu Janjão empenhando-se para que a filha estude em colégio particular, aprenda piano e fale o inglês, “pois quero encaminhar minha filha na vida, quero que ela seja gente, ao contrário de algumas por aí que de certo não darão coisa que preste”.

É bem verdade que ocasiões houve em que as duas meninas se cumprimentaram ao passarem uma pela outra na rua, mas receosa de aborrecer o pai Talita mantinha-se reservada, evitava aproximação, limitando suas amizades às colegas de classe, que em sua maioria pertenciam à melhor sociedade de N*** e “com quem compete a você ligar-se cada vez mais, pois é lá que está seu futuro” dizia-lhe o pai, taxativo.

Foi então que sobreveio o desastre.

De início Bartolomeu Janjão não se alarmou, nem lhe passou pela cabeça que houvesse de fato um motivo de alarme, pois da educação que vinha dando à filha desde a infância imaginava que só poderia obter sucesso. Depois de algum tempo pôs atenção no que ainda não lhe parecia nada demais, e quando se apercebeu de que estivera não apenas enganado, mas verdadeiramente cego, sentiu faltar-lhe o ar, a cabeça latejou como se fosse explodir, o coração — fosse ele cardíaco — não resistiria.

Mas do que estamos falando?

Falamos de Bartolomeu Janjão ter visto a filha conversando com alguém numa festa.

Decerto tal episódio não seria de causar preocupação, pois a festa de que tratamos era a quermesse da padroeira e acontecia no pátio da igreja matriz, onde se aglomeravam pessoas às centenas, verdadeira multidão animada pela música que provinha de um palco armado a um canto onde o operador de som selecionava as canções e atendia aos pedidos; e a pessoa com quem Talita conversava, conquanto desconhecida, parecia de respeito, pois passeou pelo cenário da festa em sua companhia sob as vistas do povo e sem tentar conduzi-la para local não apropriado. Tratava-se de um homem grisalho, vestido com gosto mas simplicidade, e embora desempenado e de boa aparência, não teria menos de cinqüenta e cinco anos, certamente mais.

Verdade é que, conquanto não tenha parecido impróprio a Janjão pai que sua filha entretivesse animada palestra com um desconhecido já “de certa idade”, era de notar que durante todo o tempo os dois estiveram juntos, e se bem que não houvesse qualquer sinal de intimidade — por exemplo, não se davam as mãos e ele parecia manter sempre uma respeitosa distância —, a

constância na companhia escolhida pela garota de dezesseis anos não deixava de ser pelo menos curiosa: pois não seria mais natural que a Janjãozinha preferisse estar com pessoas de sua idade, mormente os filhos da gente melhor que freqüentavam o mesmo colégio?

Bartolomeu Janjão não ligou importância nenhuma ao fato, porém. Dando horas, isto é, tendo já passado da meia-noite, horário em que pessoas de bons costumes devem recolher-se a casa, Talita despediu-se de seu acompanhante com um gesto e um sorriso, sem opor resistência à determinação paterna de partirem.

— Quem é aquele senhor, Talita? — perguntou a mãe no transcurso de volta, enquanto a reluzente Brasília percorria com um roncado suave as ruas desertas da periferia.

— Ele é novo na cidade, mamãe — respondeu a garota. — É professor aposentado, e parece que reside num pequeno apartamento no centro.

— Ah...

— Vocês conversaram bastante, filha — comentou Bartolomeu Janjão, pouco à vontade de perguntar sobre o quê. Parecia-lhe que imiscuir-se dessa forma daria a impressão de que ele não tinha confiança nela, como se a educação dada e os bons costumes inculcados não tivessem validade.

— Ah, sim, papai — disse Talita —, é que o senhor Ernesto é professor de matemática. Falamos justamente disso, entre outras coisa, claro, mas principalmente disso. Ele se propôs a ajudar-me nessa matéria, em que eu tenho tanta dificuldade...

— E onde ele lhe daria aulas, Talita? — a mãe quis saber.

— Na biblioteca, mamãe — ela respondeu prontamente. — É onde podemos dispor de um bom acervo sobre a matéria.

— Certamente ele irá fazer um preço por suas aulas — observou o pai, reduzindo a velocidade já próximo de casa.

— Ele não falou em cobrar, papai.

Bartolomeu deixou o carro em ponto-morto enquanto o portão abria automaticamente.

— Mas é certo que haverá de fazer um preço. Não me oponho, está visto, desde que não seja um valor além de nossas possibilidades.

E como cada qual, entrando em casa, tinha seus próprios afazeres antes de dormir — Talita correu para o chuveiro, a mãe foi preparar um lanche enquanto o pai aproveitava para regar as plantas nos vasos da varanda —, não se falou mais no caso.

Nas primeiras semanas Talita referiu em casa que, com efeito, tivera algumas aulas com o Sr. Ernesto na biblioteca municipal, mas que ele não fizera qualquer alusão a dinheiro. A mãe não opinou, o pai ponderou que talvez não fosse certo aproveitar-se da gratuidade das aulas, mas como a menina garantisse que por enquanto haviam sido apenas duas e que o Sr. Ernesto não parecia

ter deixado de lado assuntos importantes apenas para atendê-la, “ele me garantiu que não tinha nada pra fazer no momento”, considerou de maneira prática que talvez fosse até melhor assim, pelo menos evitava-se um gasto que, sendo pela filha, não lhe faria massa mas que melhor seria não haver.

Em que momento a situação deixou de parecer inocente aos olhos do pai e começou a alarmá-lo?

Não tão de imediato, mas — e Bartolomeu Janjão secava a testa porejada com um lenço, respirando aliviado — antes que fosse “tarde demais”.

Pois certo dia, estando por volta do meio-dia e meia no centro, perto da feira, avistou Talita na companhia do Sr. Ernesto, porém um tanto juntos demais, o que não lhe pareceu adequado. Vigiou-os, disfarçando-se detrás de uma pilastra para não ser visto. Despediram-se próximo à rodoviária, momento em que o Sr. Ernesto manteve na sua a mão de Talita por um tempo um tanto além do normal. Em seguida ficou por ali, observando-a entrar no ônibus e acenou quando o coletivo saiu.

Bartolomeu Janjão, que naquele dia fizera sua hora de almoço um pouco mais cedo que o habitual — normalmente deixava a repartição à uma, retornando às duas —, seguiu para o restaurante pensando no que havia visto. Não, ponderava ainda, não haveria nada demais, o Sr. Ernesto era muito mais velho, de forma que quanto a Talita não era preciso temer: sua filha jamais se envolveria com um homem daquela idade; talvez *ele* estivesse interessado...

“Será?!!”

...mas ainda que assim fosse não acreditava Bartolomeu Janjão que decidisse aventurar-se. Era bem verdade que homens há que não recuam diante da possibilidade de uma rejeição (pois Talita rejeitaria, certamente!), mas (e um estremecimento quase fez que Janjão detivesse seus passos) ao se verem preteridos apelam para a violência, “e só Deus sabe do que são capazes! Só Deus!”.

Bartolomeu Janjão passou o resto do dia pensativo, mas tudo aquilo lhe parecia tão absurdo que não se decidia a acreditar que fosse verdade, e mais de uma vez disse para si mesmo estar vendo chifre de boi em cabeça de cavalo, “ora, isso tudo são fantasias” reafirmava pela décima quinta vez. Por fim tranquilizou-se, não questionou a filha ao chegar pois soube pela esposa que Talita estivera toda a tarde no quarto estudando.

Porém, no dia seguinte Janjão resolveu fazer outra vez mais cedo seu horário de almoço para espionar de longe se Talita voltaria a encontrar-se com o Sr. Ernesto à saída da escola, ou se o ocorrido na véspera teria sido apenas um encontro casual. Assim, ao meio-dia já se dissimulava nas imediações da rodoviária, buscando o melhor posto de observação e já receoso de ser descoberto, até resolver-se por um boteco defronte, tendo ido aboletar-se a uma mesinha mais ao fundo, de onde poderia observar a rua sem ser visto. Bebericava um refrigerante (era sua opinião que um homem de bons costumes não toma álcool em tais ambientes) e vigiava. Vigia e bebericava.

Ao meio-dia e meia viu uma pequena multidão de adolescentes uniformizados invadir o espaço diante da porta do boteco, e pôs-se de pé. Sentiu um calafrio por dentro: pois aquela que vinha caminhando ao lado de um homem não seria Talita? E quem seria o homem se não o Sr. Ernesto? “Diabos!” murmurou, enquanto deixava uma nota sob a garrafa de refrigerante, dizendo para o balconista “guarde o troco”.

Caminhou para a saída ao perceber que Talita já não estava à vista.

À porta do boteco viu-a que seguia ao longe, sempre ao lado do Sr. Ernesto, e teve certeza de que a filha não tomaria o ônibus: afinal, se pretendia fazê-lo, por que deixava a rodoviária para seguir em direção da praça que ficava na outra extremidade da rua? Pôs-se no encalço dos dois. Porém Talita e o Sr. Ernesto não se detiveram na praça, e mesmo sem estarem de mãos dadas — “Haveria de ser o fim da picada essa menina andar de mãos dadas com um velho desses à luz do dia em pleno centro da cidade!” — seguiam bem juntos até dobrarem num beco, uma travessia discreta que atalhava rumo a ruas com menor circulação de automóveis e pessoas.

Foi ali que surpreendeu a ambos beijando-se.

— Pai! — Talita pôs-se pálida, afastando-se atrapalhadamente de Ernesto.

— Para casa, Talita — ordenou, ao mesmo tempo calmo e severo.

— Pai, eu posso...

— Para casa, Talita — Janjão imprimiu à voz um pouco mais de efeito.

A menina baixou a cabeça e, passando pelo pai, seguiu rapidamente rumo à rodoviária.

— Creio que temos um assunto a tratar, Sr. Ernesto.

— Peço que me ouça, Sr. Bartolomeu...

— Sr. Ernesto, é o senhor quem vai ouvir, está certo? E é bom que preste bem atenção, pois só vou falar uma vez, aliás, sou homem de falar uma única vez: é uma vergonha que um velho como o senhor assedie uma menina de família como a minha filha! — alteou o tom de voz: — Repito: é uma vergonha! Será que não se enxerga? Não vê que Talita é uma adolescente enquanto o senhor tem idade para ser o avô dela? O que está pensando? Que minha filha é alguma dessas desavergonhadas que qualquer um pode encostar numa parede e fazer o que bem entender?

— Eu jamais pensaria isso de sua filha, Sr. Bartolomeu — disse Ernesto com calma. — Mesmo porque, se pensasse, não teria interesse nela.

— Pois ainda bem que seja assim, e assim sendo estou certo de que o que eu vi hoje não vai se repetir. Exijo que o senhor nunca mais se aproxime de Talita, a quem tão logo chegue em casa irei prevenir contra sua perniciosa pessoa. Espero não ter de levar o caso à polícia!

Ernesto inclinou a cabeça num movimento breve, não se dignou a responder e se afastou em silêncio.

Desta vez Bartolomeu Janjão não apanhou a Janjãozinha pela orelha nem lhe tomou o celular: chegou em casa de cara amarrada, sentou-se no sofá da sala como um imperador no trono e chamou a mulher e a filha...

— Filha! — exclamou dona Odete. — Mas o Sr. Ernesto é um velho!

Talita nada disse.

— Odete — atalhou o marido com serenidade —, nossa filha é uma menina criada às direitas, segundo os bons costumes e princípios rígidos, é natural que proceda às vezes de maneira ingênua. Só que isso, minha filha — acrescentou voltando-se para a garota —, pode levá-la a ser vítima de pessoas inescrupulosas.

— Mas, pai...

— Estou certo — continuou Bartolomeu Janjão sem fazer caso da interrupção — de que você não agiu por mal, mas ele sim, ele tem certamente muito más intenções, ou tinha, pois está prevenido de que se voltar a aproximar-se de você eu chamarei a polícia.

Talita baixou os olhos, avexada.

— Eu quero que você tenha um namorado, filha, sim!, você é jovem, precisa conhecer pessoas, desde que obedecendo sempre nossos princípios morais e os bons costumes que adotamos, e que o rapaz seja alguém da sua idade, talvez até um pouco mais velho... três ou quatro anos, não digo que não... que não seria excessivo, é até favorável pois será pessoa de mais siso; mas não um velho aproveitador de quase sessenta anos, pois é isto que esse tal professorzinho de matemática é, um velho aproveitador de menores.

Levantou-se.

— Conheço esses tipos — finalizou, metendo a mão no bolso e tirando algumas cédulas. — Eu tenho de voltar para a repartição, e hoje ficarei até mais tarde para compensar minha ausência, mas vocês duas — estendeu-lhes o dinheiro — vão ao *shopping*, vão tomar um sorvete, fazer compras, olha que deve haver um bom filme em exibição! Aproveitem para sair pois tem um belo sol lá fora, vão divertir-se, pois afinal ninguém é de ferro — e se foi, muito digno, muito senhor de si, intimamente satisfeito por ter sabido conduzir-se com equilíbrio e sensatez.

O Sr. Ernesto, embora não o conheçamos bem, sabemos que se mudara para N*** há pouco tempo, vindo de uma metrópole da qual decerto já começara a cansar-se, e fora ocupar um apartamento em um edifício no centro, que contratou a preço módico. Após o desagradável encontro com Bartolomeu Janjão, seguiu tranqüilamente em direção de casa, entrou no prédio e tomou o elevador para o quinto andar.

O apartamento era minúsculo, pouco confortável com seus cômodos pequenos e paredes cujo papel apresentava-se bastante encardido, além do que os móveis excessivamente gastos contribuíam com um ar não muito atraente de

escassez. A julgar por este, os demais apartamentos não sendo muito diferentes, tratava-se de um prédio para pessoas de baixa renda, e conquanto visto a transitar pela rua com seu jeito desempenado e ar jovial Ernesto parecesse pessoa de boa posição social, encontrando-o em seu *habitat* concluía-se pelo que na realidade seria: um velho pobre, solteirão e — pelo que já vimos dele — metido a conquistador, que aproveitava toda e qualquer oportunidade para aproximar-se de uma menina nova e incauta.

Entrou em casa, fechou a porta e, sem ao menos abrir a janela, estirou-se bufando no sofá. Estaria desapontado? Pensamos que sim, pois nos ocorre que Ernesto tinha a intenção de levar para ali a menina Janjão e passar com ela algumas horas de lazer. Vira frustrado seu plano, tivera de retirar-se para evitar um confronto mais grave e mesmo, quem sabe, dar explicações às autoridades.

Mas levantou-se em seguida: como estivesse quente o dia, sentiu-se pegajoso e resolveu tomar um banho. No banheiro, enquanto se despia olhou-se no espelho. Não o incomodou o rosto marcado pelo tempo, via nas rugas e nos vincos da face o resultado inevitável dos anos e achou preferível tê-los a não tê-los, já que eram o sinal de ter vivido até ali. “Quem não os tem, é porque morreu cedo” pensou, embora ainda achasse cedo para morrer, pois a verdade é que, perto de completar sessenta anos, contava ainda viver um bocado. O corpo não possuía mais o mesmo vigor, mas tampouco se poderia dizer que estivesse derruído: ainda era um homem de certa disposição física, e sentia nos braços um tanto do antigo muque da juventude.

“Não foi com ela, será com outra” disse consigo mesmo enquanto sentia a água escorrer pelo corpo, e depois de secar-se foi para o quarto, ligou o ventilador e deitou-se. Cochilou, acordou com o sol no horizonte e foi para a mesa: tinha o hábito de fazer sempre um lanche nesse horário, mais ainda hoje que, por ter dormido toda a tarde, nada pusera no estômago havia horas.

Depois vestiu-se e saiu.

As luzes já se haviam acendido para a noite.

Ernesto pensou em jantar, mas tendo comido há tão pouco tempo deixaria o restaurante para mais tarde. “Uma sessão de cinema” ocorreu-lhe, levavam um filme de seu interesse e essa seria uma forma de encher o tempo.

Comprou o ingresso e ficou por ali bobeando, esperando pelo fim da primeira sessão. Foi quando uma jovem na máquina de sorvete lhe atraiu o olhar: alta e esguia, tinha o rosto graciosamente ovalado, a pele alva e os cabelos escorridos e longos na semelhança de um incêndio. A jovem parecia atrapalhada com o sorvete numa das mãos enquanto com a outra procurava o dinheiro no fundo da bolsa; depois de pagar, voltou-se e Ernesto, surpreendido pelo olhar da garota, titubeou lembrando o insucesso daquele dia: sentiu-se momentaneamente tolhido, mas não desviou os olhos e ela lhe sorriu.

Começaram a conversar.

— A senhorita está só? — ele perguntou em dado momento da conversa.

— Sim — respondeu a garota —, minha mãe vinha comigo hoje, mas na última hora teve um impedimento, então eu vim só.

— Ah... e não haverá nenhum rapaz por aí que a acompanhe?

— Um rapaz? — a jovem pôs-se subitamente vermelha.

— Sim. A uma menina tão simpática...

— Não... Isto é, não tenho namorado no momento, se é o que o senhor quis perguntar.

— De certa forma, não deixa de ser — confirmou o Sr. Ernesto. — Mas é difícil acreditar que uma jovem tão bonita...

— Bonita, eu? — ainda confusa. — Que nada...

— Mas sim!, estou sendo sincero, creia...

— Bem, obrigada... Na verdade eu estava namorando um menino da escola... mas ele era muito imaturo, sabe como são esses meninos... então achei por bem não continuar. — parecia à vontade outra vez: — Por isso não estou acompanhada hoje — explicou.

— Nesse caso — continuou —, se a senhorita aceita a companhia de um velho...

— Oh — e de novo a menina se abria num sorriso vertiginoso —, sem problema.

Por fim a sessão chegou ao fim e as pessoas começaram a sair. “É nossa vez” disse a garota, e avançaram. No breve empurra-empurra entre os que saíam e os que entravam Ernesto esbarrou em uma mocinha que vinha de dentro na companhia de uma senhora, reconheceu Talita, que baixou os olhos constrangida; sentiu-se embaraçado e percebeu sobre si o olhar severo da mãe. Ignorou a ambas e adiantou o passo para alcançar a jovem com quem conversava há pouco.

— Verdade é que eu talvez não seja a companhia ideal — disse Ernesto pondo-se ao lado dela —, mas pelo menos para conversar sobre o filme devo servir.

— Ora essa! — ela respondeu com desembaraço. — Se for uma boa companhia, e não duvido que seja, será ideal sim.

Procuravam um bom lugar para se sentarem.

— Nesse caso, espero fazer por merecer sua confiança.

— Eu prefiro ficar uma poltrona mais acima e mais no centro — ela disse. — Como?

— Eu dizia que espero fazer por merecer sua confiança. A propósito...

— Sim?

— Eu me chamo Ernesto. E a senhorita?

— Janice — ela respondeu —, Janice Coelho.

Ademar Coelho olhou para sua Coelhinha com ar de mofa, enquanto a Coelhona deixava transparecer no rosto uma certa apreensão quando perguntou:

— Mas que idade tem aquele senhor, Janice?

— Cinquenta e nove, mamãe.

Fez-se um silêncio pesado na sala, nem o pai nem a mãe escutando mais o âncora do jornal com as notícias do dia.

— Você pretende ser enfermeira, Janice? — debochou Ademar Coelho levantando-se e indo para a cozinha espiar na panela o que sobrara da galinha assada. E de lá: — Cruz-credo, namorar um velho!

— Veja lá o que você está fazendo, minha filha — advertiu a mãe, ainda com uma certa preocupação.

— Mãe, pára com isso. O Sr. Ernesto apenas me trouxe em casa depois do filme — e alteando a voz: — Quem foi que disse que nós estamos namorando, papai?

— Mas é assim que começa — disse a mãe.

— Foi assim que eu e sua mãe começamos — disse Ademar Coelho chegando à porta da sala, trocista, com uma coxa de galinha entre os dedos. — Mas eu e sua mãe somos quase da mesma idade.

E com efeito foi assim que começou.

Agora era comum, pelo menos duas ou três vezes por semana, ver o fusquinha de Ernesto entrar na rua e estacionar defronte à “toca dos Coelhos”, parar ali por breves minutos e, deixando a Coelhinha, retirar-se em seguida.

Detrás das cortinas da sala a Coelhona investigava, na tentativa de apanhar a filha em flagrante (mas de quê?), sem nunca surpreender nada demais: os vidros baixados permitiam ver claramente o interior do automóvel; Ernesto e Janice conversavam um pouco, depois ela descia e entrava, ele ligava o carro — o motor às vezes a titubear — e partia.

— Afinal, Janice, o que está acontecendo? Por que você não conta aqui pra mamãe?

Enquanto Ademar Coelho, tipo bonachão e liberal, divertia-se com a história da filha “namorando um velho”, Rita se preocupava.

— Ademar — disse ela certo dia, cada vez mais apreensiva —, foi a terceira vez hoje que o velho trouxe Janice em casa. Não sabemos quem é esse homem. Pode ser um aproveitador. Sabe-se lá, pode até ser um psicopata...

— Ora, mulher — retrucava Ademar —, nossa filha não é nada boba. Ela não disse que é um professor aposentado de matemática? A menina precisa mesmo de umas aulas de reforço...

— E como é que vamos ter certeza de que é isso mesmo?

— Mas ela está tendo aulas particulares com ele, não?

— Sim, mas...

— Na biblioteca municipal, não é isso?

— E onde mais, Ademar, onde mais!

— Além do que, você acha que isso vai dar em alguma coisa? Se é que

tem alguma coisa entre os dois, será só um capricho da moleca, logo-logo ela manda o velho passear.

— E se ele fizer algo com ela antes?

— Se ela fizer o quê, Rita? Emprenhar ela?

— Que jeito de falar de nossa filha, Ademar!... Mas, sim, isso... ou pior! Você fala como se não fosse nada demais nossa filha grávida de um velho sem tostão que vai acabar é largando a pobre no ora veja!

Ademar pôs-se sério. Meditou. Entrou para o banho. Saiu do banho. Buscou um café na garrafa térmica.

Bebeu.

— Ô Rita — disse depois de pensar bem —, faz o seguinte: da próxima vez você chega até o portão e convida o homem para entrar...

— Convidá-lo para entrar? Você está bom do juízo, Ademar?

— E por que não? Se ele estiver apenas ajudando nossa filha nos estudos, vai aceitar o convite de bom grado. Se tiver má intenção com ela vai se atrapalhar... é você ficar esperta e prestar atenção em como ele reage.

Ernesto foi pego de surpresa.

Ele e Janice trocaram um olhar de dúvida, mas a hesitação durou não mais que um segundo e já Ernesto abria a porta do seu lado e saltava:

— Aceito o convite, dona Rita — disse, aproximando-se. — Estou com a boca seca por um cafezinho.

Na sala pôs-se à vontade, refestelou-se no sofá não sem antes elogiar a decoração. Tomou com gosto o cafezinho com biscoitos, e repetiu, enquanto Janice largava por ali o material escolar e entrava para o banho. Nesse meio-tempo Ademar entrou em casa. Rita fez-lhe um sinal indicando a sala, ele assentiu, “vi o carro aí em frente” cochichou, e foi para dentro.

— O senhor deve ser o professor de matemática — disse avançando com a mão estendida.

Ernesto levantou-se de pronto.

Apertaram-se as mãos.

— Sim — disse —, tenho dado algumas aulas a sua filha. Espero que não seja do seu desagrado...

— Ora, imagina! — exclamou Ademar sentando-se e indicando-lhe o sofá. — A garota é mesmo meio crua nas contas, será bom pra ela.

— Ah, sim — Ernesto disse, voltando a acomodar-se muito à vontade —, mas o senhor se engana, Janice não é crua não. Para o ensino da matemática, como de tudo mais, é preciso o método correto. Comigo ela está se desenvolvendo muito bem.

— Boa notícia — e na direção da cozinha: — Rita, traga mais café aqui.

A mulher entrou com a cafeteira e foi depô-la na mesinha de centro.

— O senhor pode servir-se de mais café, Sr. Ernesto — disse.

— E os biscoitos, mulher? — disse Ademar com um riso esperto.

Rita regressou com uma bandejinha de louça.

— Fique à vontade, seu Ernesto — disse Ademar —, não faça cerimônia. O senhor está em sua casa.

— Agradecido, seu Ademar. Saiba que Janice fala muito bem do senhor. “Meu pai” diz ela, “é um brincalhão, você precisa conhecer”. E, com efeito, agora que o conheço...

Assim, naquela primeira visita o Sr. Ernesto deu-se a conhecer: residira em São Paulo grande parte de sua vida, onde lecionara matemática em diversos colégios e cursos. Por fim, cansado de tanta agitação e estando prestes a aposentar-se (“São Paulo é uma verdadeira loucura, seu Ademar, e me exauriu”) pensara em mudar-se para uma cidade mais tranqüila, menor e menos turbulenta.

— Conheci N*** no final do ano passado, quando aqui estive com uns amigos. Gostei da cidade e aqui estou já há alguns meses.

Mordia um biscoito quando Janice entrou.

— E tive a sorte de encontrar uma aluna dedicada, com uma família super simpática.

Depois dessa primeira visita, a presença de Ernesto na “toca dos Coelhos” tornou-se freqüente. Não passava uma semana sem que ele lá aparecesse levando Janice e aproveitando para entrar e prosar um pouco.

A novidade não passou despercebida dos vizinhos de frente. Quem primeiro se deu conta do que estava acontecendo foi a senhora Janjão que, à noite, contou ao marido o que tinha visto.

— A Coelhona convidou o velho para entrar, e ele lá esteve até umas nove horas.

Da segunda vez comentou o fato na presença da filha, à mesa, enquanto jantavam:

— O Sr. Ernesto parece ter-se tornado *habitué* na casa dos Coelhos — e com um tonzinho de graça: — Vai ver está de olho na Coelhinha.

Bartolomeu Janjão não sorriu.

— Sua cabeça, sua sentença — pronunciou-se após um minuto. — Não temos nada com isso — acrescentou, rabodeolhando Talita, que se mantinha quieta, de cabeça baixa. — Porém não me espanta que eles ofereçam a filha, sendo o tipo de gente que é.

— Mas ninguém disse que eles estão oferecendo a filha, Bartolomeu — contestou Odete, recriminando a acidez do marido.

— Não é preciso dizer — retorquiu Janjão. — Sabendo que a menina desfilava pra baixo e pra cima com um velho que podia ser seu avô, por que não puseram fim na história? Por que não fizeram o que eu fiz?... Mas não! Trataram de convidá-lo para entrar em casa e decerto ofereceram até cafezinho, quem sabe mesmo o convidaram para jantar. Não tarda o convidam para

passar a noite, quem sabe no quarto da garota! — e após uma pausa dramática: — Que depois não reclamem. Não reclamem!

A Janjãozinha ergueu o queixo, olhou os pais movendo tão só os olhos para um lado e para outro. Pôs-se subitamente de pé, e antes de retirar-se para o quarto lançou:

— Estou pouco ligando, se querem saber.

Completavam-se cinco meses que o Sr. Ernesto lecionava matemática para a Coelhinha. Bartolomeu Janjão, entrando em casa, ia espiar através da veneziana: lá estava o fusquinha parado. O velho chegara mais cedo com Janice, entrara, ficaria até as nove. Que ali tinha coisa era-lhe manifesto, mas calava-se. Cogitou em tentar colher alguma informação na vizinhança — não podia negar para si mesmo que andava curioso para saber aonde ia dar aquela história, embora já pudesse desconfiar e até o dizia abertamente em casa, “não tarda e terão por lá um bastardozinho pra dar de comer” —, como quem não quer nada tocar no assunto com o casal do lado (afinal ninguém ali sabia do princípio de caso entre o velho e sua filha), porém lembrou-se de que para um homem de princípios e bons costumes não ficaria bem fofocar com a vizinhança, por isso conteve-se e continuou esperando pelo desastre, pois de que o caso teria um desfecho desastroso não tinha dúvida.

Um dia a casa da frente amanheceu fechada e fechada permaneceu todo o dia como se não estivesse ninguém. À noitinha, quando chegou, Bartolomeu Janjão não avistou nem o fusquinha nem luzes acesas. Perguntou à mulher se não havia mesmo ninguém, mas Odete retorquiu dizendo que não tinha tempo para ocupar-se com a vida dos outros; achando que fora um tanto brusca reconsiderou, “terão viajado” disse em seguida, “hoje é sexta, irão talvez passar o final de semana na praia”. A explicação calhou, sim, seria aquilo — e durante o final de semana a casa permaneceu fechada.

Bartolomeu Janjão estranhou um pouco quando, no domingo à noite, vigiando pela veneziana não viu lá nenhuma luz acesa. Era tempo de estarem de volta do passeio, “afinal trabalha-se na segunda-feira” disse consigo mesmo, “pelo menos as pessoas de princípios”, e repetiu em voz alta para a mulher mais tarde, ao recolher-se. Porém tampouco na segunda-feira apareceu viva alma na casa defronte, e na terça pela manhã ouviu a primeira notícia:

— A menina dos Coelho está buchuda — revelou-lhe saborosamente a velha do lado que, vendo Janjão sair para o trabalho, aproximou-se ansiosa por contar-lhe a novidade.

— Ahn?

— Foi o que escutei por aí — e num cochicho maldoso, antes de voltar pra dentro de casa: — Dizem que até foram embora, de vergonha, ninguém sabe pra onde!

— Aí está! — Janjão, de volta para dentro, exclamou encarando a mulher que, na pia, lavava a louça do café. — Eu não me enganava. A Coelhinha está prenha do velho. Eu não disse? Eu disse! Foi no que deu acolherem o sem-vergonha. Porém lhe digo mais, Odete: a moleca é pior que o velho!

— Que isso, Bartolomeu! Inexperiência...

— Lérias! Inexperiência, lérias! Uma desavergonhada, isso é que é, pois afinal não enxergou que o velho podia ser avô dela? E obriga a família a isso...

— A isso o quê, Bartolomeu?

— A desaparecer, mulher, não vê? A ir esconder a vergonha em outro lugar, onde não são conhecidos. Pois então não se raspam? Se raspam! Em boa hora, diga-se de passagem, pois esta é uma rua onde residem pessoas de bem!... É isso que dá criar os filhos, principalmente filha mulher, largada pela rua feito uma... uma... uma qualquer!

E após uma breve pausa:

— Se bem que filha dessa gente não passa mesmo disso, duma qualquer!

E, triunfante, partiu rumo à repartição.

Novas informações foram chegando durante a semana: o velho fizera o que fizera e dera no pé, tomando rumo desconhecido; dizem até que era procurado pela polícia, passava-se por professor para iludir menina nova; o tipo é comunista, todo mundo sabe, e como todo comunista não vale o angu que come, e por aí fora.

Na sexta-feira feira pela manhã via-se uma placa de “Vende-se” fixada no muro defronte.

— Eu não lhe dizia, Odete? Eu não lhe dizia?

— Do que é que você está falando, Bartolomeu?

— Não viu a placa de venda na casa daquela gente?

— E daí, homem?

— A vergonha obriga as pessoas a isso: vendem a casa e desaparecem por que a filha não passa duma rameira. Isso é que é! E veja bem, Odete: vieram pôr a placa de madrugada, com certeza pra não terem de encarar a vizinhança.

— Não foram eles, Bartolomeu, que puseram a placa, foi a corretora.

— E dá no mesmo!

Fez uma pausa espiando outra vez pela veneziana a placa de venda fixada no muro.

— Fosse filha minha, Odete, eu lhe dava com o rabo-de-tatu no lombo e ainda largava uma salmoura por cima. — Finalizou com uma ênfase rancorosa: — Desavergonhada!...

Bartolomeu Janjão regozijava-se. Enquanto seu rival amargava o pão do opróbrio ele, que soubera educar sua menina e, principalmente, zelar por sua integridade, podia andar de cabeça erguida e olhar qualquer um na cara, pois

agira pelo melhor, soubera conduzir sua casa! Sim, fungava esfregando o bigode e alteando o peito, um homem de princípios nunca tinha do que envergonhar-se!

A semana findou, outra entrou e igualmente chegou ao fim. A placa de venda continuou exposta e não se viu mais ninguém por lá. A Coelhada tinha se sovertido.

Num certo sábado encontrava-se Bartolomeu Janjão no centro, aonde fora para aproveitar a manhã ensolarada, quando encontrou o Alves, o vizinho Alves, que no ano anterior adquirira um sítiozinho na zona rural, onde fora encafuar-se, só de raro em raro aparecendo na cidade.

Apertou a mão do Alves, sacudiu-lhe vigorosamente o braço e o convidou para um café.

— Vamos nos sentar ali ao lado da entrada, onde tem mais claridade — disse, e com desenvoltura para o balcão: — Aí, garoto, duas médias aqui pra mesinha da porta por gentileza.

Prosearam.

Bartolomeu quis saber da vida do Alves, “você fica lá para o sítio com suas galinhas e acaba que a gente quase não sabe um do outro” disse, acrescentando a título de novidade que no próximo ano aposentava-se. “Não senhor” garantiu, uma vez aposentado não ficaria morrinhando na repartição feito alguns que conhecia, “afinal é hora de viver a vida, Alves, viver a vida” e afirmou que planejava umas viagens, “claro que depois não ficarei à toa, sempre é preciso inventar uma ocupação, ser produtivo”, mas tornava-se imperioso viajar, conhecer um tanto por aí, “o mundo é grande, ora essa, o mundo é vasto.” — e até já fazia um pé-de-meia para esse fim.

A certa altura, porém, o Alves lembrou-se:

— É verdade, Bartolomeu, está sabendo do Coelho?

Janjão pôs-se sério, compenetrado: o amigo tocara num assunto de gravidade, não ficaria bem a jovialidade agora. Franziu a testa comprimindo os lábios.

— Com efeito — disse —, uma lástima, coitado do Coelho.

— Lástima? De qual Coelho você está falando?

— Ora, de qual Coelho, Alves! Do Ademar Coelho, meu vizinho. Aliás, meu ex-vizinho...

— Ah, então você não sabe! Lástima? Você não sabe!

— Como não sei, homem? Como não sei? A filha não foi seduzida por um velho, que depois desapareceu...

— Seduzida?!

— Então, homem, então! Um velho, sim senhor!, de uns sessenta anos ou mais, que, escute lá!, andou arrastando asa também pra minha menina!

— Pra Talita?! — o Alves estava pasmo.

— Pois então! Mas eu sou um pai presente, não criei filha para o pri-

meiro borra-botas que apareça, inda mais um velho! Não, tratei de botar o tipo pra correr! Daí ele foi pro lado da filha do Coelho. Como o Coelho não sabe ser pai, deu no que deu: a menina grávida, a família envergonhada, a tal ponto que puseram a casa à venda e sumiram no mapa.

O Alves balançava a cabeça devagar encarando o amigo quase sem acreditar:

— Mas Janjão!... Não, Janjão, não é nada disso! Não, você não sabe de nada.

— Mas do que é que você está falando, Alves?

— Bartolomeu Janjão, escuta: o Coelho tirou a sorte grande, saiu da lama, está rico!

— Mas como! Rico?

— Rico, sim senhor! De pedreiro está virando empresário! Não é que está montando uma empresa de construção?

— Nessa eu não caio! Você está é fazendo hora com minha cara, Alves!

— Pois eu lhe conto. A coisa vinha se mantendo em sigilo o tempo todo nesses últimos meses, mas por fim veio à tona, vazou, como se diz...

E desfiou a história, um quase conto de fadas que ao Janjão muito custou acreditar: com efeito a menina Janice estava grávida daquele senhor que lhe freqüentava a casa, mas não fora seduzida coisa nenhuma nem ele “dera no pé”, como as más línguas haviam espalhado, pois na verdade tudo fora um arranjo muito bem estabelecido, proposto pelo velho e aceito pela menina com anuência dos pais. O Sr. Ernesto envelhecera sem ter filhos, “sabe-se lá por quê, afinal filho é o que há mais fácil de conseguir” disse o Alves; mas o fato era que o velho não tinha filhos, porém dinheiro sim, passava por pobre para não ser explorado por qualquer vigaristazinha que aparecesse, mas tinha grana, não pouca coisa, não um peculiozinho qualquer, nada disso, muita grana! Muita grana! “Um milionário excêntrico, sabe?, existem esses tipos.” Por isso fizera aquele acordo, alcançando primeiro a concordância da menina e em seguida expondo o caso aos pais: a garota dava-lhe um filho, ele dava a ela tudo que precisasse, inclusive mesada polpuda e casa luxuosa, “sabe a Granja Andorinha? Pois é, presente do velho pra menina, de papel passado e tudo, e é lá que o Ademar Coelho está morando agora”, e depois se retirava, pois em sua idade não ficaria empatando uma jovem que decerto haveria mais tarde de querer casar-se com um homem igualmente jovem; retirava-se mas não de todo, não da vida do filho, pois desejava ser um pai presente, acompanhar seu crescimento, encaminhá-lo na vida — enfim, seria o amigo da família, tão só, amigo e, claro, benfeitor.

Foi um Janjão arrasado que chegou em casa e caiu no sofá com uma dor de cabeça de estourar. A mulher espantou-se, ele fechou-se em copas e no meio da tarde saiu. Tinha de sair, do contrário explodiria. Tinha de sair e tirar a limpo aquela história, mas para isso não podia ir em sua Brasília, mais do

que conhecida de todo mundo. Na agência alugou um carro e bateu para a Granja Andorinha; com os vidros fumê suspensos trafegou lentamente defronte ao portão e ao longo do muro que cercava a propriedade: dez hectares de área verde e jardins, a casa uma quase mansão de dois andares, imensa, imponente no meio do gramado salpicado de árvores ornamentais e canteiros, e, muito ao fundo, numa área aberta, o retalho azul de uma piscina olímpica.

Janjão dirigia devagar, assombrado com o que via.

De repente surge na varanda a Coelhinha exibindo a proeminência da barriga no seu sexto mês de gestação. Logo em seguida vem a Coelhona, que conversa com a filha e aponta qualquer coisa no jardim.

Janjão continua dirigindo devagar ruminando um ódio venenoso contra sua própria estupidez. Adiante, avista um homem que vem pela estrada com ferramentas no ombro. Detém o carro:

— Por gentileza — disse —, você trabalha na Andorinha?

— Sim, senhor.

— Quem é que reside atualmente aí? Soube que foi vendida...

— Está morando aí seu Ademar com a mulher e a filha, que está pra ter neném.

— Ah... mas eles compraram?

— Não, foi presente pra menina, não sabe?, do noivo dela.

— Noivo?

O outro sorriu com uma piscadela e baixando a voz, como se houvesse por ali mais alguém que pudesse escutar:

— Isso é coisa que não se comenta, moço, mas aqui pra nós: o noivo, seu Ernesto, é um homem já de certa idade, muito rico... Diz que queria um filho, então entrou em combinação com a menina e a família dela. Daí que comprou a Andorinha pra ela. Que presentão, hein?, benza Deus!

A Janjão é ainda penoso acreditar naquele conto de fadas.

— Deve ter custado uma fortuna — deixou escapar, em voz baixa, desnortado.

— Se custou, seu moço! Ouvi dizer que uns quinze milhões...

Janjão move a cabeça, “quinze milhões...”.

— Fora o resto — diz ainda o outro.

— Ah... — ainda tinha “o resto”, mas já não lhe interessava: acionou o motor seguindo em frente, voltou para casa — não mais arrasado que antes, pois tanto não seria possível.

Alguma coisa pareceu-lhe não ir muito bem ao entrar: dona Odete com cara de cemitério, a filha trancada no quarto — mas a dor de cabeça era tanta que não se agüentava de pé e foi se deitar, engolindo de uma só vez dois ou três comprimidos para sua hipertensão.

Quando acordou era noite fechada, e levantando-se veio a mulher falar-lhe:

— Bartolomeu, precisamos conversar.

— Agora, Odete? Estou que não me agüento. Não pode ficar pr'amanhã?

— É bom que seja agora, Bartolomeu. É sobre nossa filha.

Janjão suspirou, “que seja” e acompanhou a mulher, entrou na sala, onde a Janjãozinha esperava, cabisbaixa.

Sentou-se.

— Diga lá do que se trata — disse, desanimado. — Mas sejam breves, pelo amor de Deus, que eu não estou bem. O que foi que houve?

— Eu falo ou você fala, Talita?

Talita não respondeu, sacudiu os ombros, cobriu o rosto e começou a chorar.

— O que foi que aconteceu, Odete? — Janjão já começava a alar-mar-se.

— Nossa filha está grávida, Bartolomeu.

Bartolomeu Janjão sentiu a revelação como um golpe, um direto no queixo que o deixou tonto.

Mas não tinha forças para exaltar-se.

— Deus do céu — gemeu —, mais essa!

— Desculpe, Bartolomeu, mas você precisava saber...

— E só agora você me fala, mulher, só agora! — exclama Janjão com a voz enfraquecida.

— Só fiquei sabendo agora de tarde, enquanto você estava para a rua. Ela começou a ter enjôos e... não pôde mais esconder.

— Meu Deus, meu Deus! E quem é o pai? Que seja pelo menos alguém que possa assumir...

— É o Xandinho, meu pai — a Janjãozinha entre lágrimas. — O Xandinho do Pó, lá do Morro do Pitu...

Bartolomeu Janjão cobriu o rosto com as mãos.

Aquele fora o golpe decisivo e ele ia à lona de vez. Repuxou os cabelos — pelo menos tentou — recostando-se na poltrona. Atirou a cabeça para trás.

Um homem de princípios e que cultiva os bons costumes chora? Será um caso a pensar, mas o certo é que Bartolomeu Janjão chorou, em silêncio, sem estardalhaço, chorou tudo que não havia chorado em sua vida inteira.

Bonecas adulteradas

Quando correu a notícia de que a menina desaparecida fora encontrada numa vala ao lado da via férrea, o povilêu — como de costume ávido de novidade, mesmo que ruim, ou talvez de preferência ruim — se mexeu, formou ajuntamento: não se arriscando a tocar o corpo, a gentinha passava, espiava, e depois num cauteloso recuo ia postar-se a alguns passos de distância, a engrossar o zunzum.

O pai caiu em prantos sobre o corpo da filha e a mãe desmaiou, acudida por alguns vizinhos que, por conhecê-la desde muito, tiveram pena e a levaram para o outro lado da rua. Ali funcionava um boteco que, com o acontecimento, enchera-se de fregueses que discutiam o caso com gravidade. Fizeram a pobre mulher sentar-se em uma cadeira e, na falta de álcool, esfregaram-lhe os pulsos e as têmporas com cachaça, uma de bem má qualidade que, não obstante, trouxe-a pouco a pouco de volta à consciência. Penalizado, o botequineiro disse que a despesa ficaria por conta da casa, e fungou cuspilhando de lado; em seguida pôs-se calmamente a lavar os copos.

T*** é uma cidade pequena e pacata na qual a polícia muito pouco tem a fazer. Apesar da via férrea, fora pouco afetada pela explosão demográfica que fizera inchar os grandes centros, dos quais distante limitara-se a um crescimento tímido em apenas um dos lados da ferrovia, enquanto do outro estendiam-se as imensas pastagens de uma fazenda do tempo antigo. Ali, em outra época, protegidos por uma cerca de arame farpado com os fios muito juntos, os bois assistiam — sem compreender — a passagem diária do trem em suas idas e vindas, lançando vez a vez na planura seu mugido lamentoso; porém, no momento em que nossa história começa já fazia pelo menos duas décadas que a via férrea fora desativada, restando apenas o leito com os trilhos e a plataforma, cujo muro, agora com rachaduras, é pouco a pouco solapado por uma vegetação miúda e teimosa que, bravamente, vai abrindo caminho para galhos e raízes.

As ruas de T***, embora asfaltadas, ainda apresentam aquele aspecto vetusto de vias estreitas onde se observa uma mistura de casas mais modernas com os remanescentes de construções antigas que se preservam por força de lei, tombadas pelo patrimônio histórico.

A gente que habita o lugar é, assim como as casas, uma mistura de novo e velho: os jovens esforçam-se para acompanhar a moda, nem sempre com

sucesso; os velhos se mantêm aferrados a um passado longínquo, seu tempo, dizem, e entre uns e outros essa faixa intermediária que nem dispõe de muitas lembranças a cultivar, nem se sente nova o suficiente para acompanhar a moda, e a aparência seria a de uma antigüidade recente, ou, o que dá no mesmo, de uma modernidade antiga.

Os carros, como as casas e as pessoas, são também uma mescla de novos e velhos, modernos e antigos, não sendo incomum vez por outra avistar-se uma carroça puxada por um cavalecoque carregando tralhas, às vezes pessoas — o que vem a ser a mesma coisa.

O centro possui ares mais modernos, onde se desemboca ao fim de uma longa rua em suave ascensão à qual dão o nome de avenida, sem que o seja propriamente, haja vista que apesar de sua extensão é apenas pouco mais larga que o resto das ruas. O centro não deixa de ser pitoresco: uma imensa praça circular e plana, ao redor e mesmo no interior da qual árvores imensas e antigas provêem o local de uma agradável sombra entremeada com as manchas que o sol, atravessando as folhas, desenha no piso. Há um repuxo em formato de golfinho, de cuja boca emerge um ininterrupto jato de água, e algumas araras, alimentadas pela população, fizeram ali seu pouso, dispondo num canto de uma bem resguardada gaiola, de onde vez por outra se evadem, ganhando a altura dos galhos, e para onde retornam por força do hábito. Estão aclimatadas, estão bem.

O comércio é diversificado, e talvez seja aquele o único ponto da cidade a apresentar um aspecto de fato mais ao gosto “jovem” — uma sorveteria, um salão de beleza, um cinema, uma *boutique*, uma livraria e várias lojas de roupa exibindo sua decoração multicolorida de luzes de neon distribuem-se do outro lado da rua ao redor da praça.

Assim, chegando a T*** o visitante tem a impressão — ainda que momentânea — de um breve regresso no tempo.

É nessa cidadezinha enfezada que vamos acompanhar o drama das meninas desaparecidas, e um outro, inusitado talvez, inverossímil por certo... que será apresentado a seu tempo.

Um silêncio de espanto calou bocas e aguçou olhares quando o perito, após mover o corpo para depositá-lo fora da vala, levantou-se e disse:

— Peçam uma ambulância com urgência! A menina está viva!

A mãe atravessou a rua aos gritos e caiu lavada em lágrimas sobre a filha, enquanto o pai, tomado de uma bambeza nas pernas, sucumbiu e teve de ser reanimado com amônia e tapinhas na cara, além de uma dose da péssima cachça que o botequineiro serviu num copinho suspeito, igualmente deixando a despesa “por conta da casa”. O poviléu sentia-se eletrizado pelo duplo acontecimento, e quando os principais personagens deixaram o palco a platéia também esvaziou, a modorra voltou a reinar e o botequineiro, no outro lado da

rua, limpou o balcão com um pano molhado e um suspiro de desapontamento e desesperança.

A menina, Lúdia, de catorze anos, desaparecera dois dias antes, certamente ao anoitecer, quando regressava da escola. A mãe declarou à polícia não ter-se alarmado antes das nove da noite, já que Lúdia às vezes demorava-se pelo centro com outras adolescentes. Às nove estranhou o atraso e às dez já havia ligado para todas as colegas de turma para obter notícias. Soube que nesse dia Lúdia seguira direto para casa, “pelo menos foi o que ela me disse que faria” garantiu uma das colegas de classe, “pois tinha alguns deveres atrasados e devia prepará-los para o dia seguinte”.

Em que momento Lúdia desviara-se do caminho? Em que momento fora levada? E por quem?

Ao ser encontrada caída na vala ao lado da via férrea parecia morta, mas estava apenas entorpecida. Dos exames a que foi submetida no hospital concluiu-se que a garota, embora não apresentasse nenhuma lesão (indicativo de não ter sido espancada nem sofrido qualquer tipo de tortura), devia ter participado de um festim orgiástico com o uso de drogas pesadas e álcool em excesso, além da prática de todo tipo de aberração sexual — havia sêmen em seus ouvidos e até no estômago!

Ela, porém, de nada se lembrava.

Interrogada pela polícia, pelos pais, pelos professores e até pelas colegas de escola repetia apenas que, dois dias antes, ao retornar para casa, seguira pela margem da via férrea e que a certa altura um ronco de motor ao seu lado chamou-lhe a atenção; voltando-se viu que um automóvel diminuía a marcha ao se aproximar... Seguiu-se um branco em sua memória, e na véspera, ao despertar no hospital, não tinha a menor idéia de por que estava ali.

O caso de Lúdia foi tido por todos como uma tragédia, sim, porém isolada, algo raro na pequena cidade e que por certo não haveria de repetir-se. A polícia seguiria investigando apenas para cumprir sua função, mas não havia pistas que permitissem avançar, Lúdia continuava alheia a tudo e, excetuando seus familiares e os amigos mais próximos, logo a população deixaria de comentar o acontecimento...

...porém, três dias depois outra menina desapareceu.

A pequena Ana, de onze anos, fora à rua a mando da mãe para entregar umas encomendas de costura; com a advertência de seguir pelas ruas mais movimentadas e demorar-se o menos possível, saíra por volta das cinco, e às dez a mãe, apavorada, já havia ligado para todos quantos pudessem saber da criança, mas ninguém sabia.

Depois do caso passado soube-se que Ana fora vista pelo centro aproximadamente às seis e meia, flanando diante das vitrines iluminadas — um menino conhecido da família, que a avistara, havia falado rapidamente com ela, “eu perguntei o que ela estava fazendo ali” disse o garoto ao depor na

polícia, “e ela respondeu que fora entregar uma encomenda e agora voltava para casa”.

Mas não voltou.

Ana foi encontrada em condições muito parecidas às de Lídia: desta vez, porém, a vítima fora deixado num beco sem iluminação quatro dias depois do desaparecimento. Como Lídia, Ana estava inconsciente, e mais uma vez os exames médicos revelaram que o festim orgiástico se repetira: álcool e drogas pesadas apareciam em doses excessivas no sangue, além de vestígios de práticas sexuais aberratórias — o cabelo estava empapado de esperma, e foi encontrado um lápis no interior de sua vagina.

Ana tampouco lembrava-se do que lhe acontecera: naquele começo de noite, ao voltar para casa, percebeu — como Lídia — que um carro parava ao seu lado, mas acrescentou que um homem abria a porta do carona para pedir uma informação. O que ele havia perguntado? Não se lembrava. Podia descrever suas feições? Não: a escassa iluminação naquele trecho de rua não permitiria vê-las com clareza. Ela entrou no carro? Quis ou foi forçada a entrar? Qual era o modelo? E a cor? Não sabia dizer, não sabia mais nada.

Os comentários agora faziam-se mais graves, mais ponderados, um princípio de apreensão se manifestava, e as famílias que tinham meninas adolescentes ou pré-adolescentes principiavam por alarmar-se. A uma pergunta, “o agressor seria o mesmo?”, somava-se outra, “será gente da cidade ou de fora?”, e uma terceira, “para onde será que leva as meninas?”. Nenhuma dessas perguntas encontraria resposta: acerca da primeira, a maioria acreditava tratar-se do mesmo agressor, mas um que outro mais raro — mesmo sem saber por quê — divergia, “talvez não...”; quanto à segunda, a dúvida parecia maior: crimes daquela natureza nunca haviam acontecido em toda a História de T***, o que levava a crer que devia tratar-se de alguém de fora; porém aquela não era uma época de veraneio, não se sabia da presença de estranhos na cidade, “ora, não se conhece todo mundo” surgia uma voz discordante, “ainda assim” retrucava-se com uma certa razão, “talvez venha e vá” aventou-se uma terceira opinião, mas a dúvida não se desfez; a última pergunta respondia-se por si mesma, e o mistério persistiu...

...Até o desaparecimento da terceira menina.

Tânia acabara de completar treze anos quando desapareceu num começo de noite, cinco dias mais tarde, ao sair na companhia de amigas da escola para tomarem sorvete na Sorveteria Central. Eram ao todo seis meninas de idade entre doze e quinze anos, um grupo alegre e barulhento que, para maior tranqüilidade dos pais, se fazia acompanhar do irmão de uma delas, não muito mais velho mas ainda assim “um homenzinho” diziam, “um garoto” ponderavam, “de qualquer forma uma companhia masculina”, além do que o centro nos sábados à noite ficava repleto de gente até bem tarde. Se alguma apreensão sobrevinha ao recordar o acontecido a Lídia e Ana, logo o medo se desfazia

pois as garotas estavam em grupo, ninguém se atreveria a atacar sete adolescentes ao mesmo tempo em via pública e no meio de tanta gente.

Em que momento Tânia se afastara do grupo?

Ninguém soube explicar, pois os sete adolescentes ocuparam uma mesa dentro da sorveteria e ali permaneceram... quanto tempo? Um bom tempo, duas horas, talvez um pouco mais, talvez um pouco menos... Verdade é que vez por outra uma das meninas se levantava para ir ao toalete, às vezes iam até o balcão fazer um novo pedido, vez por outra uma delas chegava à porta...

Tânia, que fora encontrada em condições similares às duas vítimas anteriores, recordava-se apenas de ter-se levantado para ir ao toalete e, na volta detivera-se à porta da sorveteria observando a agitação na praça defronte, onde pessoas iam e vinham em contínuo movimento. A partir desse momento suas lembranças se tornavam fragmentárias e incertas: a certa altura conversava com o vigário na calçada; parece que um senhor do outro lado da rua fizera um gesto em sua direção; ela teria ido até ele ou ele fora até ela? Não se lembrava, porém estava certa de tratar-se de um conhecido de seus pais, que apenas queria uma informação... “Mas que conhecido?” perguntou o delegado durante o depoimento para instrução do inquérito policial. Tânia não tinha certeza, não sabia sequer se fora esse conhecido ou um outro homem que lhe pedira uma informação; pelo que se lembrava, em dado momento — não sabia dizer se naquele mesmo instante ou mais tarde — pedira um cigarro a um rapaz na esquina, a uma dezena de passos da sorveteria. Quem era esse rapaz? Tânia tampouco se lembrava, como também não se lembrava se apenas pedira-lhe um cigarro ou se se entretivera conversando com ele. Embora, contudo, não estivesse bem certa, parecia-lhe ter regressado depois disso para a sorveteria. Uma imagem fugidia persistia em suas divagações: um beco mal iluminado, alguém que a segurava com força e lhe aplicava um pano úmido sobre o nariz, e depois mais nada... até ser encontrada seis dias mais tarde no meio do mato à beira do canal, diferentemente de Lídia e Ana, nua e com o corpo coberto de excrementos. Os exames médicos e a perícia criminal, porém, nada revelaram que diferisse dos dois casos anteriores: a garota não sofrera agressões físicas, não apresentava lesões, mas consumira drogas em demasia e parecia “ter trepado sem parar durante todo o tempo que esteve com o seqüestrador”, como observou maliciosamente o legista ao seu auxiliar após a saída da vítima em companhia da mãe, “viu como ficou a bocetinha dela?”.

Não houve pausa: no mesmo dia do retorno de Tânia desapareceu a quarta menina: Carol, de dez anos, brincava no quintal em frente de casa por volta das seis da tarde; a mãe lembrava-se de ter olhado o relógio da sala no instante em que, espiando pela janela, chamou pela criança, “vem pra dentro, Carol, já está escurecendo”. Como a menina não entrasse logo, dez minutos mais tarde voltou a olhar pela janela, mas ela não estava mais ali — embora o portão continuasse fechado e a rua defronte estivesse deserta.

Carol esteve desaparecida durante doze dias. Certa manhã, quando as esperanças de que fosse devolvida já se desfaziam — nenhuma das meninas anteriores estivera tanto tempo em poder do criminoso —, trabalhadores de uma obra nas imediações da cidade ao chegarem para trabalhar encontraram a criança embrulhada em um lençol, inconsciente como as outras, como as outras drogada e estuprada...

Assim, durante os últimos trinta e dois dias quatro garotas haviam sido raptadas e devolvidas vivas, porém desmemoriadas pelo uso excessivo de entorpecentes e sexualmente abusadas.

Se no transcurso desse tempo a polícia andou sem rumo na tentativa de encontrar pelo menos um suspeito, o que se seguiu no período de um mês após o reaparecimento da quarta vítima não apenas deixou as autoridades perplexas e desorientadas, como também encheu de horror e medo a população: como se todos os males devessem acontecer de uma só vez, uma onda de crimes jamais imaginada — roubos a mão armada, invasão de residências por quadrilhas que não se sabia de onde vinham, espancamentos gratuitos de pessoas que voltavam à noite para casa, carros incendiados por entreveros que, noutras circunstâncias, não passariam de inofensivos bate-bocas, etc. — e da qual resultou pelo menos dezena e meia de cadáveres assolou a cidade, simultaneamente ao desaparecimento nas circunstâncias mais imprevisíveis de seis outras meninas — sempre entre os dez e os catorze anos —, uma das quais em pleno dia, as duas últimas na zona rural — o que fez crer que o autor mudava seu campo de atuação para alcançar alvos mais fáceis —, todas permanecendo alguns dias com seu raptor e sendo devolvidas nas mesmas condições das quatro primeiras.

Agora as ruas começavam a esvaziar cedo, e se de início o temor era pelas meninas, também os meninos passaram a ser motivo de preocupação e até os adultos — sentindo um frio na espinha ao pensar nos acontecimentos — tratavam de reforçar portas e janelas e recolher-se cedo a casa, de forma que mal escurecia o número de transeuntes reduzia-se à metade, os bares aí pelas sete começavam a esvaziar-se, e um pouco mais — às nove — não restava quase ninguém nas ruas. Às dez, salvo por algum raro automóvel a caminho de casa, a cidade parecia desabitada: o horror pairava sobre T***, os crimes ocupavam o horário nobre do noticiário na televisão, e nas casas, por trás das portas e janelas reforçadas por trancas de madeira grossa, os olhos fixavam-se na telinha, acompanhando o trabalho dos jornalistas, que pisavam e repisavam os fatos e, no caso das meninas desaparecidas, ressaltando a idade das vítimas, os abusos que sofriam, a ineficiência da polícia que, apesar de todas as estratégias montadas, continuava tateando às cegas sem conseguir conter a violência nem encontrar qualquer indício que mesmo remotamente produzisse uma expectativa de solução.

Porém, numa certa rua periférica a meio caminho entre o centro e os

bairros mais afastados havia um portãozinho de ferro que um dia fora pintado de azul mas se encontrava agora quase completamente descascado. Depois desse portãozinho, através de um quintalejo com grama e passando entre três ou quatro pequenos canteiros sem flores, uma vereda de meia dúzia de passos conduzia à varandinha de uma casa de portas e janelas azuis quase tão descascadas como o portãozinho: trata-se da casa da família Souza, onde terá início a segunda parte do nosso drama.

Tendo já anoitecido, a família se reúne em frente à TV à espera das notícias mais recentes: ali está, por exemplo, o Adelino Souza, dono do açougue, homem de seus quarenta e cinco anos, sacudido, rubicundo, calçando seus tamancos de pau e com as fraldas da camisa metade para dentro, metade para fora das calças, largado numa poltrona, os olhos fixos no aparelho como se estivesse hipnotizado; ali vamos encontrar também a mulher, Carlota, ao contrário do marido magrela e muito branca, nem feia nem bonita, quatro anos mais nova, mais bem arrumada pois é dona de um salão de beleza no centro, bem defronte à grande praça circular, onde tem clientela abundante; e os filhos, três pirralhos de cinco, sete e nove anos, que sem se importar com a TV ligada ou com a gravidade com que os pais ouvem as notícias sobre a última garota desaparecida, tentam montar no tapete da sala um quebra-cabeças de 500 peças, ainda sem compreenderem a proibição de brincarem na rua como sempre haviam feito: às vezes até as nove ou dez da noite corriam com as outras crianças em brincadeira de piques ou bandeirinha, esfalfados, suados, vermelhos — agora porém a rua passara a ser-lhes vetada tão logo anoitecesse, mas ainda que assim não fosse, podiam constatar, espiando pela janela, que tampouco havia por lá com quem brincar, razão pela qual viam-se forçados a entreter-se com outras coisas, entre elas o quebra-cabeças. Falta, porém, a filha mais velha, Lucy, de catorze anos... Onde estará? Um olho indiscreto que, dando volta à casa, fosse espiar por uma das janelas que dão para os fundos, descobriria que ali é o quarto da garota, onde ela provavelmente se encontra: pois então, ei-la deitada em sua cama, displicente numa bermudinha *jeans* e vestindo uma camiseta com a figura do Garfield, também ela assistindo ao noticiário, curiosa acerca dos acontecimentos.

Poderíamos nos perguntar por que Lucy não está reunida com a família na sala, mas este será um pormenor de pouca importância: é adolescente, tem lá suas opiniões e já se acha adulta, mais inteligente que os pais e independente — conquanto não saiba fritar um ovo e nem as próprias calcinhas seja capaz de lavar —, além de considerar os irmãos ranhosos e insuportáveis, e temos aí motivos mais que suficientes para ela ter-se isolado em seu quarto (que não admitia dividir com mais ninguém).

Lucy ouve o noticiário da noite reportar o encontro, naquela tarde, da décima vítima — que estivera por três dias nas mãos dos criminosos e fora largada num brejo entre a periferia e a zona rural nas mesmas condições que já

conhecemos —; e finalizar lembrando que a polícia continuava à deriva no caso, alertando para que os pais mantivessem seus filhos em casa tão logo começasse a escurecer, a fim de “evitar o pior”.

“O pior...”

A garota desliga a TV, estira as pernas recostando-se em seus travesseiros, vigia o teto.

Em sua cabecinha loira começava a ruminar algumas idéias...

Eram nove meia — olhou preguiçosamente para o relóginho de pulso —, deixou descair o braço, fechou os olhos, uma moleza foi invadindo seu corpo... Quinze minutos mais tarde, quando Carlota veio abrir a porta, viu que a filha adormecera. Entrou na ponta dos pés para verificar as trancas da janela; apagou a luz ao sair, puxou outra vez a porta devagarinho, escutou o clique da maçaneta e se afastou, pisando em ovos.

Passava um pouco da meia-noite e meia quando Lucy abriu os olhos, espreguiçou-se, jogou as pernas para fora da cama e olhou na direção da janela, de onde provinha uma claridade baça. Respirou fundo. Continuou olhando na direção da janela e maquinando... maquinando...

Por fim levantou-se, vestiu um moletom e, removendo as trancas, abriu a vidraça. Vigiou os fundos do quintal. Escutou. Em casa todos dormiam. Na rua não se ouvia ruído algum. Hesitou por um momento, passou uma das pernas pelo peitoril, sentiu o coração acelerar, passou a outra perna e sentou-se no peitoril... Um instante depois atravessou um buraco na cerca que dava para o terreno baldio ao lado, em seguida estava na rua, e como fizesse um pouco de frio puxou o capuz sobre o rosto (preferia não ser reconhecida caso encontrasse alguém, ou se fosse vista de alguma janela, embora àquela hora seria pouco provável estar alguém à janela).

“O que estou fazendo?” perguntou-se enquanto avançava na direção do centro da cidade, “o que é que eu pretendo com isso?”.

Caminhava devagar, as mãos nos bolsos do agasalho; escolhia as zonas de sombra para não ser vista e quando tinha de cruzar uma rua em plena luz acelerava, as pernas magrelas e nuas arrepiadas pela aragem a multiplicar os passos celeremente, cabeça baixa, ombros encolhidos, como se com isso pudesse passar despercebida.

Mas as ruas estavam silenciosas, somente ela transitava por ali àquela hora, e detrás das vidraças nenhuma luz acesa.

Seguia agora pela avenida que desembocava no centro, mas com o ruído de um automóvel aproximando-se recolheu-se à sombra de uma entrada que conduzia a um segundo andar. “Ora, só um carro da polícia” resmungou, mas a viatura passou célere, desapareceu rua abaixo, o silêncio recaiu entre as casas e os prédios, um vento rumorejou na copa de algumas árvores próximas enquanto num movimento ágil um gato saltou sobre o muro defronte, depois saltou para o outro lado e sumiu.

Lucy saiu de seu esconderijo e seguiu em frente.

Chegou ao centro de T***, alcançou a praça e olhou para o outro lado da rua, onde as portas fechadas causavam uma impressão penosa de abandono. Esteve parada ali por algum tempo, girou sobre os calcanhares e tentou discernir o que fosse sob as árvores que durante o dia proviam de sombra o lugar mas, à noite, com algumas das lâmpadas queimadas, deixavam tudo às escuras. Conseguiu identificar o repuxo (a água caía com um rumor transparente), e a mancha branca dos bancos de cimento armado lembrava bichos deitados na grama; pensou em sentar-se um pouco em um deles. Foi quando escutou o ronco suave de um motor vindo de algum ponto às suas costas. Então não se mexeu. O carro quase não fazia barulho, era como o ronronar de um gato aproximando-se devagar. Lucy esperou. O carro reduziu ainda mais a velocidade ao passar por ela, por um instante pareceu-lhe que fosse parar... mas um pouco adiante acelerou suavemente e se afastou sem pressa, distanciou-se, sumiu ao longe ao entrar numa transversal.

“Um carro grande” pensou, “preto, desses modelos ultramodernos e caros”. Continuou olhando na direção onde o automóvel desaparecera. Lucy não teve dúvida: aquele era o carro do criminoso.

— Vai atrasar-se para a escola — disse a mãe batendo à porta do quarto da filha às sete da manhã. Lucy levantou a cabeça do travesseiro e lembrou-se: era segunda-feira. Lembrou-se também de sua aventura na véspera e demorou-se mais que o normal pensando no que havia feito. Teria sido vista por alguém? Esta foi sua primeira preocupação, embora estivesse certa de que se alguém a vira andando tarde da noite pelas ruas desertas não fora reconhecida. Sentou-se à mesa da copa e esperou que a mãe a servisse, mordeu maquinalmente o pão com manteiga, depois pegou a mochila e saiu para a rua.

Manhãzinha, a cidade parecia renascer: as pessoas saíam para trabalhar, as lojas abriam suas portas, crianças brotavam de todas as direções rumo à escola municipal, carros transitavam com seu barulho familiar e tudo parecia normal. Porém ao passar defronte um armarinho Lucy ouviu de relance um diálogo:

— ...alguma novidade? — alguém teria perguntado.

— Nenhuma — foi a resposta.

— A polícia... nada até agora...

— Nada.

— Quem será a próxima garota a sumir?

— Ou a próxima casa a ser invadida por ladrões!

— Deus me livre!...

Na escola ouviu duas mães que conversavam, apreensivas:

— ...uma da manhã e eu me levantei pra ver se as crianças estavam mesmo no quarto...

— E meu marido? Levanta três a quatro vezes por noite e vai verificar as trancas!

— Que horror, amiga, que tempo estamos vivendo!

Esses fragmentos de conversa eram um sinal bastante claro de que apesar de toda aparência de normalidade, T*** passava por um momento de grande apreensão.

“Tenho de voltar à praça hoje à noite” Lucy pensou enquanto arrumava seus apetrechos de escola na carteira.

Um professor entrou para a primeira aula do dia.

“A praça fica muito escura à noite”, Lucy abriu o livro de História, “com todas aquelas lâmpadas queimadas”.

— Abram o livro no segundo capítulo — disse o professor.

Escutou-se um crepitar de páginas pela sala. Lucy parecia distraída, com um dedo marcando qualquer ponto do livro.

“Será perigoso?”

— Lucy — o professor chamou-a.

“...não... para mim não é...”

— Lucy!

Lucy apurou-se. Olhou para o professor e pôs-se vermelha. Abriu o livro e concentrou-se.

De sua segunda incursão noturna pela cidade, Lucy retornou decepcionada. Ao certo não saberia dizer o que pretendia com essas saídas noturnas, o que esperava encontrar ao longo das ruas desertas, e quando se sentou à sombra das árvores na praça central olhou em volta as ruas vazias sem conseguir dizer para si mesma o que fora procurar ali... “Será que o que eu quero é um namorado?” ocorreu-lhe de repente.

— Que namorado?! — exclamou num muxoxo, pois não seria namorado algum o que ela procurava: se fosse, por que não aceitar a proposta daquele garoto do segundo ano que vivia no seu pé? Todas as meninas o cobiçavam, chegara até a falar sobre ele com a mãe dias antes, mas a verdade é que Lucy não se deixara levar... “O que será então?” perguntou-se quando retornava decepcionada para casa, e depois de entrar furtivamente pelo buraco da cerca e saltar a janela do quarto estirou-se na cama sem mesmo descalçar os tênis; enquanto olhava o teto começou a desenhar-se em seu pensamento a forma difusa, quase abstrata, de alguém que ainda não tinha rosto...

“Ele...”

Quem? — uma voz subconsciente que aflora, alerta.

“O raptor de meninas” respondeu para si mesma.

Era então a sério que pretendia encontrar-se a desoras com um desconhecido que, de si para si mesma, admitia ser o seqüestrador das meninas? Era

tão difícil assim reconhecer aquilo que fizera com que ela se arriscasse tarde da noite pelas ruas, quando até mesmo os adultos se sentiam temerosos?

Acordou com as batidas da mãe na porta do quarto, “hora da escola” disse Carlota sem entrar, e Lucy saltou da cama. Viu que dormira de tênis e com a mesma roupa com que saíra à noite, “se minha mãe tivesse entrado” ocorreu-lhe, e apercebeu-se de que deveria ter mais cuidado a partir de então. Deteve-se segurando a mochila com uma das mãos e os tênis novos com a outra enquanto via sua cara de espanto no espelho do guarda-roupa: pois então estava mesmo decidida a continuar seus passeios noturnos?

“O que é que eu estou fazendo?”

Na noite seguinte Lucy saltou a janela do quarto à uma da manhã.

Mudando o percurso das noites anteriores seguiu na direção da via férrea, percorreu toda a extensão da rua paralela à linha do trem, ao fim dobrou à direita e desembocou num largo, avançou por algumas vias estreitas e mal iluminadas, escutou de repente um ruído suave de motor em algum ponto das ruas vizinhas, mas logo o ruído silenciou; foi em frente, caminhando agora ao longo de ruas periféricas mais bem iluminadas, quando então um automóvel passou em direção contrária em alta velocidade e desapareceu rua abaixo; por fim chegou ao centro e parou na orla de sombra das árvores. Durante todo o percurso não deparou com ninguém, nem nas varandas resguardadas depois dos muros percebeu qualquer presença, e mesmo uma janela acesa era algo raro àquela hora.

Caminhou devagar pelo perímetro de sombra e viu a si mesma do outro lado da rua, seu reflexo na larga porta de vidro da *boutique* de dona Heliadora. Ficou admirada: como parecia diferente naquele reflexo, não a moleca magrela de catorze anos metida num moletom com o capuz atirado para as costas e cujas pernas se escondiam num *jeans* desbotado e puído, mas uma espécie de ninfa da noite cujos longos cabelos loiros caíam em luminosa cascata pelos ombros e pelo peito. “Serei eu mesma?” duvidou, e deu um passo para frente, outro para trás, viu o reflexo mover-se com ela, “sim, sou eu mesma”.

Entrava de volta em sua rua — eram quase quatro da manhã e Lucy não fazia questão de negar para si mesma seu aborrecimento — quando outra vez o ronronar de um motor chamou sua atenção, mas ela não parou. Apressou o passo, aproximando-se do terreno baldio e entrou. Nesse instante viu passar bem lentamente o automóvel da outra noite com seu ronco suave, quase parar como se a estivessem vigiando de dentro dele, e depois afastar-se sem pressa até não ouvi-lo mais.

Meteu a cabeça pelo buraco da cerca: os fundos do quintal estavam às escuras, a janela de seu quarto com uma das folhas aberta, dentro a lâmpada apagada. “Tudo como eu deixei” certificou-se, e no minuto seguinte estirava-se na cama, “como é que eu vou agüentar levantar-me às sete para ir à escola?” e sem mais embrulhou-se no cobertor, encolheu-se e dormiu.

A mãe não notou-lhe o ar de cansaço quando a garota sentou-se à mesa para o café da manhã, “vai se atrasar, Lucy” ralhou e saiu apressada para o trabalho: eram quase oito horas. Lucy terminou sem pressa o café, escovou os dentes vigiando-se dentro do espelho do banheiro e tentando descobrir se era uma garota bonita mesmo ou apenas uma moleca sem graça. Não sabia o que decidir vendo-se com a boca cheia de espuma e a escova imobilizada numa das mãos. Ao sair submergiu no movimento habitual das ruas, encontrou-se com outros meninos e meninas de sua turma e também estudantes do turno da tarde, que por medida de segurança fora transferido para a manhã — o que significava um tremendo contratempo e a deixava bastante aborrecida, pois agora as salas estavam superlotadas, faltavam carteiras e alunos havia que tinham de sentar-se em cadeiras levadas do auditório e apoiar os cadernos nos joelhos.

Ao sair ao meio-dia Lucy foi arrastada pelas amigas para uma lanchonete nas proximidades da escola, e ainda que não tivesse a intenção de demorar-se escolheu alguma coisa para beliscar durante o bate-papo, que não versava sobre outra coisa: as meninas seqüestradas e a onda generalizada de crimes — que, por sinal, com o recolhimento das pessoas às suas casas havia cessado. Sentiu-se maçada principalmente por notar o quanto pareciam infantis suas colegas de classe, até mesmo as mais velhas, de quinze e dezesseis anos, que demonstrando uma preocupação excessiva com os acontecimentos reiteravam seu medo afirmando que mal começava a escurecer já estavam dentro de casa, de onde “por nada deste mundo” saíam. O que diriam aquelas bocós se ela lhes contasse que saía sozinha de madrugada e caminhava pela cidade, e que não sentia o menor medo? Se lhes falasse do carro preto que ela desconfiava pertencer ao raptor de meninas? “Ele passou devagarinho perto de mim” diria, “e eu fiquei ali, parada, olhando, esperando...” embora não soubesse dizer o que estivera esperando. Se lhes contasse suas aventuras certamente fariam cara de espanto, arregalariam os olhos, duvidariam, na certa duvidariam... “Pois se até de dia”, alguém lembrando que uma das vítimas desaparecera pouco antes de uma da tarde, conforme declaração dos pais à polícia. A menção à polícia levou uma das garotas a afirmar que a polícia não fazia nada, que se ela fosse investigadora já teria solucionado o caso e botado o criminoso atrás das grades, ao que Lucy não se conteve:

— Ninguém a está impedindo de investigar, Talita. Por que não começa agora mesmo? Amanhã à tarde decerto você já terá encontrado o cara.

Todas caíram na gargalhada, menos Talita, que respondeu prontamente:

— Eu só tenho treze anos, lembra?, e mal posso botar os pés no quintal depois das quatro, que meus pais já estão atrás de mim. Pra eu investigar, eu tinha de ser policial e estar armada, para poder defender-me.

— Ora, não seja por isso — zombou uma outra —, arranja um quepe de polícia e pega a bengala do seu avô. Pronto, virou polícia e está armada.

Nova gargalhada geral. Talita fez cara de pouco caso e preferiu calar-se, enfezada.

O lanche chegava ao fim. As garotas saíram para a rua e se dispersaram, cada qual seguindo direto para casa, de onde só saíam na manhã seguinte. Ainda que se tratasse de adolescentes impetuosas e que na maioria das vezes achava antiquada e inconveniente a proteção paterna, o medo agora punhalhes uma trava e elas se submetiam.

À uma e meia da tarde terminou de almoçar, largou o prato e os talheres sem lavar dentro da pia, deu uma bronca nos irmãos menores, que haviam espalhado as peças do quebra-cabeça por toda a sala, “não me ponham os pés lá fora” advertiu como se fosse a mãe, “se não eu conto tudo pro papai” ameaçou como a irmã mais velha autoritária e ranzinza que de fato era, e saiu para a rua. Saindo sem compromisso, sentiu-se diferente, pelo menos sentiu que sair assim era diferente naqueles tempos conturbados. Ir à escola representava um dever, e não estava só nas ruas, pelo contrário, centenas de outros estudantes transitavam à luz do dia, mas flunar à toa dava-lhe uma sensação não sabia se de liberdade ou de descaso pela apreensão que tomara conta da cidade, de qualquer maneira uma sensação que não percebia nos passeios noturnos: ao sair sozinha à noite sentia-se excitada, arrojada, não com medo — até então não sentira medo em nenhum momento —, mas não como agora, em que decidira ir até o salão da mãe. Não via crianças nas ruas, um que outro garoto de sua idade aparecia e desaparecia em seguida detrás de alguma porta, uma viatura da polícia passou para cima, para baixo, devagar, numa ronda desnecessária e inútil, e ela foi em frente, chegando no salão às duas e quinze.

— Êh, menina corajosa — brincou uma das freguesas —, saindo sozinha.

Carlota repreendeu a filha:

— Deveria ter ficado em casa com seus irmãos, Lucy.

— Tranquei a porta por fora a chave. Além do mais não vou demorar — e sentou-se numa poltrona.

— Você tem fechado mais cedo, Carlota — comentou outra freguesa, que esperava sua vez.

— Sim, querida, às quatro e meia já estou indo para casa. Com os tempos que correm...

— É verdade — concordou uma outra, o cabelo cheio de bobes, unhas postiças ridiculamente azuis —, não se deve facilitar.

— Que horror, gente, que tempo vivemos! E a polícia, que não faz nada?

Uma velha que esperava os cabelos secarem contraditou:

— Fazer até que fazem, mas esse bandido parece ser mais esperto que o distrito inteiro.

Lucy distraiu-se, espiou para fora, já não escutava o que as freguesas diziam, enfastiou-se.

— Mas não é apenas esse seqüestrador de meninas — contestou uma outra —, tem também essa onda de violência...

— De fato — concordou a velha —, mas parece que já está se acalmando, não?

— Parece — disse a das unhas postiças ridiculamente azuis —, pelo menos nesses últimos dias...

— Mas não por ação da polícia!

— Claro que não — reforçou a velha —, é que agora todo mundo se tranca em casa à noite.

— Vou embora, mãe — levantou-se, enfadada. O que fora fazer ali, afinal?

— Agora espera para irmos juntas — protestou a mãe, entregando-lhe uma cédula. — Vá tomar um sorvete e volte aqui.

Lucy apanhou a cédula. A sorveteria ficava a dois passos do salão.

Serviu-se de três ou quatro bolas de morango com creme e foi sentar-se numa das mesinhas perto da saída. Havia apenas um casal na mesa ao lado conversando baixinho e rindo de tempos em tempos. A TV ligada exibia um programa de auditório, com calouros tentando a sorte na expectativa de se tornarem cantores profissionais. Lucy desviou o olhar com indiferença e desinteresse. Um homem de aspecto viril, barba e cabelos dourados e roupa esporte atravessou a rua. Entrou na sorveteria e foi até o balcão, onde pediu qualquer coisa que Lucy não conseguiu ouvir. O casal levantou-se para ir embora. Alguém veio lá dos fundos e girou o controle da televisão; insatisfeito, repassou todos os canais e acabou deixando no mesmo programa de calouros. Entraram duas mulheres e foram sentar-se nos fundos. O homem saiu com um copo de *milk-shake*, olhou direto para Lucy, sorriu para ela exibindo dentes grandes e brancos, mas a garota apenas devolveu o olhar com um ar carrancudo e voltou a vigiar a rua. Logo esqueceu-se dele; uma risada esganiçada chamou sua atenção: uma das mulheres, nos fundos da sorveteria, ria de alguma coisa que a outra havia dito. Lucy torceu a cara, irritada, terminou seu sorvete e saiu. Na calçada encontrou com o garoto do segundo ano que queria namorá-la, estacaram um diante do outro, ela aborreceu-se, mas depois sorriu. “Você por aqui?” perguntou o garoto, “o salão da minha mãe é aqui” ela disse, “aquele lá” e apontou numa direção, “ah... sim, você já tinha me dito que sua mãe tem um salão”, “e o meu pai um açougue”, “que bom” ele brincou, “sendo assim vou passar por lá pra pegar carne de graça”, “ah, e você acha que meu pai vai lhe dar carne de graça?” fingiu escandalizar-se, “claro, afinal eu não vou me casar com você? Quando a gente se casar, o que é dele será nosso também”, “bobo” ela soltou uma gargalhada; seguiram pela calçada na direção do salão e pararam à porta, conversaram um pouco mais, ele reclamou do professor de matemática e ela afirmou que a professora de química era insuportável; um outro garoto veio e o arrastou dali, então se despediram. Lucy ficou vendo os dois colegas descerem a rua e em seguida escutou um carro ronronar sua-

vemente junto de si. Virou-se. Um automóvel preto — “um desses modelos modernos, grandes e caros” — passava. Lucy ficou paralisada. “Será ele?” voltou a perguntar-se, contraindo o rosto, a boca, enquanto olhava o automóvel distanciar-se rua afora até sumir.

Quando entrou no salão, Carlota dava os últimos retoques nos cabelos da velha. Logo seriam quatro horas e Carlota achou por bem remarcar com uma das freguesas para o dia seguinte.

Agora mãe e filha desciam a rua, rumando para casa.

O Sol começava a esconder-se detrás dos prédios — ainda que em T*** não houvesse nenhum arranha-céu — e as ruas submergiam na sombra vespertina; com um pouco mais somente as nuvens estariam iluminadas, vermelhas nos cumes e cinza escuro na base, e por fim a noite desceria tranqüila sobre a cidade, enquanto no coração das pessoas o sobressalto mostraria as unhas. Antes disso, porém, mãe e filha entrariam em casa, o pai chegaria meia hora mais tarde e todos se sentiriam privilegiados por terem paredes à sua volta, portas resistentes e janelas seguras.

Logo o noticiário daria notícia dos últimos insucessos da polícia.

*
**

— Você está aí?

Silêncio.

— Eu sei que você está aí. Por que não responde?

A menina, de pé na calçada, o capuz cobrindo os cabelos, olha para o fundo escuro do terreno baldio: imperceptível movimento, inaudível ruído, volume de sombras que nas sombras se dilui. Presença.

A menina dá um passo, o coração acelera, dois passos, agora está na linha de sombra do terreno baldio.

Terceiro passo: submerge na escuridão.

— Você está aí. Não quer falar comigo?

Pois quando regressava às duas da manhã de seu passeio noturno, descendo a rua central, Lucy ouviu o ronronar do motor atrás de si e parou. O capuz cobria-lhe o rosto, que não obstante baixou em expectativa olhando de esguelha para a rua. Esperou.

E o carro passou por ela descendo vagarosamente, sem se deter. Lucy ficou parada, olhando, até vê-lo dobrar uma esquina distante...

“Ele já sabe de mim” pensou.

À sua frente a amplidão da avenida vazia parecia não ter fim.

“Ele sabe que eu quero me encontrar com ele” quase adivinhava. Ou adivinharia?

Ao entrar em sua rua teve um pressentimento. E agora, na escuridão do terreno baldio, não tinha dúvida: ele esperara por ela ali.

— Não vai falar comigo?

Então de algum ponto no fundo do terreno veio a voz:

— Você não tem medo, garota?

— De você? — respondeu Lucy com segurança. — Nenhum!

O outro não disse nada. Parecia invisível de verdade e não apenas pela ausência de luz.

— Não vai dizer mais nada? Ainda está aí?

— Você está me desafiando? — o outro disse por fim.

— Por que você levou aquelas meninas contra a vontade delas? Por que não leva a mim?

— Ah... — disse, seguindo-se uma pausa longa que, uma vez mais, fez a garota pensar que ele não estava mais ali. — Então você gostaria que eu a levasse?

— Sim. Porque não me leva?

Nenhum ruído de aproximação, nenhum movimento nas trevas do terreno baldio, mas de súbito Lucy sentiu um par de mãos firmes em sua garganta.

— E se eu comesse a apertar agora?

— Você não teria coragem — a garota respondeu erguendo o queixo e afrouxando o corpo, como a entregar-se mais ao estrangulamento.

— Não tem medo do que possa lhe acontecer?

— Já disse — respondeu, desvencilhando-se delicadamente dos dedos em volta de seu pescoço. Os dedos diluíram-se no ar feito fumaça, a presença desfez-se —, nenhum — e caminhou para o buraco na cerca. — Vou entrar em casa agora. Amanhã a essa hora nos encontraremos na praça, lá no centro, embaixo das árvores.

Atravessou a cerca. Voltou. Meteu a cabeça outra vez pelo buraco:

— Você ainda está aí?

Nenhuma resposta.

— Não leve mais nenhuma garota, está ouvindo? Nenhuma! Amanhã eu vou com você.

E pulou para dentro do quarto.

No dia seguinte, contudo, noticiava-se o rapto de mais uma menina: a garota tinha treze anos e desaparecera por volta das duas da tarde sem que a própria mãe pudesse imaginar como: “Ela estava na varanda lendo uma revista que eu tinha comprado pela manhã” dissera ao delegado; “saí para ir ao mercadinho que fica, Deus do céu!, a dois passos de casa, e vinte minutos depois, quando voltei ela já não estava na varanda, nem no quarto, nem em lugar nenhum da casa...” e desatou numa crise de choro histérico que fez o delegado levantar-se para apanhar-lhe um copo de água com açúcar.

Nas noites seguintes Lucy andou desorientada pela cidade com lágrimas

nos olhos. “Eu disse a ele para não fazer de novo” murmurava consigo mesma enquanto continuava sua busca desesperada por alguém que não tinha rosto, nem mesmo corpo, pois o que ela retivera dele além da simples memória de uma voz, uma voz comum, pausada, incisiva mas não severa ou dura, até mesmo baixa e ligeiramente grave, e a pressão de dedos fortes em seu pescoço numa quase mórbida carícia, e talvez a percepção imprecisa de um vulto — teria mesmo enxergado um vulto? ou criara-o a partir da voz que ouvira, dos dedos que sentira em sua garganta? — no fundo negro de um terreno baldio?

Numa dessas andanças foi vista por um velho que chegara à varanda de casa entre uma e duas da manhã, numa rua próxima à prefeitura. Ao perceber o velho na varanda Lucy se deteve, cobrindo mais o rosto com o capuz, depois voltou a andar, apressou o passo, pôs-se a correr e meteu-se por uma viela próxima a fim de escapar à vigilância do velho que, por sua vez, surpreso, não teve nenhuma reação. Doutra feita percebeu que uma janela se fechou num segundo andar no instante em que ela passava; levantou os olhos naquela direção e não teve dúvida de que fora vista novamente. Talvez já tivesse sido vista outras vezes, “sim, com certeza me viram outras vezes” pensou, porque agora corria a história de uma menina encapuzada que vagava tarde da noite, sozinha, pelas ruas. Tão logo a história alastrou-se diversas testemunhas do fato surgiram: sim, havia uma garota misteriosa que, o rosto escondido num capuz, percorria a cidade a altas horas, sabe-se lá procurando o quê! Alguns chegaram a aventar a hipótese de ser uma cúmplice do criminoso, dando buscas para facilitar-lhe os raptos; outros contestaram tal suspeita dizendo tratar-se de uma tolice, já que não fazia nenhum sentido uma cúmplice procurar por vítimas a mando de um suposto parceiro justamente numa hora em que não havia qualquer criança ou adolescente nas ruas; outros, porém, consideraram razoável a suspeita, já prontos para garantir que de fato essa era uma versão não só plausível mas a única explicação possível.

Lucy teve medo de ser finalmente descoberta e permaneceu em casa nas noites seguintes, impaciente, mal se segurando no quarto, a TV ligada sem que assistisse, dois ou três livros abertos em cima da cama sem que se animasse a ler, nem mesmo a ver as figuras de uma revista em quadrinhos que comprara dias antes.

A décima primeira menina desaparecida foi devolvida dez dias depois: encontraram-na numa pedreira distante, onde haviam instalado um britador para a produção de brita. Como as demais, dopada e sexualmente violada, a adolescente não tinha qualquer lembrança clara do que lhe havia acontecido.

Nesse dia completava-se uma semana que Lucy não saía à noite.

“Ele vai estar lá hoje” ela pensou, e quando pulou a janela do quarto pouco depois da meia-noite estava decidida, mas não menos cuidadosa: não podia correr o risco de ser vista saindo do terreno baldio ao lado de sua casa por alguém que espiasse casualmente detrás de alguma vidraça. Por isso, ao

atravessar o buraco na cerca percorreu o terreno em toda sua extensão, passou pela cerca do outro lado, pulou para o quintal de uma casa de aluguel sem inquilinos e dali para a rua de trás. Procurando as zonas de sombra avançou até desembocar na rua principal de seu bairro e a partir daí submergiu na teia da cidade. Que a vissem!, ia pensando consigo mesma enquanto puxava o capuz, certificando-se a todo instante de que seu rosto estava coberto, que a vissem, não seriam capazes de reconhecê-la!

Ao chegar à praça avistou ao longe, sob um poste cuja lâmpada acendia-se e apagava-se intermitentemente, a traseira de um grande automóvel preto. Entrou na praça e foi sentar-se num dos bancos de concreto, sob uma árvore copada. Seria imaginação sua, ou passados alguns minutos ouvira um estalido atrás de si? Prestou atenção, não se atreveu a olhar... haveria alguém ali?

“Ele está mesmo aqui?” pensou, não ouvindo mais nada.

Esperou. Os minutos se passavam.

“Isso é uma respiração” e Lucy prendeu sua própria respiração, aproumou-se, olhou diretamente para frente, certa agora de que havia alguém às suas costas.

— Você não fez o que eu pedi — disse por fim.

Seguiu-se uma pausa prolongada.

— Levou outra garota.

Ouviu então o ruído compassado de passos muito leves atrás de si.

— Não vai dizer nada?

Os passos se detiveram, mas não houve resposta.

— Por que não me leva? Eu não sirvo para você?

Ouviu um prolongado suspiro e sentiu os pêlos de seus braços se arrepiarem.

— Diz logo: eu não sirvo pra você? Sou feia? Você não me quer?

Percebeu — não viu, pois não se voltou um só momento — que alguém atrás de si curvava-se em sua direção: percebeu-o por um leve farfalhar de roupas e por uma respiração muito branda quase à altura de seus ouvidos.

— Ainda não será desta vez — escutou, um sussurro. Depois mais nada.

— Virei aqui todas as noites — ela disse.

Passou-se um tempo que Lucy não saberia precisar até ouvir um motor sendo ligado. Em seguida parecia que um automóvel arrancava e se afastava quase sem ruído.

Quando olhou, o carro preto não estava mais lá.

A décima segunda vítima desapareceu no meio da tarde seguinte, num lance de audácia que chegou a enfurecer a polícia: um automóvel amarelo bastante velho parou subitamente ao lado da garota, que seguia displicentemente para casa após comprar pães e biscoitos na padaria mais próxima; havia

muitas pessoas na rua, mesmo algumas crianças e adolescentes acompanhadas por suas mães, que jamais poderiam imaginar um ato de tal ousadia; ninguém, contudo, conseguiu evitar que um par de braços ágeis arrastasse a menina para dentro do carro e arrancasse em seguida, tal a rapidez com que se deu o rapto.

A polícia localizou o automóvel duas horas mais tarde próximo a um pântano a quatro quilômetros do perímetro urbano. Estava abandonado e dos ocupantes não ficara qualquer vestígio. A placa era fria e o número do chassi o de um carro roubado havia alguns anos. Tampouco qualquer das testemunhas do crime saberia descrever os ocupantes do veículo. De que seriam pelo menos dois não podia haver dúvida: um para conduzir, outro para agarrar a vítima — mas como eram tais elementos? Ninguém sabia.

O novo seqüestro foi noticiado no jornal da noite.

Lucy olhava estatelada para a telinha quase sem acreditar no que ouvia, e quando o âncora passou a outras notícias a garota caiu na cama aos prantos. Na manhã seguinte não se levantou quando a mãe bateu à porta do quarto, e quinze minutos depois quando Carlota voltou a bater respondeu com maus-modos que não iria à escola.

Carlota surpreendeu-se, entrou no quarto apreensiva.

— Você está doente, Lucy?

Lucy, o rosto afundado nos travesseiros, chorava.

Carlota estranhou. Não sabendo o que pensar, sentou-se na cama ao lado da filha. Acariciou-lhe os cabelos.

— Não vai me contar o que aconteceu? — sussurrou junto ao seu ouvido.

Lucy abraçou-se à mãe. Chorou feito uma desesperada.

— Deixe-me ficar em casa hoje, mãe, só hoje — suplicou.

— Está bem, filha. Fique. Mas me diga: você está se sentindo mal?

— Não.

— Dor de barriga? Cólicas?

— Não, não...

— Então está bem. Eu tenho de ir agora. Quando se sentir melhor, vá tomar seu café e tire a manhã para distrair-se.

— Obrigada, mamãe.

Carlota desconfiou de um princípio de namoro frustrado, “coisas de adolescente” conjecturou, lembrando-se de que Lucy dias antes mencionara casualmente um garoto do segundo ano, “foi isso” concluiu, “amanhã já esqueceu tudo e volta a sorrir”.

Nos dias seguintes os noticiários repisavam o último seqüestro, chamando atenção para o fato de que o crime se dera de maneira extremamente ousada, “em plena luz do dia” ressaltavam, sem que a polícia até então conseguisse obter o menor indício de autoria.

O delegado andava atarantado entre o fórum da comarca, onde se reu-

nia com o juiz, o promotor e as autoridades municipais, e a casa das vítimas a fim de fazer novas oitivas, saber se as meninas já se recordavam de alguma coisa, se alguma nova testemunha podia ser indicada, mas tudo resultava inútil: quase sucumbiu ao pranto na última reunião diante das demais autoridades.

— Ninguém, senhores, ninguém sabe de nada — rubro, o rosto inchado, os olhos injetados, custou recompor-se, mas respirando fundo explicou que nenhuma testemunha nova havia surgido, nenhuma das garotas seqüestradas se lembrava do que acontecera, a não ser muito vagamente de um carro bastante velho, um quarto, umas cortinas laranja (ou seriam vermelhas?), um tapete no chão, um recipiente onde vomitavam, mesmo assim de forma fragmentária a tal ponto que não seriam unânimes em apontar qualquer pormenor: tratava-se apenas de lampejos brevíssimos e descontraídos que não levariam a nada. — Permaneceram certamente o tempo todo drogadas, não têm mesmo como lembrar-se — explicou pela centésima vez enquanto o prefeito, impressionado, olhava-o com pena. — Não é por falta de esforço, senhores — acrescentou —, a polícia militar tem vasculhado a cidade diuturnamente, feito rondas e dado batidas de surpresa, até o efetivo foi duplicado. Nossos detetives estão fazendo plantões extras, carros têm sido revistados tanto quando chegam quanto quando saem, mas até agora...

— A gente tá fazendo o que pode, Excelências — confirmou em voz surda o comandante da Polícia Militar, um sargento meio velhusco, mas parudo e afetando ares de violenta eficiência —, até já penduramos uns cabras aí, mas por enquanto...

Pois era fato: a polícia agia, a PM ressuscitara nos fundos da Companhia o pau-de-arara, o choque elétrico nos colhões, as pontas de cigarro aceso no cu, tudo para arrancar informações de alguns notórios malfetores; no desespero de obterem uma pista, barracos foram arreventados aqui e acolá ("Pois afinal só esse povinho pior pode ter praticado tais crimes contra nossas meninas!"), alguns recalcitrantes espancados ali mesmo no local, enquanto outros — mais duros — eram conduzidos para os fundos da Companhia...

O juiz olhou demoradamente o sargento, que baixara a voz na tentativa de minimizar o fracasso das investigações; batia de leve na mesa com o lápis, franzindo o sobrolho e considerando os métodos investigativos do sujeito. Não disse nada: a essa altura qualquer procedimento lhe parecia aceitável...

— E a tal fazenda velha — lembrou o promotor, novo na comarca —, se está abandonada não seria um bom lugar para esconder as meninas?

— Não, Dr. Paiva — esclareceu o prefeito —, não está abandonada, mora lá o filho do antigo proprietário.

— Um milionário excêntrico — acrescentou o vice-prefeito —, ainda moço por sinal, mas que passa a maior parte do tempo viajando. No entanto, atualmente está na propriedade.

— Suspeito? — tornou o promotor

— Oh, não — disse o juiz —, no máximo um esquisitão.

— De qualquer maneira, talvez fosse conveniente fazer umas buscas por lá.

— Já foi feito, excelência — disse o delegado. Estivemos lá e conversamos com ele. Autorizou percorrer a propriedade. Aquilo lá é um mundo, imenso, uma semana é pouco para vasculhar todos os recantos. Nenhum vestígio foi encontrado que pudesse fazer crer que...

— E a história que correu acerca de uma garota que teria sido vista andando sozinha de madrugada por aí? — acudiu o presidente da câmara, que até então escutara calado.

— Essa história, senhores — o delegado com cara de desânimo —, ora essa história... Brotou não sabemos onde, mas quem foi que viu essa garota? Como ela era? Branca? Preta? Que idade tinha?... Ninguém sabe. Vejam os senhores: nem a população, principal interessada, nos ajuda. A história dessa tal garota certamente é alguma mentira que inventaram... sabe-se lá com que fim!

O prefeito balançou a cabeça, “não é de duvidar” murmurou. O juiz mexeu numas folhas sobre a mesa. O promotor suspirou. O sargento recuou um passo com a mãos às costas e a cabeça baixa. A reunião encerrava-se como havia começado: na estaca zero.

A décima segunda vítima foi encontrada quatro dias mais tarde, desta vez nos fundos de uma casa em obras nas imediações da cidade. Em nada diferindo das outras vítimas, estava desfalecida, não apresentava lesões, porém claros vestígios de violência sexual e de uso excessivo de entorpecentes. O fato foi noticiado no jornal da tarde, o que deu a Lucy uma certeza: na noite seguinte teria um novo encontro com o homem misterioso do automóvel preto, encontro que seria decisivo.

— Então eu não sirvo mesmo pra você — ela disse.

Pressentia a presença dele atrás dela, no escuro.

— Levou mais uma menina. Uma fedelha de onze anos. É porque eu não sirvo mesmo pra você.

Ao chegar na praça era uma e meia da manhã, uma quietude de morte parecia debruçar-se sobre a cidade.

O automóvel preto não estava por perto.

Foi sentar-se no mesmo banco da vez anterior, sob a grande árvore copada no centro da praça. O capuz caindo sobre os olhos, abraçou os joelhos sentindo a aragem fria da madrugada.

Quanto tempo havia se passado até ouvir o ronco longínquo de um motor? Mas o ronco dissolveu-se, parecia ter-se afastado e o silêncio voltou a reinar. Outra vez os minutos transcorriam sem que nada acontecesse, chegou a pensar que não devia ter vindo, “e se ele não voltar mais aqui?” ocorreu-lhe,

fechou os olhos e quase cochilou... De súbito sobressaltou-se, tomada de um pressentimento olhou de esguelha para a rua e viu um carro estacionado, um carro preto e grande que se aproximara sem que ela percebesse...

Agora o farfalhar dos galhos sobre sua cabeça misturava-se ao som quase inaudível de passos que se aproximavam e se detinham bem atrás do banco onde se havia sentado.

— Uma fedelha de onze anos — repetiu. — Então eu não sirvo mesmo pra você.

Sentiu um toque de dedos, o capuz caiu para as costas, a aragem agitou brandamente seus cabelos.

— Eu não disse que você não serve — ouviu-lhe a voz.

— Eu sou feia...

— Você é linda!

— Então por que não me leva? Eu tenho catorze anos, vou fazer quinze daqui a seis meses. Já não sou uma molecota.

— Então não tem mesmo medo de mim? — ele perguntou, acariciando-lhe os cabelos.

Lucy se levantou num movimento rápido virando-se para ele, mas no escuro enxergava apenas o vulto, alguém mais alto que ela, de compleição forte, mas não era possível ver-lhe o rosto.

— Já disse que não tenho medo — respondeu em tom desafiador.

— Mas você nem sabe quem eu sou.

— Sei, sim. Eu sei quem você é.

— Então você iria comigo, se eu quisesse levá-la hoje?

— Eu vim pra ir com você.

— Verdade?

— Só tem uma coisa...

— Sim?

— Eu não quero ser drogada.

Lucy percebeu que ele sorria, achando graça.

— Puxa! Em nenhum momento eu pensei em drogá-la! Que idéia!

Saindo para a calçada iluminada Lucy pôde encará-lo pela primeira vez, e num gesto inesperado acariciou-lhe os cabelos e a barba dourada.

O automóvel rodava agora a meia velocidade pela margem da via férrea, seguiu até o fim, ingressou no caminho que conduzia para fora da cidade, mas a menos de um quilômetro adiante entrou nas terras da antiga fazenda.

— Você está indo para a fazenda velha — disse Lucy.

— Para onde você quer que eu vá? É lá que eu moro, quando estou no Brasil.

— Ah, é? E é para lá que você leva as meninas?

— Caramba! Cada coisa que você pensa! Nunca levei qualquer menina para lá!

— Hummm... Sei. E você vai ficar no Brasil até quando?
 — Dentro de uma semana estarei voando para a Grécia.
 — Vai me levar?
 — Se você quiser ir.
 — É claro que eu quero! Só não tenho passaporte...
 — Terá um em poucos dias.
 Agora o automóvel se detinha no terreiro em frente à casa grande.
 — Eu vou resistir — ela disse, quando ele girou a chave na ignição, desligando o motor.
 A mão imobilizou-se.
 — Você não diz nada? — Lucy olhava direto para adiante, evitando encará-lo. — Eu disse que vou resistir.
 O outro, porém, olhava-a sem compreender.
 — Você só vai conseguir pela força — ela disse, e voltou-se por fim para ele com um sorriso malicioso. Então pôs-se séria e reforçou: — Com violência...
 — ?
 — ...só vai me ter se for com violência.
 — O que você quer dizer com isso?
 — Que você vai ter de usar de violência para dormir comigo — encarava-o desafiadoramente agora.
 — O que você quer, afinal?
 — Quero que você me machuque.
 — Você é doida ou o quê?
 — Quero que bata em mim...
 — Acho que você é completamente doida!
 — ...que entre em mim com força, que me machuque — ajoelhada no banco do carro debruçou-se sobre ele: — Está ouvindo? Eu quero que você me machuque, eu quero ser estuprada por você!
 Lucy foi a décima terceira e última menina de T*** a desaparecer.
 A única que não voltou para casa.

*
**

Transcorreram-se quase dezesseis anos desde os últimos acontecimentos narrados.

O portãozinho de ferro da casa do Souza — o Adelino Souza — foi pintado novamente de azul há algum tempo, assim como as portas e janelas, e hoje por acaso os canteiros estão floridos.

Acrescentemos que é domingo, passa um pouco do meio-dia e a família Souza prepara-se para o almoço.

Carlota entrou na copa levando uma travessa de salada e outra de carne,

mas se deteve um instante para contar o número de talheres... Suspirou. Não, recusou-se a secar uma lágrima renitente que sempre lhe vinha em tais ocasiões: aquele era um domingo festivo, pois na véspera seu filho mais velho ficara noivo de Ângela Cunha, da família Cunha, uma excelente garota que havia conhecido no verão passado, e agora se reuniam para o primeiro almoço em família.

Porém, faltava alguém naquela casa.

“Minha filha, minha pobre filha...”

Depôs as travessas, ajeitou os guardanapos, suspirou uma vez mais e anunciou:

— O almoço está servido!

Os dois mais novos vieram dos fundos, onde se divertiam treinando os cachorros.

— Mas não vão sentar-se à mesa sem lavar as mãos — advertiu Carlota num falso tom de severidade. — E vejam se não têm pêlos de cachorro nas roupas.

O mais velho estava com a noiva na sala. Ambos ocuparam seus lugares à mesa.

Carlota considerava a perda, e o muito que seus meninos se esforçaram durante todo esse tempo para compensá-la.

“Uma perda é sempre uma perda” pensou, mas os meninos eram simplesmente maravilhosos, o que ela admitia sem nenhum esforço.

— Adelino! — chamou pelo marido.

E o Adelino saiu do banheiro com os cabelos ainda úmidos e mal penteados, as fraldas da camisa metade para dentro, metade para fora das calças, porém já não calçava os tamancos de pau: escolhera para aquela ocasião um sapato de verniz que lhe infernizava os calos, mas que era preciso suportar, pelo menos por algumas horas, em honra da futura nora.

Cada qual ocupou seu lugar à mesa.

Bom católico que era, coube ao chefe da família fazer a breve oração de agradecimento e todos puseram-se a comer.

— A senhora vai me ensinar a receita desse empadão — disse Ângela —, afinal se eu não conquistar seu filho pelo estômago...

— Mas você já me conquistou pelo coração, querida.

— Oh! — ironizou um dos irmãos.

— Quanto açúcar! — brincou o outro.

Adelino limpou a garganta, pondo-se sério.

— Brincadeiras à parte — estendeu a mão sobre a mesa e pressionou levemente o braço da futura nora —, saiba, minha filha, que é uma grande honra e alegria vê-la entrar para nossa família.

A resposta foi um sorriso amplo e um rebrilhar de olhos que por si mesmo dizia tudo.

Nesse momento a campainha tocou.

— Quem será? — Carlota alteou o busto.

— Quer que eu vá ver? — Ângela prontificou-se.

— Não, querida — disse Carlota levantando-se —, vá aproveitando o empadão que eu mesma vou — e saiu da copa em direção à sala.

Ao abrir a porta, Carlota estremeceu e recuou um passo.

Por um momento pensou que fosse desfalecer, mas como não conseguisse compreender o que via — Lucy? Aquela seria sua filha Lucy, desaparecida há dezesseis anos, porém de regresso com a mesma idade de quando se fora? —, manteve-se firme.

A menina loira abriu-se num imenso sorriso:

— Você é Carlota?

— S-sim — gaguejou Carlota, ainda tentando recuperar-se da vertigem que tivera —, sou eu... e você...

— Eu também me chamo Carlota...

— Ah...

— ...e sou sua neta. Minha mãe está ali — e apontou um luxuoso carro branco estacionado do outro lado da rua.

Olhando na direção indicada pela menina Carlota viu um homem de meia-idade, barba e cabelos dourados, recostado no automóvel; ao seu lado uma jovem e linda mulher vestida com discreta elegância, que lhe sorriu e acenou num gesto comedido, dir-se-ia mesmo tímido, até inseguro — Lucy, sua filha Lucy, que estava de volta.

Aurora

Conheci Aurora no começo do outono daquele ano distante de 1970, quando nos mudamos para Paty do Alferes, uma pequena cidade de interior no Rio de Janeiro.

Aconteceu às duas da tarde, um dia depois de chegarmos.

Eu saía para atender ao caminhão de mudanças quando, defronte ao portão da casa ao lado, avistei uma encantadora menina de dez anos que chegava com a mãe, uma mulher ainda jovem se bem que de feições um pouco cansadas. Parei por um momento junto delas para apresentar-me e falei de minha família, a mulher deu-me as boas vindas e disse-me que se gostávamos de sossego havíamos feito a melhor escolha.

Foi então que a menina, que se chamava Aurora, olhando-me nos olhos, disse:

— Vou casar com você quando eu crescer.

— Filha! — exclamou a mãe, visivelmente embaraçada. — Que modos são esses?

Mas eu tratei de pô-las à vontade:

— Não se preocupe — disse, com uma piscadela —, eu espero você crescer.

Aurora tinha os cabelos muito lisos e negros que iam dar-lhe quase à altura dos quadris, mas não era morena, pelo contrário, possuía a pele muito clara embora os olhos fossem castanhos, conjunto que propiciava um contraste agradável, destacando-se dele os lábios carnudos levemente coloridos por um discreto batom.

Aurora vivia somente com a mãe, pois o pai — soube no decorrer do tempo, à medida que fui me tornando amigo da pequena família — já ia para meia dúzia de anos amasiara-se com uma mulata bonita, porta-estandarte na escola de samba da cidade, e pouco tempo depois sumira no mundo com ela.

Sônia, a mãe de Aurora, era uma mulher de trinta e três anos, apagada e sem atrativos, morena, miúda de corpo, cabelos curtos, rosto regular mas sem beleza. Vestia-se com simplicidade, como se não se importasse consigo mesma, e eu penso que muito secretamente ainda sofria a ausência do marido, pois nunca a vi arrumar-se para sair, ir a festas ou a passeios. Estava sempre em casa, ia à rua apenas para as compras e demorava-se o menos possível. Passava os dias sentada à máquina de costura — muito requisitada na cidade, tinha sempre muitas encomendas —; e ao somar o que ganhava costurando à pensão

que o pai lhe deixara ao morrer, Sônia não teria do que se queixar, embora não levasse uma vida de abundância. A casa era pequena mas própria, para mãe e filha seria suficiente e gozavam de algum conforto.

A menina — por ser filha única, por ser tão linda, por ser menina, e por estar na escola — requeria cuidados que ao ver de Sônia seriam necessários e custosos. Decerto exagerava, Aurora não precisava tanto assim dos gastos feitos com ela, mas a mãe coruja queria vê-la sempre vestida com esmero e fazia questão, portanto, de dar-lhe roupas das melhores marcas, ataviá-la como a uma pequena princesa, de maneira que às vezes até mesmo em casa a menina calçava sapatinhos de verniz.

Quando escolhemos Paty do Alferes, eu e minha irmã Rosália tínhamos em mente um lugar tranqüilo para que nossa mãe pudesse repousar. Sofrendo de uma insuficiência cardíaca irreversível, vimos seu estado de saúde piorar após o falecimento de nosso pai havia pouco mais de um ano, e quando regressou para casa após dois meses hospitalizada decidimos que não seria mais possível permanecer em uma metrópole. Sabíamos que ela não viveria muito mais, mas queríamos que gozasse do máximo conforto naquele pouco de vida que lhe restava.

Eu, solteiro e com trinta anos, tinha algumas “aventuras” pela rua que por lá mesmo ficavam, mas Rosália noivara havia pouco. Seu noivo não se opusera à mudança, pelo contrário, resolveram apressar o casamento — para felicidade de nossa mãe, que então passou a instar comigo para seguir-lhe o exemplo —, e quando viajamos minha irmã já era uma senhora casada.

A nova casa era-nos conveniente por ser espaçosa, ter sido construída no centro de um terreno arborizado — embora pequeno — e ainda contar com uma espécie de porão dividido em três cômodos largos que me serviram de alojamento: ali eu permaneceria próximo da família e teria privacidade.

Tão logo nos mudamos meu cunhado seguiu sua profissão de representante comercial enquanto eu, que já advogava havia cinco anos no Rio, aluguei duas salas no centro de Paty do Alferes onde montei novo escritório.

Passaram-se dois anos durante os quais conquistei uma boa clientela, assisti o nascimento de meu primeiro sobrinho e vi a saúde de minha mãe declinar rapidamente até o fim.

Sônia, que além de vizinha se fizera uma amiga atenciosa, vinha às vezes de visita e passava uma hora com a doente, a quem distraía contando as novidades da cidade, colhidas com suas clientes de costura.

Estando em casa, eu ia sentar-me na varanda para deixá-las à vontade, e então a pequena Aurora surgia à porta, sorria para mim e avançava até o para-peito. Virava-se e dizia qualquer coisa, depois se aproximava e lançava uma olhadela curiosa para o jornal ou o livro que eu tinha nas mãos. Por fim, decerto temendo incomodar-me, apanhava por sua vez algumas revistas e ia sentar-se

em um canapé que puséramos a um canto, distraíndo-se em passar e repassar as páginas e olhar figuras.

Quando a saúde de minha mãe se agravou de tal forma que ela já não conseguia levantar-se, Sônia, assídua à sua cabeceira, foi de grande ajuda para Rosália que, sensível à doença e ainda atarefada com o filho pequeno, dispunha de um pouco mais de tempo para descansar.

Minha mãe faleceu numa tarde quente de verão, foi sepultada na manhã e seguinte (em um jazigo perpétuo que adquiríramos) e, de volta a casa, surpreendi minha irmã com a decisão que havia tomado:

— Vou viajar — disse. — Ou melhor, vou embora.

— Vai embora? — Rosália olhou-me com um tanto de surpresa e outro tanto de apreensão. Explicam-se ambas: surpresa por significar uma inesperada mudança de hábitos, e apreensão porque sempre estivéramos juntos e então, subitamente, eu anunciava um afastamento.

— Há dias recebi carta do Palhares, lembra-se dele? Pois o Palhares está em Maceió e convidou-me para ir para lá.

— Mas, Lauro... assim, de repente?

Sim, seria de repente, ou talvez não fosse, pois à medida que via piorar o quadro clínico de minha mãe a idéia de mudar-me fora-se enraizando em minha cabeça. Fazia mês e meio eu recebera carta do Palhares, que se formara comigo, ocupara-se em diversas atividades pouco promissoras e finalmente resolvera advogar: para isso havia escolhido sua cidade de origem e, lembrando-se de mim, quis que eu estivesse ao seu lado nas lides de fórum, “aqui há futuro, Lauro” dizia ele para convencer-me, “aqui ganha-se dinheiro”, e para arrematar, “Palhares & Brito Advocacia, já pensou?”. Na véspera escrevera-lhe aceitando o convite e dizendo que tão logo estivesse pronto para partir telegrafava-lhe.

Em duas semanas passei meu escritório e minha clientela, fiz as malas e parti.

Meu cunhado saíra em viagem na véspera, mas Rosália, Sônia e Aurora acompanharam-me à rodoviária. Abraçamo-nos comovidos, beijei delicadamente a testa de Aurora, que uma semana antes completara doze anos e estava ainda mais encantadora.

— Ainda quero casar-me com você quando crescer — ela disse.

— Filha! — exclamou a mãe, ruborizada. — Tenha modos!

Pisquei um olho para a menina, outro para a mãe, apertei uma vez mais minha irmã contra o peito e entrei no ônibus.

Os dezenove anos seguintes vivi na capital alagoana.

Não me casei. O amor não parava à minha porta dizendo “vim pra ficar”, e as mulheres passavam por minha vida como meteoros: pouco duradouras, ou eu logo enfadava-me delas, ou elas de mim, o fato é que nenhuma ficou.

Durante esse tempo o contato com minha irmã foi através de cartas.

Por elas soube que Rosália tivera outro filho e meu cunhado, progredindo cada vez mais, resolvera mudar-se para o campo; também por elas, que chegavam vez por outra com fotografias da família, acompanhei o crescimento dos meninos; e também pelas cartas soube do casamento de Aurora, do nascimento de sua filha (única), e da morte de Sônia num acidente de automóvel.

A última carta que me chegou trazia uma tarja de luto, e noticiava o enfarte fulminante que levara embora meu cunhado, aos quarenta e seis anos.

Viajei para Paty do Alferes a fim de estar com minha irmã e convencê-la a ir morar, se não comigo, pelo menos na mesma cidade, se possível no mesmo bairro “para estarmos mais próximos, pois somos a única família que temos” disse.

Não era bem verdade, tínhamos uns tios no Rio, uma tia mais idosa residia em uma cidadezinha interiorana de Minas, mas o contato com esses parentes era mais raro e não contava.

Permaneci em Paty do Alferes por pouco mais de dois meses ajudando-a a resolver todas as pendências relativas às propriedades e às atividades profissionais do falecido; conheci meus sobrinhos, um de dezoito anos (que entraria logo para o serviço militar e, portanto, não viajaria conosco) e o outro, de dezesseis, um rapagão alto e bonito que me confidenciou suas intenções de tornar-se também advogado “e trabalhar por lá com o senhor”, intenções que acolhi com satisfação, prometendo-lhe que “com certeza teremos uma vaga à sua espera”.

Aproveitei também para visitar Aurora, que residia no mesmo lugar. Aurora era agora uma mulher de trinta e um anos, de traços regulares e agradáveis que, porém, não lembravam a criança linda que havia sido. Cumprimentou-me com a alegria com que se reencontra um velho amigo e, convidando-me para entrar, apresentou-me a filha.

A filha de Aurora também se chamava Aurora, tinha onze anos e era quase o retrato da mãe na infância — talvez até mais linda.

Seria coisa de família? Herdara da mãe aquele jeito brejeiro? Pois Aurora segunda, ao ser-me apresentada, olhou-me com um sorriso franco e disse:

— Vou me casar com você quando crescer.

— Menina! — exclamou Aurora olhando-me com uma expressão de quem diz “Essas crianças de hoje em dia!...”.

Eu, do alto dos meus cinqüenta e um anos, sorri.

— Acho que sou um pouco velho para esperar — disse.

— Não é nada — replicou a menina, muito esperta.

— Não?

— Não — e recostou-se na mãe, que a aconchegou a si com carinho. Aurora talvez tenha se lembrado daquela tarde antiga de sua infância quando nos conhecemos, mas não disse nada.

Não tardou vi entrar, chegando da rua, um homem de visíveis quarenta anos e barba cerrada, que se deteve à porta da sala surpreso com a presença de um estranho em sua casa.

— Lauro, este é Jair, meu marido — e fez as apresentações de costume.

Jair revelou-se o que era, franco, jovial e de riso fácil: convidou-me para jantar com eles no dia seguinte (um sábado) e me mostrou sua coleção de selos, “todos nós temos nossas manias, não é mesmo?” ele me disse com uma risada, “essa eu herdei de meu avô, junto com sua coleção, que eu venho aumentando ao longo dos anos”. Passamos juntos o serão e quando me levantei para sair, aí por volta das dez, rogou que eu não partisse sem visitá-los novamente.

Com efeito, na véspera de viajar estive outra vez em sua casa a fim de me despedir, e deixei Paty do Alferes sem saber se regressaria.

— Mas não vá nos esquecer! — exclamou Jair apertando-me fortemente a mão, e a pequena Aurora sorriu-me, subitamente pôs-se vermelha e abraçou-se à mãe numa tentativa delicada de esconder o rosto.

A verdade é que eu me esqueci, e haveriam de se passar vinte e quatro anos antes que eu voltasse a Paty do Alferes.

Nesse tempo meu sobrinho mais novo formou-se e foi trabalhar conosco na Palhares & Brito Advocacia (o outro, seguindo a carreira militar, havia ficado no Rio, de onde nos escrevia periodicamente, visitando-nos uma vez ao ano); eu, que permanecera celibatário, me aposentei aos sessenta e dois e sepultei minha irmã onze anos mais tarde, coitada!, morta após lutar brava mas breve e inutilmente contra um tumor que do pulmão esquerdo rapidamente alcançou o direito e logo todo o corpo.

— Eurico — disse ao meu sobrinho algumas semanas mais tarde, quando conversávamos na varanda de uma chácara que havíamos comprado na zona rural de Maceió —, estou pensando em viajar.

— Viajar, tio? Para onde?

Ele decerto esperava que eu dissesse Europa (já lá estivera algumas vezes na companhia de alguma namorada de ocasião), mas eu o surpreendi:

— Quero voltar a Paty do Alferes.

— Caramba! Ainda se lembra de lá?

— Sim, ultimamente tenho me lembrado sim, e tive vontade de rever a cidade.

Fiquei pensativo por alguns instantes.

— Foi um tempo bom — disse —, ainda que breve. — E, pensativo, depois de um instante: — À época, adquirimos lá um jazigo perpétuo. É onde minha mãe está sepultada, e eu gostaria de visitar sua sepultura.

Seria isso? Seria outra coisa? Não sei ao certo; em Aurora eu apenas pensava ocasionalmente, mas não me sentia preso à lembrança — nem havia por quê. Contudo alguma coisa, eu sentia, atraía-me, instigava-me a voltar.

Desembarquei na rodoviária de Paty do Alferes no começo de uma noite fria e nublada de julho, e embora não estivesse chovendo havia nevoeiro. Hospedei-me numa pousada que me indicaram próxima ao centro, e após um banho quente, faminto e cansado da viagem jantei e dormi.

Levantei-me já dia claro, corria uma aragem fria mas fazia sol.

Saí para a rua.

Ali estava eu de volta: chegara na cidade pela primeira vez aos trinta anos, voltava aos setenta e cinco

Paty do Alferes era uma dessas cidades pequenas que resistem ao tempo e às mudanças, e assim pude constatar que durante todos aqueles anos houve — sim — muitas mudanças, mas também muito do que eu conhecera havia permanecido o mesmo.

Visitei a sepultura de minha mãe ainda naquela manhã: a lápide com um nome, duas datas e um dístico simples: “Dos filhos que muito a amam. Saudades”. Desses filhos — ocorreu-me diante da campa modesta —, um já fora encontrar-se com ela, se é verdade que as pessoas se reencontram “do outro lado”; o outro talvez não tardasse. De qualquer forma, pensei, agradava-me ficar algum tempo ainda por aqui.

Quando Aurora abriu-me a porta tardou a reconhecer-me. Franziu o cenho e fixou os olhos nos meus de um jeito inquisitivo. Em seguida mostrou-se efusiva:

— Lauro!

E nos abraçamos.

— Que alegria vê-lo outra vez! — e fazendo-me entrar na sala, indicou-me o sofá. — Que surpresa boa! Você se esqueceu completamente de nós!

Dei as desculpas de sempre para meu esquecimento, “vida de advogado, Aurora, tão cheia, tão corrida!”, o que era verdade, mas apenas meia-verdade, pois não teria sido possível tirar alguns minutos para escrever uma carta pelo menos? No entanto fiz-lhe ver que ela também se havia esquecido, pois tampouco havia nos escrito duas linhas — e ali estávamos nos escusando das imposições da vida, pois afinal não éramos culpados.

Aurora era uma mulher de cinquenta e cinco anos, conquanto bastante conservada aparentasse menos. Falou-me do marido, “foi-se, coitado, no último inverno”. O coração, explicou. Mas não se demorou em lembranças tristes, levantou-se, “acabei de coar um café”. Pouco depois tomávamos café e comíamos bolo lembrando os bons tempos. Falei-lhe dos garotos, que ela apenas vira crescer mas de quem não tivera outras notícias depois, “o mais velho é oficial do exército” disse, “o outro advoga em Maceió”; contei-lhe de Rosália “muito triste, Aurora, finou-se em pouco tempo”, e por um momento contivemos um silêncio pesaroso.

Súbito ouviu-se movimento fora, passos no assoalho de madeira da va-

randa, a porta da frente abriu-se e com a luz do dia entrou uma mulher de seus trinta e poucos anos, corada, bonita, acompanhada de uma menina linda de dez ou onze anos.

As duas se detiveram ligeiramente embaraçadas diante do estranho que, sentado à mesa da copa, segurava uma xícara fumegante de café e também as contemplava com surpresa.

— Filha — disse Aurora —, este é o Lauro, um velho amigo. Acho que você não se lembra...

A mulher aproximou-se estendendo-me a mão, e eu me levantei. Com franqueza, ela disse, não se lembrava.

— Era de esperar — Aurora compreendeu —, já faz tanto tempo...

— É verdade — concordei —, e, claro, embora eu me lembre da menina, não a reconheceria agora...

— Esta é minha filha — disse Aurora segunda chamando para si a criança. — Venha, Aurora, cumprimente o amigo de sua avó.

Aurora terceira lembrava bastante a mãe e a avó naquela idade, e mostrou o mesmo jeito brejeiro e desembaraçado ao estender-me a mão.

— O senhor é muito simpático — disse ela, e exibiu um desses sorrisos que por si só iluminam a vida.

No entanto não havia cabimento em que ela, a exemplo das duas Auro-
ras anteriores, declarasse a intenção de casar-se comigo quando crescesse. Pelo contrário, perguntou:

— O senhor é o namorado de minha avó?

Todos caímos na gargalhada e a criança pôs-se escarlate, enquanto Aurora puxava-lhe a orelha fingindo zanga, abraçando-a depois com efusões de carinho, “esta é a minha levada, Lauro, levada da breca”. Em seguida levantou-se, buscou uma xícara para a filha, outra para a neta, trouxe mais bolo.

Fiquei sabendo que Aurora segunda era casada e residia perto do centro, numa casa que nem era de campo nem de cidade, mas visitava a mãe com freqüência.

— Você não pensa em casar-se outra vez, Aurora? — eu disse. — Ainda é tão moça...

— Moça? Eu? — e sorriu, vexada. — Vou fazer cinquenta e seis!

— Mas não aparenta, não é? — disse Aurora segunda voltando-se para mim. — Eu já lhe disse que a vida segue em frente.

— Ora, filha, esqueçamos disso por enquanto.

— Oh, mãe... — fez uma pausa sublinhada por uma expressão de desgosto. — Claro que sentimos falta de papai, mas...

Calou-se, pôs-se séria enquanto acariciava os cabelos da filha e por alguns instantes todos nos aquietamos, pensativos. Ouvia-se o tilintar da colherinha, a xícara pousando no pires, um estalido no quintal, mas Aurora recusou-

se a ser dominada pela sensibilidade que aflorava: levantou-se e, abrindo as duas folhas da janela, deixou que o sol iluminasse intensamente o ambiente.

— Ah, Lauro — disse —, a propósito: a casa que foi de vocês está vazia faz um par de anos.

Faz cinco anos que voltei a ser vizinho de Aurora.

Ocorreu-me que seria bom estar perto de minha mãe e repousar ao seu lado quando minha hora chegar; assim fiz vir de Maceió minhas tralhas e aqui estou. Meus sobrinhos ligam de vez em quando; o mais velho, capitão do exército e aguardando promoção, vez por outra vem com a mulher e os filhos passar um final de semana com seu velho tio; o outro vive prometendo que virá, mas nesses cinco anos ainda não cumpriu a promessa — sabendo que eu o desculpo, pois afinal não conheço as correrias da vida de um advogado?

Aurora terceira é hoje uma bela adolescente ingressando com força na vida (concluiu o ensino médio e se prepara para o vestibular), enquanto a mãe avança com segurança para a maturidade.

No entanto o que me vem com todas as cores à memória é aquela tarde longínqua do ano de 1970 quando uma linda menina de dez anos, na aurora de sua vida, disse-me: “Vou me casar com você quando crescer”.

Não se casou comigo, não, mas a criança daquele dia distante, transformada na mulher que vai envelhecendo — pois tudo envelhece, todas as folhas amarelecem, caem e murcham sobre a relva —, está ao meu lado, não como esposa, pois permanece fiel à memória do falecido e eu, afinal, sou um velho de oitenta anos; mas como amiga nas longas conversas com que entretemos nossas tardes.

Em algum momento será, quem sabe, a enfermeira que cuidará de minhas mazelas, e há de chegar o dia em que me fechará os olhos e me levará para repousar ao lado de minha mãe. Nesse dia Aurora secará uma lágrima, fará uma prece e depois seus olhos pousarão no horizonte do mundo, da vida, e compreenderá que cumpriu com honra seu destino.

Confissões de um homem sujo

Primeiras confissões

Sou um homem sujo.

Não me envergonho de confessá-lo — um homem como eu não pode envergonhar-se de suas confissões —, digo-o publicamente, e prefiro fazê-lo de modo cabal, deixando tudo registrado em detalhes, para que no fim não reste dúvida acerca de mim e do meu pensamento.

Não tomem este escrito como uma autobiografia. Não sou tão ingênuo a ponto de crer, como certas celebridades duvidosas, que haja quem se interesse por autobiografias — sendo que o meu caso é ainda pior, pois nunca me tornei uma celebridade, nem duvidosa: pelo contrário, vivi e continuo vivendo na mesma obscuridade de sempre, o que significa que, mesmo com todas as mudanças que aconteceram na minha vida, não me tornarei famoso, já que nada fiz nem farei para isso. O que ora me proponho é apenas redigir algumas notas, talvez um tanto desconstruídas (por exemplo, não uso computador, nem mesmo máquina de escrever: escrevo a mão em tiras de papel, embolo os parágrafos uns sobre os outros, faço traços vermelhos em volta de trechos e indico com uma seta o ponto para onde serão transferidos quando passar a limpo; risco frases inteiras e reescrevo procurando uma melhor forma — que nem sempre encontro —, enfim, uma mixórdia dos diabos no meio da qual acabarei eu mesmo por me perder!), pois também não sou escritor e não conheço bem a técnica de redação, e assim aquele que, por tédio ou falta do que fazer, apanhar estes papéis, haverá de achá-los um tanto confusos. Sim, não há ordem no que escrevo, nem pretendo ordem, sou inimigo da ordem, abaixo a ordem! Viva o caos! Prefiro a bagunça, a baderna, a confusão, quando ninguém se entende e todos são mais ou menos iguais, exceto os piores (que no fim das contas serão talvez os melhores, ou pelo menos os autênticos).

Bem, isto — como dizia — não passa de notas: vou desenhar o meu retrato, registrar minha baixeza para que todos a conheçam. Por que faço isso? Perguntem a si mesmos, e talvez encontrem a resposta. Porque é certo que escrevo com um propósito além de apenas ser notado, e como aqui não cabe mentira, afirmo que tudo que for dito nestas páginas é *a mais fiel representação da verdade* (e perdoem-me os puristas o bordão, disse-lhes que não sou escritor, além do mais não encontrei uma maneira original de enfatizar o que pretendia dizer).

Mas qual é o meu propósito afinal? Não será muita pretensão de minha parte pôr-me a incomodar a todos com minha lengalenga? (ainda que não incomode a muitos, pois mesmo que me torne insuportavelmente prolixo bem poucos sofrerão — quem, afinal, perde tempo com leitura nesta terra?) O que quero dizer é que estou diante de um espelho, olho-me nos meus olhos e digo para mim mesmo: agora você não pode mentir. Ninguém o coagiu a expor-se perante o mundo, ninguém o obriga a nada, e se você se dispõe a tirar a roupa, tire-a até a última peça. É isso que estou fazendo: comecei a despir-me, e vou despir-me até não restar sobre a pele qualquer trapo que disfarce minha nudez. (Não se acanhem, não serei tão feio: pelo menos serei igual a todos, já que a feiúra no ser humano se equivale. Eis-me portanto nu em pêlo, podem olhar-me e cochichar seus comentários maldosos, soltar risinhos sarcásticos, que pouco me importo!)

E aqui está, enfim, o meu propósito: encontrar-me com a verdade. E posso garantir que já me encontrei, e há quanto tempo! Contudo, talvez seja necessário trazer essa verdade à tona. Quantos a conhecem? Quantos sabem ao menos que há uma verdade? Quantos têm coragem de olhar-se, como eu, no espelho?

Mas... antes de prosseguir, pensei em relatar-lhes um caso... um caso engraçado, apenas para dar uma idéia do que virá (já ouço as injúrias que cairão sobre mim quando terminar de falar, que tal coisa não passa de uma idiotice, atitude se não de um doido varrido pelo menos de um rematado imbecil. Sim, não nego. Será uma idiotice, mas... ouçam primeiro, mas ouçam **tudo** primeiro, tudo que lhes tenho a dizer, até o fim, e depois apedrejem-me!).

Vamos ao caso.

Durante minha formação, isto é, no transcurso de tempo em que me tornei homem e conheci o mundo, e em que também comecei a aprofundar-me na teoria da indecência (da qual irei falando aos poucos ao longo de minha narrativa) e elaborar os aspectos do meu caráter, cheguei a uma conclusão no mínimo curiosa: que à sujeira moral deveria corresponder uma sujeira física, e então parei de tomar banho.

Para que os senhores entendam, convém dizer (já que me parece pouco prático colar aqui um retrato meu — mesmo que o fizesse, um retrato nunca é, na verdade, um retrato. Não passa de uma figura, de forma que olhando para ele seria impossível saber como sou. Palavras, neste caso, valem mais que mil imagens) que, fora algumas idéias diferentes que me borbulham na cabeça de vez em quando, sou mediano em tudo: no peso, na compleição, na estatura, não uso óculos (quero dizer que não tenho nenhum problema de visão; óculos, quando uso, são os de sol, espelhados, que servem para disfarçar o que deve ser disfarçado e causar uma impressão diferente quando necessário) e me visto não mal de todo mas com alguma displicência. Roupas são, na verdade, um

disfarce, um subterfúgio à mediocridade, e desde que reconheci a minha própria — o que, não o nego, me envaideceu — fiz questão de mantê-la se não à vista, o menos escondida possível, além do que minha mediocridade não é do mesmo quilate da que todos conhecem, daquela que é comum à maioria, o que não pretendo explicar a não ser através de tudo que irei revelando nestas tiras. Até algum tempo atrás tinha um bom emprego, que me permitia vez em quando algumas larguezas, hoje posso dizer que sou um homem abonado e as larguezas se tornaram — por assim dizer — mais largas, mas não sou perdulário; também convivo em sociedade, recebem-me bem aqui e ali, e se uns e outros não me tratam com cortesia (lembrem-se de que nem todos gostam de dar uma espiada no espelho), desses não faço caso e sigo em frente. (Acrescento que, dizendo “tive um emprego razoável” e “hoje sou um homem abonado”, subentendo que já sobrevivi de subempregos, gramei ocupações ralés, e se aos poucos fui melhorando de maneira a poder salvar as aparências, houve época em que andei precário, mas duma precariedade que o leitor nem imagina.)

Um sujeito como eu não teria nada de que vangloriar-se, diferente de alguns não teria a exibir nem uma elevada posição social, nem uma conta bancária expressiva, nem um tipo físico que despertasse o alvoroço das mulheres. Estaria fadado à insignificância, do que me dei conta muito cedo, mesmo antes dos dezessete anos. Confesso que ao me aperceber de tal deficiência fiquei inconsolável por algum tempo, ora, também sou humano, tenho cá meu orgulho, meus brios, que negócio é esse de não ser ninguém, de não passar de um pobre-coitado? Isso decerto não é satisfatório para um cristão! Mas bem cedo também eu me apercebi de outra coisa: era igual a todos, a qualquer um, fosse quem fosse, e só cheguei a essa conclusão porque, inconscientemente, fui afirmando cada vez mais minha capacidade de percepção do mundo à minha volta. Quando pude afirmar para mim mesmo que eu não diferia muito do resto, já havia formado uma opinião sobre a humanidade, e, senhores, que alívio! Que peso caiu dos meus ombros! Como me senti leve e à vontade para viver do meu jeito! Tive ímpetos de dançar, sair à rua e proclamar minha independência, rir às gargalhadas da cara do primeiro homem importante que me aparecesse à frente... um juiz, por exemplo, um homem da justiça, detesto todos esses figuras da justiça, enfadam-me com sua seriedade e sua linguagem empolada sobre leis, e artigos, e parágrafos, e alíneas, irritam-me com seu ar de poderosos... E quando se sentam nos tribunais? Com aquela batina negra e aquele ridículo chapeuzinho na cabeça ornado com uma borda branca que parece couro de coelho... feito uma touca...? Que patético um homem vestir-se de preto e pôr uma touca para decidir sobre o destino dos outros... Ou um militar! Mas já seria mais difícil encontrar na rua um nas condições requeridas: alta patente, fardado, condecorado... também não os suporto, com sua nulidade e sua empáfia, seus gestos duros e sua prepotência, seu falso ar de superioridade e importância quando só ostentam títulos vazios e o ventre rotundo cheio de

gases, tanto mais bufões quanto mais medalhas dependuram no uniforme, símbolos de um poder carcomido e idiota... rir nas barbas de um tipo desses foi o que quis... mas contive-me. Havia descoberto um segredo, precisava guardá-lo para mim, pelo menos durante certo tempo, garantir-me primeiro, até a hora de trazer tudo à tona, à vontade e sem riscos.

Desenvolver a teoria da indecência (que não é necessário minuciar pois, na verdade, vem sendo descrita, ainda que de forma intermitente, assimétrica, desde que comecei) foi simples a partir de então, posso afirmar mesmo que ela já existia por si mesma dentro de minha mente, na forma concreta das minhas atitudes, faltando apenas formalizá-la. Mas não é tão simples, como disse não sou um escritor, portanto sigo aos trambolhões e espero deixar entrevisto o que seja dessa teoria ao longo da minha história, mas sempre é possível dizer uma ou duas palavras sobre ela, e assim fica estabelecido que é indecente existir, e daí decorre o resto: se a própria natureza humana é indecente, se a indecência é a sua medula, temos de primar por ela — ainda que na maioria das vezes não de forma a ferir o *status quo*: temos de preservar as instituições! Vivemos numa balbúrdia, mas uma balbúrdia organizada, e assim a sociedade e suas instituições, indecentes que são, encontram-se de acordo com minha teoria que, ao invés de anarquizá-las, pretende, isto sim, conservá-las como estão.

Vivas, pois, às instituições e à indecência!

E à instituição da indecência como filosofia de vida!

Adiante!

Eu já não era o garoto angustiado dos dezessete anos, mas um homem de vinte e quatro, quando associei a sujeira moral à física, e passei alguns meses sem tomar banho, raro trocando de roupa. “Como as pessoas irão reagir?” perguntava-me a mim mesmo com curiosidade, mal podendo esperar pelo passar dos dias.

Foi num início de férias, portanto afastado do ambiente de trabalho, que comecei (convém dizer em duas palavras que por essa época já havia passado o tempo da maior penúria e das ocupações desqualificadas, mas ainda ocupava um empreguinho muito reles numa empresa têxtil, que se esforçava por impor-se a um mercado cada vez mais exigente. Sobre essa empresa e minha permanência nela virei a falar em outro ponto; por enquanto sigamos em frente para não “atransar o caminho”). O primeiro mês sem banho pareceu-me um tanto desagradável, sentia uma certa comichão nas dobras da pele, que se tornou gordurosa e peganhenta, e nos cabelos grudados — pois não deixei de pentear os cabelos — o pente só entrava com dificuldade, mas persisti no meu intento e, retornando à repartição, apenas mudei de roupa para apresentar-me, pelo menos em aparência, limpo perante os colegas. Passados outros trinta dias, durante os quais punha uma roupa limpa apenas às segundas-feiras, começou a parecer-me agradável estar sujo: as unhas negras, a pele

grossa, a inhaca do sovaco, os cabelos como se estivessem untados com brilhantina, minha aparência dia para dia tornando-se incômoda aos mais próximos, principalmente por causa do cheiro que já de algum tempo começara a exalar; tudo isso me proporcionava um bem estar diferente, um gozo da perplexidade geral que se formava à minha volta sem que ninguém se atrevesse a tocar no assunto, a inquirir-me de cara. O chefe da repartição — um homenzinho baixo e untuoso de nome Fraga, metedigo e crítico, que não poupava nenhum dos funcionários de suas admoestações no que se referia a assuntos de trabalho e parecia sentir um prazer especial em descobrir qualquer falha, por pequena que fosse, só para repreender o infrator na frente de todos — entrava e saía da minha saleta, como de costume, porém já não para fiscalizar o andamento do serviço... Vinha, parava na porta investigando para dentro da saleta com sua figura miúda e roliça, o pescoço ligeiramente quebrado para frente, olhava-me com uma expressão alvar no focinho, fungava, espiava em volta sem se decidir, mas como eu não deixasse de ser pontual em minhas atribuições, calava-se. Certo dia fui chamado ao gabinete do diretor e lá me apresentei sem demora e com naturalidade, embora soubesse dos motivos da convocação. O diretor, homem bem mais velho, de seu natural bem humorado e, se bem que exigente quanto ao serviço, afetuoso no trato com seus subordinados, mandou-me sentar e ofereceu-me uma bebida, que eu aceitei. Começou falando das últimas encomendas, mencionou um incidente qualquer numa entrega havia três ou quatro semanas, pediu-me opinião sobre um assunto pessoal — costumava pedir opinião aos subordinados, pois tinha para si que a maneira correta de administrar era ouvir a todos e colher as melhores idéias, mas às vezes entrava no campo pessoal, falando da mulher, dos cachorros, da filha que iria formar-se no ano seguinte, etc. — e concordou com boa parte do que eu disse, de resto falei com muita lucidez para deixar claro desde o começo que eu não estava privado do meu juízo. Depois fez uma pausa, levantou-se, fingiu mexer nos arquivos e, de lá, perguntou se eu estava bem, se algum problema me afligia, se enfim eu precisava de algo. Respondi-lhe que estava bem e que não precisava de nada. “Um aborrecimento com alguém na repartição?” insistiu ainda, “um desentendimento, talvez...”, mas de novo respondi que não, nada me aborrecia e me dava bem com todos (o que era verdade) — e achei por bem fazer ar de desentendido para que não me julgasse irônico ou debochado, apercebendo-se de que o compreendia com clareza. “É que...” ele começou, fez uma pausa e caminhou na direção de sua mesa, mas não se sentou. “Não entenda isso como uma reclamação por parte de seus colegas... nem como uma reprimenda, Deus nos livre... sempre nos entendemos bem, e o senhor tem sido um funcionário muito competente... mas vieram dizer-me... e nisso não vejo mal nenhum, se bem que prefira manter o verbo assim, no indeterminado... para evitar constrangimentos, o senhor me entende...” e ante tantas reticências resolvi interrompê-lo: “Alguém se queixou de mim? Parece-me que

tenho cumprido com minhas obrigações, o serviço anda em dia, até um pouco adiantado como é meu costume, para que não acumule...”, “não” ele disse, “não... nada quanto ao serviço... primoroso como sempre, e é por conhecer sua eficiência que me preocupo... que todos, enfim, nos preocupamos...”, “então não percebo” disse, persistindo no ar de desentendido, “pois se não é isso...” e dei de ombros. “Não, não é isso... mas disseram-me que você... conquanto mantenha tudo em ordem... não se tem apresentado, digamos... convenientemente... isto é, com a aparência adequada a que todos estávamos acostumados... e que, no final das contas, é exigida pela função que desempenha...” Nesse ponto sorri, era mesmo engraçado ver o homem embaralhar-se nas próprias palavras, hesitar, andar de um lado para o outro sem coragem de mandar-me direto para baixo do chuveiro com um sabão de coco e uma bucha nas mãos. Por fim voltou a sentar-se: “Cuide-se melhor... a aparência é importante... e um funcionário da sua competência... tanto mais que vimos todos nos esforçando diante das dificuldades do dia-a-dia... do mercado... em suma, não fica bem que se apresente de forma que não condiga...” e fez um gesto de mãos para completar a idéia. Levantei-me. “Bem... tentarei atendê-lo, senhor... se bem que não percebo o que tenha mudado em minha aparência... estou como sempre estive... de qualquer forma...” e fiz um gesto indicando a saída. Ele compreendeu-me e disse que estava dispensado.

Não é preciso dizer que não atendi ao diretor, e no dia seguinte, bem como durante toda aquela semana continuei apresentando-me na repartição da mesma forma que antes, quem sabe até um tanto pior, pois para exalar com mais intensidade o cheiro que já incomodava a todos dei para fazer uma caminhada de um quilômetro sob o sol antes de chegar ao trabalho, de modo a suar bastante. Numa quinta-feira por volta das três horas, portanto pouco antes do término do expediente, recebi um comunicado por escrito da diretoria determinando, sem maiores explicações, que comparecesse naquela mesma tarde — *sem falta*, assim grifavam a importância da ordem — ao endereço anotado abaixo.

Suspeitei a que tipo de lugar me encaminhavam. Ri-me comigo mesmo de todos que me julgavam louco, e antes das cinco estava no referido endereço. Na tabuleta pude ler a inscrição: Dr. H. C. Carvalhais — Psiquiatra. Entrei, aguardei na ante-sala onde a atendente após indicar-me uma poltrona cobriu discretamente o nariz, e não demorou dois minutos para que me mandassem entrar.

O Dr. Carvalhais recebeu-me com cortesia, disse-me que me sentasse e estivesse à vontade, e deixou a sala um instante. Faço aqui um aparte para declarar o quanto me irrita essa mania que têm as pessoas de dizer-nos “fique à vontade”! Ora, e se eu estar à vontade significasse tirar a roupa e pôr-me pelo-do, escarrapachar-me no tapete, ou quem sabe, diante de uma premência intestinal, arriar o balde ali mesmo? Não! Decididamente, essa mania de manda-

rem estar à vontade não bate comigo! De qualquer maneira, acomodei-me como ele havia dito e esperei. Ao retornar, o Dr. Carvalhais sentou-se, apanhou uma ficha na gaveta, leu-a com atenção, franziu a testa, balançou a cabeça, devolveu a ficha à gaveta e dirigiu-se a mim, debruçando-se e cruzando as mãos sobre a mesa.

— O senhor foi-me encaminhado, com especial recomendação, por seu chefe. Suponho que tem alguma coisa a dizer-me.

Fingi estranhar:

— Eu...? Não seria o senhor que deveria ter algo a me dizer?

— E por quê?

— Ora, recebi no meu setor de trabalho uma ordem para aqui estar às cinco horas, supunha tratar-se de alguma incumbência relativa ao escritório... não será isso?

— Penso que não. Direi mais: acredito que seja o senhor quem tenha algo a dizer-me. Acerca de sua aparência, por exemplo.

— Minha aparência? Não percebo... o que está acontecendo? Por que todos agora deram para se preocupar com minha aparência? Pelo que sei, não mudei em nada...

— Não?

— Claro que não, ora essa! A não ser aquelas mudanças mínimas que vão ocorrendo com o tempo... um novo fio de cabelo branco, uma ruga a mais...

— Ah... — e franziu a testa, olhando para a caneta que tinha nas mãos. Rabiscava a esmo uma folha de seu bloquinho de receitas — Mas o senhor parece-me bastante jovem para falar em fios brancos e rugas. Qual a idade? Vinte e cinco?

— Vinte e quatro.

— Hum — e moveu a cabeça com um ar distraído para, logo em seguida, e sem mais preâmbulos atirar: — Joguemos limpo, meu caro!

— Eu de hábito não jogo... mas se o senhor fala em sentido figurado...

O outro riu sem deixar de perceber que eu estava brincando com ele, e que eu percebia que ele percebia, e continuou:

— Aliás, “limpo”, ou melhor, sua derivada, “limpeza”, é uma palavra de que o senhor parece ter-se esquecido, pois não?

Fiz um gesto de indefinição, e ele prosseguiu:

— Saiba, meu caro, que depois de trinta anos lidando com toda sorte de distúrbios mentais, não me é muito difícil distinguir um louco de um são. E o senhor, eu garanto, é são!

— Nisto concordamos — disse. — Sou sadio, não há loucos na minha família, e estou surpreso por me terem mandado apresentar-me a um... profissional como o senhor. Ainda penso que deve haver algum engano nessa história. O senhor está certo de que...?

— Não há engano nenhum, a não ser que este não seja seu nome — e exibiu-me a ficha onde estava anotado meu nome com todas as letras. Confirmei que aquele era o meu nome, e ele continuou: — Seus colegas e mesmo seu chefe estão convencidos de que o senhor está sofrendo de algum distúrbio mental, haja vista que, ao que tudo indica, não vem tomando banho com frequência nos últimos tempos, de maneira que o seu... digamos, o seu cheiro tem sido motivo de constrangimento e embaraço para todos, no que, aliás, não há exagero nenhum, pois soube que o senhor havia chegado sem que fosse necessário que mo anunciassem. O que pode me dizer sobre isso?

— Que se trata de algo muito íntimo...

— Ah, sim?!

— Mas claro... preciso espalhar aos quatro ventos que tomo banho?

— Se não toma, logo se denuncia da mesma forma, e através dos quatro ventos, não lhe parece? Aliás, nem ventos são necessários, neste caso...

A resposta do doutor foi tão imediata e precisa que me pegou de surpresa. Esperava ser mais esperto que ele, mas perdi, e vi que o caso havia terminado.

— Sim — eu disse, porém, sem perder a crista —, isso já me ocorrera, e parece que agora estou na iminência de uma vez mais revelar uma intimidade a todos...

— Para o bem geral, diga-se de passagem.

— Se lhe parece...

— Estamos entendidos?... Pois bem, vou comunicar ao seu diretor. Com isso evitamos sua demissão. E ainda bem, pois veja como anda difícil arranjar emprego hoje em dia!

Assim terminou minha aventura, que não tinha razão para prolongar-se. Não cheguei a uma conclusão sobre a questão proposta: se à baixa moral deve associar-se a sujeira física (é meu parecer que em alguns casos sim, noutros não, se bem que quanto isso não vale a pena entrar em detalhes), mas quando na manhã seguinte cheguei na repartição limpo e barbeado, as unhas feitas e reluzentes, ninguém comentou, mas pude perceber no ambiente um clima geral de alívio.

Quando interrompi minha dissertação para introduzir esse episódio sobre a imundície, falava da **verdade**. Como alguém como eu pode ter a pretensão, para não dizer o atrevimento, de se passar pelo porta-voz da verdade, como se fosse trazê-la à tona para que todos a conheçam e a encarem, e se estarreçam diante dela?

O que é preciso desde já deixar claro é que não estou sozinho em minhas confissões.

Ao ler a história da minha vilania, cada um encontrará uma parcela de si, qualquer um poderá descobrir no meu retrato um outro aspecto de seu

próprio retrato, todos se reconhecerão, pois eu os obrigarei a isso. O cretino que sorrir ante minhas palavras, sorrirá da boca para fora, e se me tachar de estúpido ou canalha, fa-lo-á apenas por falso pudor, pois no fundo gostaria de ter coragem de tirar sua própria roupa, mas não tem; no fim das contas sentir-se-á um tanto aliviado, pois alguém o fez por ele, e isso lhe trará alguma paz à consciência. Pensará: “Eu continuo escondido, mas outro, que é muito parecido comigo, surgiu ao sol, caminhou nu em praça pública para escândalo geral, de forma que não preciso eu mesmo fazê-lo e posso agora descansar”. De certa forma — e eis aqui meu primeiro sacrilégio, a heresia que bastava para levarem-me à fogueira na época da inquisição — sou como Cristo, mas às avessas: pois de acordo com a História Sagrada Cristo sacrificou-se por todos para que cada um não precisasse sacrificar-se pela salvação; eu venho falar da minha baixeza para que cada homem não precise fazê-lo: bastará ler minhas notas e reconhecer-se parcial ou integralmente nelas.

No final das contas serei crucificado. Já sinto no rosto o beijo da traição, mas é certo que eu não valho trinta moedas de prata. Minha traição será gratuita, pelo ódio que me têm é bem provável que até pagassem para trair-me. Mas pensam que me importo? Oh, nem um pouco. Já não se vive em tempos de queimar alguém na fogueira, nem de crucificar ninguém no alto de um morro, e assim minha *via-crucis* não vai passar de uns olhares de soslaio, uns retraimentos nos primeiros dias, uns risinhos abafados. Alguns me evitarão por uns tempos, outros por pura curiosidade até se aproximarão de mim para saber um pouco mais, embora com algum acanhamento em tocar no assunto, em perguntar; mas no final das contas todos, de um forma ou de outra — exceto, talvez os mais turrões, os puritanos, pois esses se deliciarão às escondidas com estes papéis, assim como é às escondidas que freqüentam prostíbulos —, todos, portanto, voltarão a sentar-se à minha mesa, e mesmo a convidar-me para uma pelada no final de semana (não podem dispensar-me, de qualquer forma, sou um excelente ponta direita).

Falando de mim, falo de todos, revelo cada qual a si mesmo. Meus vícios são os vícios comuns, as mesquinharias menores, a infelicidade de se dizer humano. Meus bons sentimentos — pois não duvidem, tenho bons sentimentos, embora isto possa parecer em desacordo com o que afirmei até agora: mas como estou diante do espelho e aqui eu não posso mentir, afirmo que tenho bons sentimentos, como ainda vou demonstrar, e de forma convincente, e que deles me orgulho tanto quanto dos maus, pois uns e outros fazem de mim o que sou, e não sou diferente porque sou igual a qualquer um —; portanto, dizia eu, meus bons sentimentos são aqueles triviais, sem pretensões nem grandiosidade, assim como minha maldade é vulgar, sem grandeza, repulsiva sem dúvida, mas igualmente corriqueira; porque se não sou um anjo, também não sou um demônio, ou vice-versa. Sou um homem sujo: não passo de um homem comum.

Acabo de me reconhecer como um tipo desqualificado e ao mesmo tempo como um homem comum. É natural que se cogite uma pergunta: e a boa sociedade onde esse tipo vive, ou melhor, onde ele nasceu e se formou — sim, porque ele não só vive nessa sociedade, mas nasceu nela, nela foi amamentado, cresceu e sem dúvida alguma tudo que ele é, é a ela que deve —: poder-se-ia entender por “boa sociedade” se foi capaz de engendrar alguém assim? “Que ventre produziu tão feio parto?”¹ Ora, o ventre que gera o monstro não será também o ventre de um monstro? E afinal, serei um monstro? É provável que sim, mas pode ser que não, que eu seja apenas um homem cuja maldade e bondade sejam naturais, juízo que prefiro não fazer a meu próprio respeito mas deixá-lo aos senhores: julguem-me como bem entenderem, e aproveitem a oportunidade de se julgarem a si mesmos — mas aí, alto lá!, tenho certeza de que haverão de titubear: “não” responderão em coro, à uma exclamarão, “não nos julgaremos a nós mesmos, somos homens sérios, responsáveis, não temos tempo a perder com trivialidades, repare em nós: usamos terno e gravata, nossa aparência condiz com nossa posição!” e cheios de dignidade, sem ao menos suspeitar o quanto desprezo sua aparência, seus ternos finos e suas gravatas com prendedores dourados, virarão o rosto quando eu passar, escutar-me-ão às vezes por curiosidade, por desfastio, mas se recusarão terminantemente a encarar o espelho!



O crime completa o caráter do homem sujo, do tipo desqualificado, que deve ser capaz — pelo menos uma vez na vida — de um ato delituoso, embora nem sempre seja provável que vá cometer um. Basta que seja capaz, ou que não tenha escrúpulos que, em sendo necessário, o impeçam.

E neste ponto é preciso que se diga: há crimes e crimes. Um homicídio em certas circunstâncias pode nem ser um crime, e mais de uma vez tem-se visto pessoas serem absolvidas depois de matarem alguém. Eu, por mim, confesso que não seria capaz de grandes crimes, matar alguém é algo fora de cogitação. Falo do crime banal, da ação indecente, que causa repulsa, indignação ao dito “cidadão de bem” (esse mesmo que vigia a mulher do próximo, ou a carteira do próximo sem, contudo, apoderar-se plenamente de uma ou de outra), mas que nos permite estar em sociedade sem maiores preocupações, desde que saibamos ocultar bem nossos pecados. Como não podia deixar de ser, cometi pequenos ilícitos, algumas baixezas, e no final das contas poderia contar um ou dois episódios ilustrativos.

Sem mais preâmbulos, vamos ao primeiro — sem omitir que a essa altura eu já atingira os trinta anos; minha situação financeira, graças a circuns-

¹ Verso do soneto “O Morcego”, de Augusto dos Anjos.

tâncias que por ora não vêm ao caso, passara por um notável progresso pois, deixando a pequena empresa onde trabalhara até os vinte e sete, ocupava agora um bom cargo numa grande empresa de importação e exportação de matéria prima.

Freqüentava havia tempos uma família pequeno-burguesa que se compunha do pai, da mãe e de três filhas solteiras, a mais velha com vinte e quatro anos e a mais nova em vésperas de completar quinze. Antes de mais nada devo deixar claro que os visitava sem nenhum interesse nas garotas, conquanto pudesse ambicionar qualquer uma delas, já que então eu ainda não tinha essas têmporas grisalhas e nosso nível social era mais ou menos o mesmo. Não posso alegar uma grande amizade para freqüentar tal casa, nunca tive grandes amizades nem fui muito constante nelas, apenas conhecera o chefe da família em uma estação de águas e nos tornamos assíduos — ou, mais correto seria dizer, tornei-me assíduo em sua casa aceitando-lhe o convite para um almoço, que eu não poderia retribuir pois como sempre vivi sozinho minha casa não é o lugar ideal para receber pessoas, salvo amigos de baderna ou alguma puta para uma noite de safadezas, além do que há por aqui uma certa desordem sistemática que incomoda aos que não estão acostumados a ela, aos que, de resto, não têm os mesmos gostos, enfim, cujo pensamento diverge do meu.

Ocorre que a referida família, pouco tempo depois que passei a jantar com eles vez ou outra, começou a atravessar uma crise que tratavam de esconder a todo custo, e o pai só me referiu suas dificuldades certo dia em que, necessitado de um desafogo e de um apoio moral, me chamou ao seu gabinetezinho nos fundos da casa “para prosarmos um pouco longe do barulho”. Enquanto falava, bebíamos de uma derradeira garrafa de *whisky*, e pelo que ouvi sua situação não era das melhores.

Como família pequeno-burguesa, viviam num bairro mais ou menos nobre, talvez um pouco acima de suas posses, e habitavam uma casa se não luxuosa, pelo menos bastante confortável, com dois andares, vários quartos, amplo jardim, e mais de um carro na garagem. Este era seu pequeno mundo, sem dúvida aspiravam por ascender a níveis mais elevados, mas ali estavam a gosto e tudo lhes parecia bem. Depois que terminou de falar, o homem fez uma pausa prolongada durante a qual olhou, pensativo, para o teto e por fim suspirou, deixou escapar aquilo que lhe parecia o pior dos horrores: “Perder tudo isso... Minha família... minha mulher, minhas filhas, o que irão pensar de mim?”

— Mas não há esperança? — eu perguntei.

Soltou um suspiro fazendo um gesto desconsolado.

— Talvez... vou mostrar-lhe uma coisa — puxou uma chave do bolso da calça e abriu uma gaveta. De lá tirou uma caixinha de madeira e exibiu-me seu conteúdo: algumas jóias de não muito valor e um saquinho de veludo.

— Veja — disse, entregando-me o saquinho de veludo.

No saquinho havia um objeto, senti seu peso, e quando o tirei de lá pude contemplar na palma de minha mão um largo anel em ouro branco cravejado em toda volta de pequenos rubis e com um fabuloso diamante engastado entre duas safiras quase do mesmo tamanho.

A jóia chegava a ser incômoda para uso devido ao peso e às pedras, mas não se podia negar sua beleza. Não a admirei, porém, com cupidez, já que o ouro nunca exerceu sobre mim seu fascínio, e confesso (lembrem-se de que estou diante de um espelho, meu compromisso é com a verdade, portanto podem os senhores acreditar em cada uma de minhas palavras) que em nenhum momento pensei em apoderar-me do anel, pelo menos não como um ladrão — ou um agiota, já que ambos são mais ou menos a mesma coisa —, que o faz por ganância. Apesar de não ser um entendido em ourivesaria, o anel me pareceu valiosíssimo, e como tivesse ares de jóia antiga, ao valor material deveria somar-se o valor histórico.

Perguntei:

— Será suficiente para livrá-lo... das atuais dificuldades?

O homem apanhou o anel, demorou-se contemplando-o à luz do sol que começava a pôr-se, devolveu-o ao saquinho e o trancou na gaveta.

— Mais que suficiente... seria até difícil vender, dado seu valor... pesa-me desfazer-me dele... mas, se não houver saída...

Como disse, não pensei em me apoderar do anel como o faz o ladrão (ou o agiota) — mas apenas por capricho, e nem para ficar com ele, pois, ainda que pudesse vendê-lo por uma grande soma, esse dinheiro também não me atraía. Mas de que eu iria furtá-lo, não tive dúvida alguma desde que o vi.

Minha ação se deu durante a festa de aniversário da filha mais nova, quando lá pela uma da manhã os amigos de colégio da menina se divertiam à larga dançando e bebericando, falando alto e se agarrando pelos cantos (minha intenção era que a suspeita recaísse sobre algum daqueles garotos, e como seria quase impossível desconfiar de um qualquer em especial, tranqüilizei-me quanto a isso). Despedi-me de todos no momento em que o casal também resolveu se recolher para deixar os jovens mais à vontade, mas não fui embora: caminhei até o final da rua, pulei o muro para o interior do jardim e corri para os fundos da casa. Existia aí uma janela que, como já havia observado, era fácil abrir, e uma vez dentro da casa, por conhecê-la bem não tive dificuldades de chegar ao gabinete. Com uma espátula forcei a fechadura até escutar um estalido: num instante estava com a jóia no bolso. Não tinha, porém, a intenção de sair da casa com a jóia, pelo menos não de chegar com ela à rua. Nos fundos do jardim havia um poço, e foi ali que resolvi me desfazer do anel: arredei a tampa e o deixei cair na água, repus a tampa no lugar e de novo pulei o muro.

Algum tempo depois o homem que vi ocupar, com sua família, uma pequena casa sem quintal num ponto afastado do subúrbio era um velho para quem a vida parecia ter chegado ao fim. Eu o havia destruído gratuitamente, e

se os senhores me perguntarem por que um homem destrói o outro gratuitamente não saberei dizer. É certo que uma boa ação, às vezes, é também gratuita, esse é o mérito das boas ações: fazê-las sem ter em mente uma recompensa, apenas pelo prazer de praticar o bem. Ocorreu-me, no entanto, que uma ação abominável, quando se tem uma meta a alcançar com ela, de certa forma está explicada, ainda que não justificada. Por que, porém, não cometer uma ação abominável sem qualquer fim? Se isso serve de explicação, bem; se não, contentem-se e procurem tirar suas próprias conclusões.

Mas o caso não terminou aí: dando com a gaveta arrombada e o sumiço do anel, o pobre homem desesperou-se, foi à polícia, todos que haviam estado na festa tiveram de comparecer à delegacia para depor e por fim nada foi apurado. Quando sua derrocada era inevitável, o que se deu alguns meses mais tarde, continuei freqüentando sua casa, e mesmo depois de ter-se mudado para o subúrbio lá fui algumas vezes sem que o infeliz, em nenhum momento, mostrasse desconfiança de minha pessoa. Fui paulatinamente rareando as visitas, ou porque a família morava agora muito longe, ou porque já não me interessava estar com eles, mas um dia resolvi fazer uma experiência: apanhei um papel, escrevi disfarçando a letra uma carta com os seguintes dizeres:

“Prezado senhor:

“Venho pela presente informar-lhe que um valioso objeto, digamos, uma jóia ou coisa parecida, foi esquecido por V. S^a num poço que há nos fundos do quintal de sua casa anterior, e, embora seja um bom lugar para permanecer guardado, pois ninguém jamais se lembraria de procurar ali qualquer coisa de valor, convém lembrá-lo de que a casa em breve — creio que no próximo mês — será arrematada em leilão e o que está apenas guardado ficará para sempre perdido”.

Fi-lo apenas por capricho, não procurei saber o resultado da carta quando chegou às mãos do destinatário — que chegou é certo, pois tive o cuidado de anotar com clareza seu endereço e registrá-la. Não procurei saber se o pobre arruinado fez alguma tentativa para recuperar o anel, embora tenha me divertido imaginando-o toda a noite debruçado sobre o poço, a esvaziá-lo com um balde até poder descer ao fundo por meio de uma corda. Sei apenas que alguns dias mais tarde a propriedade foi arrematada em hasta pública e entrou em obra pouco depois. Se soterraram o poço, pensei, a jóia jamais será encontrada.

Com o recebimento de minha carta o infeliz devia ter sofrido um enfarte fulminante ou cometido suicídio, achei que com isso o caso estivesse encerrado e não pensei mais no assunto. Aconteceu, porém, que cerca de uns seis para sete anos mais tarde, tempo durante o qual não tive qualquer notícia daquela família, encontrei-me por acaso nos corredores do fórum desta comarca com a mulher do nosso herói, e como ambos nos demos a reconhecer fui apertar-lhe

a mão e saber notícias. “Algum embaraço com a Justiça?” perguntei, “saiba a senhora que a pior coisa do mundo é depender da Justiça, com toda sua morosidade, suas pilhas de processos, suas decisões lerdas... senhora: um horror, eu lhe digo, um horror!”, e ela contou-me que estava ali justamente por causa de um processo que movia contra seu marido, na nova condição de ex-marido, insistindo num pedido de aumento de pensão com o qual ele teimava em não concordar, alegando que as filhas já estavam criadas e encaminhadas e o que ele lhe dava era mais que suficiente. “Mas... então separaram-se?” perguntei surpreso não tanto pela notícia da separação, mas por saber que o homem não tivera um enfarte fulminante nem se suicidara! “Que fazer, meu amigo?” ela disse com desconsolo, “que fazer!”, e após um suspiro revelou-me uma história assombrosa: o homem, que parecia no fim quando tiveram de mudar-se para aquela casinha horrorosa no subúrbio, metera-se nuns negócios duvidosos (“sim senhor, só podiam ser duvidosos!” reforçou a mulher com uma falsa indignação, pois do contrário como conseguiu tanto dinheiro tão rapidamente?) e tirando forças não se sabe de onde (“só pode ser das falcatruas em que se meteu, ele, que não era disso!”), depois de quatro anos de penúria viu-se outra vez endinheirado!

“Depois de quatro anos” pensei comigo mesmo enquanto encarava perplexo a mulher, “dinheiro adquirido rapidamente...”, e concluí que minha cartinha anônima surtira efeito e o anel fora recuperado. De certa forma fiquei feliz pelo homem, mas não em razão de qualquer problema de consciência que eu tivesse e sim por oferecer-lhe a oportunidade de fazer uma divertida cana-lhice — o que, como conclusão do caso, convinha de forma esplêndida à minha teoria da indecência:

— Ele não me contou nada — continuou a mulher —, nunca me referiu em que tipos de sujeiras andava metido, mas agora está rico, veja o senhor!, rico como nunca havíamos sido!

Quando, porém, a coitada pensou que as coisas outra vez entrariam nos eixos, eis que o esposo exemplar aparece com uma amante, uma que conhecera como porta-estandarte num desfile de carnaval do ano anterior, e exige a separação, “uma preta, meu amigo! Trocou-me por uma crioulinha de morro!”, e balançava a cabeça, abismada.

O segundo episódio servirá para completar minha teoria da baixeza, permitirá que os senhores percebam o que venho querendo dizer desde que principiei estas confissões.

Fazia três anos que eu ingressara no tempo das vacas gordas, em que às têmporas incipientemente grisalhas associavam-se as roupas finas, de *griffe*, e os melhores salões da moda, quando por uma tarde bastante fria, estando a perambular pelo centro da cidade, sem nenhuma intenção — passeava apenas — me encaminhei para essas ruas mais antigas onde ainda restam, de outros

tempos, uns prédios muito velhos, de arquitetura antiquada, telhados enegrecidos pelo musgo, portas de madeiras pintadas de azul ou verde e as paredes de branco, esse branco encardido e descascado que dá uma aparência de enfermidade irremediável ao bairro, e que se acentua na estrutura comprometida das construções (várias delas condenadas pela defesa civil), em que se vêem diversas rachaduras de alto a baixo.

Esses prédios, mais cedo ou mais tarde, serão derrubados pelo “capital”, que, como de costume, irá expulsar seus derradeiros moradores para erguer ali imponentes *shoppings centers*; esses prédios, assim sombrios e com cara de tristeza, ainda são habitados por uma escória, uma gente miserável que prolifera subterraneamente e, expulsa dali quando o “capital” chegar, será transferida para outro subsolo, outro cafofo onde persistirão em viver apegados à idéia de que este é seu direito. Enfim, ali se encontra essa camada da sociedade que está na ante-sala da miséria, que ainda não se mudou para baixo do viaduto, mas que pouco falta para isso — e como alguns dos prédios já estão até lacrados pela secretaria de obras, sob a muito humana justificativa de que é preciso manter a população em segurança (e são tão veementes em tal argumento que quase chegam a convencer — a si mesmos e aos demais — de estarem preocupados de verdade com seus moradores), essa gente sem rumo acaba se aglomerando naqueles que ainda não se mostram muito ameaçadores, ocupam já não mais andares e apartamentos, mas amontoam-se em cantos, em quartos, penduram sua indigência nas janelas, aparecem à luz do dia com a audácia de poderem dizer “estamos aqui, existimos”.

Como naquela tarde o frio fosse excessivo, pelas ruas transitava um ou outro capote, a espaços passava um carro com os vidros suspensos, alguém aparecia à calçada para entrar em casa logo em seguida, nas janelas fechadas já visíveis frestas de luz. De repente começou a neblinar e um ventinho gelado correu de fora a fora pela rua. Em pouco anoiteceria e me surpreendi ao perceber aonde fora parar: havia andado mais de uma hora e entrara bastante fundo naquele labirinto de casarios velhos. Noite feita, os malandros saíam de suas tocas e zanzariam à solta por ali, já os imaginava em pequenos grupos nesta ou naquela esquina, fumando, conversando, planejando crimes. Fiz meia-volta mas não cheguei a dar uma dúzia de passos quando avistei na outra calçada, encolhida no vão de uma porta, uma garotinha de uns doze anos a tremer de frio. O que faria ali aquela menina com um tempo daqueles?, foi o que me perguntei, e como quem não quer nada atravessei a rua, aproximei-me dela. A garotinha me viu mas não se moveu, mal olhou em minha direção e se eu tivesse passado rente a ela e seguido direto é certo que nem se moveria do lugar, nem voltaria a cabeça para olhar o estranho que invadia seu bairro. Mas como eu parei junto dela, não teve outro remédio a não ser levantar os olhos para mim, como a perguntar-se o que queria esse intruso indo incomodá-la em seu canto.

Mas me dei conta em seguida de que não seria bem esse o sentido de seu olhar, pois ao lhe perguntar por que ela não ia para casa, “com esse frio não lhe pode fazer bem ficar aqui fora”, a menina puxou um pouco o vestido e esticou a perna, mostrando um ferimento profundo no tornozelo, do qual corria um filete de sangue. “O que houve?” perguntei, e ela explicou que se machucara e agora voltava para casa na medida de suas forças; parara ali, naquele desvão de porta, para esperar que a dor aliviasse um pouco.

O bom samaritano cantou dentro de mim: eu não poderia abandonar ali aquela criança machucada e longe de casa, embora não atinasse de imediato com o que fazer. Despi o sobretudo e embrulhei a garota para aquecê-la, enquanto lhe afirmava que tudo ia ficar bem e espreitava a rua, esperando que viesse um táxi. Mas anoitecia, nenhum táxi apareceu, e eu já começava a afligir-me por mim e pela menina, imaginando as conseqüências de estarmos ambos fora de casa quando fosse noite fechada. Chuviscou mais forte, uma rajada gelada caiu sobre nós no desvão, e todas as luzes da rua se apagaram, num súbito *blackout*, fazendo com que eu me decidisse: apanhei a garota nos braços, disse-lhe que me fosse indicando o caminho e desse jeito a levei até sua casa, onde chegamos meia hora mais tarde depois de cruzar várias ruas já de todo escuras. Parei a um gesto seu diante de um desses velhos sobrados a que me referi, olhei para cima e no alto avistei uma débil luminosidade numa das janelas. “É lá?” perguntei, e ela fez que sim, tossindo um pouco. “Resfriou-se” eu disse, “você deverá tomar mais cuidado quando tiver de se afastar assim de casa” e empurrando a porta que levava ao segundo andar comecei a subir uma perigosa escada de madeira, cujos degraus ia adivinhando, tentando com o pé, orientando-me pelos ruídos que provinham de cima.

Não é preciso dizer que me tornei uma espécie de herói para aquela triste gente, um benfeitor, enfim o que se pode chamar um bom homem. Ora, ali morava uma mulher há pouco viúva, ainda jovem (teria cerca de trinta e quatro anos) mas um tanto acabada, que sustentava seis filhos pequenos com os ganhos propiciados pela máquina de costura. A mais velha, Laísa, era a menina de doze anos que eu acabara de socorrer — a única em condições de ajudá-la nos mandados, pois a segunda tinha sete e as demais crianças desciam em escadinha até os três —, e a pobre mulher já se afligia com a nova situação que se apresentava: o ferimento era grave e a garota não tinha condições de andar, “e por quanto tempo, meu senhor, por quanto tempo há de ficar na cama, sem poder ajudar-me?” e para desfazer a impressão de que se preocupava com a filha apenas porque precisava dela, acrescentou aflita: “Sem que ela possa ir à rua para mim, terei de ir eu mesma, e, o senhor compreende, o serviço irá atrasar, terei menos dinheiro para alimentar todas essas bocas! Veja, senhor, que situação a minha”, e eu, escutando-a, olhava em volta e avaliava de perto a miséria, essa miséria entrevista por acaso nas ruas, apenas suspeitada detrás das paredes: sete pessoas aglomerando-se em três cômodos apertados e de mau

aspecto devido aos móveis descanhotados, às janelas sem cortinas, às paredes encardidas; no primeiro cômodo, em frente à janela, ficava a máquina de costura, ao lado uma grande caixa de papelão onde a mulher devia guardar as encomendas, a um canto duas cadeiras e uma cama, e do outro lado, perto da porta, uma outra cama, aliás pequena, na qual dormiam — como vim a saber — as três crianças menores; no segundo cômodo, uma espécie de quarto para onde levei a menina, avistei um velho sofá onde a deitei, duas esteiras enroladas de pé contra a parede (esteiras que a mulher devia desenrolar à noite, para as crianças dormirem), outra caixa grande de papelão e uma mesinha, sobre a qual havia uma antiga TV preto & branco a válvula que decerto não funcionava — e o mais eram as crianças rodeando, encolhidas de frio, curiosas, espiando para mim. O terceiro cômodo, ainda menor, era o que se podia chamar de cozinha, na falta de outra palavra, onde havia não mais que um fogareiro a gás de duas bocas ao lado do qual uma pia e um pequeno armário com umas poucas vasilhas; pegado à cozinha, um banheirinho minúsculo, escuro, malcheiroso, no qual mal caberia uma pessoa de cada vez.

Sensibilizei-me? O homem sem caráter teve seus sentimentos despertados? Calo-me quanto a isso. Que me julguem os que me escutam, e desde já declaro que não espero indulgência.

Decidi-me a ajudar aquela mulher: no dia seguinte lá apareci com um médico, que depois de examinar o tornozelo machucado declarou que não havia fratura, “basta um pouco de repouso” ele disse, e prescreveu uma pomada para aliviar a dor e um antibiótico contra possível infecção. Auscultou-a em seguida, pediu que dissesse “trinta e três”, mandou que respirasse pela boca profundamente várias vezes, “pulmões limpos”, concluiu, “nada de pneumonia”, e antes de retirar-se acrescentou: “Em alguns dias estará pronta para outra”.

A partir de então passei a freqüentar a casa: ganhara a afeição da mãe, que recebia minhas ajudas com um sorriso ao mesmo tempo envergonhado e agradecido, desfazendo-se em protestos de que “não é preciso preocupar-se, já fez muito por nós, oh! o senhor...”. Pusera-se primeiro pálida, e em seguida escarlate quando, três ou quatro dias depois, mandei que se instalasse uma TV a cores nova e grande para divertimento dos pequenos. A garota agora, mal me via, corria a abraçar-me e levava-me para o quarto onde, acomodados no velho sofá, ficávamos assistindo televisão juntos, a criançada também ali, empoleirando-se ao nosso lado e de olho pregado na programação — ruim como de costume, mas que para quem não tem nada, e até para quem tem alguma coisa, serve como distração.

Minhas visitas durante a semana ocorriam em geral às terças ou às quintas-feiras à noite; mas nos finais de semana (sábado ou domingo) eu aparecia para o almoço, levando sempre uma novidade — algum salgado para melhorar o menu, ou doces para a sobremesa, um bolo para o lanche da tarde...

A mãe, em geral ia encontrá-la à máquina de costura. Ouvindo minha batida, que já conhecia, levantava-se para receber-me; punha água a ferver, coava um café fresco. No quartinho, sentava-se alguns instantes sentindo-se na obrigação de fazer-me companhia, conquanto estivesse ansiosa por voltar às suas costuras, enquanto a menina, depois de abraçar-me como de costume, recostava-se negligentemente em mim, olhando distraída para a tela. Conversávamos um pouco. Em sua existência monótona nunca havia novidades, de forma que minha aparição em sua vida fora a maior que podia imaginar, e mesmo quando minhas visitas já se haviam tornado rotineiras e eu passara a ser visto como um novo membro de sua família (e decerto um membro ilustre), a mulher não deixava de estar comigo nem que fosse por alguns momentos para, em seguida, desculpando-se “é tanta coisa, o senhor sabe, tanta encomenda com que haver-me...”, levantar-se e voltar à máquina de costura.

Ficando a sós com a menina — não de todo, como disse, já que os pequenos permaneciam ali —, esta aconchegava-se mais a mim, e com o amidar das minhas visitas, logo que a mãe se levantava para voltar às suas costuras, vinha sentar-se no meu colo, e uma vez ou outra colava os lábios nas minhas faces, estalando-me um beijo. Aos poucos a garotinha foi ficando mais atrevida, embora não seja bem esta a palavra para descrever seu comportamento. Passava o braço pelo meu pescoço, beijava-me no rosto, às vezes olhava-me direto nos olhos e dizia gostar de mim; nessas ocasiões encostava sua face na minha deixando-se estar assim por algum tempo. Algumas vezes a mãe entrava no quartinho surpreendendo-a, mas parecia não fazer caso, “não vá incomodar o moço, menina” dizia, como se não lhe ocorresse nenhum juízo maldoso nem julgasse inconveniente que sua filha tomasse tais liberdades com um estranho (pois, apesar de tudo, eu continuava um estranho, fazia menos de três meses que nos conhecíamos): sua única preocupação, que ela não se tornasse incômoda. A garota então escorregava devagar para o sofá; escutando outra vez o pedal da máquina de costura voltava a aninhar-se junto a mim e a passar-me o braço pelo pescoço.

Um dia, assim que cheguei e me sentei, a garota veio sentar-se comigo, a mãe entrou alguns minutos depois com o café que acabara de coar, e assim permanecemos em silêncio, tomando café e entretidos com um programa de variedades no qual entrevistavam-se pessoas na rua, fazendo perguntas acerca de qualquer banalidade; em seguida a mãe se levantou, recolheu a xícara de minhas mãos, desculpou-se como sempre alegando suas encomendas, e no minuto seguinte já se ouvia a máquina de costura. A garota de imediato aninhou-se em meu colo, e eu, que já vinha maquinando aquilo há algum tempo, pus-lhe a mão na perna, deixando-a aí, inerte, por alguns momentos. Não houve qualquer reação, a menina se manteve de olhos fixo na tela e eu resolvi avançar: deslizei a mão por sua perna numa carícia frouxa até o joelho, mas em seguida fiz com os dedos o caminho inverso, e aos poucos fui levantando-lhe o

vestido e expondo suas coxas muito claras, um pouco magras, numa carícia que se prolongava. Então parei, recompus-lhe o vestido e afastando-a de mim levantei-me, alegando que não poderia demorar-me mais. Laísa instou para que eu ficasse um pouco ainda, abraçou-me, mas eu me despedi, prometendo voltar no dia seguinte.

Agora estava decidido a estudá-la, ver até onde ela me permitiria chegar, e — ocorreu-me de repente — até onde a mãe sabia do que estava acontecendo. Descumpri a promessa: não retornei no dia seguinte, fiquei quase duas semanas sem aparecer e quando num sábado à tarde bati-lhes outra vez à porta fui recebido com alvoroço e preocupação: a mãe queria saber se eu estivera doente, ralhou comigo, que se havia preocupado, que aquilo não se fazia, que pelo menos poderia tê-los sossegado com alguma notícia. “Sentimos a sua falta” insistiu, e mesmo as crianças, que já se haviam acostumado com a presença do “títo”, haviam perguntado por mim.

Nesse dia a mãe apressou-se a coar o café, trouxe fatias de um bolo que fizera na véspera, demorou-se mais comigo e só voltou para a máquina de costura depois de muitas escusas e de insistir para que eu tomasse mais café, comesse mais bolo.

Mas a menina não se sentou em meu colo, recostou-se em meu peito como costumava fazer e, virando o rosto para mim beijou-me a face, “senti saudades” disse, e voltou a olhar para a televisão. Com o movimento, seu vestido havia subido um pouco deixando as coxas um pouco à mostra. Tive então um gesto inesperado: recompus-lhe o vestido... e com isso não achei mais jeito de retomar as carícias que lhe havia feito da última vez! Por que fui fazer aquele gesto? eu me perguntava; e por que a danadinha não se sentava em meu colo como sempre?

Se ela não o fizesse, eu não saberia como seguir adiante em meu projeto de estudá-la como planejado — eu havia iniciado uma estratégia e, por mim mesmo, num gesto estúpido, pus tudo a perder. Naquela tarde deixei a casa aborrecido, e no dia seguinte, domingo — um dia que eu passava quase todo com eles — achei melhor ir à praia olhar as belezas e tentar fisgar alguma para minha cama.

Na terça à noite porém, roído de impaciência corri até lá, e quando a mãe — outra vez preocupada por eu não ter aparecido no domingo — voltou para a máquina de costura, deixando-nos a sós (como disse há pouco, a sós mas com todas as crianças ali assistindo TV, o que não fazia muita diferença, já que não prestavam atenção em nós), em vez de esperar que ela viesse aninhar-se em meu colo, aproveitei o momento em que ela passava rente a mim e puxei-a pela cintura. Neste e nos dias seguintes tratei de repetir o ritual mais ou menos da mesma maneira: abraçava-a às vezes, antecipava-me puxando-a para meu colo quando ela mesma não vinha sentar-se, e acariciava-lhe as pernas com negligência, delicadamente, com a ponta dos dedos — no que ela consen-

tia sem nenhum gesto de repulsa ou vergonha. Um dia, mal a mãe nos deixou a sós, a garotinha correu para mim e eu, abraçando-a, cochichei-lhe ao pé do ouvido: “Trouxe-lhe uma surpresinha” e seus olhos brilharam quando exibiu um pequeno embrulho, que ela apanhou da minha mão num movimento ansioso enquanto eu levava um dedo aos lábios pedindo-lhe que não fizesse escarécú. Rasgou o papel colorido e, encantada, examinou a delicada peça que tinha entre os dedos: uma calcinha de renda vermelha e cetim, tão linda que ela por certo nem sonhava possuir. “Mostre-me quando a estiver usando” eu disse, “mas não conte a ninguém” e levantei-me, dando pressa de sair para não deixá-la confusa.

Uma tarde puxei-lhe o vestido bem acima dos joelhos, deixando as pernas à mostra, e em seguida fui mais longe: avancei minha mão sob o vestido até tocar-lhe a calcinha. “É a que lhe dei?” perguntei, ela fez que sim com a cabeça mal disfarçando o riso e a encabulação... e aconteceu aquilo que eu bem poderia esperar que acontecesse, mas que de qualquer forma seria sempre uma surpresa para mim: Laísa reclinou a cabeça em meu ombro e com candura entreabriu as pernas...

No gabinetezinho, a máquina de costura trabalhava furiosamente.

Em seguida, o que fiz? Cometi um crime — o pior dos crimes, não seria exagero dizer: deixei aquela casa para sempre, nunca mais apareci, não soube que fim levou tal família.

Mas... um crime!, exclamarão os senhores, que crime?! Acaso não contive meus instintos, não me absteve de abusar da garotinha que toda se entregava para mim? Não, os senhores reforçarão maravilhosos, esperançosos de minha regeneração, certos de que um ato de contrição basta para apagar todos os pecados! (não apenas os meus...) Antes, porém, que se arrisquem por esse caminho, advirto: não esperem regeneração de minha parte, enquanto os senhores mesmos que me escutam, me avaliam e me julgam não se regenerarem! Não se enganem com falsas aparências, julguem os fatos, e se não são capazes de compreendê-los, de dar com a verdadeira face da moeda, aqui estou para ajudá-los.

Vejamos: quando deixei aquela casa — foi mesmo assim: a menina, disse-o acima, pousou a cabeça em meu ombro e entreabriu as pernas, ofegando baixinho. Meus dedos tremeram sob a renda da calcinha vermelha sentindo seu sexo quente e úmido, carícia que se prolongou até que, de súbito, retirei a mão e depusitei a garota no sofá, dei-lhe um beijo paternal na testa, despedi-me da mãe junto à máquina de costura e nunca mais apareci. Portanto, quando deixei aquela casa, cessaram também as esperanças da pobre mulher, uma mulher sozinha que mingua dia e noite na máquina de costura para criar tantos filhos e que não teria mais minha presença e a ajuda com a qual contava, diante da vantagem de poder oferecer em troca a filha ainda virgem. Ora, que

abominável atitude a da pobre mulher, segundo o conceito geral, e que verdadeiro canalha eu estava me saindo (ainda que isso, senhores, não lhes deva surpreender, pois desde o início lhes prometi vilanias de toda sorte)! Mas não será tudo isso algo um tanto... comum? Nesses meios de miséria que os doutores em sociologia e os rotundos burgueses das missas de domingo pela manhã ou dos clubes sociais dos sábados à tarde nem sequer imaginam, de que os políticos corruptos e os catadores de votos se esquecem por opção, esse é um recurso comum, usual, de aumentar a renda familiar, e quando não contam com a aquiescência da filha mais velha (como era o caso de Laísa, que não repelia meu gesto, pelo contrário: consentia nele e até parecia esperar por ele), a obrigam por meio da persuasão e da chantagem, “não vê acaso que tudo nos falta? É que é você quem pode livrar-nos de tais apertos?”. Com horror os senhores abaixam o rosto, “uma criança” dizem alguns, “uma virgenzinha” murmuram outros mais pudicos e piedosos, mas eu respondo: de que vale um cabaço diante de cinco pequenas bocas famintas gritando por pão (mormente para aqueles que se prontificam a increpar, mas nunca manifestam nenhum gesto de piedade)?

Ah, mas sou capaz de adivinhar o que lhes passa pela cabeça nesse momento: que eu poderia recusar a implícita oferta que a mãe da garotinha me fazia, mas não deixar de levar-lhes o socorro que aprenderam a esperar de mim. Sim, o típico pensamento burguês, posso até ouvi-los indignados à beira da piscina enquanto agitam seu Blue Label *on the rocks*, esbravejam e em uníssono concluem por minha condenação: uma tal criatura não é humana, não é digna da semelhança com Deus de que fala a Bíblia, e se pudessem dar-me-iam a prisão perpétua (já que a pena de morte é contrária às suas convicções etc. etc.).

Pois que se indignem e me condenem, mas descruzem os braços: eis a oportunidade que também lhes concedo de saírem da frente deste espelho que tanto os perturba! Façam algo, mudem o mundinho cretino que os senhores mesmos ajudaram a construir com suas leis estúpidas, seus falsos credos, sua torpe moralidade — quem os incita a isso é — como deixei bem claro desde o início — alguém como os senhores, quase exatamente igual, com uma única diferença: a de admitir sua própria falta de escrúpulos, coisa que os senhores não fazem.

Se quiserem ouvir-me, posso dar-lhes o endereço daquela casa, procurando-a quem sabe não chegam a tempo de evitar novas desgraças — havia outras meninas lá, de cinco, seis, sete anos, e todas seguiriam o caminho da mais velha! Dou-lhes o endereço de tantas outras casas semelhantes, aliás, não é preciso que lhes informe tintim por tintim nomes de ruas e números de casas, basta que olhem à sua volta e arregacem as mangas... mas é claro que neste momento os senhores que me escutam voltam-me as costas, fingem-se escandalizados, não querem escutar mais, tudo isso foi excessivo para uma

única tarde (e fogem espavoridos ante a ameaça de se tornarem responsáveis, de não terem como omitir-se, como descansar com tranquilidade a cabeça no travesseiro).

A vida do homem sujo

Relendo as primeiras anotações, que estiveram dormindo um bom par de anos aí pela gaveta, ocorreu-me que talvez fosse interessante, pelo menos por desfastio, escrevinhar mais alguma coisa a respeito da minha teoria da indecência, isto é, sobre minha própria vida, pois a teoria que elaborei não carece de ser minuciada em itens e parágrafos — isto porque, além de ser bastante fastidioso para o leitor (parecerá estar lendo um código de leis, e nada mais maçante, por exemplo, do que o Código Civil), há um procedimento mais fácil para mim como autor: exemplificá-la por meio dos meus feitos. (Abro parênteses para dizer que eu só formulei uma “teoria da indecência” porque gosto de sistematizar as coisas; já fui, e ainda sou, um bom leitor de filosofia, e agradam-me os sistemas, agrada-me ver como aqueles homens — os filósofos — eram capazes de construir sistemas complexos de idéias que, em certos casos, não queriam dizer coisa alguma, mas mantinham uma coerência que não se pode classificar de outra coisa a não ser de esplêndida.)

Não posso mudar o que sou.

Na minha teoria da indecência, um dos pontos principais é: seja indecente, mas não deixe que os outros percebam (e se falo disso aqui, sabendo que alguém irá tomar conhecimento de fatos — pelo menos os mais relevantes — de minha vida, é porque estou bem abrigado sob o sigilo de um pseudônimo, que no fim das contas é o meu nome verdadeiro, e se há contra-senso nisso, explicação há, que fica para depois), e quando digo que não posso mudar o que sou, devo acrescentar que tampouco quereria mudar se o pudesse. Para fazê-lo, seria preciso antes saber se valeria a pena ser diferente. Digamos que me trouxesse algum proveito ter atitudes louváveis, tornar-me o bom moço, distinto, correto, limpo de consciência, ser benquisto onde estivesse e colher aqui e ali sorrisos de promessa... mas a verdade é que usufruo dessas pequenezas que a todos parecem importantes, isto é, a convivência amistosa em sociedade, os sorrisos, a consideração de alguns e o desprezo de outros, de modo que não poderia trazer-me proveito uma coisa que me proporcionaria tudo aquilo que já possuo.

Explico-me: é certo que ando a cometer baixezas por aí, os senhores já conhecem algumas histórias. É certo também que fui noutros tempos um homem de recursos financeiros minguaos; porém mais tarde ocupei um cargo

de certa importância numa empresa de vulto e obtinha proventos que me proporcionavam freqüentar bons ambientes. Ora, nos bons ambientes por onde andava naquela época era bem recebido, se não como um igual — pois eram lugares freqüentados às vezes por uma gente de certo nível, ainda que não fosse o que se costuma entender por “alta sociedade” —, pelo menos como uma companhia agradável, já que por um lado passava por pessoa instruída (lembrem-se de que eu lia os filósofos) e por outro minhas baixeiras não vinham à tona: meus pecadinhos (se lhes posso dar esse nome, aliás o nome convém, por isso ficam assim batizadas) não ultrapassavam aquelas portas, pelo contrário, ficavam todos do lado de fora (aliás, do lado de fora ficava o que todos ali também praticavam, e creio que com isso me faço entender perfeitamente). Se por acaso alguma coisa transpirasse, se sobre mim pesasse alguma suspeita, fazia-me inocente, era o primeiro a expor-me ao julgamento e à investigação, enfim, quase sempre conseguia inverter a situação a meu favor e sair-me bem. Assim, conquanto eu nunca tenha sido temeroso, tampouco fui temerário, e sempre evitei fazer bobagens nesse meio mais fino onde eu poderia acabar mal.

Bem, pode ser que às vezes eu não tenha tido sucesso, pode ser que aqui e ali eu tenha deixado uma pegada, ora, mas quem não comete seus erros? Quem se conduz de forma inteiramente impoluta? Quem não deixa pegadas? Basta ser cauteloso, não exagerar, não ir, como se diz, com muita sede ao pote e granjear antipatias por todo lado até finalmente ser repellido. Além do mais, um odiozinho cultivado aqui, outro ali, desde que não com muita freqüência, confere um certo *charm* e serve para manter o *status*, pois em sociedade — todos concordam — é de bom tom gozar de alguns desafeitos. Quanto a divertir-me, prefiro fazê-lo lá por baixo mesmo, entre os menos aquinhoados, sejamos francos: entre essa gente menor, por que não dizer pobre?, ou seja, o zé-povinho, a escória.

Daí afirmar que não me interessaria mudar, pois mudar serviria apenas para me dar aquilo que já tenho, e então, que tédio!, sim, Deus do céu, que tédio não fazer mais das minhas, ser sempre o bom rapaz, ser todos os dias aquele que ajuda a velhinha a atravessar a rua, a subir os degraus levando-lhe os pacotes, quando justamente o divertido é deixá-la perdida no meio da rua entre os carros que quase a atropelam, largar os pacotes no meio da escada e vê-la desabar enfim degraus abaixo, esparramando suas laranjas, quebrando os ovos, derramando o embrulho de macarrão, há-há-há!

(Sobre isso de velhinha na escada e laranjas derramadas ainda haverá algo a contar, mas fica para depois. Antes, porém, teremos ainda alguma coisa a dizer. Sigamos, pois, em frente.)

Para prosseguir, parece-me conveniente referir com mais pormenores como tem sido minha vida — ordenar os fatos, por assim dizer, para que o leitor se situe e não fique no ar, pois é certo que lendo as anotações anteriores terá ficado no ar a respeito de umas quantas particularidades a meu respeito.

Assim, para explicar a razão de situar no pretérito minha condição de pobreza, e mesmo a de penúria, convém antes de mais nada dizer que minha vida se divide em duas fases, uma “antes” e outra “depois”.

O “antes” vai até os trinta e seis anos, e mesmo essa fase se divide em três épocas: a primeira, dos meus primeiros anos, a segunda, a do meu emprego na empresa de têxteis (foi nessa fase que se passou aquele episódio no qual importunei o pessoal da repartição durante dois meses com meu cheiro) e a terceira quando reencontrei um amigo de outros tempos.

O “depois” começa no exato dia em que um tio que há muito tempo eu não via, que aliás nem conhecia, lembrou-se de mim. De então por diante, nada de mesa com máquina de escrever e gavetas cheias de papéis, nada de ofícios, formulários e protocolos, nada de cartão de ponto: ao diabo com tudo isso.

O “antes” começa numa época da qual eu não tenho grandes recordações, e nem poderia ter, pois ainda estava no útero de minha mãe, uma mulherzinha magra e de saúde frágil, como atestam os retratos que tenho dela quando solteira e também logo depois de casada. Minha mãe casou-se já quase aos trinta anos e, ao contrário do que seria de esperar — pois se tratava de um casal pobre, e pobres têm filhos como ratos, para os quais, a propósito, a própria vida arma suas ratoeiras —, só engravidou perto dos quarenta. Eu nunca soube por que eles demoraram tanto a se decidirem por uma cria, mas suponho que, num lampejo de bom senso e piedade, não queriam prole numerosa que lhes herdasse apenas a miséria em que viviam, e eu vim para não dizer que passariam a vida feito árvore sem fruto: resolvendo-se por um fruto único, aquela árvore raquítica me carregou em seu ventre por menos de nove meses, pois nasci prematuro de três ou quatro semanas, e, segundo dizem, me viram tão apoucado que não acreditaram que eu vingasse; no batismo decidiram-se à última hora por um nome nada costumeiro no meio em que viviam, Calvin, o que pouco importava para quem não estava destinado a viver, pois o mais certo era que eu não continuaria respirando por muito tempo; assim me chamaram Calvin, que no entanto com o sobrenome Silva ficou insosso feito macarronada sem tempero. No entanto — e com isso não podiam contar — eu era pertinaz, como aliás até hoje, e teimei em continuar respirando, o que não terá sido de todo mau para meus pais, pois depois desse “acontecimento” que foi a gravidez de minha mãe e meu nascimento prematuro a pobre coitada não poderia ter mais filhos mesmo que quisesse. Algumas vezes, no entanto, minha mãe deixava entrever as bem ocultas mágoas, “ter uma família grande foi sempre uma idéia muito agradável para mim”, mas com sua resignação religiosa corria os dedos entre meus cabelos de menino solitário: “Foi a vontade de Deus...”, e depois de um suspiro, “agora vai brincar, querido, que ainda é tempo de brincar”.

Sim, era tempo de brincar, mas de tão breve duração que em pouco a preocupação com o futuro tomaria o lugar dos folguedos.

Eu mal conhecera meu pai que, levado por uma pneumonia quando eu ainda não completara seis anos, nos legou uma pensão escassa que obrigava minha mãe a esfalfar-se como diarista de segunda a sábado na casa dos ricos: a pobre mulher levantava-se com o alvorecer para voltar esfrangalhada no começo da noite à cabeça-de-porco onde vivíamos. Estávamos sós, eu e ela éramos nossa família. Como já deixei entrever, havia um tio, um certo tio Joaquim, seu irmão, mas que eu tampouco chegara a conhecer bem pois, por uma razão que eu nunca soube, romperam relações (eu com sete para oito anos a essa altura) e nunca mais se viram, e assim sendo não podíamos contar com ele para nada.

Passando, portanto, a pensar sobre o futuro, aquele menino precoce no nascimento e igualmente precoce nas preocupações não conseguia enxergar nenhuma esperança.

Morávamos no rés-do-chão nos fundos de um cortiço, no mais completo abandono, onde a sujeira acumulava-se pelos corredores numa fedentina de apavorar, à qual, contudo, os moradores não só pareciam acostumados como também da qual pareciam necessitar para se sentirem bem, e aqui entra outro aspecto da minha teoria da indecência: o ser humano é capaz de chegar a certos níveis de decadência em que essa decadência e tudo que dela decorre tornam-se essenciais para seu bem-estar e sua sobrevivência. Por essa razão não posso deixar de criticar esses programas sociais que pretendem melhorar o que classificam como “qualidade de vida” dos miseráveis, proporcionando-lhes habitações mais limpas, alimentação melhor, acesso à educação e outras tolices mais. Esses bons samaritanos são incapazes de compreender que ao miserável a única coisa que interessa, e que o alimenta, que o mantém vivo e respirando, é sua própria miséria. O cortiço onde morávamos era uma demonstração cabal desse, por assim dizer, “artigo” de minha teoria: as crianças ali proliferavam feito ratos, nem uma só morria, fosse de inanição, de diarreia ou de mal-de-sete-dias; todas corriam diabolicamente escadas acima, escadas abaixo, num alarido de todos os infernos, feias, fétidas, medonhas, mas saudáveis, e mesmo as mais barrigudinhas, as meio amarelentas, denotavam uma inesgotável energia.

Nosso cubículo se compunha apenas de uma cozinha, onde mal cabia o fogão de três bocas (não tínhamos geladeira), e de um quartinho ocupado, de um lado, com a cama de casal na qual minha mãe agora dormia só, e do outro com uma caminha menor, onde eu dormia. Apenas dois cômodos miseravelmente estreitos, e o banheiro comunitário, utilizado por todos os moradores do rés-do-chão (os quais tampouco possuíam acomodações muito melhores que a nossa), em que havia apenas o vaso sanitário, sem tampa, e um chuveiro elétrico que no mais das vezes estava queimado e cuja resistência só era substituída quando os meses frios começavam a aproximar-se.

Eu cresci como aquelas crianças, no meio delas, convivendo com a su-

jeira exatamente como todas: havia nos fundos desse prédio um terreno baldio — aliás, parece que a miséria sempre possui de seu um terreno baldio que acaba por transformar-se num espaço mágico no qual a criançada inventa suas fantásticas aventuras —; naquele lugar o lixo era acumulado dias, semanas, meses, até que viessem os caminhões da prefeitura recolher tudo. O terreno, uma vez que o lixo era levado, nos parecia subitamente árido e devastado como se ali tivesse ocorrido um cataclismo, mas pouco a pouco nova montanha de lixo começava a formar-se, e então sabíamos que teríamos pela frente um bom tempo de diversões. Nossas diversões, contudo, consistiam apenas em brincar ao redor do lixo, escalar os montes mais altos, revolvê-los e vasculhá-los à procura de tesouros que só existiam em nossa cabeça, e dessa busca pelo inusitado os moleques mais velhos e maldosos saíam à vezes hasteando bandeirolas feitas com absorventes femininos ainda manchados de sangue fresco. Ao fim da tarde, chegando do trabalho, minha mãe levava-me direto para baixo do chuveiro: à porta já se formava uma fila de crianças imundas para o banho noturno, e enquanto esfregava-me com vigor para remover as crostas de sujeira não deixava de ralar, daquele jeito carinhoso que era sua marca, chamando atenção para o negrume da água que escorria do meu corpo.

As coisas se complicaram quando entrei na adolescência: minha mãe, que já vinha tendo uns achaques havia tempos, vê sua saúde deteriorar-se, a hipertensão complicando-se com uma doença do coração que se manifestara de repente, que não só a impedia de continuar trabalhando como a obrigava a estar quase todo o tempo em repouso, a pensão que recebia mal bastando para nossas necessidades mais básicas, incluindo os remédios receitados pelo médico. O menino que eu era tornar-se-ia homem por força das agruras que pareciam não dar trégua, e depois de concluir o ginásio tomei a decisão de fazer um curso técnico, “para aprender uma profissão” eu dizia a minha mãe, “e poder ajudar a senhora”. Eu hoje posso ser um homem sujo — não um criminoso, mas sujo a ponto de viver de maneira autêntica, isto é, de acordo com a indecência que é típica do ser humano mas que a maioria das pessoas não admite —; naquela época, porém, tinha bons sentimentos, pelo menos com relação a minha mãe, e quando lhe dizia que aprender uma profissão seria útil para ajudá-la ela me atraía para si, apertava-me num forte abraço, “você vai conseguir, filho” ela sussurrava-me então junto ao ouvido, “estou certa disso”, e eu sentia meus olhos se encherem de lágrimas.

De qualquer forma era preciso arranjar um serviço, fosse como fosse, pois se até então eu estudava na escolinha pública do bairro, minha mãe não teria condições de pagar-me um colégio onde eu cursasse o científico. Por essa razão, aos quinze anos entrei como caixeiro num armazém, onde trabalhava durante o dia, entrando às sete e só saindo às seis e meia da tarde, com tempo suficiente apenas para engolir em casa um pão com manteiga — quando havia manteiga — e correr para a escola.

Foi aos trancos e barrancos que terminei o curso de contabilidade e ingressei numa firma de têxteis como auxiliar de escritório. Nada tivera de meu até então a não ser a cabeça-de-porco onde crescera e onde continuaria ainda por algum tempo, mas agora estava empregado com um salário melhor: eu tinha vinte anos e acabara de ingressar na minha “segunda época”.

Fui me enfronhando aos poucos da rotina de trabalho ajudado pelo Araújo — Manuel de Souza Araújo, já antigo na casa, que logo de início simpatizou comigo e passou a me ensinar os truques da profissão que eu, bom aluno, fui aprendendo com rapidez, certificando-me da grande diferença existente entre a teoria do curso e a prática de uma repartição.

Araújo trabalhava junto aos demais numa sala grande que, no fim das contas, se tornava estreita com suas várias mesas e arquivos repletos de gavetas cheias de pastas e papéis; costumava chegar sempre antes da hora e sair tarde, para amearhar um pouco mais que o salário irrisório. Lembro-me dele mais por seu velho capote de veludo marrom, que já lhe durava anos, e de como vez por outra ele me convidava para almoçarmos juntos no pé-sujo da esquina ou para tomarmos um chopinho no final do expediente.

Lembro-me também de que era o tipo do sujeito servil, passível de submeter-se a tudo, incapaz de elevar os olhos ao ser repreendido, ouvindo o sermão com a face contristada e muda e, no instante seguinte, feito um cachorrinho, “abanar a cauda” para seu dono — o que me parecia revoltante e lho disse, sem mais, certa vez em que depois de uma reprimenda a altos brados do chefe ele teve o desprazo de, à saída, ir à sala do patife e perguntar-lhe se “de-sejava algo mais”.

— Essa não, Araújo! — exclamei já na rua, encaminhando-me para o ponto de ônibus. — Que você não queira arriscar seu emprego dando a devida resposta, tudo bem! Mas voltar lá para saber se aquele cretino ainda queria “algo mais”!...

O Araújo, mãos nos bolso, sorriu desenhado, continuou caminhando ao meu lado, e ao convidar-me para o costumeiro chopinho, justificou-se:

— Ele não é mau, Silva. Só um pouco esquentado.

Certa vez, eu contava pouco mais de um ano de casa, convidou-me para visitá-lo num fim-de-semana, conhecer a família, “a dona tem um tempero de dar água na boca” asseverou.

Lá fui.

Morava no subúrbio, numa ruazinha estreita e feia, onde ocupava uma casinhola de sala, quarto, cozinha e banheiro com piso de cimento e vermelho. A família não era melhor que a rua: fui recebido por uma mulher redonda e desconjuntada, dona Lazineira, que mancando devido a um joelho torcido mandou que eu entrasse e ficasse “à vontade, moço, o Araújo foi ali no mercadinho comprar umas coisas que estavam faltando e não tarda por aí”. Abanquei-me numa poltrona de forro puído enquanto esperava, e não tardaram a

aparecer os filhos do casal, um pirralho raquítico e catarrento de sete anos e uma moleca de treze com cara de puta (Paulinho e Angelita), que me cumprimentaram de longe, olhando-me ressabiados. Vigiei as pernas da moleca e pensei “até que dá um caldo, tem uma bunda jeitosa”, mas um instante depois a visão do pai, que acabava de entrar com seu capote marrom e uma sacola de compras na mão, impediu-me de avançar em minhas considerações libidinosas acerca da filha.

Passei com ele o final de semana, discretamente vigiei o rabo da moleca — que parecia oferecer-se, ainda que de forma não muito evidente —, e na segunda-feira fomos juntos para o trabalho. Não posso me queixar daquele final de semana, pelo menos foi instrutivo: vi aquilo que eu não queria para mim, ou seja, aquela vida pequena, de inópia, vivendo numa casa exígua e arrastando comigo o trambolho de uma mulher feia e dois filhos que, associados à miséria, decerto não me proporcionariam nada de bom. Certo é que eu não vislumbrava nenhuma possibilidade de crescer e mudar de vida: a empresa, por exemplo, por não ser grande coisa, não teria muito a oferecer-me, embora me visse obrigado a contentar-me ali por enquanto. Sim, eu não vislumbrava nenhum caminho alternativo, mas comigo mesmo seguia repetindo — às vezes até de forma inconsciente — que “alguma coisa terá de acontecer!”.

Minha amizade com o Aratijo levou-me, pelos anos seguintes, a visitá-lo em diversas ocasiões e mesmo a passar com ele e família finais de semana e feriados, mas nunca me animei a comer a moleca — primeiro por pena do pai, que confiava em mim e fez-se meu amigo; depois porque não queria complicação pro meu lado: levar para algum quartinho de motel uma dessas vadiazinhas que apanhava pela rua era uma coisa, outra seria envolver-me com uma menor que, bem ou mal, tinha família; e assim, minhas idas àquela casa tiveram sempre um caráter de inocência.

Voltando, porém, aos primeiros tempos de repartição: auxiliado pelo Aratijo, mostrei-me competente e responsável, e já fazia um ano ou pouco mais de casa quando um dia fiz cair em desgraça um sujeitinho com quem antipatizava — com quem, aliás, antipatizara desde o primeiro dia —, e esta, como as que relatei na primeira parte, é uma historieta que está de acordo com a minha teoria da indecência.

Antes, contudo, de contar a anedota, será preciso apresentar ao leitor o nosso chefe — essa figura icônica que dependendo de quem seja e de quem o observa terá múltiplos vieses. Já me referi a ele na primeira parte de minha história, qualificando-o de untuoso, baixinho, metedigo, mas tais qualificativos não dão idéia do dragão da maldade que nos vigiava cotidianamente: chamava-se Fraga (ainda que mais adequado seria chamá-lo Praga, comparadas ao qual as dez do Egito não passariam de um remanso) e não era apenas baixinho e roliço, intrometido e ácido, não!, ali estava — detrás daqueles óculos de aros grossos e lentes de grau — um tipinho asqueroso, todo ele papada e calva, em

cujo cachaco a adiposidade sobressaía e onde cresciam vilmente uns pêlos esparsos e nojentos, embora se apresentasse sempre de cara fresca e recendendo a água-de-colônia. (Chego a pensar que foi esse contrastante aspecto de limpeza e os pêlos no cachaco que me levaram inconscientemente àquele período sem banho, embora isso tenha acontecido anos depois.)

Fraga não dava trégua a nenhum funcionário, circulava entre as mesas observando o trabalho de cada um com um olho crítico e língua viperina, curvava-se às vezes sobre um papel qualquer que estivesse sobre a mesa e passava a examiná-lo com uma atenção digna de chefe de estado, alçando com a mão gorducha os óculos acima da testa como que para enxergar melhor, e não hesitava em passar — na presença de todos — uma descompostura à vítima de seu desagrado, bastando para isso que estivesse nos seus azeites.

Eu, como pudera contar com os bons ensinamentos do Araújo e mais ainda com minha perspicácia em lidar com pessoas de tal naipe, não cheguei a ser vítima de suas investidas, mas é nesse ponto que surge a figura do Penedo, o cretino com quem antipatizei e fiz cair em desgraça.

O Penedo já trabalhava na firma havia alguns anos, não muitos, e passava por assessor do Fraga, conquanto tal cargo, a rigor, não existisse. Digamos que fosse apenas um sabujo do chefe, sempre pronto a dar-lhe razão, a denunciar algum colega, a soltar respostas prontas como numa demonstração de eficiência, e despejar sobre a mesa de qualquer um uma pilha de papéis, “o Dr. Fraga quer isso pronto para o fim do expediente” dizia numa autoridade que se atribuía sem tê-la de fato.

Iritei-me desde o primeiro dia com sua figura caricata — menos de quarenta anos, magrelo, cara escanhoadada com esmero, vestindo de ordinário camisa (às vezes com abotoaduras douradas) e calça social e calçando sapatos de verniz —, mas o meu desprezo por ele acentuou-se não por seu caráter bajulador e subserviente, mas por descobrir que ele tinha caspa.

Dirá o leitor que meu rancor tinha endereço errado, e mais natural seria que ele se dirigisse contra o Fraga, o “dragão da maldade” como a ele nos referíamos em voz apenas sussurrada, mesmo assim fora do escritório; e não contra um pobre-diabo que era em tudo igual a nós. Sim, prezado leitor, é certo que eu detestava o chefe a ponto de desejar-lhe uma congestão após o almoço que lhe fosse dar com as costelas na sepultura, mas ele pelo menos não tinha caspa!

Ah, a caspa!

Não era possível perceber-lhe a caspa quando de camisa branca, mas o desgraçado escolhia vez por outra uma preta, ou azul-marinho, e então seus ombros e costas vinham salpicados de um farelo branco denunciador, que contudo parecia não lhe causar nenhum constrangimento. Vendo-o daqui pr’ali no escritório, verificando o expediente, passando pelas mesas e espiando por cima dos ombros dos funcionários, indo à sala do chefe a cada quinze

minutos para confabularem, retornando com alguma determinação que ele fazia questão de passar em tom de reprimenda e como se tivesse partido dele e não do Fraga, enfim, passando pelo que ele de fato era, sabujo do outro, e ainda mais, observando-lhe a caspa repugnante nos ombros e nas costas magras, vinham-me ganas de saltar-lhe ao pescoço. Como eu não podia dar vazão ao meu desejo, permanecia na espera de um “bom momento”, e por “bom momento” entenda-se a “hora da vingança”, ainda que essa expressão melodramática caia aqui tão ridiculamente como a caspa do Penedo.

O bom momento tardou um pouco: por alguns meses ainda tivemos de suportar o Penedo com sua prontidão em servir o chefe feito um pequinês e em nos vigiar como um mastim, mas como tudo na vida tem um fim, o dele finalmente chegou. Certo dia o Fraga chamou-o ao escritório. Eu ia passando quando o vi entrar, e como deixasse a porta entreaberta parei, sem ser notado... Para ser franco, eu não saberia dizer por que parei, por que pus-me a escutar, além do que não havia muito que escutar: pude ver de relance que o Fraga lhe entregava um maço de papéis:

— Com urgência — disse, e acrescentou: — Para amanhã de manhã — e com um gesto do polegar indicando o teto —, parece que a chefia foi pressionada e tem de justificar-se.

Antes, porém, de largar o maço nas mãos do Penedo, advertiu:

— Só confio em você para essa missão. O caso é sério!

Segui direto para minha mesa e um segundo depois entrou o Penedo. apressado e circunspecto, com o maço debaixo do braço. Nesse dia não se levantou mais da mesa, nem para almoçar, e continuou diante da máquina de escrever depois que saí.

O que estaria acontecendo? Que papéis seriam aqueles? — perguntava-me enquanto caminhava devagar pela calçada, indo na direção do ponto do ônibus. “Tenho de voltar lá” pensei comigo mesmo, suspeitando que talvez aquela fosse a oportunidade que vinha esperando desde tanto tempo.

Pensei em minha mãe: certamente ficaria alarmada se eu me atrasasse, e isso fez-me titubear; por outro lado, se eu perdesse aquela oportunidade (“de certo a que eu venho esperando” dizia comigo mesmo), quando teria outra?

Escurecera e eu ainda perambulava pelas imediações da empresa. Às oito, emboscado atrás de um poste, avistei o Penedo sair pela porta da frente e seguir direto para o carro, arrancando em seguida. Entrei no prédio pela garagem, deserta àquela hora, subi até nossa sala sem encontrar ninguém, e sem mais fui até a mesa do Penedo.

“Trancou a gaveta o filho-da-puta” grunhi entre dentes, mas não perdi a calma. “Um clipe” ocorreu-me, e sem muita dificuldade consegui violar a fechadura: dentro da gaveta, aquilo no que ele trabalhara o dia inteiro — um maço contendo oitenta e oito folhas impecavelmente datilografadas de um único lado e numeradas que ele deveria entregar ao Fraga pela manhã.

Tratava-se de um extenso relatório, o assunto envolvia a direção da empresa em algum fato grave, mas eu não tinha tempo de apurar o que fosse e uma passada rápida de olhos seria insuficiente para avaliar a extensão dos danos causados pelo que eu iria fazer, de forma que até hoje não sei dizer em que camisa de onze varas a direção se havia metido.

O plano era simples: fazer sumir algumas daquelas folhas, substituir outras, mas de forma que não desse na vista. Folheei o relatório até encontrar uma página repleta de números. Botei papel na máquina e copiei a página, alterando alguns dos números mais representativos. A estratégia era boa, pois números em excesso numa página têm o condão de não deixar perceber, a uma olhada menos atenta, que foram alterados. Fiz isso em mais duas páginas com números, enquanto outras cinco, apenas com texto, simplesmente escamoteei duas e substituí as outras por folhas avulsas datilografadas pelo próprio Penedo, numa das quais o caspento começara a escrever um conto obscuro.

Devolvi o relatório à gaveta, tranquei-a valendo-me do mesmo clipe, meti nos bolsos as folhas surrupiadas e esgueirei-me, invisível, para fora do prédio. No dia seguintes cheguei no horário habitual e já encontrei o Araújo. Cinco minutos depois entrou o Penedo esbaforido.

— Apressado, Penedo? — o Araújo perguntou.

— Eu e o Fraga temos de assessorar o diretor em uma reunião com acionistas e parceiros comerciais em menos de cinco minutos.

— Algum problema?

— Qualquer coisa lá em cima...

— Coisa séria, pelo visto — Araújo recostou-se em sua cadeira observando a pressa do outro.

— Séria? Nem queira saber! — abriu a gaveta com movimentos nervosos.

— Xi!...

— Passei o dia ontem datilografando o relatório — esclareceu.

— Muito papel, hein? — o Araújo comentou.

— Nem tanto — desdenhou —, só o suficiente para amenizar as dificuldades — e, sobraçando a maçaroca, como entrou, saiu: esbaforido.

Não vimos mais o Penedo naquele dia, na repartição não se soube o que aconteceu, mas na manhã seguinte, pouco depois das oito, estando já cada qual em sua mesa de trabalho, entrou na sala o Fraga com seu unto, seu cachão luzidio onde eriçavam-se os pêlos, fazendo uma parada de suspense após dar dois passos recinto adentro, mãos gravemente nos bolsos, olhando cada um de nós com uma seriedade de velório.

O Araújo murmurou um subserviente “bom dia, Dr. Fraga”, embora o Fraga não tivesse qualquer título e além do de um mero bacharel em Economia. Eu me mantive alheio, examinando detidamente um papel ao lado da máquina de escrever, e só depois de um segundo fingi dar-me conta da presença do chefe e levantei rapidamente a cabeça.

— Bom dia, seu Fraga — disse, voltando a debruçar-me sobre o papel, que nada tinha de importante, já que não passava de um memorando vulgar de solicitação de material para escritório.

Depois dessa pausa sepulcral, o Fraga, com um pigarreio sonoro, disse com voz firme, porém pausada e baixa:

— A displicência e o desmazelo devem ser punidos exemplarmente, independente de quem se mostre displicente e desmazelado.

O Araújo quase dá um salto da cadeira:

— Com certeza, Dr. Fraga! — mas em seguida recai no assento, passando a mão pela testa: — Espero que eu não tenha cometido nenhuma falta...

— Não foi o senhor, Sr. Araújo, não foi ninguém presente nesta sala — e depois de nova pausa, com mais gravidade: — Não sei nem me interessa saber o que aconteceu, porém o descuido e o desleixo cabem unicamente ao senhor Penedo, que com sua inépcia nos causou sério embaraço ontem durante a reunião. Em decorrência disso, informo aos senhores que o senhor Penedo não trabalha mais nesta firma.

Admito que eu havia alcançado mais do que o meu objetivo, mas não tive remorsos, pois de ora em diante não teria mais de suportar o ar de superioridade do Penedo, as fiscalizações do Penedo, as ordens do Penedo, a caspa do Penedo.

Certo é que aturaria o Fraga ainda por muito, mas nem tudo são flores.

Não posso dizer que conheci o sucesso se levar em conta o que se entende por sucesso: eu disse acima que estava empregado com um salário melhor, mas por melhor não se pode entender mais que isso, melhor que o que me pagavam no armazém, mas que continuava a ser um salário de fome. Minha mãe, já com a saúde deteriorada, dependia de mim para quase tudo, pois a pensão, que antes mal dava para as necessidades mais básicas, já não chegava nem para as consultas médicas e os remédios.

Passados dois anos comprei um apartamento, carreguei a velha para lá e mandei ao diabo a cabeça-de-porco.

Pode parecer, quando digo “comprei um apartamento”, que houve um notável progresso em minha vida (teria tirado a sorte grande na loteria? Pelo menos a milhar no jogo do bicho?); saiba porém o leitor que a coisa nem de longe foi assim, pois não passou da transição de um estado precário a outro, não menos precário, com a única diferença de que agora tínhamos casa própria, enquanto a cabeça-de-porco era alugada.

A compra do apartamento se deveu a um conjunto de circunstâncias em que principalmente ajudou-me minha “boa estrela”. Decerto minha boa estrela ainda haveria de brilhar, como já deixei entrever, mas tardaria, pois o que tive dela por enquanto não passou de um brevíssimo lampejo: ao fim de dois

anos de aperturas fazendo hora extra no escritório até tarde da noite todos os dias, além de arranjar um bico nos sábados e domingos, eu conseguira juntar um pequeno capital, decidido que estava a melhorar as condições de vida de minha mãe. Levá-la para um lugar melhor tornara-se imperioso, adivinhava que a pobre mulher não duraria muito mais e não me contentaria enquanto não lhe pudesse proporcionar algum conforto em seu fim de vida. Estava decidido a alugar uma casinha onde ela pudesse estar melhor, mas apareceu a chance do negócio: um colega da repartição comentou sobre um amigo que desejava vender um apartamento. “Não é bem localizado” disse-me esse colega quando demonstrei interesse, “não importa” respondi, “gostaria de vê-lo”. Com efeito não era bem localizado, pelo contrário, o apartamento ficava no quarto andar de um prédio de aparência sinistra num dos piores subúrbios do Rio, estava caindo aos pedaços — infiltrações, canos entupidos, instalação elétrica cheia de gambiarras (p. ex., nenhum dos interruptores funcionava bem e nos bocalis defeituosos as lâmpadas ora acendiam, ora se recusavam a acender numa intermitência irritante), piso de taco quase todo solto e apodrecido, paredes descascadas e em diversos pontos com o reboco quebrado a exhibir o riso idiota dos tijolos — e a única janela que dava para fora (de onde provinha a pouca luz do dia a espantar as sombras) ainda assim abria para os fundos, espiava para um matagal repleto de sujeira e cacarecos descartados pelos moradores que fazia lembrar o terreno baldio de minha infância. Olhando para frente, o que se via era a parede de outro prédio tão sinistro como o meu, que nos tolhia o sol e só nos concedia como esmola um pouco de céu azul; outros prédios similares erguiam-se medonhamente à esquerda e à direita, numa proliferação verdadeiramente malacafenta dessa ralé que povoa os subúrbios — e que de passagem se diga: são subúrbios tão feios e decadentes esses do Rio de Janeiro que não é possível haver piores em outras partes do mundo (embora eu talvez esteja sendo pessimista, deixando de considerar a capacidade que tem a ralé de superar-se sempre). O proprietário foi franco comigo: a documentação estava enrolada, o apartamento não tinha escritura e eu teria não pouco trabalho para conseguir uma. “Não que seja impossível” ele disse, “mas você sabe como são essas coisas”. Por essa razão, além da má aparência do lugar e do estado precário em que se encontrava, o preço era baixíssimo e eu não hesitei: fiz a compra e tratei de mudar-me o mais rápido possível.

A partir de então, nas horas de almoço eu já não almoçava: comendo um pão com mortadela, visitava cartórios, ia à prefeitura, recorria à defensoria pública, na tentativa de legalizar a pocilga, o que me fez gastar não pouca sola de sapato, mas ao fim de todas essas andanças regressei um dia para casa com a escritura na mão. Estava feito. Enquanto isso procurava melhorar a aparência da vivenda, e para isso pinte e reboquei as paredes, consertei a instalação elétrica, fiz remendos no piso e troquei a porta, que de tão apodrecida não parava fechada.

A velha — a bem da verdade não tão velha assim, contava apenas sessenta e dois anos quando morreu — não durou muito tempo ali, e talvez tivesse durado menos na cabeça-de-porco: ao fim de dois anos após a mudança seu estado agravou-se repentinamente e foi dar com ela na cova. Creiam-me os senhores ou não, eu chorei a perda de minha mãe com lágrimas sinceras: apesar das aperturas, eu fazia das tripas coração para oferecer-lhe o melhor, cuidava para que seus remédios estivessem sempre ao alcance de sua mão e não se esquecesse de tomá-los, e nas folgas carregava com ela dali para algum passeio: almoçar em algum restauantezinho de regular aparência, tomar um sorvete nas tardes quentes à beira da praia, ou quando menos apenas uma caminhada pelas imediações, tudo a fim de distraí-la e dissipar-lhe a impressão de escassez e miséria em que vivíamos. Minha mãe se dava conta dos meus esforços, e se existe alguma boa lembrança dessa época de aperturas eram os momentos em que ela, tomando-me as mãos, apertava-as com carinho e fitando-me os olhos cheios de lágrimas murmurava “meu filho, meu bom filho”.

Sim, eu fui um bom filho... talvez tenha sido uma das poucas coisas boas que fiz na vida, mas ser um bom filho não faz parte da minha teoria da indecência.

Quando naquele fim de tarde, após o sepultamento, cheguei em casa, estiquei-me no sofá e, sem acender a luz, vi anoitecer devagar e a escuridão tomar conta da pocilga. Pela primeira vez na vida eu me senti só, e a solidão me pareceu tão assustadora, a ausência da velhinha tão pungente — “meu filho, meu bom filho” parecia-me ouvi-la ainda no quarto vazio, e quase sentia suas mãos nas minhas — que decidi sair daquele lugar o mais rápido possível.

Eu não tinha dinheiro para isso, seria preciso vender a pocilga, mas para quem? Quem haveria de querer comprar um apartamento naquele cortiço? Mesmo escassa a possibilidade de venda, tratei já no dia seguinte de divulgar minha intenção e, ao mesmo tempo, de sair à procura de outro lugar para viver. Não admitindo regredir, já me satisfazia com outro apartamento similar àquele, onde no entanto não me deparasse com lembranças de minha mãe. Espalhei pela vizinhança que iria me mudar, que vendia o imóvel — falava em “imóvel” para conferir um ar profissional ao negócio e fazer crer nas boas condições do apartamento —, coleí uns cartazes aqui e ali e acrescentei que se alguém me ajudasse na venda receberia uma boa comissão. Quase não é necessário dizer que nenhuma intenção eu tinha de cumprir tal promessa: assim que tivesse o dinheiro em mãos daria no pé e ninguém por ali botaria olhos novamente em minha casaca. De qualquer forma não foi necessário dar calote em ninguém, pois algum tempo depois apareceu um pobre diabo que se deixou levar por minha conversa e pela falsa aparência que uma demão de tinta nas paredes pode impingir a um incauto e inexperiente comprador. Foi um típico rasteiro, mal-vestido, com cara de anemia que me bateu à porta certa manhã de sábado. Acompanhava-o a mulher, uma magricela feia, inexpressiva e

calada, diminuta como o marido, que parecia querer esconder-se e desaparecer atrás dele. Alegrou ter lido um dos meus cartazes e ali estava para ver o apartamento.

— É um bom apartamento — fui logo dizendo, para não dar tempo ao troncho de botar defeito. — Foi reformado recentemente. O local é sossegado, bom mesmo de viver, e só estou vendendo porque perdi minha mãe há pouco mais de dois meses... — e fiz uma cara de consternação com uma pausa estudada: — ...São muitas lembranças dolorosas para mim, vocês compreendem. — A pausa era estudada, a consternação não. Então acrescentei: — Além do mais pretendo mudar-me para mais perto do trabalho, e aqui é um pouco fora de mão para mim.

O tipinho olhou o que tinha de olhar, que não era muita coisa, concordou com o preço — quase o dobro do que realmente valia —, e com menos de uma semana eu já havia ocupado um apartamentozinho que de vantajoso tinha apenas o fato de ser mais próximo do trabalho; seria talvez um pouco melhor, pelo menos o prédio — ainda que habitado somente por gente feia, o que equivale a dizer pobre — tinha uma aparência menos desagradável, estava com pintura nova, era limpo, arejado, não havia problemas com a instalação elétrica e o melhor, dava vista para a rua. Lamentei que minha mãe não estivesse comigo para fruir dessa “ascensão na vida”, a saudade da pobre velhinha ferrou-me ainda por muito tempo, mas eu continuaria só, pois não me passava pela cabeça casar-me. Claro: eu estava ainda longe — muito longe — de me tornar o que sou hoje, mas ainda que irrisória aquela mudança teve o poder de proporcionar-me algum alívio e fazer-me olhar para adiante com mais otimismo.

Trabalhei na empresa têxtil até os vinte e sete anos. O episódio daqueles meses sem banho havia ocorrido pouco mais de dois anos antes, de forma que a história já estava, se não esquecida, pelo menos obliterada pelo convívio diário e pelas necessidades de serviço: aos trancos e barrancos a empresa enfrentava os vendavais e ia sobrevivendo, embora em alguns momentos agarrada a uma frágil tábua de salvação; quanto a mim, eu era um funcionário competente do qual se não quisessem livrar-se no “período escandaloso”, não seria agora que o fariam.

Um certo dia, porém, mudando eu minha rotina de almoço, ou seja, decidindo deixar o pé-sujo onde costumava comer uma quentinha entre o meio-dia e a uma da tarde, fui até o centro da cidade, em busca de algum restaurantezinho de boa aparência. Foi ali que me deparei com um sujeito que eu conhecera em outros tempos e que havia pelo menos oito anos (na verdade quase nove) eu perdera de vista.

Eu o conheci numa noite de farras por intermédio do Cunha, um amigo do curso noturno de contabilidade. Éramos pouco mais que dois garotos, mal completáramos dezoito anos, porém conquanto eu e o Cunha não passássemos de dois pobretões, aquele jovem alto (seria mais alto que eu uns três centíme-

tros), de gestos desenvoltos, bem vestido e apessoado com o cabelo louro cortado à escovinha, era filho da alta burguesia carioca, uma espécie de filho rebelde que deixava seu meio para vir misturar-se à ralé, onde se sentia bastante à vontade. “Quem é o tipo?” perguntei ao Cunha num momento em que o outro não escutava, e ele me disse um nome, explicando que se tratava de um conhecimento casual pois “meu pai foi fazer uma entrega na casa da família”, e acrescentou: “É um cara legal, nem um pouco soberbo”. O janota, por um breve período, fez-se companhia assídua de presepadas, o que implicava não apenas em gastar conosco sua mesada — não pouca coisa —, mas também muitas vezes em passar as noites de sábado em casas suspeitas ou trotando pelas ruas à cata dos piores quiosques da cidade. Éramos sempre os três, e como não podia deixar de ser não faltavam mulheres na história, além de bebida e às vezes drogas — conquanto o álcool não me seduzisse tanto e à *cannabis* eu não fosse afeito (estávamos em fins de 1978, a época do “sexo, drogas e *rock-n-roll*” já ia distante mas na verdade a era das drogas pesadas apenas começava, além do que eu já possuía um senso de responsabilidade que me tolhia o envolvimento com coisas perigosas. É importante destacar que se por essa época eu já começara a alinhar a teoria da indecência, esta não se orientava pelo estouvamento, pela irreflexão, ao contrário, o indecente, ou seja, aquele que adota a indecência como filosofia de vida, tem de manter-se nos seguros limites da prudência para não passar por doido ou desajustado: a sua indecência é o sólido e protuberante recheio de uma casca fina de polidez, falsidade e hipocrisia).

Foi por essa época que a saúde de minha mãe piorou bastante, e eu passei a me ocupar invariavelmente com os cuidados que seu estado requeria. Vivia de bicos, estudava à noite, vendia o almoço para comprar a janta, como se costuma dizer, sem vislumbrar qualquer possibilidade de melhora (assim é a vida que se leva nessa camada social chamada de miserável; aqueles que fazem três refeições por dia fora os lanches não têm a menor idéia de como seja). Minha mãe via meu esforço e lembrava-me de que eu precisava de alguma distração, “saia um pouco à noite, meu filho, você é moço, precisa divertir-se, namorar, quem sabe encontrar uma boa moça que o faça feliz”. Pobre mãe, devia estar mesmo lesa do juízo ao dizer isso, pois como eu poderia pensar em “uma moça que me fizesse feliz” se não tinha recursos nem para manter-me direito? De qualquer forma explica-se por que eu saía para a esbórnia nas noites de sábado: era a instâncias de minha mãe, que não fazia idéia do tipo de divertimentos a que eu me entregava, que eu a deixava só nessas ocasiões para esbaldar-me, embora dizer que se esbalda um inopioso que leva somente alguns trocados no bolso mais não seja que força de expressão.

Na noite em que nosso grupo se desfez de uma vez por todas havia mais um conosco, um sem-eira-nem-beira de última hora que viera com o Cunha. Os quatro fôramos parar, lá pelas três da madrugada, numa casa de putas nos

arrabaldes, e tudo parecia correr bem — tudo sempre corra bem para nós — até começar a confusão... Como começou eu não saberia dizer: eu tinha ido ao banheiro vomitar (já o fígado protestava contra a mistura de cerveja com uns torresmos de *bacon*) e quando voltei altercava-se e logo também se atracava; verdade é que essas coisas começam de um jeito que no final das contas ninguém sabe ao certo como, e quando alguém tenta explicar surgem cinco ou seis narrativas diferentes; o resultado nu e cru foi o espancamento de um sujeito que se metera com o Cunha e uma mulher — uma das putas — sair com a cara cortada a navalhadas. O alarido fora de tal monta — e havia tanto sangue por todos os lados, já que a mulher corria daqui pr'ali gritando feito louca e esguichando como se menstrasse pela cara — que a vizinhança apavorada chamou a polícia; o sujeito espancado raspou-se assim que viu uma brecha e a puta, hospitalizada, vim a saber depois, além de passar a ostentar uma cicatriz medonha quem nem cirurgia plástica daria jeito acabou por perder uma vista; o resto da freguesia diluíra-se no ar e assim não houve testemunhas: a polícia não se fizera esperar e nos levou, os quatro, aos trambolhões para a delegacia, de onde fomos encaminhados de imediato a exame pericial a fim de constatar a quantidade de álcool e drogas ingerida; eu, como de costume, beberei pouco e fui declarado o único lúcido e com capacidade para relatar os acontecimentos; “não vi como começou a coisa” garanti para o polícia de plantão, “eu tinha ido ao banheiro”, mas se eu não vira o começo, sabia muito bem qual dos três costumava portar uma lâmina: o nosso janota, que no entanto até aquele dia conduzira-se bem (só sabíamos da existência da arma devido a um descuido do rapaz, que a deixara cair involuntariamente do bolso certo dia, ao entrar no carro). De qualquer maneira, pensei comigo mesmo, fosse como fosse era preciso mantê-lo fora do assunto, no mínimo para não me ver envolvido em mais complicações, “se eu acuso o cara, a família me cai em cima” pensei. Assim, ao depor, apontei com toda a convicção como autor das navalhadas o sem-eira-nem-beira que viera com o Cunha, de resto o mais bêbado — o verdadeiramente bêbado — dos quatro e, portanto, mais apto a assumir a culpa do crime sem maiores conseqüências. Apontei-o, o Cunha calou-se, e quando o dito cujo protestou inocência o polícia aplicou-lhe um sopapo no pé da orelha dizendo que ele se encontrava tão “pra lá” que não podia lembrar-se dos acontecimentos. A vítima, em tempo oportuno, foi chamada a depor, mas garantiu não se lembrar de quem a havia cortado, pois além de não conhecer os parceiros de esbórnia encontrava-se também alcoolizada, “de forma, doutor, que eu já nem enxergava direito as caras que estavam lá”. Dessa maneira manteve-se minha versão dos fatos, safou-se quem devia safar-se e puxou cadeia o sem-eira-nem-beira que, como sempre acontece, é — justiça seja feita — quem tem de pagar o pato.

A partir dessa noite estive arredio, o Cunha desapareceu por um bom tempo e o janota escafedeu-se de vez.

Foi um ano mais tarde que entrei para a empresa têxtil. A escassez e o senso de responsabilidade me fizeram abandonar de vez a esbórnica dos sábados à noite, e passei a dedicar-me integralmente à função de melhorar de vida para propiciar melhores condições para a velha — o que, como já foi dito, eu consegui a duríssimas penas.

Até que se deu o reencontro...

(Peço desculpas ao leitor por essa maneira meio desencontrada de contar minhas façanhas: não me lembro de já tê-lo dito, eu escrevo a mão, em tiras de papel que vou numerando para não perder a ordem, mas que rabisco, reescrevo, emendo, numa confusão que só eu destrinço, e por essa razão não é possível manter uma linha contínua de raciocínio, ainda que eu me esforce; assim as coisas vão sendo narradas aos pedaços e fora de sua ordem cronológica — o que, aliás, não me parece de todo mau. Quando eu passar toda essa joça a limpo, é possível que eu a organize melhor, mas não tanto que lhes tire a originalidade.)

Quando vi o sujeito entrar — sendo tempo de nomeá-lo, seu nome era Otto, Otto Peçanha, e como já referi: de uma família da alta burguesia carioca —; assim, logo que o vi entrar o reconheci; ele também não me ignorou, apesar do tempo transcorrido desde a noite da navalhada e ainda de o período de nosso relacionamento ter sido bastante curto: avistou-me e veio até minha mesa.

— Calvin! — exclamou ele numa atitude franca e um grande sorriso cheio de simpatia. — Que coisa boa encontrar um velho amigo! — Sentou-se sem qualquer cerimônia. — Você sumiu! O que tem feito da vida?

O que eu poderia responder? Não fora eu quem sumira, respondi com um sorriso amarelo, e evitei falar claramente da minha situação; qualquer alusão à realidade me deixaria em permanente desvantagem. Disse-lhe que trabalhava numa empresa de têxteis, mas deixei no ar minha real ocupação para que ele não fizesse um pré-julgamento, embora comigo mesmo eu não pudesse deixar de reconhecer que, homem do mundo como era, compreenderia tudo.

— E do Cunha, tem notícias? — quis saber. — Não?... — e com um interesse displicente: — Mas qual é a empresa? — então acenou para o garçom. Sem esperar que eu respondesse já pedia um vinho e se detinha a avaliar a lista que lhe fora exibida. — Mas não tem um Veuve Clicquot? — perguntou ao garçom franzindo as sobrancelhas, e ante a negativa apontou com um muxoxo para um nome qualquer: — Este aqui serve.

Quando o garçom se afastou, voltou à carga:

— Onde mesmo você trabalha?

Quando lhe disse, arregalou os olhos de espanto, “mas é uma empresa às portas da falência!” exclamou, “devem pagar-lhe uma miséria!”.

Eu dei de ombros, “não é lá grande coisa” admiti encabuladíssimo, “mas dá pra ir levando” acrescentei, apavorado ante a perspectiva de que ele

insinuasse qualquer coisa parecida com visitar-me em minha casa. Como eu poderia sujeitar-me a tal vexame? Uma sujeira não me envergonha, aliás sujeiras fazem parte do meu caráter, mas como expor-me diante daquele janota sem correr o risco de ser olhado com desprezo? Ora, não será a pobreza às vezes algo tão repulsivo que na mente das pessoas se converte em opróbrio?

— Temos de dar um jeito nisso — ele disse, e após um longo minuto de espera, em que parecia refletir: — Não senhor! Temos de dar um jeito nisso.

O almoço durou o que havia de durar. Não me dando chance de falar muito de mim, contou-me sua vida naqueles anos: havia-se casado com uma jovem do *high society*, tinha um filho de quatro anos, era um dos “cabecas” numa empresa da família da mulher, viajava com frequência para a Europa, “St. Tropez me agrada bastante nesta época do ano” confessou e tinha na garagem três ou quatro modelos último tipo, dos mais em voga, além de um pequeno e ultra-moderno iate na marina da Glória. Eu o ouvia falar tentando — em vão — vislumbrar a vida nesse meio ao qual eu não teria acesso nunca, mas ao mesmo tempo reconhecia que aquele tipo descontraído e bonachão não tinha nada dessa soberba que aos bem aquinhoados parece tão própria e adequada.

Antes de nos separarmos Otto deu-me seu cartão, “se precisar de alguma coisa” disse, e apertou-me a mão reiterando sua satisfação com nosso reencontro.

— Ah! — voltou-se, quando já se afastara alguns passos: — Vamos dar um jeito na sua situação, essa empresa aí da qual você me falou não vale uma palha. Falir é questão de tempo, pode crer.

Devo admitir que não contava grande coisa com Otto. Aquele fora um reencontro, pensava eu, que certamente não teria maiores conseqüências: ele voltaria para sua vida de opulência e eu continuaria na corda bamba indefinidamente pelo futuro afora. Porém enganava-me: certo dia na repartição chamaram-me ao telefone.

— Um sujeito de nome Otto — disse a garota da recepção —, quer falar com você.

O Fraga espiou-me por cima dos óculos com ar de reprovação e acompanhou-me com o olhar.

Não fiz caso. Atendi. Otto disse não poder demorar-se, ditou rapidamente um endereço e recomendou que na manhã seguinte eu fosse até lá sem falta.

— Contabilidade é sua área, não? — quis certificar-se. Eu confirmei, então ele reforçou: — Amanhã pela manhã nesse endereço. Procure o Borba. É só dizer na recepção: vim para falar com o Borba. Ele estará à sua espera.

Na manhã seguinte, entre nove e dez horas, cheguei ao endereço indicado, um prédio de luxo no centro que eu já conhecia de passar defronte, não

com frequência. A bem dizer, eu não sabia o que havia naquele prédio, embora pudesse julgar pelo exterior que devia tratar-se de coisa fina, e não me enganava: a recepção ficava num *hall* muito amplo revestido de mármore branco com piso de mármore verde, mas apesar de toda a pompa o nome da firma que ocupava todos os andares do prédio não se destacava de forma bandeirosa: uma pequena placa negra numa delicada coluna grega com uma inscrição em letras douradas — um nome inconfundível, que me deixou entre esperançoso e alerta, crente e incrédulo. Não haveria nenhum engano? “Devo ter anotado o número errado” ocorreu-me enquanto avançava meio hesitante para a recepção, “na afobação vai ver que me enganei”, mas procurei adotar um ar de segurança ao dizer à recepcionista com voz não obstante surda:

— Vim para falar com o Borba. Parece que ele me espera.

— Ah! Já vou encaminhá-lo — e apertando uma tecla falou por uma linha particular com o tal Borba: — A pessoa por quem o senhor espera encontra-se na recepção.

Respirei com alívio: não me havia enganado, e um minuto mais tarde fui introduzido num escritório requintado onde, detrás de uma mesa, encontrava-se um homem nem novo nem velho, ancho de carnes e com fios ralos e espetados na cabeça. Usava óculos fundo-de-garrafa, detrás de cujas lentes seus olhos apareciam comicamente distorcidos, e vestia-se com um terno cáqui que lhe caíria bem, não fosse tão gordalhufo.

Levantou-se com um sorriso e, em vez de estender-me a mão, indicou-me a cadeira diante da mesa.

— É o senhor Silva, não?

Fiz que sim enquanto sentava-me.

— O senhor me foi recomendado — disse o Borba recostando-se pesadamente com as mãos entrecruzadas sobre o estômago proeminente. — O Otto, o senhor sabe...

— Ah, o Otto! Mas, por gentileza...

O outro fez um bico, projetando ligeiramente para frente a cabeça redonda feito um coco.

— Sem senhoria — eu disse. — Pode tratar-me pelo nome, ou pelo sobrenome, como queira, mas...

— Ah, já entendi. Silva. Está ótimo. Fica até mais simpático. Quando pode começar?

— Começar?

— Sim, tem uma vaga para você na contabilidade da empresa. Pode começar na segunda?

Foi assim que passei a receber num mês o que a firma de têxteis me pagava em um ano. Em pouco tempo mudei de apartamento e de vida. Minha terceira época estava começando.

Ainda que eu já tenha decidido a não expor minha teoria de forma sistemática, o que seria enfadonho para o leitor, vale dizer que se fosse sistematizada, um de seus mandamentos diria “seja indecente, mas não criminoso”, pois o crime repugna por sua própria natureza. Está claro — já o disse, mas vale repetir — que há crimes e crimes, e se vez por outra nossos atos resvalam inconvenientemente pelo ilícito, delitos há que se coadunam com os princípios da teoria: por exemplo, a emissão de um cheque sem fundos. Que coisa agradável pensar na cara de decepção do sujeito que vai descontá-lo e, na boca do caixa, ouve a informação de que aquela conta “não possui provisão de fundos, senhor. Posso ajudá-lo em mais alguma coisa?”!, mas como o sujeito, furioso, sai dali direto para a polícia, é razão suficiente — apesar de minha teoria — para evitar tais marmotas.

Os grandes crimes, porém, as terríveis atrocidades que alguns cometem, escapam da teoria da indecência e não vale a pena nos determos nelas. O grande criminoso não é um “sujo” no sentido em que aplico esse conceito: será, sim, um demônio na acepção dostoiévskiana da palavra, não tem chifres nem fede a enxofre como deveria, mas é um demônio sem tirar nem pôr, e se encontram por aí, em todas as camadas sociais. O homem sujo, no entanto — aquela categoria, enfato, na qual me enquadro —, age miudamente, pratica levandades, sórdidas mas pequenas vilezas: pisa, por exemplo, no pé doente do aleijado mas não mata o aleijado; esmurra o moleque de rua, pois todos os moleques de rua merecem ser esmurrados, mas deixa-o vivo e não o aleija; subtrai a carteira do assalariado, não propriamente tirando-a do seu bolso ou tomando-a com violência, não!, pelo contrário, trabalha na maciota enrolando-o num negócio escuso em que ele, tolo e de boa fé, perderá a camisa mas não dirá que foi logrado, e por aí afora! Com essa arenga creio ter feito uma distinção clara e inequívoca entre o homem sujo e o demônio de Dostoiévski.

Dito tudo isto, vamos à história.

Eu já trabalhava havia perto de três anos no meu novo emprego quando surgiu a oportunidade de fazer uma brincadeira: havia na repartição um sujeito, um certo Honório, de notória competência e uma tal dedicação ao trabalho que chegara a render-lhe elogios em folha funcional e o título de funcionário padrão em diversas ocasiões — pois quem mais, como ele, chegava todos os dias uma hora antes e, igualmente todos os dias, ficava até mais tarde fazendo serão, dividindo-se como um pai em auxílio aos colegas, cabendo-lhe mesmo a figura de pai por ser mais velho que nós outros? Quem mais, como ele, cedia às vezes os sábados para pôr em dia aquelas pequenas pendências que invariavelmente se acumulavam? Não, não havia ninguém como o Honório, que, além das cãs e de suas qualidades profissionais, era quase um crente: pois se como profissional sua rotina eram as exigências do trabalho e sua igreja a repartição, fora dali gozava de reputação ilibada (e releve-me aqui o leitor tal clichê, reconheço, não só batido mas quadrado em último grau e em total

desacordo com a indecência que postulo como norma, pois quem assim o faz deve sentir ojeriza de uma “reputação ilibada”): casado há muitos anos, com dois filhos então já adultos e independentes, bom pai e bom esposo, mas principalmente respeitável chefe de família, primava por seu exemplo de conduta — o Honório, apesar de já um tanto envelhecida a mulher, não seria homem de buscar aventuras na rua, chegar tarde em casa mesmo sem aventuras, e quando se atrasava, tal atraso devia-se ao trabalho; e apesar também dos muitos anos de casamento, era ainda com a esposa que, de braços dados, ia às quermesses ou, no sábado à noite, a uma sessão de cinema, da qual retornava cedo pois no domingo pela manhã havia missa, e o Honório não era homem de perder a missa — ia, pois, à missa nas manhãs de domingo e ao voltar passava o resto do dia em casa, mais ainda por ser esse o dia em que a família — filhos, noras e netos — se reunia para o almoço, que embora nada tivesse de ritualístico, não deixaria de ser um hábito sagrado.

O Honório se notabilizou na empresa por um costume muito simpático: o de uma vez por mês convidar um colega de trabalho para participar desse almoço de família, durante o qual o introduziria na intimidade de sua casa com a franqueza e a afabilidade de um velho amigo, ainda que não o fosse, como aconteceu comigo quando eu não tinha mais de três meses de casa:

— Amigo Silva — disse-me ele numa tarde de sexta-feira —, chamo-o de amigo pois vejo no jovem colega uma pessoa de boa índole, e — fez um gesto peremptório com o dedo erguido — não pense que o estou bajulando, longe de mim tal intenção. Sei reconhecer o bom caráter das pessoas, e é por isso que não tenho dúvidas em fazer-lhe um convite que já fiz a todos de nosso setor, e mesmo a alguns de outros setores: faço questão de tê-lo à minha mesa no próximo domingo.

Soaram aplausos após tal tirada, pois os demais interromperam momentaneamente seus afazeres para prestar atenção em nós, sabendo o que viria pela frente. Eu, que ignorava seu costume, fui pego de surpresa, mesmo porque não o vira convidar ninguém até então (soube depois que esse discurso improvisado destinava-se à primeira vez que alguém recebia o convite: nas ocasiões seguintes costumava proceder com discrição).

Não nego que fiquei um pouco embaraçado, mas não tive como recusar, e no domingo, às onze da manhã, fui bater em seu portão levando comigo uma garrafa de vinho a título de cortesia, que ele recebeu e elogiou como conhecedor, confidenciando-me que “eu tenho uma paixãozinha por vinhos, amigo Silva, embora de hábito beba pouco, pois não tenho nenhuma resistência ao álcool” e concluiu “não obstante, foi uma boa lembrança do amigo e uma excelente escolha”.

Honório residia numa casa enorme e bastante luxuosa, no centro de um terreno arborizado com renques de vegetação ornamental que compunham um jardim muito bem cuidado. Refletia o céu, nos fundos do terreno, uma imensa

piscina, próximo à qual uma sauna e uma churrasqueira davam o tom, e mais para a extremidade do terreno uma verdejante quadra de futebol *society*. Quem visse aquele homem simples e quieto em sua mesa sacerdotalmente entregue ao trabalho não seria capaz de imaginar que tivesse alcançado um considerável sucesso financeiro, não apenas decorrente de seus vencimentos, ainda que expressivos, mas também de especulações na Bolsa, atividade na qual passava por fino e sagaz.

Naquele almoço fui apresentado aos seus como um jovem promissor, “fará carreira na empresa com certeza” garantiu enquanto erguia a taça num brinde ao novo conviva, enquanto me vinha à lembrança a época do meu período sem banho e da fedentina que impusera a todos no escritório da empresa de têxteis, ocorrendo-me como seria engraçada a cara de espanto de todos, mais ainda a dele, se eu me pusesse subitamente a contar tal história. Porém absteve-me de fazê-lo, pois verdade é que sempre evito tocar nesses assuntos com quem quer que seja e só o faço aqui, em minhas confissões, pois confissões são para isso mesmo.

Naquele almoço conheci a família do Honório: sua esposa enxundiosa e branquela de nariz vermelho — medonha! —; os dois filhos, cada qual com suas consortes, uma das quais passável e que eu pegava a todo momento encarando-me de forma embaraçosa — “puta” pensei comigo mesmo —, e os netos, cinco pirralhos entre os seis e os dez anos, mau comportados à mesa e piores ainda fora dela, mas cujas travessuras pareciam fazer gosto ao avô coruja, “palerma” eu consigo mesmo, ansiando por ver um deles esborrachar-se no chão e quebrar um braço, “ou quem sabe afogar-se na piscina” sussurrou um diabinho roxo em meu ouvido esquerdo.

Não obstante, aquele foi um domingo alegre e divertido, e para aproveitar o sol da tarde fomos descansar justo à beira da piscina, que os demoniozinhos enfrentavam com a perícia de nadadores olímpicos. À noitinha, quando me retirei, senti-me intimamente confortável, consciente de que os tempos de indigência haviam ficado definitivamente para trás e que a partir de então eu começaria a penetrar num mundo melhor, um mundo de que eu não fazia idéia na infância, na adolescência e mesmo nos tempos em que estudava contabilidade pensando num emprego de auxiliar de escritório — e aquele dia passado em boa companhia era uma prova disso.

Vemos, portanto, que o Honório, estimado por todos, amigo de todos, tornara-se também meu amigo. Sendo assim, por que eu fiz o que fiz? Pois decerto eu o fiz, como verá o leitor, e poderá julgar se eu tive intenção de fazê-lo, se tudo não passou de uma brincadeira de mau-gosto ou de um funesto incidente (e embora tal palavra faça supor alguma tragédia, tragédia não houve, ninguém morreu, ninguém nem mesmo se feriu, pelo menos fisicamente...).

Entretanto, apesar de Honório ser estimado por todos, amigo de todos e também meu amigo, começou, sub-repticiamente, a germinar em mim uma

certa animosidade contra ele. Como isso pôde acontecer? Caro leitor, não faça perguntas difíceis! Eu simplesmente não sei explicar por que passou a irritar-me chegar pela manhã e vê-lo já em sua sala, quieto, concentrado no trabalho e indiferente a tudo, e vê-lo do mesmo jeito quando saía para o almoço, e vê-lo ainda no mesmo lugar ao fechar o expediente à tarde e ir embora: sempre assim, de cabeça baixa sobre seus papéis, alheio ao mundo como se em vez de manusear não mais que memorandos, ofícios e minutas se dedicasse a demonstrar a Hipótese de Riemman. De que maneira tal miudeza poderia incomodar-me, mais ainda partindo de alguém que me convidara a sentar-me à sua mesa com a família e me tratara como um jovem promissor? Fato é que o Honório — longe de supô-lo — tornou-se-me irritante e até antipático, embora continuássemos nos dando bem e vez por outra, em algum momento de folga, ele se fizesse o bonachão de sempre e às vezes até mesmo soltasse uma chalaça discreta.

Algo que a direção geral se empenhava em administrar era a boa conduta de seus funcionários — e para isso o Otto chamara-me a atenção poucos dias depois de eu assumir meu cargo.

— Calvin — disse-me ele durante um almoço num pequeno restaurante beira-mar em Copacabana —, escuta só: você foi recomendado por mim, e todos o têm em boa conta por isso, afinal eu sou quem sou: genro do dono; mas não será só sua conduta dentro da empresa que fará seu sucesso: também fora dela. — Como eu não tivesse entendido bem, ele esclareceu: — Eles fazem uma investigação social dos funcionários novos, e mesmo os antigos não estão isentos, entende? Sua conduta privada conta muito, portanto é preciso evitar o escândalo. Quer saber? Você deveria casar-se. Homens casados são mais bem-vistos na empresa, pois o casamento sugere seriedade, pessoa de hábitos estáveis, essas coisas. Está visto que ninguém é de ferro e eu dou meus pulos de cerca, mas na moita, entende?, cuidando para que ninguém veja. Isso por quê? Porque apesar do cargo que ocupo, e talvez principalmente por ele, tenho de dar o exemplo e não sou isento de críticas. Além do mais, aqui pra nós, seria pior enfrentar minha mulher do que meu sogro — Otto fez uma pausa, dando-me chance de digerir a novidade, e depois de olhar a bunda das banhistas que passavam com seus trajes sumários a caminho do mar e bebericar a cerveja que lhe deixava um bigode branco sobre o lábio, contemporizou mas com uma advertência: — Se não tiver índole para o casamento, está bem, não se case, mas seja discreto. Faça o papel de homem às direitas e tudo irá bem.

Segui o conselho do Otto: embora não fizesse parte de minhas intenções imediatas o casamento, achei por bem posar de bom-moço, e enquanto todos me viam como um funcionário promissor, intimamente eu prosseguia afagando a indecência como filosofia de vida.

Eu completara ano e meio de casa quando surgiu uma vaga na diretoria

regional — um funcionário já idoso aposentara-se —, e o que se comentava em voz baixa era que “agora o Honório sobe”, querendo-se com isso dizer que ele seria promovido com a ocupação do cargo, e havia consenso: “Se não for o Honório, não será outro”, “ora essa, está claro que será o Honório!”. Digo que se comentava em voz baixa para não criar expectativas; com o próprio interessado ninguém fazia qualquer alusão, embora nos parecesse certo que ele próprio esperasse ser distinguido.

Um dia, melhor dizendo uma sexta-feira perto do fim do expediente, quando todos já se aprontavam para sair, resolvi fazer hora e subi discretamente ao quinto andar para trocar dois dedos de prosa com um recém-conhecido; demorei-me por lá quinze minutos, desci, fui ao banheiro, lavei as mãos, passei um pente no cabelo, espremi uma espinha que começava a despontar no canto do nariz, ajeitei a gravata, olhei-me de perfil no espelho, dei uma mijada farta e barulhenta, lavei novamente as mãos e, pronto, regressei à sala.

Somente o Honório continuava em sua mesa.

— Serão, Honório? — perguntei, fingindo procurar alguma coisa na gaveta.

— Hoje não tem muita coisa — ele disse.

— Ah — e me sentei, examinando distraidamente uns papéis. Fiz que me esqueci de sua presença, estivemos em silêncio bem uns cinco minutos, mas quando percebi que ele acabara de fechar a gaveta, pusera a caneta-tinteiro no bolso e se levantara, deixei escapar: — A propósito, devo dar-lhe os parabéns agora ou espero para depois?

Ele se deteve de pé ao lado da mesa olhando-me com curiosidade:

— A vaga na diretoria — disse, levantando os olhos dos papéis. — Parece que seu nome será anunciado.

Honório pareceu-me levemente constrangido, meneou a cabeça com um meio sorriso, cruzou e descruzou os dedos das mãos:

— Ora, ora — disse depois —, não me ocorreu que...

Estava na cara que, sim, ocorrera-lhe, e tal promoção era algo que ele acalentava como uma espécie de coroamento de sua longa carreira.

— Ora, ora digo eu, Honório — contestei-o —, se há alguém nessa empresa que merece o cargo é você, e é por isso que quero fazer-lhe um convite...

— ?...

— ...vamos até o Rica's comemorar. Deixarei para dar-lhe os parabéns depois, mas a comemoração será hoje, e por minha conta.

A inesperada referência à promoção, o alvitre dos parabéns e o convite para uma comemoração devem ter-lhe mexido com o orgulho: ele hesitou, já não estava seguro de si, talvez desejasse chegar mais cedo em casa (diferindo de sua rotina de serões), mas ir até o Rica's — um programa diferente em sua vida árida e cinzenta — deve tê-lo seduzido, e após aquele breve momento de hesitação, anuiu:

— Aceito seu convite, meu jovem amigo — disse —, não decerto para comemorar algo que ainda não conquistei, mas fazer-lhe companhia e prosarmos um pouco num ambiente novo e que parece estar na moda será decerto um bom programa. Vamos, pois!

O Rica's, apesar do nome boboca, era um bar-restaurant inaugurado havia pouco em Ipanema que, entre requintado e popular, acolhia em parte uma clientela mais idosa e exigente e em parte essa juventude mais despojada que trança a esmo pelas calçadas do bairro nobre nos fins de tarde, embora essa juventude na verdade fosse composta pelos meninos e meninas mimadas filhos dessa alta burguesia que compunha justo a clientela mais idosa e exigente — em suma: freqüentava o lugar, de um modo geral, a gente melhor, pois a pior não seria digna nem mesmo de passar na calçada defronte.

Eu poderia prever o conjunto de circunstâncias que levariam esse inocente passeio a acabar do jeito que acabou? Dito dessa maneira, vale perguntar: apesar de já conhecer o leitor minha índole, serei mesmo culpado?

No Rica's ocupamos uma mesa bem em evidência e eu não hesitei em pedir um vinho que sabia estar entre os preferidos do Honório.

— Sim, senhor — ele disse ao ver a garrafa —, este é mesmo dos bons.

— Então, é aproveitar! — larguei, enchendo-lhe a taça.

— Mas com cautela, meu jovem amigo — contrapôs com delicadeza —, pois como lhe disse sou um tanto fraco para o álcool.

— Ah, sim, Honório — concordei —, claro!, você sabe seu limite, e eu não estou aqui para contradizê-lo, pois eu tampouco gosto de expor-me. Mas só um pouco não há de fazer mal — e avançando o rosto enquanto baixava a voz em atitude cúmplice: — Afinal, hoje é dia de comemorar.

Acerca do que se seguiu, valem algumas reflexões.

Se eu consulto o mais íntimo de mim mesmo não posso negar minha intenção em pregar-lhe uma peça, digamos, fazer uma brincadeira, embora não pudesse prever as conseqüências. Porém se me esforço em ser sincero comigo mesmo nessa consulta, vejo que poderia substituir acima “pudesse” por “quisesse”... Assim não posso dizer que, sim, eu planejava embriagar o Honório, pois com que fim?, hão de perguntar-me; contudo eu havia escolhido um de seus vinhos prediletos e não ignorava sua fraqueza para o álcool, bem como sabia o quanto lhe seria difícil controlar-se quando lhe inflava o ego tocando no assunto da promoção. Por fim, o Rica's era freqüentado pela gente bem, e se no momento em que entramos não havia nenhuma cara conhecida ali, não hesitei em encher-lhe pela segunda vez a taça quando avistei na porta um dos sub-diretores da regional. Logo um outro, que eu conhecia menos, foi juntar-se àquele na companhia de familiares, e como o pequeno grupo ocupasse uma mesa próxima, num ângulo que não seria fácil para o Honório perceber-lhes a presença, fiz questão de sorrir discretamente para um dos sub-diretores enquanto estimulava o Honório a continuar bebendo.

A certa altura o pobre-diabo — tendo emborcado sua terceira taça e já avançando outra vez a mão para a garrafa — lembrou de uma namorada de juventude por quem fora apaixonado, mas que o abandonara sem mais nem menos por um *playboy* cabeludo que passava defronte à sua janela num conversível dourado. A lembrança desse amor de mocidade pareceu doer-lhe fundo, veio-lhe decerto à mente a figura da esposa gorda e seu nariz vermelho, e de súbito falou no trompete: que fora seu sonho de moço aprender trompete, chegara mesmo a ter algumas aulas, porém tivera de escolher entre a música e o trabalho, “quando se é pobre, quando se tem de lutar para sobreviver com dignidade...”, e o trompete restou esquecido no fundo do armário; muitos anos depois, quando pegou nele outra vez, constatou que os dedos se haviam enferrujado e não tinha mais embocadura.

Lágrimas vieram-lhe aos olhos: lágrimas de ressentimento contra a vida, lágrimas com teor alcoólico.

— Mas você venceu, Honório — ponderei. — Criou sua família, mora numa linda casa, tem dinheiro, posição social, filhos, netos...

De bruços na mesa, escondeu o rosto nos braços.

— Venci para o mundo — murmurou, abafando um soluço —, perdi para mim mesmo — e bateu molemente com a mão na mesa: — Vinho no copo!

Quando demos pela coisa já estávamos na quarta garrafa, das quais eu não bebera mais que duas taças e meia.

Tragicômico foi o momento em que, pondo-se de pé, e mal segurando-se com uma das mãos na borda da mesa, levantou alto a outra num gesto melodramático e soltou a voz — pastosa e desafinada — numa burlesca imitação de Valdick Soriano em “Eu não sou cachorro não”. Às primeiras frases titubeou, deu três ou quatro passos a esmo apoiando-se nas cadeiras próximas, tentou ainda continuar no mesmo tom mas desafinou ainda mais, perdeu o já precário equilíbrio, rodopiou sobre os dois pés e desmoronou fragorosamente de costas sobre uma mesa ocupada por um casal de meia-idade, que se levantou atarantado com o estardalhaço dos pratos, copos, talheres e garrafas espatifando-se no chão.

Na segunda-feira pela manhã já se sabia na empresa o acontecido na sexta à noite, mas ninguém comentou. Na presença do Honório todos se comportavam como se nada tivesse acontecido, e para preservar a naturalidade ainda o consultavam nas dificuldades de serviço ou pediam sua ajuda em alguma tarefa, solicitações que ele atendia como sempre: com boa vontade mas sério e eficiente, e se fosse o caso chamando atenção para qualquer pormenor de relevância. Honório prosseguiu em sua inalterável rotina, chegando mais cedo e saindo mais tarde que todos, e quando se concentrava em suas ocupações o mundo se dissolvia ao seu redor.

Na quinta, a notícia: o Lopes, do oitavo andar, recém-contratado e oriundo de uma concorrente, fora nomeado para a vaga na diretoria.

Quando anos mais tarde o tio que eu não conhecia lembrou-se de mim e eu larguei a empresa, o Honório continuava na mesma sala, na mesma mesa, submerso em sua inalterável rotina, apenas com umas poucas diferenças: no serviço tornara-se mais concentrado e macambúzio, e não voltara a convidar qualquer colega de trabalho para seu almoço de domingo.

Acabo de me referir a um parente desconhecido que se lembrara de minha existência. Chegou, portanto, o momento de falarmos do tio Joaquim.

Tio Joaquim era irmão único de minha mãe e catorze anos mais velho que ela. Homem arredio, sempre vivera afastado da família e como não tivesse deixado descendentes legara-me em testamento — eu não sei bem por quê, haja vista nunca ter havido nenhuma ligação especial entre nós, sendo certo que fazia bem uns vinte anos que não nos víamos e nem por telefone nos falávamos — todos os seus bens: uma polpuda quantia em dinheiro numa conta bancária, uma vila de casas de aluguel no subúrbio, onde arrancava o fígado de seus inquilinos, uma rendosa porta de comércio no centro da cidade, um hotel-fazenda em Poços de Caldas com quase uma centena de alqueires de terra produtiva, um prédio de apartamentos num bairro de classe média-alta em São Paulo onde ele também arrancava o fígado dos inquilinos — e com muito mais fome, acrescente-se, pois ali viviam pessoas que não poderiam comprar casa ou apartamento naquele bairro, no máximo alugar, como faziam, mas que, por uma simples questão de *status*, tampouco se decidiriam a mudar-se para um lugar menos requintado, ainda que ali tivessem de viver financeiramente espremidos (aliás, uma gentinha burra que não merecia menos que isso, viver espremida) — e, por fim, um lindo casarão em Laranjeiras, para onde me mudei sem tardança, deixando fechado o apartamento até eu me decidir o que fazer com ele.

Naquela mesma semana entreguei minha carta de demissão da empresa onde trabalhava havia nove anos, liguei para o Otto explicando minha decisão — sem entrar nos detalhes, “surtiu uma oportunidade de montar meu próprio negócio” menti — e botei os pés na rua.

— Continuar trabalhando pra quê?

Verdade é que não me entreguei ao mais completo *far-niente*, o que acabaria por levar-me à bancarrota mais cedo ou mais tarde, mesmo porque a conta bancária, por polpuda que fosse, não seria inesgotável: de início, quando me vi dono daquela bolada, a primeira coisa que fiz foi mandar tudo às favas e gozar! Gozei durante três meses dessa liberdade sem limites com a qual muitos sonham, não sendo necessário aqui referir por miúdo o que significa liberdade sem limites, pressupondo que o leitor tenha alguma imaginação. Porém após esse período avaliei os meus gastos e percebi que aquele era o caminho mais rápido para chegar a uma situação não igual à de antes, mas muito pior, pois não teria mais dinheiro, nem casas de aluguel, nem hotel-fazenda, nem prédio

em São Paulo, tampouco um emprego e possivelmente nenhuma chance de recuperá-lo — além de refletir na vergonha que haveria de ver-me um dia na contingência de procurar o Otto e, feito o filho pródigo da parábola, dizer “pequei contra ti”...

Passada, portanto, a euforia inicial, dei-me conta de que a herança me deixara rico mas não bilionário, que sempre seria preciso trabalhar, com a diferença de que agora eu trabalharia para multiplicar meu dinheiro, pois uma coisa me parecia clara como água: era mais que urgente multiplicar esse capital para não me ver outra vez na contingência de submeter-me ao relógio de ponto. “Investir... investir...” tornou-se meu pensamento constante naqueles dias, e me dediquei durante algum tempo a visitar minhas propriedades: estive na vila de casas e na porta de comércio, além de passar alguns dias em Poços de Caldas a ver como iam as coisas no hotel e outro tanto na insuportável São Paulo. A vila de casas pareceu-me à primeira vista bastante precária — ainda que espaçosa —, e seus moradores tão escanzelados e encardidos que não seria possível tirar dali maiores rendimentos. “Correr com esse povo daqui, demolir essa merda toda e vender o terreno limpo para alguma construtora” disse comigo mesmo irritado ao dar as costas para aquela gente sórdida — sórdida como eu fora em outros tempos, mas como outros tempos já iam longe não valia mais a pena lembrar —, depois do que, corri até a porta de comércio no centro: a aparência ali era outra e isso animou-me bastante. Tratava-se de um prédio de seis andares (que fazia parte da herança) onde, no térreo e no primeiro andar, funcionava uma grande loja de tecidos, muito sortida e, parece, provida de boa freguesia. De imediato antipatizei com o gerente, um mulato com óculos aro de tartaruga e uma sujidade por cima do beijo a que nem se poderia chamar de bigode, que, com altivez, o corpo empertigado e as mãos cruzadas às costas, fitando-me detrás das lentes como se fosse ele o dono e a perguntar-me o que estaria eu fazendo ali, acompanhou-me no passeio pelas dependências do prédio. Debrucei-me, em seguida, por duas longas horas sobre a contabilidade da casa, a cujo escritório — uma saleta mal iluminada nos fundos — fiz que o homem levasse toda a papelada pertinente. Dada minha experiência no assunto — afinal desde o vinte anos enfrentara a burocracia de uma repartição e um chefe exigente e severo — percebi que o cretino não se portava com total integridade, pelo contrário, detectei uma escrituração duvidosa que meu saudoso tio não deve ter percebido. Fiz-me porém de tolo, devolvi-lhe a papelada e os livros, respirei fundo, estirei os braços e depois de um minuto olhando em volta despedi-me do mulato e saí, prometendo voltar logo que pudesse.

Estava decidido a fazer mudanças na casa, a começar pelo escritório: passaria a ocupar metade do terceiro andar, com mobiliário moderno, amplas janelas panorâmicas e monitores de TV que me dessem uma visão de todos os compartimentos da loja, da qual seria preciso também melhorar a aparência,

pois conquanto fosse grande, o prédio tinha uma cara de antigüidade que não agradava; previ que se modernizasse as vitrines, a fachada, e mesmo o interior, mudando a cor das paredes e introduzindo uma decoração conveniente, teria uma freguesia bem maior; e se passasse a trabalhar com artigos de primeira qualidade, além de maior a clientela seria também de melhor categoria. Precitaria também de um testa-de-ferro. O mulato seria rebaixado a sub-gerente, pensei, e se não quisesse, que se demitisse, “para o diabo com esse crioulo”. Como, no entanto, eu não estivesse disposto a assumir a direção da casa, seria preciso encontrar alguém em quem pudesse confiar. Foi quando me lembrei do Araújo...

“Onde andarás esse sujeito?” perguntei-me, lembrando-me de suas qualidades indispensáveis para o cargo: primeiro, era esperto, conhecia o trabalho mais do que ninguém e seria capaz de descobrir qualquer picaretagem do mulato, mesmo aquelas tão escondidas que até a mim me passassem despercebidas; segundo, seria severo, bastava que eu lhe ordenasse e o sub-gerente penaria em suas mãos.

Assim resolvi buscá-lo no antigo endereço. O miserável decerto nunca sairia dali se não lhe dessem uma chance, e para sujeitos subservientes como ele chances são coisa rara. “Sim, com certeza ainda está no mesmo lugar” eu pensei comigo mesmo, e — não fizesse tantos anos — não duvidei encontrá-lo com aquele mesmo capote de veludo marrom, surrado a mais não poder, de tal forma que até mesmo a cor marrom seria indiscernível.

Porém, para minha surpresa, eu me enganara: quando fui bater à porta de sua casinhola, soube que o Araújo havia se mudado. “Para onde?” perguntei a uns e outros, mas ninguém soube dizer. “Faz muito tempo?”, fazia pouco mais de quatro anos.

Lembrei-me de procurá-lo no emprego, mas ao chegar lá vi que não havia mais emprego: no prédio funcionavam agora escritórios de advocacia, em um dos quais fui informado de que a antiga empresa havia fechado as portas quatro anos antes e o proprietário mudara-se para Manaus.

— Falência fraudulenta — disse-me um velho que trabalhava na portaria e eu reconheci como o antigo porteiro do prédio, que no entanto não me reconheceu. — O dono foi esperto, safou-se, mas a maioria dos funcionários se fodeu.

Não havia por que duvidar: o Araújo estava entre os que haviam se fodido, posto na rua sem nenhum direito, e devia andar matando cachorro a gritos. Mas onde?

— O namorado da filha! — exclamei enquanto dirigia devagar de volta para casa naquele fim de tarde.

A filha do Araújo, quando eu deixei a empresa, continuava com cara de puta, mas já havia completado dezenove anos e tinha um namorado que morava em Cascadura. Gentinha desgraçada, ia pensando, assim não era possível

melhorar nunca: namorar uma tralha de Cascadura, um pé-rapado que não tinha onde cair morto, “também, com aquela cara de vadia não podia ser diferente”, e no dia seguinte fui atrás do sujeito.

Encontrei o dito cujo virando massa numa obra.

— Eu a filha do seu Man’el não temos mais nada não, moço — disse-me sem reconhecer-me. Verdade é que não se haviam passado tantos anos assim, e nos tínhamos encontrado várias vezes na casa do Aratújo, mas minha aparência é que não condizia com o que eu havia sido, e os óculos escuros espelhados, ocultando meus olhos e disfarçando bem minhas feições, cumpriam com excelência seu papel.

— Nem sabe onde ele está morando?

— Sei não, mas a Angelita, olha, a gente terminou mas continuou amigo e, da última vez que estive com ela, trabalhava numa lanchonetezinha em Copa, na beira do calçadão. O nome da lanchonete é Buganvília. E o Paulo, bem... não sei se o senhor sabe...

Desconfiei...

— ...virou Paulete e faz a vida na Lapa. Mas tem uns dois anos que não vejo ele, nem sei se ainda está por lá.

Vi que havia desconfiado certo: da última vez que vira o moleque, ele tinha treze anos e era visivelmente afeminado. Então havia desmunhecado de vez? “Diabos!” disse comigo mesmo, não muito surpreso, e agora se prostituía para ‘ganhar a vida’? “Que lixo!”

Fui atrás da garota, mas sem sucesso. Num restaurantzinho minúsculo e comum disseram-me que a Buganvília fechara no verão passado (“Ficava bem ali em frente, veja, a placa ainda está lá”); lembraram-se de uma Angelita, “uma mocinha de olhos grandes e cabelos encaracolados, muito esperta” comentou um dos balconistas (“muito esperta” significava o quê? Puta?), e a descrição combinava, mas como saber para onde fora depois de perder do emprego?

“Resta-me a Lapa” e senti uma certa náusea na manhã seguinte, aí pelas onze, quando avistei os arcos. Percebi que eu havia mudado completamente: a visão da pobreza, dos antros sujos da cidade, da gente inopiosa que pulula nesses lugares era suficiente para causar-me calafrios, e não podia evitar um vazio na boca do estômago ao lembrar-me do passado, principalmente da adolescência e do meu começo de juventude ao lado de minha mãe doente. Agora, em momentos como este eu sentia meus olhos encherem-se de lágrimas, “pobre mamãe” pensava mordendo os lábios com raiva, e sentia um vago rancor contra tio Joaquim, que poderia ter evitado todo aquele sofrimento se não tivesse “aparecido” tão tarde em minha vida. Apesar da minha teoria da indecência, garanto ao leitor que não era por mim que eu lamentava, senão pela pobre velha, e apesar de grato a tio Joaquim por ter-se lembrado de mim antes de morrer, não conseguia evitar endereçar-lhe uns palavrões quando me re-

mordia a lembrança daqueles tempos sombrios — pois tudo havia mudado, mas minha mãe não estava mais comigo para aproveitar essa mudança.

Limpei minha mente ao percorrer as imediações dos arcos perguntando por um certo Paulete, “dizem que faz a vida por aí”.

— Mas a esta hora, meu senhor? — exclamou uma baiana gorda que fritava acarajés detrás de um balcão sujíssimo. — O senhor não prefere coisa melhor? Posso lhe conseguir baratinho uma menina jeitosa que, ó... — e beliscou a ponta da orelha.

Estremeci. Não me ocorrera que pudesse levantar tal suspeita com minha indagação, e me apressei a desfazer o engano:

— Não procuro uma aventura, dona, é assunto de outra natureza — e esclareci: — Assunto de família — o que não era nem de todo verdade, nem de todo mentira.

— Ah — disse a mulher pondo-se séria —, nesse caso... Mas a essa hora o senhor não encontra essa turma não, só nas madrugadas.

— A senhora não sabe pelo menos onde mora a família de Paulete?

— E viado por acaso tem família, moço? Ninguém por aí saberá informar nada sobre isso não, nem o nome dele se sabe, só o de guerra, Paulete.

Coei a cabeça com desânimo. Voltar àquele covil de madrugada era coisa que me causava tremura de sezoão, mas parecia não haver outro jeito.

A Lapa, de madrugada, é pavorosa — como enganam os famosos arcos dos cartões postais! —, e foi com horror que percorri as espeluncas à procura de Paulete.

— Hoje ela não veio — desmanchou-se à minha frente um afeminado que vestia roupas sumárias de mulher e fazia curvas com a voz. — Acho que estará aqui só amanhã. Eu não siiiiiirvo? Cobro caro nãããão...

Contendo ânsias de vômito, afastei-me desejando que o chão se abrisse às minhas costas e engolisse aquele fervedouro de podridão, e mais que nunca o ódio me dominou, agora contra o mulato cretino da loja com sua titica de galinha fingindo de bigode na ribanceira do beijo.

Na madrugada seguinte, quando me indicaram “Paulete é aquela lá” quase não acreditei: com uma peruca loura que ia dar no meio das costas, vestindo frente-única e um shortinho que lhe entrava pelo rabo, exibindo pernas magrelas e cheias de cabelo, Paulete, com sua bolsinha à tiracolo, seria qualquer coisa, até palhaço de circo, menos uma imitação de mulher. “Será que alguém come uma merda dessa?”, e senti verdadeira pena do Araújo.

— O senhor andou me procurando? — reboiativa, Paulete se aproximou de mim fazendo caras e bocas. — Eu tenho preço módico pra tudo: o de trás, o da frente, boquete...

— Cale esta porra de boca — explodi, com minha paciência chegando rapidamente ao fim — e entre aqui.

— Pu! Que homem violento! É assim que eu gosto — e saltitante abriu

a porta do carro e entrou, recendendo a perfume de camelô. — Para onde vamos? Tem de ser lugar discreto, que eu gosto mesmo é de ser arregaçada...

— Lugar nenhum...

— Mas aqui, moço?!!

— Aqui, sim, caralho!, mas não é o que você está pensando não! Primeiro me diga, você é filho do Araújo?

— Que foi que meu pai fez, moço? — e o viado pareceu subitamente alarmado. Retraiu-se de encontro à porta, voltando-se todo para mim com os olhos arregalados.

— Seu pai não fez nada — respondi —, eu tenho é pena dele, por ter um filho viado...

— Caramba, moço...

— Isso mesmo, agora escuta: onde é que ele mora?

— Mas o que é que o senhor quer com ele?

Irritaram-me as respostas evasivas do invertido, mas evitei destratá-lo:

— Sou um antigo colega de trabalho — expliquei —, da empresa de têxteis, e preciso falar com ele.

— Ah, sendo assim...

Então Paulete disse-me onde a família morava.

— Agora raspa!

— Não vai querer mais nada não? — pareceu decepcionado. — A gente podia se divertir...

Cuspi pra fora e empurrei a porta do lado dele:

— Raspa!

Começo de noite de uma quinta-feira abafada: fui encontrar o Araújo no fundo de um buraco — literalmente: morava num subsolo em Campo Grande, apertava-se numa baiúca de três cômodos minúsculos dando graças a Deus por ter família pequena. Tendo perdido o emprego, fora parar ali, arranhou uma carrocinha de cachorro-quente e parava numa pracinha a três quadras de casa desde as dez da manhã até meia-noite, descansando somente nos domingos à tarde. A mulher ajudava fazendo o molho, o máximo que lhe permitia um reumatismo crônico que a afetava desde meia dúzia de anos; Angelita era balconista numa loja de tecidos nas imediações, fora ajuizada e não se casara nem arranjava filho — o que me surpreendia bastante —, enquanto de Paulete já sabemos.

Araújo, ao atender à porta, onde fui bater depois de ter descido três lances de escada que pareciam conduzir-me ao inferno (e terá sido lá mesmo, ou pelo menos numa de suas antecâmaras que fui ter); Araújo, portanto, ao atender à porta, olhou-me com estranheza, sem reconhecer-me. Eu, ao contrário, o reconheci de imediato, nem tão mudado estava.

— Então não me reconhece? — brinquei com ele.

— Pra ser franco, moço...

— Que grande amigo eu tenho — fingi uma zanga, e depois, dando-me a conhecer: — Não se lembra do Silva, da empresa têxtil?

Minha aparição depois de todos aqueles anos fez estardalhaço.

Angelita chegou e encontrou-me tomando café com bolo de aipim; eu me levantei à sua entrada num gesto de cortesia e a garota parou, imobilizou-se embaraçada sem reconhecer no visitante bem-vestido e desenvolto o antigo sem-eira-nem-beira que trabalhara com o pai e vez por outra passava um final de semana em sua casa.

— Filha — apressou-se —, este é o Silva. Não se lembra dele?

Angelita ainda me olhava sem reconhecer-me, sorriu amarelo e deixou o pacote que trazia nos braços em cima da mesa. Aos poucos, contudo, à medida que o pai aviva-lhe a memória, pareceu lembrar-se:

— Como vai, seu Silva? — e estendeu a mão.

— Mas que seu Silva! — exclamei. — Nada de “seu”, para todos nesta casa eu sou Silva, aliás não!, Calvin é como eu gosto de ser chamado — e para agradar a garota: — Você está muito bonita, Angelita! Mais elegante, parece até que cresceu um pouco mais desde a última vez que a vi.

A garota pôs-se como um pimentão, sorriu ainda mais amarelo, “obrigada” e se afastou, cabeça baixa, sumindo no cômodo vizinho.

Eu não mentia: Angelita, apesar da cara de puta, não tinha nada de puta, pelo contrário: enquanto o irmão não passava de um degenerado, ela se revelara uma moça ajuizada que não se deixara levar pela lábia de qualquer aproveitador, e ajudava a família com seu trabalho. Parecia, sim, um pouco mais alta, e apesar das roupas muito simples e gastas, tinha um corpo elegante e as feições agradáveis.

Findo o café com bolo de aipim, recostei-me na cadeira, olhei em volta a penúria do Araújo respirando fundo. Mais uma vez, e em tom de desânimo, o homem referiu a falência fraudulenta da empresa, “ninguém conseguiu provar, mas está na cara que foi fraudulenta” reiterou; as perdas que os funcionários sofreram ao se verem no olho da rua sem qualquer indenização e a mudança do dono para Manaus.

— E arrastou atrás de si o Fraga — disse —, o patife do Fraga, que comia na mesma panela que ele.

Então eu soltei:

— Mas agora é hora de você largar a carrocinha de cachorro-quente, esse buraco aqui em Campo Grande, que isso aqui é uma desgraça, Araújo, pelo amor de Deus!...

— Fazer o quê, Calvin, largar como?

— Mas foi para isso que vim, homem, ou eu vinha lhe trazer uma boa novidade ou não estaria aqui.

O pobre-diabo encarou-me sem entender, as feições desgastadas, o meio-sorriso de descrença.

— Eu tenho um pé-de-meia aí — comecei devagar —, e estou precisando de alguém com sua especialidade.

— Se eu puder ajudar, não digo que não...

— E eu tampouco aceitaria um não! — exclamei. — Vamos começar por você: tenho uma loja no centro da cidade e preciso de um gerente. O sujeito que lá está não vale grande coisa e precisa de alguém que o ponha em seu lugar.

— Uma loja? A coisa então andou boa para o amigo!...

Angelita apareceu na porta do cômodo vizinho e ficou escutando, olhando ora para mim, ora para o pai.

— Caminhou, Araújo, não negou que caminhou. E agora você, Angelita: que tal largar o emprego na loja e começar como sub-gerente de um hotel-fazenda em Poços de Caldas? — não lhe dei tempo para respirar e atirei: — E ano que vem, já com experiência, assume a gerência, pois a atual gerente aposenta-se em um ano. Que me diz?

O Araújo olhava-me com cara de descrédito, dona Lazinha tampouco parecia acreditar, e Angelita mais uma vez pôs-se vermelha, mas não disse nada: apenas baixou os olhos.

— Então, que me dizem?

— Eu, por mim — respondeu o Araújo —, aceito... ando mesmo precisando de um servicinho melhor... inda que não seja perto, mas descendo de trem...

— Mas que trem, Araújo! — exclamei. — Essa é boa, dona Lazinha, descer de trem, o Araújo! O meu gerente descer de trem — saquei uma chave do bolso e a atirei para ele, que a agarrou no ar. — Angelita, lápis e papel — e então anotei o endereço do meu antigo apartamento, fechado desde que eu me mudara para o casarão de Laranjeiras.

— Mudem-se para lá o mais rapidamente possível, amanhã mesmo, se possível, o apartamento já está mobiliado. Vou apanhá-lo lá segunda pela manhã para mostrar-lhe a loja. Você começa na terça.

Araújo parecia atordoado. Voltei-me para Angelita:

— Então, moça — eu disse —, toca para Poços de Caldas?

Ela deu de ombros, como se não levasse a sério minha proposta.

— Não quer? — estranhei.

— Sei lá, seu Silva... não sei se o senhor está falando sério...

Então eu me levantei e fui tomar-lhe as mãos. A menina nem me olhou, de tanto encabulamento.

— Eu lá vou brincar com essas coisas, Angelita? Se não fosse pelo seu pai, eu não sei o que seria de mim naquela empresa. O quanto ele me ajudou! Nem fala! Estou aqui para retribuir. Arrume suas coisas, na próxima semana você viaja, já estarão à sua espera.

Angelita fez-se sub-gerente do hotel-fazenda quase sem acreditar nos

números que lera no primeiro contracheque. Araújo assumiu a gerência da loja, sob os protestos do mulato.

— Gerenciei esta casa para o senhor seu tio por vinte anos, seu Silva! — reclamou.

— Mas eu não sou o senhor meu tio — respondi. — A partir de hoje fica subordinado ao Araújo, presta-lhe contas como se fosse a mim. E não reclame, já que não sofrerá rebaixamento salarial.

Só quem não teve jeito foi Paulete: afeito à vida noturna e à prostituição não estava disposto a mudar, “a noite é tudo pra mim, seu Silva” disse em tom desabrido, nunca deixando de tratar-me pelo sobrenome, “é meu ganha-pão. Além do mais, é lá que o bicho pega, puxa!, largo aquilo nada!”.

Paulete, no entanto, encaixava-se à perfeição à indecência que eu postulava: ele assumiu a sua sem qualquer pudor, não tinha meias-palavras, adorava caminhoneiros, “sabe por quê, seu Silva?”, e explicava:

— Caminhoneiro não tem tempo de ir pra motel, anda sempre atrasado, por isso está sempre num “osso” de fazer pena, daí que paga bem e fode gostoso. Um puta dum arregação! É por isso.

Ouvindo-o vinham-me ganas de esfolá-lo vivo, e talvez o fizesse, não fosse magoar o já envergonhado pai, “esse moleque é minha vergonha, Calvin, é minha cruz”, mas eu contemporizava:

— Já não se repara tanto nessas coisas hoje em dia, Araújo — e, cá comigo: “Ah diabo, se eu te pego de jeito tu ia ver o arregação! Enchia teu cu de pimenta e costurava!”.

Últimas confissões

Dirá o leitor que eu de repente me tornara muito piedoso: arranjei um emprego para o Araújo, ofereci a ele um apartamento no centro para que estivesse melhor situado e mais próximo do trabalho, e ainda dei à filha do Araújo, que sempre me parecera ter cara de puta, embora não fosse, um cargo de sub-gerente do hotel-fazenda em Poços de Caldas.

E a indecência?, hão de me perguntar; aonde foi parar a baixeza? Era de esperar que, mesmo precisando do Araújo para gerenciar a loja, eu o deixasse morando no subsolo em Campo Grande, e ele que se virasse para descer para o centro todos os dias de trem — afinal, milhares e milhares de pessoas não fazem o mesmo? E a filha? Por que não levá-la para a cama primeiro e depois, no máximo, dar-lhe um emprego de faxineira no hotel-fazenda, e não de sub-gerente com vistas a ocupar a gerência em um ano? Não senhor!, exclamarão, não senhor, você já não está se conduzindo de acordo com sua filosofia!

Prezado leitor, saiba que compreendo suas objeções, são muito apropriadas, mas é preciso entender que ser indecente não significa estar sempre cometendo baixezas e que uma boa ação aqui, outra ali não significa abjurar uma filosofia de vida firmemente estabelecida; além do mais, o indecente também possui amizades, ou pelo menos haverá algumas que lhe são tão caras que ficam isentas das indecências previstas na teoria, o que em outras palavras significa mais uma vez que toda regra tem exceção.

Esse era o caso do Araújo — ser a exceção: eu me afeiçoara ao tipo noutra época, com efeito contara mesmo com sua ajuda nos primeiros tempos de emprego (depois eu me fizera por minha própria capacidade, assim como chegaria a crescer no novo emprego onde minha eficiência não deixara de ser notada), e entre nós formou-se uma amizade irrestrita e desinteressada, e quanto a Angelita, ora, a Angelita era filha do meu amigo, e vê-la ajuizada (apesar da cara de puta... já nem tanto, porém, quando voltamos a nos encontrar) e vivendo ao lado dos pais, ajudando-os com seu salário mingua-do enquanto o irmão anormal escandalizava nos inferninhos da Lapa, fez-me pena e achei por bem fazê-la crescer — e posso garantir que cresceu, o que não vem muito ao caso, aqui fica apenas como registro: sim, cresceu, mas nunca perdeu aquele ar de menina simples que eu fui conhecer no subsolo em Campo Grande.

Porém eu estava longe de ser o bom rapaz que o leitor já deve estar me julgando e, com isso, tendo-me na conta de um farsante. Foi por isso que não hesitei em mover um processo de despejo contra os moradores da vila de casas no subúrbio, com a intenção de demolir os barracos e vender o terreno limpo para uma construtora.

Os moradores, contudo, resolveram fazer barulho e contrataram um advogado.

Não tardou, recebi correspondência de um certo Dr. Pestana, que me convidava para uma entrevista em seu escritório a fim de discutirmos a situação de seus clientes.

Naquele dia eu estava na loja do centro, de prosa com o Araújo, quando recebi uma ligação de Laranjeiras: os Correios haviam entregue naquele momento um envelope com timbre de um escritório de advocacia. Mandeí que me trouxessem o envelope ao centro imediatamente, e quando abri, deparei-me com uma carta simples e direta: o Dr. Pestana pedia-me que o procurasse para tratar de assunto de meu interesse.

— Vou? — perguntei ao Araújo.

— Eu não iria — respondeu-me —, contrataria um advogado que fosse no meu lugar.

Meditei um pedaço. Um homem com tantos empreendimentos como eu teria por necessidade um advogado para assessorá-lo, mas não posso negar que fiquei tentado a ir. Decerto o tal Pestana não esperava ver-me, contava com

o comparecimento de alguém que me representaria, com o que eu pensei em pegá-lo de surpresa.

Expus meu pensamento ao Araújo e decidi:

— Vou.

E fui.

Fui decidido a especular o preço do homem: quanto ele haveria de querer para representar mal seus clientes e deixar-me em paz?

Mas fui quinze dias depois, pois não ficaria bem comparecer tão de pronto, e tampouco dei qualquer resposta durante esse prazo: seria sinal de fraqueza fazê-lo, dar-lhe-ia vantagem desde o início; assim, durante esses quinze dias mantive-me em silêncio como se não tivesse recebido correspondência alguma.

Fiquei bastante surpreso com o local onde Pestana mantinha seu escritório: rua R..., um edifício antigo e bastante mal-tratado, misto de prédio residencial (do terceiro andar para cima) e de escritórios (havia um de contabilidade, uma pequena corretora de imóveis e uns outros que não identifiquei). O escritório do Pestana ficava no primeiro andar, e sem me preocupar com elevador — que parecia estar com defeito —, subi rapidamente dois lances de escada e parei defronte a uma porta de madeira cujo verniz descascara havia muito, e na qual uma simples placa de metal

DR. NIVALDO PESTANA - ADVOCACIA
DIREITO TRABALHISTA - VARA DE FAMÍLIA

indicava o proprietário e sua função.

Empurrei a porta e entrei numa ante-sala.

Detrás de uma mesa, uma das três Fúrias, com os cabelos tingidos de ruivo, vigiou-me com seus olhos fuzilantes.

— Fui convidado pelo Dr. Pestana para tratarmos de um assunto — disse com firmeza e sem dar-lhe tempo de respirar, vigiando-a detrás das lentes espelhadas. — Anuncie-me, por gentileza, sem tardança, pois tenho muitos afazeres. Sou um homem muito ocupado. Calvin Silva.

A Fúria se levantou ajeitando a saia muito justa em cima das pernas magras, abriu uma porta ao lado, entrou, demorou-se menos de dez segundos e, saindo, indicou o gabinete com um gesto de mão:

— O Dr. Pestana vai recebê-lo — disse com autoridade, mantendo o queixo erguido (imaginei que apenas o queixo estaria erguido naquela figura mitológica: peitos, se tinha, deviam ser duas muxibas achatadas embaixo da blusa, que nem volume produziam). À minha passagem, fechou-me a porta às costas.

Detrás de uma mesa grande repleta de papéis havia um homem moreno, de meia idade, quase calvo, não propriamente gordo, mas “cheio”, de

mãos grandes e dedos curtos, num dos anulares reluzindo um enorme rubi engastado num anel de ouro branco. Vestia camisa social azul-claro de mangas compridas com abotoaduras, enquanto o paletó — de cor cinza — estava pendurado no recosto da cadeira. Usava óculos de grau, lentes grossas e incolores através das quais seus olhos apareciam pequenos e agudos.

Aproximei-me, estendi-lhe a mão, “Calvin Silva” disse, “vim com a intenção de negociar”.

Eu não tivera muitas oportunidades de impor-me a figuras desse tipo, por isso principiei não pela rudeza, mas pela decisão, a fim de mostrar que não pretendia perder tempo.

Porém... Ah!...

Caro leitor, você se espantaria se eu lhe dissesse que fora encontrar ali um maquiavélico seguidor — ainda que sem o saber — da minha teoria da indecência?

Pois então!

À primeira impressão, o Dr. Pestana pareceu um homem melífluo, de gestos suaves, sorriso sutil, prosa fluente e olho vivaz e penetrante. Mal lhe senti a mão ao nos cumprimentarmos. Mas o que veio depois... bem, o que veio depois desmentiu rotundamente a máxima segundo a qual a primeira impressão é a que fica.

Pestana indicou-me uma cadeira defronte à sua mesa, considerou-me por alguns segundos fitando-me diretamente quando me sentei, e em seguida levantou-se e foi colher num armário uma garrafa e dois copos:

— Veja só — disse, exibindo-ma —, legítimo Sons King George. Convido-o a degustar primeiro, há tempo para falarmos de negócios.

— Dr. Pestana — retorqui, provando da bebida que me oferecia, e que para meu paladar nada apurado não tinha diferença de qualquer cachaça que se compra a trocados nos pés-sujos da cidade —, não posso perder tempo. Pediríamos que fosse direto ao ponto.

Então o homem se revelou:

— Oh, sim — respondeu prontamente —, vamos direto ao ponto... mas não será ao ponto do ônibus, pois não? — e casquinou, achando graça da própria graça, o que me deixou momentaneamente confuso. — Não repare, meu amigo, é só uma brincadeira. Eu o entendi muito bem. Vamos, sim, ao ponto. Para que perder tempo, não é mesmo? Pois bem, tempo é dinheiro, já diz o velho ditado. Mas há quem diga “o velho deitado” — e como se aquela não fosse uma piada velha de doer, riu agora a bom rir, recostando-se na cadeira e encarando-me, como a avaliar o efeito de suas troças. Admito que fora pego de surpresa com atitudes tão infantis por parte do advogado, de quem, por força da profissão, deveria esperar um comportamento bem diverso. Ah!... Eu nem sequer fazia idéia do que ainda estava por vir!

— Antes, porém — levantou-se dum pulo, foi até o arquivo, abriu uma

gaveta, mexeu e remexeu em papéis; não encontrando o que procurava, abriu outra gaveta e continuou remexendo em papéis até que exclamou: — Aqui está!

Voltou para sua cadeira com um pequeno volume nas mãos e, sentando-se outra vez, apresentou-mo:

— Gostaria de fazer-lhe presente deste opúsculo — e pôs em minhas mãos um livrinho em formato A5, com uma sóbria capa cinza-azulado sem qualquer ilustração, apenas o título em letras pretas: Prolegômenos sobre a instituição de comarcas auxiliares para o bom exercício do Direito Civil e do Direito Penal — Autor: Nivaldo Pestana, Pós Doutor em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

— Mas o que é isso? — perguntei, desconcertado.

— Trata-se, meu amigo, de um livreto de minha autoria que mandei imprimir... impressão que eu tive de custear, haja vista a dificuldade de conseguir uma casa editorial que o faça e o venda por sua própria conta e risco, pois, entenda, sempre há riscos, riscos!, e não de bordado! — aqui, com uma cara séria como se não soltasse nova chocarrice inteiramente fora de ocasião, ergueu o dedo de maneira enfática repetindo —, **riscos, e não de bordado!**, como presumo que o senhor saiba, ou pelo menos suspeite: os riscos no mercado editorial são grandes, e é por essa razão que as editoras preferem os *best sellers*, de ordinário leitura fácil e descompromissada que vende bem e é, sobretudo, descartável, pois logo cede lugar a outras da mesma igualha. Mas quando se trata de obras mais sérias, principalmente obras técnicas, mesmo quando tal obra não passa de um livreto com não mais de cento e vinte páginas como este... você nem imagina a dificuldade, meu amigo, nem imagina!... Então, que fiz eu? Escrevi o livro e procurei uma gráfica, mandei fazer um orçamento para duzentos exemplares. Não ficou barato, tudo anda pela hora da morte, o senhor é um empresário experiente e por certo percebe a carestia... Mas assim mesmo mandei imprimir os duzentos exemplares, que distribuí eu mesmo em diversas livrarias, além de vender a uns e outros aqui e ali. Magistrados e representantes do Ministério Público foram meus principais leitores; não diria que não houve interessados entre os colegas de profissão, sempre houve, e mandei imprimir outros duzentos exemplares. O livrinho até que fez algum barulho, saiba o senhor, fez algum barulho... Não diria o barulho de uma artilharia completa do exército, com bombas, tanques e canhões, mas de dois ou três fuzis, sim, fez!, não há como negar, o que me deu muito gosto, de maneira que ando planejando um volume mais alentado sobre o mesmo tema, ampliando a abordagem, inclusive com uma incursão pela História do Direito, com preâmbulo por algum membro do Supremo, o que acha?, deverá obter sucesso e, quem sabe!, o apoio de alguma casa editorial!

— Mas... não entendo... — eu me sentia cada vez mais constrangido diante daquele sujeito, pois pensei que ia encontrar ali um reles advogadozinho

desses que se deparam às dúzias, mais ainda depois de suas brincadeiras inconvenientes, suas piadinhas sem graça, e quem eu tinha à minha frente? Um Doutor! Mais ainda: um Pós Doutor!

— Pois não há o que entender — disse ele apressadamente —, ou melhor, há, sim, há, mas quando o ler verá que não há dificuldade nenhuma, pois o conteúdo é claro e objetivo, não requer nenhum conhecimento técnico do Direito.

— Não — retorqui —, não me refiro ao livro...

— Ah, bem, nesse caso não há problema algum! E lhe garanto que valerá a pena debruçar-se sobre o que aí está: trata-se de algumas idéias que eu tive para resolver o problema do emperramento da máquina pública na esfera judicial. Presumo que o senhor saiba, ou pelo menos tenha uma idéia de o quanto atrasa a Justiça o imenso número de processos em tramitação nas varas cíveis e penais...

— Mas a que vem tudo isso? O que tem a ver com o nosso caso específico?

— Já chegamos lá! Ouve só: o emperramento da Justiça se dá justamente pelo grande número de processos que acabam... onde? O senhor saberia me dizer onde? Hein? Saberia?

— Está visto que não, ora essa! Não sou advogado! Vim aqui para...

— Sim, meu caro, sei disso, mas antes de tudo vou lhe dizer onde acabam: na lata do lixo! Espanta-se? Pois é isso mesmo: acabam na lata do lixo! Pois não será atirar para a lata do lixo um processo que prescreve porque não houve tempo hábil de ser concluído conforme ditame legal? Prescreve e é atirado em alguma prateleira repleta com outros milhares de processos em iguais condições, milhares!, que digo!, dezenas de milhares!, e não estou exagerando! Então diga-me: não é isso o mesmo que atirar-se um processo na lata do lixo? Outra coisa não será, e como homem de bom senso que o senhor certamente é não poderá senão concordar comigo. Estou certo?

— Dr. Pestana — recomecei, pretendendo encaminhar nossa conversa para o assunto que me levava ali —, por quanto o senhor está me vendendo o seu livro? Que pretendo ler, sim, já lhe adianto, e com atenção! Diga-me quanto custa para, em seguida, tratarmos do assunto que nos interessa.

— Oh, mas não! Este exemplar que tem em mãos é um dos últimos, dou-lho graciosamente, com a condição de não deixar de ler da primeira à última página, leitura que tenho certeza haverá de agradar-lhe além de ser-lhe proveitosa, mesmo não sendo do ramo, pois presumo que o senhor não milita na esfera do Direito...

— Sou contabilista — respondi secamente.

— Pois ainda assim, o livro lhe agradecerá, eu lho afianço. Verá que minha proposta é a solução para acabar com o atravancamento que obstrui a ação da Justiça no país.

— Está bem, Dr. Pestana — disse —, lerei o seu livro. Mas agora gostaria de entrar direto no assunto...

— O assunto? — e fez uma cara de incompreensão, que logo em seguida se iluminou: — Ah, sim, que cabeça a minha! Perdoe-me, senhor Calvin... Calvin, não é mesmo? Mas não é por certo o Calvin Klein, não é mesmo? Pois se fosse, eu diria que veio aqui para vender-me calças! — e soltou uma risada. Ali estava um pícaro, não era possível que assim fosse, mas era: um pícaro! — Essa foi boa, não? Há-há!... Desculpe, meu caro, mas sou um seguidor da máxima “Perca o amigo mas não perca a piada”, ainda que eu não faça piadas de mau-gosto ou ofensivas, não!, e tenho certeza absoluta de que no presente caso não perderei o amigo! Ora, eu gosto de rir um pouco e de fazer rir, mas minhas anedotas são todas dignas de serem contadas no seio da família mais tradicional, e na presença de senhoras! Embora, o senhor entende, entre homens, de forma reservada, não é?, sempre cai bem um dito mais, por assim dizer, picante. Não concorda? Sim, um gracejo apimentado, porém somente de forma muito reservada, e sem exageros, com moderação, está visto, para não cair na vulgaridade. Mas o senhor parece-me que mencionou o nosso assunto...

Respirei com alívio...

— Sim, chegaremos lá! Mas antes...

...cedo demais:

— ...mais uma talagada do meu King George? Hein? Esse é dos bons, admita! — e serviu-me uma outra dose. — Também o preço da garrafa! Nem lhe conto, não, não seria elegante de minha parte, mas esteja certo de que não é qualquer uisquezinho de supermercado... longe disso!... Saiba que em matéria de uísque sou exigente. Não diria que sou um conhecedor, entenda bem, não é absolutamente isso que quero dizer, seria imodéstia minha. Conhecedor não, porém apreciador sim, mas todo apreciador que se preze busca conhecer, não é mesmo? Pois eu procurei estudar um pouco o assunto, que não é tema difícil, é até relativamente simples, mas exige uma certa aplicação, pois tudo na vida, não concorda?... O senhor, por exemplo, que acaba de dizer-me ser contabilista: decerto aplicou-se muito para adquirir um conhecimento que lhe permitisse desempenhar bem suas funções. Acertei? Mas está visto que acertei, pois todo bom profissional aplica-se! É o que sempre digo aos meus alunos na faculdade: aplicar-se é tudo na vida, ou você se aplica, ou não aprende bulhufas. O que querem vocês?, pergunto-lhes, querem ser profissionais passáveis, aqueles que não se destacam por pura incompetência? Não? Então é aplicar-se! A-pli-caaaar-se! Pois se até as injeções se aplicam! — e aqui abriu muito a boca e estatelou os olhos num espasmo de riso do próprio achado.

Eu movi a cabeça, aturdido, ao mesmo tempo esfregando o rosto com as mãos:

— O senhor tem razão, Dr. Pestana — disse —, quanto a aplicar-se, mas... vamos ao nosso caso. Eu tenho uma ação de despejo contra clientes seus. É sobre isso que desejo tratar agora...

— Ah, sim! — exclamou o advogado. — Sem dúvida, esse é o ponto! E não é um ponto de bordado, nem de crochê, nem de ônibus! — riu-se outra vez, e inclinando-se na minha direção: — E muito menos de macumba, hã? — e desta vez gargalhou a bom gargalhar. — De macumba nem pensar! — e dava tapinhas na superfície da mesa enquanto ria. Secou os olhos e explicou-se: — Meu caro, não estranhe, é que eu tenho para mim, ainda que não seja médico e nada entenda dessa ciência, eu tenho para mim que o riso é o melhor de todos os remédios, por isso a chalaça. Chalaça! Não confunda com cachaça! hê-hê-hê... A cachaça até pode ter algo de positivo, mas não faz bem, principalmente ao fígado. Já chalacear... chalacear faz bem, sim senhor! Mas agora o nosso assunto, sim, sim! É preciso enfrentá-lo, sem dúvida! Mas... uma ninharia, quer saber?, uma ninharia. Já já tratamos disso, já já resolvemos tudo, o senhor verá. Uma ninharia, é o que é... já já... Antes, deixe-me referir-lhe uma coisa que o senhor decerto não sabe, pois se não militou na área do Direito, é provável que tampouco tenha atuado na do Magistério, estou certo?

Encarei-o atarantado, meio tonto e sem saber o que dizer. Pestana prosseguiu feito um rádio ligado n'A Voz do Brasil:

— Pois o senhor dirá consigo mesmo: esse Pestana é advogado e ao mesmo tempo professor! E ainda escreveu um livro, uns "Prolegômenos", como eu o chamo, o meu livrinho, pois dá uns ares de coisa grande... e se não é tão grande assim, não será também tão pequeno, pois como lhe disse fez barulho, foi elogiado, ora se foi! Mas voltando ao ponto: como é que ele dá conta de tanta atividade? Pois saiba, meu amigo... posso tratá-lo de amigo, pois não?, pois se seremos adversários na área jurídica, uma ninharia, ora essa, não vale a pena esquentar a cabeça, mas sempre seremos adversários, o que, todavia, não impede que sejamos amigos, pois tenho como filosofia de vida, ou pelo menos como um dos artigos de minha filosofia de vida, que tudo está bem se está no seu devido lugar! Ouça que frase! Que sonoridade, chega a retumbar: "Tudo está bem se está no seu devido lugar!" Hein? De truz, não? Sim, vejo que concorda comigo! De truz! Mas saiba: eu dou conta! — e aqui fez uma pausa, franziu o cenho ao mesmo tempo que sorria com os lábios fechados, olhando-me com firmeza: — Dou conta! E não é o que conta? Há-há-há! Mas, enfim... é uma loucura: as gavetas do arquivo atulhadas de casos, clientes saindo pelo ladrão, e até algum cliente ladrão, pois ladrões é o que não falta neste país — semicerrou os olhos trincando os dentes para não explodir em nova risada. Prosseguiu —, e ainda arranjo tempo para dar aulas numa faculdade, e na mesma onde obtive meu pós doutorado: Universidade Federal do Rio de Janeiro! Essa é clássica, bem sabe, UFRJ! E lá vou eu alguns dias por semana ministrar um curso de Direito Penal e Direito Processual Penal! E...

não diga nada! — neste ponto estendeu a mão aberta na minha direção: — Não diga nada, pois já sei o que lhe passou pela cabeça: “Ele atua no cível mas dá aula de penal! Tem alguma coisa estranha nessa história! Esse cara é cheio de lorotas!” Mas... não senhor! Não são lorotas nem bolotas, e já lhe explico: é que é necessário, no Direito, conhecer tudo, ou pelo menos tudo que for possível conhecer! Assim, atuando na vara cível eu me mantenho atualizado nessa área, e dando aulas de penal e processo penal atualizo-me sempre na área criminal, e aí está o segredo: aprende-se! Saiba, meu caro amigo: no Direito, assim como na Medicina, é preciso isso: aprender sempre, pois nunca se aprende tudo!

Fez uma pausa para bebericar do King George, e eu aproveitei:

— Concorde com o senhor, Dr. Pestana, um advogado deve de fato estar informado em todas as áreas do Direito, mas vamos agora tratar do nosso caso, que eu tenho um tanto de pressa.

— Não! Sem dúvida! Imagino que o senhor deva ser um homem ocupado, e já tratamos do caso — então levantou-se, e quando pensei que abriu uma das gavetas de seu arquivo para apanhar os papéis referentes à ação de despejo, eis que volta para a mesa com papéis, sim, mas... Deus meu!, que papéis! Que malditos papéis!

— Antes, meu caro amigo e adversário... deixe-me tratá-lo assim, pois embora pareça haver aí um contra-senso não há nenhum, o senhor percebe... antes, pois ainda haverá tempo — e olhou o relógio de pulso —, sim ainda temos um pouco de tempo... Antes, meu amigo, deixe-me confessar-lhe um segredo... que trago a sete chaves, entenda bem, por um único motivo: constrangimento! Ora, mas por quê? dirá o senhor quando souber, e, sim, concordo, por quê? Que mal há nisso? Mas... sou um homem já de cinqüenta anos, para ser mais exato, completo cinqüenta e um em menos de dois meses, e embora me sinta com vinte a menos é certo que já venci a metade de um século; sou, portanto, um homem de cinqüenta anos, um advogado de renome... e tudo isso — indicou os papéis — pode parecer coisa de adolescente, ou se não pelo menos de algum doidivanas sonhador... Mas o que será que ele tem ali?, quase ouço seu pensamento, caro amigo, quase toco sua curiosidade com os dedos, porque agora aticei-lhe a curiosidade, não tenho dúvidas quanto a isso, mas esteja descansado que já lhe revele meus pecadilhos... pois serão pecadilhos isso de fazer versos... e aí está, quase sem perceber digo tudo numa única frase: aprecio fazer versos, é uma fraqueza, bem sei, talvez não tenha pretensões, mas... Verdade é que muitos homens sérios fazem versos, pintam quadros, etc., embora para quadros eu seja bastante... quadrado, por assim dizer. Não tenho nenhuma intimidade com pincéis e tintas, porém com os versos, ah... tenho veia, saiba o amigo, tenho veia! E isso vem da adolescência, esteja certo! Espanta-se? Ainda há pouco eu dizia que parece coisa de adolescente, pois então! Vem da adolescência essas minhas, por assim dizer, veleidades.

Sim, serão veleidades, além do que, todo adolescente, ou quase todo, não é mesmo?, pelo menos alguns... pois seja, alguns adolescentes costumam rabis-car qualquer coisa, seja um conto, sejam uns poeminhas que nunca darão a conhecer e na maioria dos casos vão parar no cesto de lixo... sim, alguns ado-lescentes, e assim eu também... só que os meus eu preservei. Não!, disse co-migo mesmo, nada de jogá-los fora! Vou guardá-los, decidi, e os guardei! Se-gui vida afora compondo outros; com o tempo, com o aprendizado, com o domínio da escrita, então, sim!, então me descartei dos piores e preservei os melhores. Foi o que fiz, e fiz bem, não concorda comigo?... Vejo que concor-da! Enfim, o que desejo neste momento é partilhar com o amigo alguns desses meus pecadinhos, ou seja, dos meus versos, daqueles que preservei e que com certeza terão alguma qualidade, pois não tenho dúvida de que têm, sim, algu-ma qualidade, o amigo verá. Verá e julgará, ainda que não seja juiz, mas conta-bilista — e piscou-me um olho pelo novo gracejo.

Eu já não me atrevia a interrompê-lo, resignara-me a passar por tal pro-vação e provar do meu próprio veneno, quando ele vigiou o relógio:

— Mas teremos tempo? — disse, franzindo o cenho, e então acalentei uma vaga esperança de que a coisa estivesse por terminar —, oh, sim — e compreendi que me havia enganado —, temos tempo, meu caro, temos tempo, a tarde é uma criança, e pra que pressa, não é mesmo? A vida já é tão corrida! Vez por outra uma pausa só poderá fazer bem, portanto viva a pausa! Vivamos portanto a pausa, e sublinhada por nada menos que poesia, pois o senhor far-me-á essa gentileza, pois não?, a de ouvir alguns dos meus poemas! Não será preciso elogiar, claro que não! Pode ser franco na sua opinião. Se não lhe agradarem, diga-o sem rebuços, que não me sentirei melindrado. Franqueza acima de tudo, sinceridade! Está bem? Combinado? Vou ler para o amigo primeiro... este aqui... intitulado “Teus Seios Reluzem à Luz da Aurora”... — interrompeu-se e encarou-me com uma piscadela: — Não se avexe, somos homens e gostamos do belo sexo, portanto por que não incursionar um pouco não pelo obsceno, que isso é reles, o obsceno é reles, mas pelo... sensual!... Sim, a sensualidade é divina, e este poemeto é um exemplo. Ouça lá!...

Porém aqui fez uma pausa tremenda, fitando o papel em suas mãos com uma ruga vertical na testa como se estivesse concentrado na solução de um problema difícilimo. Lançou-me de esguelha uma olhadela:

— Convém, no entanto, dizer... mas, não sei se devo dizer... Pois, meu caro contabilista — (sabe-se lá por que o homem chamou-me assim nesse momento!) —, há coisas que não se devem dizer... Ou digo? Pois há coisas que têm de ser ditas e agora me vejo embaraçado, pois o que gostaria de dizer-lhe está entre aquelas coisas que não devem ser ditas, por uma questão de pes-soalidade, entende?, mas encontra-se também entre aquelas que têm de ser ditas, mormente quando vou me expor ao amigo, com expor-me querendo dizer revelar-lhe os refolhos do meu íntimo, pois o que é mostrar alguém um

poema que escreveu senão revelar ao outro sua intimidade? Pois bem! Decido-me por falar! Este poema, que estou prestes a ler para que o amigo aprecie, foi feito em homenagem a uma moça... como direi?... uma moça que me cativou em outra época... Um afeto que depois não resultou em nada, pois cada qual seguiu para seu lado, que porém naquele momento notabilizou-se pela intensidade que havia de ambas as partes... Sim, tal moça foi para mim uma verdadeira fonte de inspiração naquela época, de forma que para ela escrevi nada menos que trinta e sete poemas, sabe o amigo lá o que seja compor trinta e sete poemas para uma mulher? Pois bem, eu o fiz! Digo-o até com certo orgulho, eu o fiz!! E até um sobre o umbiguinho dela, acredita? Pois a menina tinha um umbiguinho formoso, muito bem delineado, uma covinha que... Mas não! São intimidades, serão versos mais pessoais que decerto não convém partilhar, haja vista que sempre se deve preservar a privacidade do outro. Deixemos pois, sossegado o umbiguinho da menina... Mas já percebo uma objeção perspicaz de sua parte, objeção correta e que não poderia deixar de ser feita por pessoa inteligente: se me proponho a ler-lhe um poema sobre os seios, por que não sobre o umbigo? Afinal não serão os seios também íntimos? Serão, sem dúvida, porém os seios são, por assim dizer, mais... universais, compreende? Sobre os seios proliferam versos!! O umbigo, ao contrário, sugere maior intimidade, algo muito mais próximo, mais pessoal e particular. Creio que me fiz entender, não?... Pois! Durou um ano o namoro, começou como deveria começar: fogo no matagal em tempo de seca, e da mesma maneira que o fogo se apaga quando não há mais combustível, nosso caso apagou-se quando o encantamento de ambas as partes se diluiu... Foi quando compreendemos que o que tinha de acontecer já havia acontecido e era hora de cada qual seguir seu rumo independentemente do outro. E foi o melhor que fizemos: optar pela amizade em vez de insistir no marasmo de uma paixão fenecida! Ora veja o senhor: estou sendo poético até no falar do caso, hein? Permita-me — tomou de uma caneta e rabiscou qualquer coisa no papel: — Para não esquecer, pois a frase pareceu-me boa: “O melhor é escolher a amizade em vez de insistir no marasmo de uma paixão fenecida”! Sim, boa! Daqui certamente sairá alguma coisa, hein? Que me diz? Essa é de efeito! Caramba! E devo agradecer ao amigo, pois se não estivesse aqui, se não estivéssemos entretendo uma prosa tão agradável... Se eu não lhe estivesse falando dessa paixão que... Mas... Não! Está dito! O que tinha de ser dito já o foi, que não vale a pena entrar nos detalhes, afinal todo envolvimento amoroso tem suas similitudes e se eu me ponho aqui a contar enfadá-lo-ei com uma história nada mais que repetitiva, não é verdade? Sei que me compreende. Pois dito o que acabo de dizer, ouça o poema...

Leitor, não vou maçar-lo mais com os detalhes daquela entrevista como maçou-me o maldito advogado por quase uma hora com seus poemas, e quase outra hora com seus contos — fez questão de ler pelo menos dois, dos quais

não me lembro uma única vírgula —, e depois incursionou longa e inesgotavelmente por diversos outros assuntos dos quais é melhor não lembrar mesmo nem vírgula nem ponto, a não ser o final.

Eu já havia desistido. Sentia-me chumbado, inerte, sem qualquer possibilidade de reação. Fazia já quase três horas que estávamos naquilo quando ele, parando de falar por um momento, recostou-se na cadeira, bebericou de seu King George com os olhos como que perdidos no nirvana de suas reflexões e de súbito deu um salto:

— Mas, ora, que cabeça a minha! — bateu o copo na mesa quase a ponto de estilhaçá-lo. — Ficamos de prosa, não nego que de todo saborosa e aproveitável para ambos, e deixamos de lado o que interessa. Vejamos: o senhor pretende despejar quarenta famílias de suas casas para, como parece ser sua intenção, limpar o terreno e vendê-lo. Fui contratado por essas pessoas, que exigem uma pequena indenização para deixarem seus imóveis — abriu a gaveta, tirou uns papéis que me entregou, dizendo: — O senhor estude a viabilidade de atender meus clientes. Lembre-se... e como sei estar tratando com uma pessoa de bom senso é quase escusado pedir que se lembre: são pessoas humildes, que não têm para onde ir se obrigadas a sair assim, ao deus-dará, como se diz, do pé para a mão e de mãos abanando — e levantando-se da cadeira feito uma erupção vulcânica: — Certo? Leve para casa, estude o que aí está, e depois me retorne. Não é preciso voltar aqui, se não quiser, não quero atrapalhá-lo, embora o nosso reizinho continue aí na garrafa à espera do amigo e eu tenha mais versos para entretê-lo, e até algum contoquinho erótico, pois cá entre nós, o obsceno não, o obsceno é reles, mas o sensual... não é mesmo? O sensual, ah!... Porém, caso não tenha tempo devido às suas ocupações, telefone-me, ou envie seu parecer pelos correios. E agora, se me dá licença... — estendeu-me a mão, dispensando-me sem mais.

Eu estava tonto ao sair do escritório, embora não a ponto de ter os sentidos embotados: descia para o térreo mal contendo meu furor quando, já nos últimos degraus, eis que de um encontrão com uma velha que subia carregando um pacote de laranjas apertado contra o peito não apenas quase a atiro escada abaixo — a velha rodopiou sobre os sapatos e teve tempo apenas de segurar-se no corrimão com uma das patas e com a outra apertar os óculos contra a cara, soltando o pacote e derramando as laranjas —, como também eu mesmo por pouco não me desequilibro e despenco.

Com dois pulos alcancei o térreo e voltei-me para a velha que, ainda amparando-se no corrimão, olhava aturdida em minha direção tentando compreender o que acontecera. Nossos olhares se cruzaram, e enquanto nos encarávamos o furor me dominou e não pude mais me controlar: sem deixar de encará-la, pisei uma das laranjas mais próximas do meu pé, esmagando-a como se pisasse e esmagasse a própria cabeça da infeliz; então percebi a um passo de distância outra laranja; avancei e dei-lhe um chute tremendo que a atirou porta afora para o

outro lado da rua; voltei-me novamente e encarei uma vez ainda a velha, que seguramente nada compreendia dos meus gestos — pobre coitada, que nem de longe podia imaginar que ali estava o autor da teoria da indecência em plena atividade —, e pisando fortemente com os tacões saí para a rua!

Seguiu-se uma contenda entre os meus interesses e os da clientela capenga do Dr. Pestana, mas tampouco pretendo cansar o leitor com as minúcias do que foi tal maratona judicial. Está visto que mal passei os olhos nos papéis que ele me deu para ler: entreguei-os ao meu advogado e esqueci o caso. Obtive decisão favorável cerca de um ano e meio depois (passa-se por alto que me fiz amigo do juiz e contribuí generosamente para suas férias com a família na Cote d'Azur; mais pormenores sobre a teoria da indecência para quê, se o leitor já a compreendeu bem?), botei aquele povinho reles pra correr, demoli as casas e, em vez de vender para uma construtora como pensara inicialmente, resolvi eu mesmo construir — e construí, um *shopping*, pois que melhor investimento do que um *shopping* enorme, ultra-moderno, repleto de variedades?

O dinheiro do tio Joaquim se multiplicava feito diarreia no subúrbio.



Cheguei aos cinqüenta.

Meio século — e confesso que desejo estar mesmo apenas na metade da vida! Que venham outros cinqüenta!

Falo agora dos dias atuais, e não há mais com que prender a atenção do leitor — se é que eu tive esse mérito até aqui; se não tive, e o leitor permaneceu com estas páginas em mãos apenas por não ter nada melhor para fazer (ler bula de remédio não será uma opção viável, e o catecismo tampouco), não custa nada, complacente amigo, que fique em minha companhia até o fim destas linhas.

Num breve balanço do que vivi ao longo desse meio século de existência, desde minha infância miserável, passando por meu começo de juventude nada promissor até o enriquecimento através de uma inesperada herança que me legara um tio a quem não cheguei a conhecer, vejo que não construí nada de relevante, e talvez minha única contribuição tenha sido para o pensamento, a filosofia, através da teoria da indecência, por tratar da própria natureza humana, de modo que tal teoria poderia com muita propriedade ser chamada teoria do caráter, ou teoria da humanidade, ou qualquer coisa similar.

O Araújo continua gerenciando a loja do centro, que agora ocupa quatro andares em que se distribuem os mais diversos produtos entre tecidos, roupas e eletrodomésticos. O mulato permanece sub-gerente e não limpou o beijo daquela sujeira — não chega a ser mau sujeito, tem até sido agraciado com uns aumentos de salário, mas o Araújo não lhe tira o olho de cima.

Angelita administra o hotel-fazenda, e nesses treze anos não a levei para a cama nem uma vez. Além do mais, casou-se e nossos contatos, embora frequentes, ocorrem mais por telefone. Quando vou a Poços de Caldas faço o papel de avô e trago ao colo seus pirralhos, dois, já agora não tão pirralhos, pois o mais velho está para completar nove anos.

Paulete amou com tal intensidade a noite e o escândalo que pela noite e o escândalo morreu, aos trinta e dois anos: na madrugada de sua morte encontrava-se na Dutra — fazia a vida por lá também, pra variar, em postos de gasolina — e, numa briga entre putas, veados e caminhoneiros, recebeu uma tão veemente facada na barriga que mais parecia ter sido estripado com uma katan: vísceras à mostra, nem teve tempo de chegar ao hospital e enlutou a família, pois apesar dos pesares todos gostavam dele.

Do Otto tenho notícias com alguma frequência, calha nos encontrarmos para um bate-papo descontraído durante o qual relembramos outros tempos — certa feita cheguei a mencionar o episódio da navalhada, do qual ele riu a bom rir, alegando já nem lembrar-se mais de como eu o havia livrado da encenca —, mas como cada qual tem sua vida e suas ocupações — as dele muito mais do que as minhas, já que agora administra a fortuna do sogro —, esses encontros ocorrem somente de quando em quando.

No entanto aconteceu-me outro dia uma boa: perambulava eu ali pelo posto 6, três da tarde, sol de quarenta graus, praia cheia de banhistas, então resolvi refrescar-me — não no mar, mas num quiosque. Ocupei uma mesinha que acabara de ficar livre, pedi uma cerveja e contemplando a paisagem marinha e as bundas que transitavam para todas as direções pus-me a bebericar.

Em dado momento notei um vulto que se detinha de chofre a dois passos, mas, entretido com o dia, não desviei o olhar na direção do vulto que, não obstante aproximou-se mais e, parando bem à minha frente, exclamou:

— Calvin!

Finalmente levantei os olhos: diante de mim estava uma encantadora moreninha com cerca de vinte anos, pouco mais, cabelos castanhos à altura dos ombros, o corpo espigado exuberante em seu biquíni branco, nas mãos uma bolsa grande de palha.

As feições pareceram-me vagamente familiares, mas não consegui reconhecê-la; cenho vincado, fixei-a por algum tempo procurando reencontrar aquele rosto em algum momento do passado, mas em vão.

— Calvin, não? — ela repetiu, já na dúvida se havia reconhecido a pessoa certa.

— Sim, mas...

— Láísa. Não se lembra de mim.

Estremeci.

— Não se lembra — ela continuou — daquela menininha com o tornozelo machucado que você encontrou na rua numa noite de chuva e *blackout*...?

Pus-me de pé imediatamente:

— Láisa! — e tomei-lhe as mãos. — Láisa! Mas, sente-se aqui comigo um pouco...!

Já se fizera noite e estávamos à beira d'água na praia quase vazia.

As horas haviam transcorrido sem que nos déssemos conta.

Tudo que conversamos, tudo que ela me contou de sua vida!... Não, amigo leitor, tomaria muito tempo falar disso e devo admitir que já me sinto bastante cansado destas notas, portanto calemos tudo, ou quase tudo, que foi dito nesse reencontro.

— Você desapareceu de nossa casa — ela cobrou sem muita tardança.

O que eu poderia responder? Senti um tanto de vergonha, outro tanto de amargura. Eu me lembrava com clareza do que havia feito e não era coisa que me envaidescesse (estaria fraquejando em minha baixeza?, abjurando minha teoria da indecência).

— Tive motivos — disse apenas —, espero que possa me perdoar.

— Perdoá-lo? — Láisa exclamou. — Não devia! Acharmos que tivesse morrido, mamãe chegou a chorar — e piscou-me um olho: — Mas vou pensar nessa coisa de perdão.

Contou-me que a mãe havia se casado — menos de um ano depois — com um pequeno comerciante de Madureira e haviam se mudado para lá.

— Nossa vida mudou, agora tínhamos segurança, podíamos freqüentar a escola, e mamãe já não precisava matar-se na máquina de costura, embora continuasse costurando para fora. E continua, até hoje...

— Então tudo terminou bem — eu disse.

— Menos por uma coisa...

— Que coisa?

— Eu sentia sua falta. Nós todos sentíamos.

Encaramo-nos. Sorri:

— Se eu dissesse que não senti a sua estaria mentindo.

— Então por quê...?

Movi a cabeça, baixei os olhos. Talvez o leitor não me creia, mas não estou aqui para mentir: a lembrança fazia-me corar.

— Um dia, Láisa, talvez você entenda. Só não posso negar que estou muito feliz por encontrá-la novamente.

— Mas espero que para não sumir outra vez! — ela disse com gravidade.

E seria possível?

Antes de nos despedirmos naquele começo de noite, Láisa exigiu que a levasse ao cinema, “depois de amanhã, que é sábado e eu não trabalho” disse, “o que acha?”.

É isso, amigo leitor: depois de amanhã é sábado, e Láisa estará à minha espera...

Uma história banal

Ana, como de hábito, entrou no quarto da filha e foi sentar-se na cama ao lado dela para conversarem um pouco: fazia isso todas as noites, nem que fosse por dois ou três minutos.

Nessa noite, porém, havia um motivo especial, e ela demorou-se mais, muito mais que de costume: na véspera, juntamente com outras moças, Cecília ingressara oficialmente na vida social da cidade através do baile de debutantes, que acontecera no salão nobre do Recreio Esporte Clube, e seria sem sombra de dúvida a mais bela debutante da noite, conquanto cada uma das outras também o fossem, já que estavam sendo julgadas por suas imparciais mães.

Ana, porém, não cogitava nesse momento na grave questão da incomparável beleza de Cecília, e sim noutra ainda mais grave, a saber, que sua menina já não era uma menina, mas uma quase mulher, e convinha que hoje tivessem uma conversa mais demorada, menos de mãe para filha e mais de amiga mais velha para amiga mais nova.

Verdade é que Ana não achou, a princípio, muito o que dizer, pois quem estava ali sob as cobertas e recostada numa pirâmide de travesseiros, com os cabelos soltos, umas sardas no nariz moreno e uns olhos brincalhões, o dedinho gordo marcando a página de um livro, era bem sua garotinha — sim, um pouco mais crescida, pois afinal completara quinze anos há menos de uma semana; sim, com uns seios pequenos mas muito notáveis sob a blusinha de malha; sim... Mas afinal Ana era mãe, e para as mães as filhas continuam garotinhas por muito tempo, razão pela qual conseguiu apenas perguntar a Cecília se ela se divertira bastante na véspera, se destroçara algum coração, se estava interessada por alguém...

Depois suspirou. Olhou para o teto. Entrelaçou os dedos. Fungou.

Escarafunchou os miolos a fim de encontrar um assunto. Falar das “coisas da vida?” perguntou-se, e por um momento sentiu-se ridícula: ora, sua garotinha, aos quinze anos, já conheceria bem as “coisas da vida”, e o sentimento do ridículo deu lugar a um sentimento de aperto no coração: de súbito percebeu o quanto era difícil pensar que Cecília, tão novinha, tão criança, já tivesse... “Oh!...”

— Vou lhe contar uma história — disse-lhe Ana por fim, mais para encerrar uma reflexão incômoda do que propriamente para iniciar um diálogo, reconhecendo consigo mesma que “este é o mundo em que vivemos” e que “a inocência não dura para sempre”: voltara-lhe o sentimento de ridículo diante

do que poderia pensar dela a garota se tocasse em tal assunto, e como a palavra inocência lhe pareceu antiquada então!

— Oba, mamãe, que boa idéia! — exclamou Cecília dobrando a página do livro e largando-o na mesinha de cabeceira. — Como nos tempos de criança... Mas que seja bem bonita!

— Vejamos — e fez uma pausa, como se buscasse em suas lembranças uma história há muito entreouvida, quem sabe na infância, que ainda não tivesse desfiado para Cecília em outras ocasiões. — Foi num reino distante...

— Mas mamãe — atalhou Cecília —, não será uma história muito infantil, não é? História de princesas enfeitiçadas e sapos que de repente viram príncipes...

— Oh, não, não é nada desse gênero — garantiu a mãe, contrafeita, pois bem sabia que se contasse uma história da carochinha teria pelo menos a impressão de que à sua frente encontrava-se a menininha de outros tempos e não a quase adulta de agora, “como é difícil ver os filhos crescerem, meu Deus!”, e continuou: — Embora seja certo que vamos aí encontrar não bem uma princesa, mas uma condessa, e talvez algum príncipe dê as caras também, mas não na forma de um sapo.

— Então conta, estou curiosa.

— Bem, como eu dizia, a história se passa num reino distante... mas não me pergunte o nome do reino, pense apenas que ele fica muito longe. Tudo começa num baile em casa de um velho príncipe...

— Um baile de debutantes? — Cecília pergunta, a propósito da lembrança da noite anterior no Recreio Esporte Clube.

— Não, não era um baile de debutantes, ou quem sabe talvez fosse, pois como poderei saber se não havia ali alguma mocinha de quinze anos? O caso é que os bailes em casa do velho príncipe haviam se tornado famosos, e ali comparecia quase que somente os membros do primeiro escalão. Vez por outra, é certo, aparecia também uma gente inferior levada, por questões de amizade, por algum dos convidados. A esses tais o velho príncipe acolhia de maneira cortês, para não parecer pouco hospitaleiro (via na hospitalidade uma questão de princípios) e não desagradar ao seu convidado, mas também pouco calorosa, para não conceder certas liberdades, dando a entender que ele, o visitante menos ilustre, ou melhor, o penetra, poderia estar à vontade, mas que não se acostumasse pois aquele não era seu lugar.

— Puxa vida, esse velho príncipe não devia ser moleza. Vai ver que no fim da história transforma-se num sapo.

— Nada disso. Não diga bobagens, Cecília, deixe-me continuar.

Cecília ajeitou-se, estirou as pernas sob as cobertas, mexeu os dedos dos pés, prestou atenção.

— Naquela noite reunira-se na casa do velho príncipe as pessoas mais importantes do reino, não podendo portanto faltar o Sr. Conde de N... com

sua esposa, a Sr^a Condessa e a filha, a condessinha... bem, que nome daremos à condessinha?... Flávia lhe parece um bom nome, Cecília?

— Sim, mamãe.

— Então seja: o Sr. Conde de N... com a Sr^a Condessa sua esposa e a condessinha Flávia, sua filha.

— Qual a idade da condessinha Flávia, mamãe?

— A condessinha Flávia tinha vinte anos, e sua beleza era famosa no reino. Passava por uma das mais belas jovens da nobreza, e seria decerto a mais bela da noite, conquanto as demais jovens que ali haviam comparecido passavam também, cada qual, pela mais bela, já que eram vistas e julgadas, cada uma delas, por sua mamãe coruja. Mas isso pouco importa, pois a condessinha era de fato uma beleza e assim que entrou no salão diversos olhares se voltaram para ela...

— Os rapazes, decerto, que deviam estar de olho nela.

— É que em tais festas, e mormente nas festas em casa do velho príncipe, os pais levavam seus filhos na esperança de alcançarem para eles um bom casamento. Era costume as moças se casarem bem mais cedo que hoje em dia, e mesmo os rapazes de boa família não ficavam solteiros até os trinta anos. Muito antes disso já haviam constituído família e se encaminhado na vida.

— Não vejo nada de mal nisso, mamãe. Mas é preciso um amor muito grande para justificar um casamento.

— Naqueles tempos o amor era um requisito apenas secundário...

— Secundário, mamãe? Como pode?

— Ora, Cecília! Então você não estudou História do Brasil? Não viu ali quantos exemplos de casamentos feitos por interesses de Estado?

— É verdade, mas...

— E além dos interesses de Estado havia também os interesses de família: alguns casamentos se realizavam para unir duas famílias que tivessem interesses comuns, por exemplo. Se houvesse amor entre os noivos, tanto melhor, mas esta não era uma condição para que se casassem.

— Então deviam ser sempre infelizes, mamãe!

— Nem sempre, Cecília, nem sempre... embora às vezes sim... Mas deixemos essas questões de lado. Vamos simplificar a coisa: era o costume, e os jovens casadouros não discutiam.

— Mas e a condessinha? Os pais dela também a haviam levado ao baile do velho príncipe para arranjar-lhe um marido?

— Sim, pois era o que todos os pais com filhos na idade de casar faziam.

— E ela achou?

— Vamos com calma, que o mundo não foi feito num dia só...

— Mas é que eu agora fiquei curiosa...

— Então escuta. Naquela noite, além das mais bonitas moças da nobreza, também estavam presentes os mais vistosos rapazes, e não resta dúvida que a condessinha Flávia já teria algum de olho...

— Mas mamãe, você disse que o amor não contava, e sim os interesses de família.

— Ora, ora, Cecília, se você me interromper a cada palavra que eu digo, não termino de contar a história antes do alvorecer.

— Não se aborreça, mamãe, é que ora você diz uma coisa, ora diz outra...

— Não é verdade. Eu disse que havia os interesses de família, mas esses interesses não estariam necessariamente em desacordo com as inclinações dos noivos, entende? Digamos que uma moça gostasse de um rapaz. Se suas famílias se equivalessem em fortuna e em prestígio, o que poderia atrapalhar a união dos dois?

— Mas e se não se equivalessem?

— Bem, nesse caso dever-se-ia contar com o bom-senso dos namorados, que sendo nobres não fossem procurar seu par na cozinha ou no estábulo.

— Cruz credo, mamãe!

— Agora eu posso continuar?

— Mas eu não estou lhe impedindo de continuar, mamãe.

— Bem, em frente então. Onde é que eu estava mesmo?... Viu o que fez, Cecília, com suas interrupções? Já não me lembro onde estava!

— No baile do velho príncipe, mamãe, com a condessinha Flávia à procura de um noivo.

— Ah, sim... Os mais vistosos rapazes do reino haviam comparecido aquela noite na casa do velho príncipe, e temos tudo para crer que a condessinha já tivesse algum em vista, ou já de algum tempo, ou daquela mesma ocasião. Fato é que os casados agrupavam-se num salão, os solteiros reuniam-se em grupos em outro salão, as moças aqui, os rapazes acolá, e olhares de um lado e do outro, cada qual buscando a outra metade da laranja.

— Mas a condessinha...

— Sim, a condessinha... Mas deixe a condessinha junto com suas amigas por um momento. Deu-se naquela noite uma coisa que, como eu disse no começo, acontecia às vezes: algum convidado, por pena ou amizade, levava consigo uma presença menos ilustre, digamos alguém do segundo escalão, ou mesmo do terceiro, e então não foi diferente. Só que a presença menos ilustre daquela noite, sendo certo que havia outras mas que não seriam tão perceptíveis assim, não pertencia nem mesmo ao quinto escalão, senão que se tratava... sabe de quem?

— Como vou saber, mamãe, se você ainda não disse?

— Tratava-se de um jovem oficial do exército, na verdade um tenente... um desconhecido tenentezinho que até então servira numa guarnição longínqua e passava alguns dias de licença na Corte. Fora levado à festa por um conhecido seu, penalizado com sua situação, pois o pobre tenente não conhecia ninguém e se via completamente deslocado naquela cidade enorme sem saber

aonde ir para divertir-se; sem saber aonde ir e, acrescente-se, sem ter com que pagar por um bom divertimento, pois consta que não passava de um pobretão. E ali estava ele, bastante apagado em sua farda, sem falar com ninguém a não ser com um ou outro desconhecido que acaso lhe dirigisse uma pergunta qualquer, e a transitar dum lado para outro olhando com admiração os frisos dourados das portas, as mil lâmpadas dos lustres de cristal, os quadros e demais obras de arte, e pisando com cautela para não estatelar-se no chão.

— Mamãe, você não vai me dizer que a condessinha se interessou por esse pobre coitado.

— Talvez tenha sido ele a interessar-se por ela... — Ana diz, fazendo um proposital suspense.

— Mas o infeliz vai quebrar a cara, se for esse o caso.

— Parece que sim, mas não tem a menor graça se eu contar o fim da história antes do meio. Eu não sou como esses escritores modernos... aliás, eu nem sou escritora, minha filha.

— Eu sei, mamãe.

— Bem, então vamos ao caso: o coitado do tenente espiava aqui e ali, andava de lá pra cá, e como não fizesse parte daquele meio já devia estar arrependido de ter aceito o convite do amigo para o baile, quando a sorte pareceu ir ao seu encontro...

— Deixe-me adivinhar: a condessinha olhou para ele e sorriu!

— Errou. O que aconteceu foi que os jovens resolveram organizar uma quadrilha...

— Quadrilha?!

— ...e faltava um moço para completar um par...

— Mas uma quadrilha, mamãe?

— Sim, mas que não tem nada a ver com as quadrilhas de nossas festas juninas. Tratava-se de uma dança de salão, coisa fina, que se fazia aos pares.

— Ah...

— Como eu dizia, faltava completar um par, e então o tal amigo avistou o tenente retraído e apagado num canto a espiar pela janela. “Já temos o par” disse, e apontou para seu convidado, “o tenente fulano-de-tal, que veio comigo”, e foram convidá-lo para a quadrilha.

— E será que ele sabia dançar?

— Sabia, é preciso que soubesse para a história continuar, portanto ele sabia.

— Aposto como ele dançou justo com a condessinha...

— Não só com ela, pois na quadrilha os pares se revezam, mas é claro que em dado momento acabaram formando um par.

— E a condessinha finalmente olhou para ele, e notou como ele era bonito, apesar de parecer “apagado”, como você diz...

— Talvez sim, talvez não. Fato é que a condessinha Flávia olhou para o

tenente porque este era seu par, e não seria possível dançar com ele sem ao menos vê-lo. O tenente, por sua vez, encantou-se com aquela moça bonita, de modos elegantes, que dançava tão bem e que lhe pareceu tão educada. A quadrilha durou, os pares se revezaram, o tenente teve outra vez pela mão a condessinha, e mais tarde quando os jovens resolveram descansar, pôde ter com ela uma breve conversa na qual trocaram não mais que os cumprimentos de costume, cada qual dizendo quem era, onde morava, coisas assim. O tenente, devido a tais circunstâncias, conseguiu “enturmar-se” com aquele grupo de jovens ricos e elegantes, e notou como todos lhe pareceram, a uma primeira olhada, gentis, porém dando-se conta, durante as conversas, que por suas palavras alguns eram bastante medíocres, outros tolos, e todos, de um modo geral, desprovidos de “substância”...

— Desprovidos de substância? O que isso quer dizer, mamãe?

— Quer dizer, sem mais nem menos, que por serem todos ricos se julgavam superiores aos que estavam em um nível inferior na escala social, mas que por baixo de sua casca não tinham nada.

— Ah, eram todos uns “metidos”...

— Sim, mas isso não o incomodou, pois afinal eram todos jovens, e os jovens não pensam muito nessas coisas. Além do mais, as pessoas têm os mais diferentes caracteres. Sua maior preocupação foi encontrar um meio de voltar a entrevistar-se com a condessinha...

— Mas ninguém lhe havia prevenido de que a condessinha era uma das moças mais ilustres do reino e que, por isso mesmo, não iria dar-lhe trela?

— É claro que já lhe haviam dito o nome de família de Flávia, o que por si só era suficiente para dar-lhe uma idéia da distância que havia entre ambos, mas quem foi que disse que os apaixonados são razoáveis? O tenente, portanto, resolveu mostrar-se atirado no momento das despedidas, quando ao fim da festa cada qual se despedia para sair: aproximou-se dela e perguntou se o autorizava a visitá-la “qualquer dia desses”, ao que ela, olhando-o com mais atenção, disse que sim, não por estar interessada nele, mas por cortesia, concessão aliás da qual não tardou a esquecer-se, passando-se algumas semanas sem que voltassem a ver-se. Ocorre, contudo, que o amigo que o levava à casa do velho príncipe era também amigo da família da condessinha, e lá aparecia vez por outra para conversar com o Sr. Conde e a Sr^a Condessa, e numa dessas ocasiões levou consigo o tenente, que foi formalmente apresentado. Conversaram bastante o Sr. Conde, a Sr^a Condessa, o amigo do casal e o tenente, que apesar de sua posição insignificante foi acolhido com cordialidade. Quando, meia hora mais tarde, apareceu na sala a condessinha Flávia, a conversa prosseguiu, mas já sem a presença do Sr. Conde e da Sr^a Condessa, que se retiraram, cada qual alegando um compromisso e deixando que “os jovens prozeiem à vontade” (fica estabelecido então que o amigo da casa era também jovem, mas não um pretendente da moça).

— As coisas pareciam caminhar bem para o tenente, mamãe.

— Sim, tudo parece indicar que sim, mas aconteceram imprevistos. Vai escutando. Agora que fora introduzido na casa, o tenente, autorizado pela condessinha Flávia, passou a visitá-los uma vez por semana, raramente duas, e ali se demorava duas ou três horas em animado bate-papo, ora com o Sr. Conde, ora com a Sr^a Condessa, no mais das vezes com a filha do casal, porém quanto a esta sempre de forma respeitosa e nunca dando a demonstrar suas verdadeiras intenções, que já sabemos quais sejam: ele estava caidinho por ela, mas esperava ainda para ter certeza de que não seria recusado. Um dia porém, cerca de dois meses depois dessa primeira visita, quando já se encontrava próximo de voltar a seu regimento (chegava ao fim o período de sua licença), resolveu declarar-se à garota e pedir-lhe a mão...

— Oba, a história começa a esquentar! — Cecília exclamou, batendo palmas de contentamento, decerto imaginando-se no lugar da condessinha Flávia.

— O Sr. Conde ajustou o monóculo e a Sr^a Condessa manteve-se muito tesa na poltrona, ouvindo o rapaz. Na sala ao lado, também ouvindo tudo, a condessinha parecia bastante ansiosa...

— O que quer dizer que ela também estava caidinha por ele!

— É possível que sim, Cecília. Mas é possível também que seu interesse maior fosse casar-se.

— Mas ela certamente não se casaria com qualquer um, seria preciso gostar do noivo.

— Talvez fosse mais certo dizer que seria preciso não antipatizar com o noivo. O amor era uma coisa desejável, sempre foi, e a condessinha com certeza desejaria amar e ser amada. De ser amada não tinha dúvida nenhuma, agora, que escutava na sala ao lado. Quanto a amar... digamos que não estivesse tão “caidinha” pelo jovem tenente, mas ele era um moço até certo ponto atraente, conquanto não fosse belo, e a farda, mesmo a de um modesto oficial subalterno, tinha seu charme. A condessinha contava vinte anos, idade em que muitas de suas amiguinhas de infância já estavam casadas...

— Aos vinte?!

— Casava-se cedo naquela época, já lhe disse, era o costume, e por causa do costume a condessinha talvez já tivesse algum receio de ficar solteirona...

— Solteirona, mamãe?!

— Sim, filha, solteirona. Pois bem, com um pretendente a pedir-lhe a mão esse risco já não existia, por isso ela escutava com tanta atenção e interesse a conversa do rapaz com seus pais.

— E como foi que ele fez o pedido?

— Bem, o pedido foi feito como é feito todo pedido de casamento. O rapaz pede aos pais da jovem para lhes falar em particular, e nesse meio-tempo a condessinha Flávia foi esconder-se na sala ao lado. Atendido, o tenente fez o

pedido formalmente, encarecendo suas boas intenções e o grande amor que sentia. O Sr. Conde não via a princípio obstáculo algum ao enlace, de si para si mesmo admitia simpatizar bastante com o moço, mas antes de dar o consentimento, e trocando um olhar com a esposa, informou-se do pretendente se a interessada, isto é, sua filha, tinha conhecimento desse pedido e se ela se mostrava receptiva, ao que o rapaz, um pouco embaraçado e sentindo as orelhas em brasa, disse que sim, e explicou que na véspera tomara a liberdade de declarar-lhe seus sentimentos e suas mais sinceras intenções, e ela não lhe parecera contrariada, pelo contrário, teria acolhido tal declaração com um sorriso de contentamento. “Bem” disse o Sr. Conde, mais uma vez trocando um olhar com a esposa, “então falemos de negócios”...

— De negócios, mamãe?

— Ora, não se espante, Cecília. Naquela época os casamentos também eram uma espécie de negócio...

— Que horror!

— Mas era assim. Então o Sr. Conde disse ao rapaz que sua filha tinha um dote muito elevado, por ser filha única...

— Dote? O que é isso, mamãe?

— Ora, ora, Cecília! — e Ana fez uma cara de enfado e aborrecimento.

— Às vezes me espanta como vocês jovens são mal informados sobre certas coisas tão simples!

— Não se pode saber tudo, mamãe. O que é dote?

— A moças ricas e nobres, naquela época, ao se casarem, recebiam dos pais uma certa importância, fosse em dinheiro, fosse em bens, fosse em ambas as coisas...

— Presente de casamento?

— Não, necessidade.

— Necessidade?

— Sim, pois uma moça, ainda que nobre, sem dote, dificilmente encontraria casamento.

— Que horror, mamãe! Então o casamento era antes de interesse que de amor?

— Digamos, filha, que nas questões de negócio o amor não se metia.

— Então o jovem tenente só se casaria com a condessinha se esta tivesse um dote?

— Isso acontecia de um modo geral. Mas não se apresse, que você já vai entender.

— Estou ouvindo — disse Cecília com um suspiro, fazendo uma careta de desagrado.

— Quando o Sr. Conde falou no dote da condessinha Flávia, e principalmente quando referiu o montante do mesmo, uma quantia altíssima, além de um palacete luxuoso nos arredores da cidade, o tenentezinho levantou a

mão, num gesto solene: que aquilo era, para ele, uma simples formalidade e que não lhe interessava nem um pouco...

— Ora, vivas para o tenentezinho! — exclamou Cecília, animando-se de novo.

— ...porém, agora era sua vez de declarar como contribuiria ele para aquele casamento.

— Como ele contribuiria? — Cecília estranhou.

— Sim, pois o Sr. Conde lembrou-o de que não conhecia seu nome de família, “sua família decerto não é da Corte, pois não?” perguntou-lhe, “quanto deva ser uma casa de expressiva fortuna, estou certo disso” acrescentou, como a escusar-se de ter feito uma pergunta tão direta. Foi aí que a coisa se complicou...

— Como se complicou?

— O jovem tenente mencionou que sua família era de uma província bastante retirada, uma pequena província cujo nome raramente se mencionava de tão insignificante. E acrescentou que não, sua família não possuía fortuna: seu pai era apenas um granjeiro que com muita dificuldade o educara, pagando-lhe a duras penas o curso universitário, e dando-se por muito feliz quando viu que o filho conseguira ingressar no exército. Ao ouvir tal declaração, a Sr^a Condessa levantou-se num repelão, “mas então o senhor é um caça-dotes” exclamou indignada, ao que o moço respondeu que não, pois desejava casar-se com a condessinha por amor, e não aceitaria um centavo de seu dote...

— Gosto cada vez mais desse tenente! — disse Cecília.

— ...pois é, e acrescentou ainda que não admitiria que sua esposa lançasse mão de tal dinheiro, pois ele, apesar de pobre, ainda seria capaz de manter uma casa.

— Que lindo!

— Então o Sr. Conde, por sua vez levantando-se e soltando uma risada, perguntou-lhe como ele pretendia manter sua casa, “acaso o senhor não sabe que minha filha está habituada ao luxo e que a vida aqui na Corte é caríssima? Por acaso o senhor sabe quanto custa o mais simples e barato dos vestidos e adereços que ela usa? O seu soldo será suficiente?”, ao que o tenentezinho respondeu que casados, não viveriam na Corte, mas na província juntamente com sua família, pois ali poderia administrar a granja do pai. “Viveremos uma vida de simplicidade. O que nos importa é apenas o amor que sentimos um pelo outro” ele disse. Então a Sr^a Condessa exclamou, dando-lhe as costas, “amor! Ora, e nós aqui perdendo tempo com um tipinho desses!”, e se retirou cheia de dignidade enquanto o Sr. Conde ainda com ar de mofa apontava a porta convidando o moço a retirar-se de sua casa e a não tornar a pôr os pés ali. Muito surpreso, o tenentezinho permaneceu estatelado no meio do salão, pois o Sr. Conde acabara também de retirar-se, deixando-o só. A condessinha apareceu na porta, nesse instante, com lágrimas a brilharem em seus olhos, e o

rapaz correu para ela, estendendo-lhe as mãos, na esperança talvez de que ela estivesse decidida a enfrentar os pais, mas a garota recuou um passo sempre encarando-o com os olhos marejados. Então disse: “Como é que você teve coragem de me enganar desse jeito?!” e saiu correndo da sala, empinando o narizinho rebelde.

— Então ela não gostava nem um pouquinho dele?

— Parece que não.

— E a história acaba assim?

— Bem, acaba assim: na manhã seguinte o tenentezinho voltou para seu regimento e a condessinha mandou aviar logo um vestido novo para o baile da família imperial no sábado seguinte, pois o imperador faria a apresentação formal de seu filho, o príncipe herdeiro, que chegara naqueles dias do estrangeiro, aonde fora enviado ainda criança para estudar. O Sr. Conde não poupou gastos para que sua jovem herdeira fizesse a melhor figura, e a Sr^a Condessa, com seu bom-gosto e refinamento, tratou de escolher o mais caro par de brilhantes que havia na joalheria do reino para as orelhas da menina, pois queria estar certa de que o príncipe herdeiro não a deixaria de notar, “e ainda que seja vesgo e lhe falte um dente na frente” dizia, “não deixa de ser o melhor de todos os partidos”. E assim, quando entrou no salão de baile do paço imperial, a condessinha Flávia era com certeza a mais bela das jovens casadouras ali presentes, embora cada mãe pensasse o mesmo de suas filhas e para elas ambicionasse o príncipe, mesmo que fosse vesgo e lhe faltasse um dente. Por fim chegou o momento solene, por todos esperado, da apresentação do príncipe herdeiro. Todos os presentes recuaram reverentemente para os cantos quando o imperador se dirigiu ao centro do salão e pediu a atenção de todos. Fez um breve discurso e em seguida pediu que o filho entrasse, a fim de que toda a nobreza do reino, ali reunida, pudesse conhecê-lo. E foi com um consternado assombro que a condessinha Flávia, o Sr. Conde seu pai e a Sr^a Condessa sua mãe viram entrar em sua farda de tenente, mas ostentando o ouro das condecorações imperiais, o moço que eles haviam expulsado de sua casa dias antes...

— O tenentezinho?

— Ele mesmo!

— Agora, com certeza, a condessinha Flávia aceitaria casar com ele, e os pais não fariam nenhuma objeção!

— Com certeza, mas agora também o tenentezinho, ou melhor, o príncipe herdeiro nem sequer olharia outra vez para a condessinha, pois é certo que a ignorou completamente naquela noite. Escolheu como par constante uma outra jovem, filha de uns barões de fortuna pouco expressiva.

— Ele não era interesseiro, e vai ver que se apaixonou por essa moça e casou-se com ela, apesar de não ter um dote, não é isso?, apesar de não ter um dote tão grande quanto o da condessinha.

— Foi o que aconteceu.

— E foram muito felizes, decerto...
— Não, minha filha, já quanto a isso você se engana...
— Ele não foi feliz?
— A vida nem sempre é como nos romances...
— Puxa vida, mamãe, a senhora não vai me dizer que essa história tem um final triste!

— Não sei se é triste, Cecília, mas certamente é bastante prosaico. Na verdade, o que estou lhe contando é uma história banal, filha, banalíssima como a própria vida. O príncipe herdeiro casou com aquela moça, sim, aquela baronesinha que, a bem da verdade, não o amava e se revelou uma esposa intratável, ralhando com o marido por qualquer coisa e, nos momentos de irritação, atirando-lhe coisas em cima... Foi um casamento infeliz que tinha de ser mantido para salvar as aparências, porque, afinal, um príncipe herdeiro não se separa da esposa, que tem a distinta obrigação de lhe dar por sua vez um herdeiro. Mas cada qual para seu lado tinha lá suas aventurazinhas, em segredo, é claro, conquanto fosse um segredo que toda a nobreza conhecia e mantinha... em segredo!

— Coitado!... E a condessinha Flávia?

— Acabou casando também, com um homem riquíssimo, uma das primeiras fortunas do reino, conquanto não pertencesse à nobreza. Mas o homem tinha quase cinquenta anos de idade, era gordo feito um elefante e fumava uns charutos horrosos que a matavam de vergonha. Viveu com ele muitos anos, deu-lhe filhos, detestou-o todo esse tempo e quando se viu livre dele pela viuvez era uma mulher de quarenta anos que, apesar da fortuna, não se sentia com muito ânimo para recomeçar a vida. A partir de então viveu como uma mulher liberal, teve amantes, alguns bem mais jovens que ela, mas não foi feliz, pois sabia que todos aqueles que se aproximavam dela o faziam movidos por algum tipo de interesse: os menos abastados interessados em sua imensa fortuna, os mais abastados em sua posição social, os muito mais velhos que ela para estarem ao lado de uma mulher mais jovem e ainda bonita, os mais novos para lucrar, ou algum dinheiro para seu gasto com banalidades, ou para conquistar, com tal aproximação, o interesse da filha mais velha da condessa Flávia, que era um partido e tanto, ao que a mãe achava por bem fechar os olhos para evitar escândalos.

— Puxa vida, mamãe, que coisa triste!

— Sim, filha, não lhe contei uma história alegre, mas nem tão triste assim, pois a vida tem dessas armadilhas e devemos estar preparados se não para evitá-las, pelo menos para nos sairmos bem quando cairmos em uma.

*
**

A história que Ana contou para Cecília naquela noite terminou por aí, embora mãe e filha continuassem ainda por muito tempo conversando, discu-

tindo sobre pretendentes e casamento, amor e interesse, e o que resultou de tal conversa foi a convicção de que, num casamento, é necessário sobretudo o amor para que haja felicidade. E Cecília jurou para si mesma que jamais se casaria por interesse, ou, por outra, jamais se casaria sem amar seu noivo.

Poderíamos concluir este relato dizendo que Cecília, quando chegou a idade, casou-se com um jovem bonito e carinhoso, talvez não endinheirado, mas que a amava com desvelo e por quem também ela tinha um grande amor, e que esse foi um casamento feliz. Mas... esta é uma história banal — como a própria vida, pois é da própria vida que estamos falando: Cecília casou-se aos vinte e um anos com um homem de trinta a quem pensava amar. Não seria um mau partido, passava por pessoa de posses e a cada ano trocava de carro, mas tratava a esposa com indiferença no começo, com rispidez depois de um ano de casados e com brutalidade a partir do segundo. Tão logo retornaram da lua-de-mel arranjou uma amante, depois outra, e quando já não se entendiam de jeito nenhum chegou a dar-lhe pancadas, que ela retribuía sempre que possível com unhas certas no rosto. Contudo não se separaram a não ser quinze anos depois, quando as brigas e as agressões mútuas tornaram-se insustentáveis. Cecília voltou para a casa da mãe: estava bastante acabada, e assim como a condessinha Flávia não se sentia com nenhum ânimo para recomeçar a vida. É certo que recomeçou, era jovem ainda, mas é certo também que a história que começa banal, quase sempre continua banal...

Romildo e Julinha, uma tragédia na Serra

Quem, deixando o centro de Paty do Alferes, segue na direção de Arcozelo, percebe a certa altura, à direita, umas casinhas encarpitadas no alto do barranco, que é possível alcançar subindo uma escadaria de degraus irregulares. Tais casinhas, não mais que quatro ou cinco, são pequenas, de teto baixo e acabamento precário, três ou quatro cômodos no máximo, com cozinha e banheiro minúsculos, uma saleta — se houver saleta — ou um quarto maior que faz as vezes de quarto e sala. Ali estarão a cama, a televisão, alguma cadeira capenga, um sofá exibindo entranhas, um guarda-roupa e mais nada.

Uma dessas casinhas, a que fica mais no alto, que não se diferencia em quase nada das demais, é habitada por uma pequena família: Geraldo Capeto, um mulato magrelo e miúdo de cabelo ruim, sua mulher, uma pretinha escalavrada de nome Rosália, e a filha Julinha. Rosália, ao contrário da gente pobre, que prolifera feito baratas, com muito custo deu ao esposo essa filha única, após o que trancou a porteira — bem mofina porteira, por sinal, mas trancou-a bem trancada. A menina, Julinha Capeto, anda aí pelos catorze anos, chegando aos quinze; é uma mulatinha feiosa que gosta exibir as pernas de caniço — nas quais se notam os emblemas escuros de perebas mal curadas — numas minissaías avarentas de pano, e quando se abaixa não raro deixam à mostra fundilhos um tanto encardidos.

Neste começo de história, 2020 corre com celeridade do meio para o fim, fazendo quase dois anos que os Capeto se mudaram para essa casa, e, apesar dos tropeços e da penúria, dos serões a que é obrigado a fim de fazer frente às necessidades da família — que, embora pequena, não deixa de pesarlhe nas costas e nos bolsos —, vive bem feliz o Geraldo, e mais feliz viveria se não fosse por uma contrariedade que o vem azucrinando desde algum tempo: ronda-lhe o galinheiro uma raposa!

O leitor mais atento percebeu decerto que aqui não nos referimos nem a um galinheiro nem a uma raposa de verdade, primeiro porque em Paty do Alferes já não se encontram raposas, e depois é fácil deduzir que em local com tal amontoamento de casinhas não haverá espaço para a construção de um galinheiro!

Assim sendo, seremos mais claros: Geraldo Capeto, no que sua garota se

fazia mocinha, achou de dividir o único cômodo grande da casa em dois para que tanto a menina quanto o casal pudessem ter privacidade cada qual num quarto só seu. Dirá o leitor, adiantando-se ao narrador, que privacidade de pobre só faz sentido no vaso sanitário, e mesmo assim por uma questão de respeito... ao próximo; mas o fato é que ao pai agradava que a filha gozasse desse privilégio, ainda que o novo quarto resultante dessa divisão não comportasse mais que uma cama e um criado-mudo, e Julinha se visse na contingência de guardar suas roupas em cabides dependurados de pregos nas paredes.

Geraldo Capeto, no entanto, cuidava com zelo do que era seu, e começou a desconfiar ao perceber pela terceira vez a presença de certo elemento oriundo da Poaia nas proximidades de sua casa. Da primeira vez, depois do almoço, ao sair de volta para o serviço, avistou dito elemento sentado no meio-fio, do outro lado da estrada, embaixo das árvores que margeiam a pista; o sujeito baixou a cabeça e fingiu não vê-lo, olhou para os lados como se estivesse esperando alguém, por fim se levantou e seguiu na direção de Paty. Nas outras duas ocasiões — sempre nesse horário — o tipo encontrava-se mais distante, mas assim como da primeira, aboletado na relva à sombra das árvores, recostado a um tronco, e então, como estivesse longe não se preocupou em afastar-se.

“Aí tem coisa” mastigou consigo mesmo o homem, fingindo porém nada perceber.

Teria mesmo coisa, como o pai preocupado desconfiara, ou tudo não passaria de cismas de sua cabeça?

Em resposta, é hora de apresentar ao leitor um novo personagem, que pede vênha para entrar em cena: Romildo, um tipinho rasteiro por quem Julinha se embeixara havia pouco tempo, embeixando-se ele também por ela, embeixamento que deu início à tragédia — com o que diremos, sim!, as suspeitas de Geraldo procediam.

Romildo era filho de uma mulher da Poaia, quem, lá num recanto tenebroso, comandava com sua enxúndia, sua papada e sua caraça vermelha guarneçada de esvoaçante fiapada grisalha uma birosca — parede-meia com a casa, nos fundos de um terreno exíguo fechado por um barranco — onde vendia uma cachaça da pior, cigarros sem filtro, alguns com filtro, mas dos mais baratos, e uns salgadinhos nojentos fritos num óleo preto e cancerígeno feito óleo de motor. Não podiam faltar no estabelecimento, além do refrigerante barato, açucarado e venenoso, moscas e carochas, que voejavam e transitavam por ali muito à vontade, e com isso teremos uma idéia da casa e de sua freguesia. Tal mulher, por alcunha Mariana Boteco, pusera no mundo, num momento de desvario, esse filho único e medonho; único porque mais três ou quatro lhe nasceram no correr dos anos, mas com a graça de Deus antes do segundo aniversário foram dar com os ossinhos na cova; e medonho porque em alguns a feiúra parece não ter limites.

Romildo, aos dezenove anos era magro feito um varapau; o corpo seco e branco recobria-se — desde as pernas até a cara estreita, enxuta e ossuda — de umas sardas miudinhas de densidade variável, donde o apelido de *banana madura* que lhe davam na ausência, já que na presença seria convite à briga; e nos joelhos, mãos e dedos de unhas encardidas desde algum tempo começaram a brotar verrugas que lhe pioravam bem a figura. O cabelo enroladinho e amarelo, feito uma carapinha graúda, grudava-se-lhe tenazmente no couro cabeludo, recusando-se a ganhar volumes, e a testa baixa e estreita propiciava-lhe inequívocos ares de microcéfalo (ainda que não o fosse). Se algo podia agravar a imagem que fica dessa descrição, seria o sorriso a arreganhar-se por baixo do nariz de ventas largas e exibir a precariedade de dentes desiguais em que umas cáries impiedosas principiavam por abrir caminho.

Lembrando-nos de um ditado muito popular, diremos que o sapato velho da Julinha encontrara em Romildo seu pé doente: tal pé, tal sapato; tal sapato, tal pé — e temos dito!

Neste ponto cabe uma reflexão ligeira, pois, experientes que somos das coisas da vida, podemos antecipar uma união entre essas duas figuras emergidas de algum conto burlesco de terror, a vida em comum temperada com rusgas e tapas — não sempre, mas vez por outra — e, com a vinda anual não diremos de “mais uma boca”, e sim de “mais um cu”, a proliferação malacafenta da miséria... não fosse um porém: Geraldo Capeto tinha Mariana Boteco na conta de uma inimiga implacável, e a recíproca não seria menos verdadeira do que ser a soma de dois mais dois igual a quatro!

Temos, portanto, que Capeto e Boteco não se tragavam, mas é preciso amiudar o caso e, ao contrário de certos autores — por sinal muito famosos — que botam inimigos na história e nada esclarecem acerca da inimizade que os separa, explicar essa quizília antiga.

Geraldo e Mariana andavam hoje pelos quarenta e cinco anos, mas — como não podia deixar de ser — haviam passado primeiro pelos vinte, e nessa idade que costuma ser cor-de-rosa tanto para os bonitos e abastados quanto para os feios e desprovidos, conheceram-se numa festa de rua na Poaia, numa noite em que a cloaca de Paty do Alferes parecia ter expelido o que havia de pior. Mariana, que já nessa idade ostentava uns princípios de redondezas, de imediato antipatizou com aquele mulatinho reles que não lhe tirava os olhos de cima, e revidou tais olhares com umas chispas furiosas que seriam de crestar os ânimos de qualquer um, menos do Geraldo, que resolveu insistir. A reação da gordinha, no que o rapaz se aproximou, foi taxativa:

— S’escafede, negrinho — produziu, para gáudio das molecas que a acompanhavam e caíram na gargalhada —, não enxerga que eu sou branca?

Imobilizado por tão inesperada rejeição, teria empalidecido se com sua mulatice isso lhe fosse possível, e como não visse na cor de sua pele impedimento a uma aspiração romântica cujo objeto fosse uma moçoila alva e rosada

— ainda que de execranda efígie —, do pasmo inicial passou incontinentemente a uma raiva canina:

— Vaca russa! Pensa que é o quê? Se mora na Poaia só pode ser pobre. E feia ainda por cima, cara de cu!

E largou-lhe uma cusparada nas fuças.

O que se seguiu não se descreve... não se descreveria, pois em honra do leitor achamos por bem reconsiderar para não fazer desnecessário suspense, e aí vai: o pai de Mariana, que proseando a dois passos numa rodinha canalha presencia a cena, move com insuspeitada agilidade o corpanzil de tonel e, pegando Geraldo pelo gasganete com uma das mãos, com a outra esmurra-o bem até que, por fim, numa sacudidela decidida, vareja o desgramado para o meio da rua.

Ainda sem entender o que lhe acontecera, a cara lavada em sangue e um dente bambo, Geraldo esforça-se para pôr-se de pé enquanto em suas ouças ecoa o alarido das risadas e do mau pagode que enche a noite, o que não basta para abafar a voz esganiçada da Mariana:

— E tu, seu negro fedido, é pro acaso rico e bonito?

E essa última e confusa imagem — a moleca branquela e gordota, mãos na cintura, meio encurvada em sua direção a lançar deboche — bastou para que o rancor se incrustasse em seu coração *in saecula saeculorum*.

O motivo é reles, bem o sabemos, assim como o ser chamada de pobre e levar cuspe na cara, mas o fato — e não reclame comigo, caro leitor, pois não podemos omitir os fatos — é que a iracúndia persistiu de um lado e do outro, de tal maneira que mesmo mais de duas décadas depois bastava qualquer referência à Mariana Boteco para o Geraldo cuspir, resmoneando “uma escrota, gorda e feia”; ou ao Geraldo Capeto para que Mariana, empinando o cachaço, rosnasse, “macaco do caralho!”.

Como foi dito no começo, estamos em uma cidade do interior do Rio de Janeiro, Brasil, porém Verona não permanecerá ausente de nossa história por mais tempo, se não na forma de uma famosa cidade da clássica Itália, pelo menos na de um carro, um Ford Verona ano 92, velho, descanhotado, recheado de poeira e titica de passarinho, e com os pneus arriados, que já vai para quase dois anos encontra-se estacionado à margem do asfalto, junto à escada que leva à casita no alto do barranco.

Carro em tão lastimável estado poderia muito bem não ter dono e, ainda mais, dadas suas condições de sujeira, não haver ninguém disposto a entrar nele, mas, sim!, tem dono, o proprietário é ninguém menos que Geraldo Capeto; e, ao contrário do que podíamos imaginar, alguém freqüenta-lhe o interior vez por outra.

Geraldo Capeto comprou o Verona pouco depois de mudar-se. O carro foi guinchado até ali, onde permaneceu desde então, impossibilitado de andar

devido a umas avarias teimosas que resistiam a todas as tentativas de conserto. Não que Geraldo fosse mecânico, mas era dessas pessoas que de tudo entendem um pouco (e no fim das contas não sabem nada), e se é tão capaz de afixar porcammente um cabo de pau numa panela de ferro, será igualmente capaz de trocar um cano num encanamento avariado ou umas velas no motor de um carro velho, sem que, não obstante, a panela continue precária, o cano fique pingando e o motor não funcione bem. A falta de dinheiro contribui para que o Verona ali permaneça em hibernação: pagar um mecânico está fora de cogitação por enquanto — a pandemia estende seus dedos magros e cobiçosos sobre a população, as coisas (e não apenas os infectados) estão pela hora da morte e ninguém sabe ao certo o dia de amanhã —, comprar as peças necessárias, fazer uma lanternagem ou trocar os pneus não menos, e assim, paralisado, o carro servirá tão só de motel improvisado para algum casalzinho audacioso, pois só pode ser um casal que no adiantado das horas, alheio à poeira e aos insetos que habitam ali, se refestela dentro do Verona, e se, decidindo-nos então por uma caminhada pela estrada de Arcozelo, nos aproximamos um pouco do automóvel, chega-nos aos ouvidos uns arfados e gritinhos suspeitos, abafados mas ainda assim audíveis e que parecem não acabar mais, até que pouco a pouco os dois vão sossegando, sossegando, e quase adormecem candidamente um nos braços do outro.

De repente um ligeiro alvoroço:

— Julinha, tenho de ir, já é quase dia!

— Fica mais um pouquinho, Romildo, que quase dia que nada!

— É sim, Julinha, então você não escutou o galo cantar? Galo quando canta é porque está amanhecendo.

— Não, quem cantou foi o garnisé daquela dona que mora do outro lado do rio, um garnisé maluco que tem vez de cantar antes de meia-noite. Fica mais um pouquinho!

— Não, Julinha, foi o galo sim. Se eu fico e teu pai sai cedo pra trabalhar, e pega a gente aqui, já pensou? Na certa que ele me mata!

— Eu ainda acho que foi esse garnisé doido do outro lado do rio.

— De noite eu volto.

— Promete?

E Romildo beija os dedos cruzados:

— Prometo.

Romildo sai do carro e, escondendo-se nas sombras, afasta-se rua afora. Cruza a ponte lá adiante, defronte o posto de gasolina, e mete-se pela estrada do Campo Verde; antes do amanhecer está em casa. Enquanto isso Julinha esgueira-se com pés de pluma escada acima, ganha os fundos da casa e pula a janelinha do quarto. Mete-se embaixo das cobertas e dorme até as nove feito um anjo... um anjo farrusco, é verdade, de cheiro não muito recomendável, e ainda pior: sem asas — mas cada família tem o anjo que lhe cabe.

Romildo e Julinha conheceram-se na infância, numa festa da Matriz, mas não houve aproximação: conhecimento de uma só noite, um corre-corre com outras crianças, e só. Numa que noutra festa dessas que proliferam em cidades pequenas e não faltam em Paty do Alferes, decerto voltaram a encontrar-se, mas eram crianças e a coisa ficou por aí. Geraldo Capeto, tendo nascido e crescido na Maravilha — um bairro esquisito quase no outro extremo do município —, ao se casar continuou vivendo por lá, no terreninho da família, onde levantara casinha rústica com telhado de amianto e tijolos à mostra. Ali nasceu Julinha, ali cresceu e estudou, e como a Poaia fica distante não se justificariam bordejos da garota naquela direção — tampouco do Romildo para o lado de cá —, e assim os dois futuros namorados esperavam as tranças do Destino para se encontrarem. Por certo o Destino trançava — em ardiloso silêncio, pois um repentino desacerto familiar obrigou Geraldo a deixar seu sossego e mudar-se: com a morte súbita do pai, um homem de oitenta anos que, no entanto, mal completara sessenta e dois, o irmão mais velho assenhoreou-se do pequeno sítio, entregou a cada um dos sete irmãos uns trocados a título de indenização e dessa maneira não apenas ficou dono de tudo como cada qual teve de arranjar-se como pôde — não sendo, nem podendo ser, diferente com Geraldo que, sem ter como comprar um barraco próprio, alugou a preço reles essa casita empoleirada no barranco, e até nem achou de todo mal, pois dizia vez por outra para a escalavrada:

— Estamos até mais bem colocados, mulher, mais perto de recurso, com ponto de ônibus na porta...

O pobre otimista tem essa qualidade: enxergar a mão da Providência até nos revezes (estраçalhou o dedo numa topada, “veja como Deus é bom!, já pensou se eu estivesse com meu sapato novo?”), e para o Geraldo Capeto deixava de ter importância imediata ser dono de seu teto, mais valendo em sua ótica torcida contar com ônibus na porta de casa.

Mas não podia contar com a raposa que passaria a rondar-lhe o galinheiro...

Pois foi assim que, na Festa do Doce do ano anterior, Julinha avistou Romildo entre as barracas, reconheceu o garoto com quem brincara na quermesse, agradou-se dele e ficou de paquera, esperando uma olhada do rapaz para sorrir. Romildo parecia distraído, de lero com outros sem algibeira feito ele, mas o azougue da mulatinha acabou por atrair-lhe o olhar: circunvagando as vistas deu com moleca a vigiá-lo, não ligou importância, olhou de novo um minuto depois e lá estava ela que, meio tímida, mostrou os dentes (por sinal a única coisa aproveitável em tal carcaça), e resolveu falar-lhe.

Julinha escorregou entre as barracas, distanciando-se dos pais (sabia quem era o rapaz e não desconhecia a inimizade entre suas famílias) para propiciar o encontro; ganhou a via férrea e, percebendo o outro em seu encalço, escondeu-se na escuridão de um trecho onde a lâmpada estava queimada. Ali

entrelaçaram-se os dedos, o beijo desajeitado seguiu-se naturalmente, Julinha consentiu no abraço mais estreito mas fechou as coxas à mão afoita de Romildo — que não seria boba a ponto de entregar o ouro tão de pronto!, embora de ouro ali houvesse pouco ou nada, mais certo seria dizer um toско ouropel —, mas tal afoiteza lhe agradou e até lhe aqueceu o peito, “é firme” pensou lá com suas perebas, “e como!” e riu-se com inocente malícia.

Agora, morando mais perto do Centro, Julinha tinha novas amizades, e como pai e mãe a deixassem à vontade — não de rédeas muito soltas, mas tampouco excessivamente curtas — saía com as amigas de escola, e às vezes à noite o pequeno grupo de molecas bordejava pelas imediações do coreto, fazia ponto na estação, subia e descia a Sebastião de Lacerda... Essas escapadas noturnas, nem tanto escapadas pois dizia à mãe “vou lá fora com a turma”, momento em que o pai movia a cabeça em reprovação à saída insuficiente, “precisa sair mostrando a bunda?”; essas escapadas, dizíamos, tornaram-se propícias para encontros — e os encontros entre a mulatinha e o branquelo começaram a amiudar-se, ainda que não desconhecêssem ambos os riscos de tais aventuras.

Ora, com os anos tornara-se lendária a rivalidade entre Capeto e Boteco, e para um o filho do outro não era de todo estranho: Mariana Boteco conhecia Julinha Capeto de vista, “uma queimadinha das piores” dizia em sua gana para que o moleque escutasse, pois já lhe batia umas desconfiança de os ter visto de prosa na rua duas ou três vezes, “homem branco que procura mulher preta, cacete nele” acrescentava, sungando o queixo gordo e acintoso; Geraldo Capeto tampouco ignorava que o tipo que avistara rondando sua casa era o rebento mal rebentado da Mariana, e lá consigo mesmo, fazendo pouco de tão má figura, prometia a si mesmo agir com circunspeção para não atíçar outra vez a fogueira com a velha inimiga, mas vez por outra deixava escapar uma indireta nas ouças da filha, fingindo contudo não tê-la visto por perto: “Moça de cor que renega sua raça e procura caso com homem branco, só bordoadas no lombo pra criar vergonha na cara”.

Embora certeza não tivesse, resmungava com suas frieiras que se viesse a perceber se-engraçamento de Julinha para o lado de Romildo daria nos dois, “e de relho!” exasperou-se um dia fazendo ouvir a própria voz, “dou de relho nos dois!”.

— E ainda tacho fogo no boteco daquela puta! — sob as vistas assombradas da mulher, levantou-se num rompante e foi pegar café na garrafa térmica.

— Que é que te deu, homem? — a mulher que, sentada na beira da cama, cerzia uma camisa puída, levantou os olhos interrompendo o trabalho.

— Já por três vezes vi o filho daquela ordinária af embaixo no asfalto, Rosália. Se ele se atrever a arrastar a asa pra nossa menina, e se ela lhe der trela, costuro os dois no couro da soiteira.

— Fala bobagem, homem! Vai ver o rapaz estava só passando. A rua é pública. — E depois de uma pausa, continuando a cerzir: — Essa desavença foi há tanto tempo que nem presta mais continuar com raiva.

— A humilhação foi minha, eu é que sei.

— Está bem, que seja, mas é preciso confiar na nossa filha, a menina é ajuizada. Anda por aí tudo, nunca deu que falar.

— Ajuizada! Sei! Ajuizada até encontrar uma perna de calça a jeito com alguém dentro.

E sem mais saiu para o terreiro. Dali, embornal no ombro, ganhou a rua: mourejava de pedreiro numa obra em Avelar e não queria chegar atrasado.

O romance de Romildo e Julinha — sabe-se lá como — pouco a pouco ganhou notoriedade. Seria um segredo que todos conheciam, menos Capeto e Boteco?

Não é nada simples deslindar tal enredo, embora possamos tentar uma explicação, e vamos começar com Romildo: sendo homem, o rapaz andava à vontade; a mãe decerto não iria impor-lhe “que se vestisse assim ou assado”, cabimento não teria, e também deixara por último de mostrar-se muito direta e reincidente em suas alusões “à queimadinha” — as suspeitas em relação à filha de seu arqui-inimigo persistiam, como foi dito vira-os de prosa em duas ou três ocasiões e a pulga se alojou atrás de sua orelha, e até mais de uma e atrás das duas orelhas —, e embora vez por outra se referisse ao sonho de ter um netinho de olhos azuis (“que você não saiu de olhos claros, embora teu pai fosse um alemão de cabelo louro, mas se os da moça forem azuis...”), como o filho se portasse bem, tivesse um emprego de carteira assinada num sítio — isso desde os dezesseis anos — e não fosse dado a maus costumes, não cultivasse vícios e não lhe desse preocupações, evitava ser dura com ele.

Depois, Julinha: a garota vivia de rédea a meio, como já dissemos, e quando o pai ou a mãe lhe dizia “não” ela obedecia; teimava em usar umas roupas exíguas, mesmo nada possuindo de valioso para exhibir, mas não dava resposta mal-criada ao pai quando este lhe chamava a atenção, e de certa feita em que sua mini-saia tinha mais de míni do que de saia, Geraldo Capeto estrilou e mandou-a de volta ao quarto:

— Só sai de lá vestida feito gente decente!

A garota obedeceu e saiu vestindo um *jeans*.

— Volta lá — ordenou o pai — e me traga aquela saia aqui.

A menina obedeceu segunda vez, sem nada responder.

Geraldo Capeto pegou a saia e rasgou-a em quatro pedaços.

— Filha minha não anda na rua feito puta — dizia enquanto atirava os trapos pela janela. — Agora, que está vestida feito moça de família, pode ir passear.

Julinha já ganhava a porta de saída...

— Mas veja lá com quem você anda, menina — o pai, levantando-se e indo-lhe no encalço. — Veja lá! — a garota já descia de dois em dois os degraus para a rua nesse segundo “veja lá”.

— Homem branco só quer menina preta pra se aproveitar! — atirou-lhe ainda pelas costas, e voltou para dentro de cara amarrada.

Naquela noite Julinha engravidou de Romildo. Foi a partir de então que a moleca — ainda sem desconfiar de seu estado — passou a escapar pela janelinha do quarto, aproveitando-se do sono dos pais: embaixo, na rua, encontrava-se com seu escolhido e se escondiam dentro do Verona.

Na barbearia do Lauro, o Celino² comentou:

— Mas ele é doido em se meter com aquela menina!

Lauro fazia um pé de cabelo. Enquanto manejava a lâmina deu uma espiada rápida na direção do outro.

— Se o Geraldo pega os dois, meu Deus do céu...!

— Vai dar morte — o velho na cadeira do Lauro, ouvindo o comentário do Celino —, escutem o que estou dizendo — e declarou: — Eu conheço bem tanto um quanto o outro.

Nesse momento uma mulher gorda, caraça feito abóbora, passa remando na calçada defronte à barbearia. Cabelama presa no alto da cabeça, fiapada grisalha solta à brisa, detém-se ali, desce para a rua vigiando para um lado e para outro, atravessa na direção do Fernandes.

Na barbearia fizera-se um repentino silêncio, quebrado pelo Celino:

— Essa mulher é fogo na piteira — disse, enquanto Mariana Boteco alcançava a calçada do outro lado e entrava no mercado.

O Lauro terminava o pé de cabelo, “eles lá que se entendam” comentou, cauteloso, enquanto espanava os pêlos da nuca do freguês; embebendo as mãos com água-de-colônia, refrescou-lhe o pescoço.

O velho levantou-se da cadeira batendo a roupa. Chegou à porta e acotovelou o Celino, baixando a voz numa atitude cúmplice:

— Diz-que a moleca do Geraldo tá prenha.

— É?! — o Celino, como se ainda não soubesse de nada. — Meu Deus do céu...!

O céu começava a escurecer em Paty do Alferes: não tardariam *cumulus nimbus* vindos da direção da Poaia, enquanto de Arcozelo subiria um vendaval com saraiva grossa e trovoadas.

A tragédia na Serra estava para acontecer.

O diz-que-diz-que começara a espalhar-se quando Julinha enjoou pela primeira vez na presença das amigas de bordejo. Naquela noite não se encon-

² Personagens reais. Lauro é dono de uma barbearia em Paty do Alferes. Carlos Celino, idealizador e um dos fundadores da ALJODE, foi radialista, jornalista e vereador no município.

trara com Romildo, que havia ficado no sítio, e quando se sentiu mal correu para trás do coreto.

— Quê que'stá acontecendo, Julinha? — uma das amigas perguntou.

— Comeu alguma coisa na janta, que te fez mal? — outra, com uma preocupação inocente.

— Não foi alguma coisa que ela comeu — uma terceira, de olho vivo, que havia compreendido tudo —, foi “alguém” que comeu ela... — e soltou uma gargalhada.

Pálida, Julinha deixou-se cair num dos banquinhos de concreto perto do coreto.

— Se meu pai souber, me mata — gemeu com lágrimas nos olhos.

— Mata nada — a moleca esperta, espetando-lhe a costela com um dedo —, vai é ficar todo bobo com o neto.

— Não! — Julinha, o rosto transfigurado numa máscara de pavor. — Nem diga isso! Vocês não conhecem meu pai! — Cobriu o rosto com as mãos. — Tenho que mandar tirar. Tem alguma mulher por aqui que faça isso? Eles lá em casa não podem saber de nada...

A notícia alastrou silenciosa feito cobra, primeiro entre o povilêu — a gentinha pior — que compunha a sociedade dos Capeto e Boteco, os mais próximos, depois estendeu suas gavinhas para os arredores, chegou até onde a quizília entre Mariana e Geraldo era conhecida: somente os dois ainda não sabiam. Nas rodinhas traçoeiras multiplicavam-se os cochichos e risotas, porém aquietavam-se à aproximação do Geraldo, alguém se despedia alegando pressa, outro comentava sobre o tempo — o fim do outono anunciava os primeiros frios do inverno —, um terceiro perguntava ao Geraldo se ele tinha alguma obra em andamento, e dava de desculpa que “preciso reformar minha despensa”. Não era diferente com Mariana: continuava à testa do bar, onde todos se comportavam, mais ou menos, pois a cachaçada e o rolar dos dadinhos em apostas pífias eram o de costume, porém ali ninguém se atrevia a qualquer comentário, todos sabedores que eram da disposição de braço da mulher; porém às suas costas chegavam mesmo a fazer apostas, “ela pega o Geraldo dessa vez” diziam, “nem a filha dele escapa!”.

Mas serpente nem sempre é silenciosa, em algum momento balança o chocalho. No caso da Mariana, o chocalho foi sacudido por um bebum que, oscilando entre Sul e Norte, um olho fechado e o outro quase fechando, resolveu dar-lhe os parabéns “pelo vosso neto, sá Mariana... que Deus abençoe... a menina de sô Geraldo... moça boa tá ali... no jeito...”, e naquele momento até o toca-discos teria se aquietado se ouvidos tivesse e escutasse a novidade.

O Geraldo soube pela mulher, que por sua vez colhera a notícia de uma vizinha, e esta sabe-se lá de quem... Foi com uma alternância de cuidado e pavor que a escalavrada, aproveitando a ausência da filha — ainda na escola —

e sem omitir o nome de Romildo Boteco, revelou o que lhe haviam dito, “é o que estão dizendo por aí” finalizou.

Geraldo, cenho vincado de rugas, a boca meio torta numa explosão que não saía, ficou muito tempo olhando para frente.

— Veja lá o que você vai fazer, hein? — disse a mulher em voz quase inaudível. — Se for verdade, é preciso pensar no bem-estar de nossa filha.

Geraldo levantou-se, raspou a garganta e cuspiu pela janela.

— Vou cuidar do bem-estar dela — respondeu com voz soturna —, vou cuidar direitinho do bem-estar da desavergonhada.

A escalavrada tentou contemporizar:

— Tenha tento, homem! Essas coisas hoje em dia o povo já não repara mais! Acontece! A filha de dona Jacira tem a idade da nossa e já stá de filho nos braços, e nem casada não é!

— Mas a filha de dona Jacira não trepou com o filho do pior inimigo dela! — contestou Geraldo, irretorquível. Reiterou: — Deixa estar, Rosália, que eu vou cuidar direitinho do bem-estar da putinha.

Abaixou-se ao lado da cama e catou embaixo um relho de couro cru que costuma ficar jogado por lá, no meio de outras tralhas.

O dilúvio na Poaia despencou no momento em que Romildo, chegando para o almoço, entrou na cozinha. O primeiro trovão foi violenta pancada na porta da birosca. Em seguida viu surgir, vindo dos fundos e entrando pela cozinha, a encarnação das três Erínias numa só pessoa: Megera rancorosa soltando chispas pelos olhos, Alecto implacável mostrando na cara larga e dura suficiente disposição para sua vingança, e Tisífone prestes a fazer justiça com um porrete de ipê que tinha nas mãos.

Romildo compreendeu o que havia acontecido. Não podendo passar pela porta da cozinha, precipitou-se para a sala, saltou a janela e desapareceu. Ficaria duas semanas sem dar as caras em casa. Só voltou por interveniência apaziguadora de uma vizinha amiga da mãe e do filho, “ela está mais calma agora, Romildo, pode ir falar com ela”.

Ele foi.

Sentiu um confrangimento no coração ao entrar em casa e deparar com a mãe estirada no sofá, o corpo derruído e uma expressão de sofrimento amolecendo-lhe o semblante. As Erínias haviam desaparecido para dar lugar à uma pobre mulher que se dizia arruinada de vergonha.

— Qualquer outra, meu filho, qualquer outra, até mesmo uma mais encardida que aquela, mas não com aquela... não com aquela...

Em Arcozelo o granizo desabou acompanhado de devastadora enchente: Geraldo, tendo almoçado mal sentindo o gosto do grude, saiu possuído para o trabalho, e ao chegar no finzinho da tarde Julinha estava para a rua.

— A puta, cadê?

— Não fala assim da menina, Geraldo!

— Rosália, eu perguntei cadê a puta!

— No Bramil...

— Eu espero ela chegar — e permaneceu de sentinela, a escalavrada andando nervosa daqui pr'ali.

— Veja lá o que vai fazer, homem!

— Cala tua boca, mulher.

Julinha subiu devagar a escadaria carregando sacola de compra, enquanto mastigava um chiclete. Sem coragem de tocar no assunto com a filha, a mãe a deixara na ignorância de que seu segredo já não era mais segredo, mas fato de geral conhecimento, e entrou em casa por enquanto leve e descontraída...

...mas mal pisou na cozinha, foi colhida pelo pescoço de formiga pela torquês poderosa dos dedos do pai, que a arrastou até o meio do quarto e a atirou com dois sopapos na cara para cima da cama.

Em seu pavor, Julinha só compreendeu o que estava acontecendo com a gritaria da mãe (“piedade, Geraldo, nossa filha está grávida!”) que se atirou sobre ela para protegê-la e levou em seu lugar a surra de rebenque há muito prometida. Mais escalavrada ficou a mulher do Geraldo, as costas em lanhos feito carne de charque, a blusa empapada de sangue, enquanto a vizinhança atraída pelos berros acudia entre penalizada e divertida com a novidade, exercendo porém o consciencioso papel de contemporizar, uns arrastando para fora um Geraldo que se derramava em lágrimas de furor e vergonha e tirando-lhe da mão o chicote, outros socorrendo a mulher, “chamem a ambulância” lembrou-se alguém, “olha que a menina está em estado interessante” comentou a vizinha do lado, “e a polícia?” alvitrou um mais legalista, “nada de polícia” respondeu uma dona muito prática, “isso é coisa que se resolve em família”, “mas se for para o hospital...”, **“chamem logo a porra da ambulância!”**...

A mulher do Geraldo foi tratada em casa: água com açúcar, palavras de consolo, um banho e curativo nas costas esfrangalhadas; Julinha, levada ao hospital, falou de sua gravidez, “três meses, doutor”, e alegou ter passado mal devido a uma discussão entre pai e mãe, “eles tem vez que não se entendem” mentiu com esperteza para evitar que a enfermeira-chefe comunicasse o fato à polícia, “e eu fico nervosa... teve agressão não, foi só bate-boca”. Enquanto isso Geraldo Capeto saía desarvorado para a rua, abismado consigo mesmo, com a coragem que tivera de espancar a esposa, “logo eu, meu Deus, que nunca levantei a mão pr’uma mulher!”.

Andou sem rumo, até dar com seus pés defronte o bar de Mariana Boteco, e como estivesse fechado Geraldo viu que já era tarde: passava de meia-noite, perambulava por horas, sentia gosto de sangue na boca.

Vigiou o céu: nuvens escuras haviam-se acumulado enquanto ele andava, “vai cair um pé d’água” pensou; na rua somente uns poucos transeuntes,

alguém passando rente reconheceu-o, “fala, seu Geraldo” e se foi sem que Geraldo soubesse quem. Súbito, um clarão e um estrondo, “esse foi perto” e olhou para os lados... Então faltou luz.

Por um momento pareceu a Geraldo ter caído num poço, sentiu uma vertigem, titubeou nas pernas bambas. Outro clarão, e Geraldo avistou ao lado da bitácula de Mariana um barril de lixo. Avançou, mesmo no escuro e, dum pontapé furioso, fez o barril rolar para a rua. Encostado na parede, um pau de cerca.

“É hoje!”

Agarrou o pau com as duas mãos, sopesou-o, “no jeito”, e golpeou com força a porta do bar, que caiu para dentro como se fosse de papelão; depois a janela, as paredes, “acorda, Mariana, sua vagabunda!!”, entrou e desmoronou a bordoadas as prateleiras, o balcão e uma Nossa Senhora Aparecida de gesso que, num nicho de madeira, a luzinha minguada de uma vela de sete dias alumiava; “cadê o desgraçado do banana madura, diaba do inferno?!”, amolgou em seguida o *freezer* que, num canto, gelava a bebida para o dia seguinte e, junto com o barulho de garrafas estilhaçadas, sentiu o doce cheiro de cerveja derramada...

O escarcéu atraiu alguns passantes que corriam para casa a fim de escapar do temporal, mas se aproximaram mesmo no escuro, curiosos em ver o que acontecia. Mariana, que ainda não dormia, também acudiu, e aos berros de “socorro, chamem a polícia!” atracou-se com seu inimigo e ambos rolaram aos trambolhões pelo chão...

**

Celino, com o último número da Folha³ na mão, comenta, de pé na porta da barbearia:

— Eu pensei que fosse sair morte...!

O Lauro, nenhum freguês no momento, chega-se também para a porta.

— As pessoas acabam se entendendo — disse. — Têm que se entender.

— Ué! E eu que calculei uma tragédia... conheço aqueles dois... Calculei uma tragédia, mas, que nada! — despedindo-se do Lauro, atravessa a rua e, pachorrento, entra no Fernandes.

Agora quem passa defronte a escadaria que leva à casita do Geraldo Capeto, se calhar, avista uma mulher gorda, brancarrona e corada, de fiapada grisalha ao redor da cara larga, galgando penosamente os degraus. Sobe, pára no meio para respirar, termina a escalada e chega à porta:

— Licença, d’a Rosália.

³ Folha Democrática, jornal da cidade, do qual o Celino foi o primeiro proprietário.

A escalavrada dá as caras, sorridente:

— Se acheque, dona Mariana.

— E a menina?

— A Julinha está bem. Dando de mamar, agora.

— Vamos lá ver esse garotão, d'a Rosália.

Geraldo — que, nos fundos, auxiliado pelo Romildo, levanta mais um quarto —, escutando conversa se aproxima, entra em casa:

— Bom dia, dona Mariana.

— Bom dia, seu Geraldo.

— O Romildo vai bem como ajudante de pedreiro, logo vira profissional!

— Boas falas, seu Geraldo. Boas falas.

— Já'stá virando massa que é uma beleza, não precisa nem de "bitornê-ra"!

— Não, seu Geraldo, ele é "intiligente", ele aprende!

— Nosso bebê esperto que só — Geraldo, inchado de orgulho, se aproxima da cama onde Julinha amamenta. — A menina é miudinha assim mas tem muito leite.

— Tem saúde, seu Geraldo, é o que vale! E assim a criança cresce forte.

— Então!

E no entanto, leitor amigo, não se enganava redondamente o Celino quanto à tragédia que ele calculou mas não aconteceu? Ei-la aí, consumada, eco à reflexão que como profecia fizemos no começo: mais um miseravelzinho para aumentar a feiúra da população, pois, o que resultaria de um cruzamento do Romildo Boteco com a Julinha Capeto se não um pequeno gordote, catarrento, saudável... e feio?

A Concha

Existem pessoas que, ressentindo-se do ramerrão de sua existência, levam a vida na permanente expectativa de alguma grande novidade. Como lhes parece enfadonho o cotidiano levantar-se pela manhã, escovar os dentes, sentar-se à mesa para o café e sair para o trabalho sabendo que, no fim da tarde, de volta a casa, farão apenas preparar-se para o dia seguinte, que se apresentará com a tônica da monotonia!

Se, contudo, vivem à espera da novidade, não será da novidade rasteira, senão de algo que os possa arrancar em definitivo de sua mesmice, algo como o primeiro prêmio da loteria ou a notícia de uma herança tão milionária quão imprevista ou improvável. No entanto, como o primeiro prêmio da loteria costuma não passar de um sonho longínquo e heranças não caem subitamente do céu, para escapar do tédio que lhes corrói o estômago e a alma valem-se do paliativo de passar as férias em Poços de Caldas ou Foz do Iguaçu — os de melhor fortuna vão à Europa —, e regressam no fim do mês se não restaurados, pelo menos consolados e esforçando-se por acreditar que o programa foi esplêndido, e de tudo fazem para convencer disto o resto do mundo e mais ainda a si mesmos!

Há, no entanto, uma outra classe de gente que não se incomoda com as trivialidades de uma vida apagada, mas ainda que em algum momento venha a se aborrecer, não só não espera qualquer grande novidade, como não cogita novidade alguma e muitos nem mesmo se dá conta do antojo em que patinha! Tais pessoas, quando estão que não sabem que fazer de seu fim de tarde vazio, banzam pela casa à procura de algo para consertar — seja substituir uma lâmpada queimada ou apertar alguns parafusos no portão, sendo que a oportunidade de trocar uma tomada defeituosa representa a verdadeira glória —, ou, quando menos, abrem a geladeira na esperança de encontrar um resto de sobremesa. Nada havendo para fazer, saem para a rua, mãos nos bolsos, e vão até a esquina, ou à padaria, no máximo até o bar defronte onde passam o resto do dia conversando fiado com outros cujo destino mantém na mesma obscuridade.

A personagem prestes a introduzir-se nesta singular história, Otávio Carneiro, pertence não à primeira, senão que a essa segunda classe de pessoas, e fazendo jus ao sobrenome que herdara da mãe, era um sujeito tranqüilo e bonachão no meio do caminho entre os trinta e os quarenta anos. Branquelo de não tomar sol, Otávio era casado há onze anos com Judith, uma moreninha cor de canela, miúda de corpo mas dona de um permanente sorriso de dentes

miudinhos e puros, e tinha uma filha de nove anos, a Claudinha, que puxara à mãe na morenidade e no corpo espigado, porém ao pai na pachorra ovina.

Acrescentemos ainda a título de informação que Otávio nascera — último filho de uma prole de três — em Vale do Rochedo, ali crescera e se casara sem jamais perguntar-se por que a vida era como era: questões filosóficas estavam fora de cogitação para ele, e se alguém tocasse nesse assunto em sua presença decerto franziria o cenho sem compreender, mais ainda, sem perceber a razão de pergunta tão estapafúrdia. De hábitos simples, acomodara-se à existência como quem veste uma casaca que lhe fica na medida, não porém uma casaca nova, mas uma já coçada, e bem coçada; não ambicionava muito mais que viver e envelhecer ao lado de Judith, criar e educar a Claudinha, vê-la crescer, casar-se e em tempo oportuno dar-lhe netos. O mais não lhe passava pela cabeça, e podemos mesmo garantir que não existia para ele: por exemplo, confiava na mulher — e de antemão podemos afiançar, com essa certeza que os narradores oniscientes temos, que, com efeito, a Judith fazia o tipo fiel —, mas confiava por ser mais simples e não dar trabalho, haja vista que ele tampouco seria dado a aventuras, e nas duas ocasiões em que arranjara uma amante — casos que não tiveram a duração de um piscar de olhos, permaneceram no anonimato e não se repetiram —, não o fizera por desfastio, por ter brigado com a esposa ou por não sentir mais atração por ela: queria somente ter uma história para contar nos bate-papos com os amigos, nessas ocasiões em que homens casados se reúnem para alardear conquistas nem sempre verdadeiras. Não ocorrendo a Otávio mentir, angariou esses dois casinhos vulgares para não ficar sempre calado, ter o que relatar — e relatava ora apimentando-os mais, ora menos, mas sem muitas alterações que conduzissem ao descrédito, até que os esqueceu por completo.

Otávio era, pois, um homem comum, não mais que o mais comum dos homens.

Seria, pois, que justamente a alguém tão simples estaria reservada uma novidade, uma verdadeira e perturbadora novidade, dessas com as quais ninguém, nem mesmo aqueles que vivem sonhando com uma revolução, ousa cogitar?

Estamos na manhã do dia dezanove de março do ano 2022, uma ensolarada e promissora manhã de sábado, que nascia depois de uma noite suave na qual chovera um pouco a partir das onze e de madrugada fizera-se ouvir uma ventania que levou alguns a conjecturarem uma frente fria, mas que nada: ainda era verão e o sol nascera disposto a incendiar o final de semana.

Otávio Carneiro abre um olho ao sentir-se sacudido pela mulher, mastiga um resmungo mal-humorado e vira-se para o canto. De novo a mulher o sacode e ele levanta a cabeça ainda meio tonto de sono, querendo entender por que haviam de acordá-lo àquela hora da madrugada:

— Hoje é dia de Concha — diz Judith —, lembra-se?

— Concha? Mas que diabos de Concha?

— Você prometeu à Claudinha no começo da semana, e ela está cobrando.

Otávio lembrou-se, virou-se de costas na cama, esfregou os olhos protestando que ainda era cedo, mas a mulher replicou que já dera nove e meia, “e além de molhar o gramado, antes de sairmos você ainda terá de plantar aquela muda de manga que o papai trouxe ontem. Planta na parte lateral do terreno, mas a pelo menos uns cinco metros do muro, pra molecada não roubar mangas quando frutificar”.

— Ah — Judith já na porta se volta, numa lembrança de última hora —, não se esqueça: antes de tudo vá até a banca do Godofredo apanhar o jornal!

Resignou-se: aquele sábado era dia de Concha — prometera à Claudinha no começo da semana, e ela estava cobrando.

Mas, afinal, o que era a Concha?

Vale do Rochedo, sem ser o que se conhece por cidade grande, tampouco será uma cidade pequena de interior; digamos que fica entre uma e outra, com costumes ainda de cidade interiorana mas com a área urbana em franco crescimento, e teremos dito o suficiente.

Há coisa de um par de anos, um empresário esperto, prevendo que esse crescimento haveria de acelerar-se com o tempo, resolveu construir em área campestre, mas a dois passos do centro, um *shopping* amplo e moderno, catorze andares de lojas, salas de cinema, restaurantes, pista de boliche, áreas de lazer infantil, salões para festas, área para *shows* e o mais que num lugar assim costuma haver, porém com uma inusitada novidade, inusitada pelo menos para Vale do Rochedo: um elevador esférico. No interior de uma torre transparente de vidro, no centro do vasto edifício, uma esfera metálica com escotilhas que permitiam a visão do interior do prédio elevava-se em velocidade moderada desde o térreo até a cobertura com sua carga humana: detinha-se somente no topo (para os demais andares havia elevadores convencionais), onde emergindo majestosamente da coluna de vidro abria sua cúpula para que o público, sempre encantado, saísse para o terraço: num lindo jardim, desenhado por um paisagista de renome, distribuíam-se aqui e ali grupos de plantas ornamentais e, numa área semi-coberta, num recorte caprichoso, um imenso aquário de onde dezenas de espécies vigiavam com curiosidade esses seres estranhos que se detinham do outro lado do vidro para olhá-las, a elas, também com curiosidade similar.

Aqui, uma outra particularidade chamava atenção: como o prédio fora erguido junto a uma encosta rochosa, uma passarela conduzia para fora, para uma trilha que, recortada na pedra, seguia para o alto, até um mirante dezenas de metros acima, de onde numa vista soberba se descortinava Vale do Rochedo estendida na planície.

O *shopping* teve uma inauguração histórica, contando até com a presença do governador, festa que foi animada durante a tarde pela banda de música da cidade e, à noite, por um conjunto de *rock* que imitava à perfeição os Scorpions. Um acontecimento inesperado, porém, que chegou a arrancar o riso da multidão presente foi determinante para o futuro do empreendimento: durante os discursos de praxe, alguém comentou que o elevador esférico parecia uma enorme concha, o povo achou graça, e a partir daí de nada adiantou que na placa de madeira nobre no pátio defronte ao prédio estivesse esculpido o nome “Centro Social e Recreativo Soberano” — o lugar ficou conhecido como “A Concha”, nome que se popularizou a tal ponto que passou a figurar até mesmo nos roteiros turísticos.

Era, portanto, não para uma visita ao Centro Social e Recreativo Soberano, mas para um passeio na Concha, que Otávio Carneiro fora sacudido pela mulher às nove e meia daquela luminosa manhã de sábado.

No estacionamento avistou o Brito.

Não, Otávio Carneiro não engolia o Brito com sua mania de discutir a política como se fosse o único a ter razão: agitava com veemência o dedo em riste, citava sem muita certeza mas total segurança a História, esbravejava, e em duas ou três ocasiões chegou a dizer coisas bastante desagradáveis aos circunstantes — e tanto mais impetuoso quanto maior a assistência, “pois não seriam todos mera assistência” alguém comentou com aborrecimento, “uma audiência de mudos, já que apenas ele fala?” —, numa das quais aludiu à pachorra do Otávio chamando-o de boi de canga, “pois somente um boi de canga feito você, Carneiro, e não direi carneiro de canga pois tal não existe; portanto, só um boi de canga feito você pode votar com a situação, sem enxergar a administração deletéria que anda produzindo” e finalizou: “Somente bois de canga, galinhas de curral, votam hoje com a situação” e, bufando, rubicundo, virou as costas e se afastou pisando duro.

O Brito sempre fora assim, Otávio se lembra, desde os tempos de escola: haviam-se conhecido no ensino médio, seguiram mais ou menos juntos na faculdade, e embora Otávio Carneiro preferisse manter certo distanciamento de pessoas afeitas a quizílias, o Brito se impôs e vez por outra pegava-o para auditório. Otávio tinha o hábito de não discutir, timidamente interpunha uma opinião em duas ou três palavras, que era tomada pelo outro, pisoteada, espezinhada, reduzida a cinzas e, à medida que se punha gradualmente vermelho, alteava cada vez mais a voz, bracejava, atirava perdigotos, chegando a dar saltinhos na ponta dos sapatos.

Otávio limpava o suor da testa e respirava com alívio quando o outro fazia menção de retirar-se, e assim, avistá-lo no estacionamento naquela manhã que ele pretendia tranqüila e prazerosa com sua família já o transtornou, porém preferiu fingir não tê-lo visto e, apressando a mulher e a filha, caminhou

lesto na direção da entrada da Concha... mas não teve jeito: o Brito o avistara e o alcançou de imediato.

— Otávio — disse, tomando-o pelo braço —, viu o noticiário de ontem à noite?

Todos se detiveram a tal interpelação.

— Para ser franco, Brito, não estou lembrado...

Foi o bastante para o outro exaltar-se:

— É por isso, Otávio, que as coisas estão como estão! Você nem sequer se lembra de ter assistido ao noticiário ontem à noite, e assim como você, quantos outros? Quantos outros estarão por aí, como zumbis, alienados, sem nem sequer imaginar o que anda acontecendo país afora? Pois quem não assistiu ao noticiário ontem à noite não sabe o que anda o governo planejando, não imagina de que maquinações perversas é capaz essa gente! E a consequência é que pessoas que não assistiram ao noticiário são levadas na lábia dos políticos da situação, pessoas que se esquecem do noticiário caem no engodo...

Neste ponto o Otávio, deixando de ser carneiro por uma fração de segundo, levantou a mão:

— Brito, hoje é sábado...

— Sim, meu caro Carneiro, hoje é sábado, e ontem foi sexta, o que não tem nada de extraordinário! O que é extraordinário é essa passividade do público em face do problema, essa pasmaceira. O tempo urge, a hora de mudança é agora, precisamos nos unir para deliberar, para traçar planos de ação, botar lenha na fogueira, e você o que me diz? Hein, o que me diz? Ora, você me diz simplesmente que hoje é sábado, e certamente irá acrescentar que quer ter um momento de descanso com a senhora sua esposa e essa linda criança, para a qual está sendo preparado pelas hostes do mal um mundo escuro e cavernoso, e o que faz você? Hein, mais uma vez, o que faz você? Sem qualquer preocupação pelo futuro dessa linda criança, diz apenas que hoje é sábado e pretende...

— ...sim, Brito — cortou Otávio, não podendo evitar o chiste —, sim, pretendo!, é claro que eu pretendo!, mas é ir ao caixa eletrônico fazer um saque, que é o que urge agora, já que tenho de pagar minhas despesas aqui na Concha. Portanto, reitero, pretendo, se você permitir, ir ao caixa eletrônico! — e para a mulher e a filha: — Vão se adiantando e fazendo os pedidos enquanto eu passo no caixa.

— Ora, você com seu caixa eletrônico, com suas pequenezas burguesas! Pois bem, se não quer saber de nada, se quer continuar sendo enganado, não falemos...

— Que fique para mas mais tarde, Brito...

— Que mais tarde...

— ...o mais tarde possível!

— ...nem meio mais tarde! Adeus! — e se afastou escarlate de indignação.

Otávio Carneiro suspirou, ele e mulher olharam-se, sorriram, e a Claudinha puxou-lhe a camisa:

— Vai logo, pai, vê se não demora!

Um minuto mais tarde reuniu-se Otávio Carneiro à mulher e à filha no restaurante do térreo, o mais espalhafatoso na decoração, nos pratos, na disposição das mesas. Vigiando um grande relógio na parede bem à sua frente, viu que era quase meio-dia e o estômago parecia colar-se às costas.

“Diabos, o Brito em vez de tirar-me a fome, parece-me que ma estimulou!”

Distraíram-no do aborrecimento com o Brito o burburinho, o entrar e sair de pessoas, as idas e vindas dos garçons, a Claudinha, que avistara no outro extremo do salão uma colega de turma e correu para buscá-la... Recostou-se por fim na cadeira, repimpado, e quase cochilou, mas não por muito tempo, pois logo a Claudinha o sacudiu com força:

— Pai!

— Hum? — alarmou-se.

— Vamos para o terraço! Quero ver o aquário.

Otávio olhou em volta: a Judith já se levantara com a bolsa no ombro, “guarde minha carteira em sua bolsa” pediu à mulher, “incomoda-me no bolso da calça”; Claudinha, por sua vez, adiantava-se em direção da “concha” arrastando consigo a coleguinha de turma, um dos garçons já retirava a mesa e ele se encaminhou ao caixa com a conta na mão.

Num átimo — um vôo de pássaro, uma ascensão de quase parar o tempo — estavam no terraço: o elevador em forma de esfera abriu a cúpula e as pessoas espalharam-se em todas as direções.

— Vamos ao aquário! — exclamou a Claudinha, e atirou-se acompanhada pela colega.

— Vou esperá-las no mirante — disse Otávio à mulher, que aquiesceu e pôs-se no calcanhar da filha.

Otávio olhou-as enquanto se afastavam e julgou-se um sujeito de sorte — um bom emprego, um bom salário, uma mulher bonita e uma filha que era um encanto; enterneceu-se, olhou-as uma última vez e em seguida se encaminhou para a passarela.

A trilha encosta acima era algo estreita mas confortável, as asperezas da rocha haviam sido desbastadas para que a subida — nem tão longa — fosse agradável, e o fato era que o mirante atraía o público, mesmo o da própria Vale do Rochedo, de forma que Otávio não caminhava só: adiante seguia um pequeno grupo e atrás de si mais algumas pessoas se dispunham a gozar da vista e do descanso nos vários canapés espalhados aqui e ali, sob grandes guarda-sóis coloridos.

Otávio Carneiro, contudo, não chegaria no mirante...

...Pois súbito sentiu uma vertigem, e uma fraqueza nos joelhos fez com que se apoiasse à rocha e levasse a mão aos olhos. Recostava-se agora na parede da encosta e esfregava o rosto devagar, recuperando-se pouco a pouco do momentâneo desfalecimento. Logo sentiu-se bem outra vez e conseguiu sustentar-se naturalmente nas pernas.

Quando abriu os olhos, as pessoas que seguiam à frente e aquelas que vinham à sua retaguarda haviam desaparecido: estava só na trilha, mas com um estranhamento que o abalou e quase fê-lo despencar de vez ao chão viu que a Concha, isto é, o imenso prédio do Centro Social e Recreativo Soberano havia desaparecido e, lá embaixo, onde há menos de um minuto erguia-se um soberbo edifício, via somente uma floresta.

“Que diabos está acontecendo?” foi sua primeira pergunta a si mesmo.

Examinou o local onde estava: a trilha encosta acima não parecia diferente, a não ser talvez pelos moscos que proliferavam na pedra e por detritos vegetais acumulados no chão; e deu-se conta de que sua segunda pergunta — “Terei sido abduzido?” — não tinha razão de ser, e não só por não levar a sério essa história de extra-terrestres que abduzem pessoas, mas porque — raciocinou — alguém que seja abduzido não continua no mesmo lugar onde se encontrava um minuto antes, pelo contrário: estaria no interior de algum laboratório alienígena no espaço.

Tudo isso passou-lhe pela cabeça num segundo, e sem se decidir a seguir em frente começou a descer a trilha.

“A passarela ficava aqui” pensou, detendo-se num ponto da trilha a partir de onde a descida se tornava íngreme e difícil. Cobriu o rosto com as mãos e sentiu uma compressão no peito, em seguida respirou fundo, tentando acalmar-se, e continuou descendo.

Do meio das árvores, embaixo, olhou através das copas para o alto. A encosta despontava iluminada pelo sol da tarde, mas uma aragem fresca corria entre a vegetação submersa na sombra.

Pouco adiante, entre as árvores, avistou dois homens que pareciam conversar enquanto observavam a vegetação à sua volta, e mesmo sem conhecê-los aproximou-se:

— Boa tarde... não havia aqui um prédio, aliás, bem grande?

— Um prédio? — E os dois entreolharam-se, estranhando.

— S-sim... — titubeou Otávio, já sem muita certeza. — Estou certo de que...

— O senhor está se sentindo bem? — perguntou um deles.

— Não... isto é, sim, estou... a cidade... como faço...?

— Siga por ali — indicou o outro uma picada no meio do mato.

— Ah... — e olhou na direção indicada, e se afastou.

“Quem serão esses dois e o que estão fazendo aqui, no meio do mato?”

pensou com seus botões, “talvez sejam naturalistas estudando as espécies” refletiu, e olhando mais uma vez para o alto da encosta iluminada, avançou pela picada. “Deve ser uma hora agora”, e ainda não se afastara uma dúzia de passos ao verificar que se esquecera do relógio de pulso ao sair pela manhã, e também de que deixara o celular no carro.

— Meu carro — e olhou em volta onde deveria ser o estacionamento —, que terá sido feito do meu carro?

A picada, supôs, deveria conduzir à auto-estrada, e afastando alguns galhos que teimavam em atrapalhar sua passagem, depois de algum tempo ouviu um suave ruído de motor. Percorreu ainda um trecho de mata mais densa e saiu por fim numa via larga e pavimentada.

“Não reconheço essa estrada” disse consigo mesmo, “decerto não é a mesma que percorri ainda há pouco para chegar à Concha, mas se ainda estou em Vale do Rochedo, é nessa direção que devo seguir para chegar ao centro da cidade”, e sem mais seguiu resoluto em frente.

Não teve de andar por muito tempo; habituado a caminhadas, Otávio venceu alguns quilômetros de jornada sem dificuldade, mas ao avistar as primeiras casas tampouco pôde reconhecer onde estava. Poucas pessoas transitavam pelas ruas ali, onde parecia ser um bairro residencial silencioso e bucólico, e uma súbita timidez o impediu de pedir informações, “vai parecer estranho eu perguntar onde estou” ocorreu-lhe, não deixando de dizer consigo mesmo que só podia estar em Vale do Rochedo — ainda que tudo mais sugerisse o contrário.

Presumiu estar caminhando há pelo menos trinta minutos ao longo daquelas ruas tranqüilas, onde nada lhe parecia familiar, quando chegou a uma avenida larga e ampla de pista dupla com longos canteiros gramados e floridos como divisória.

Tudo agora era novidade para ele: pois se as pessoas se vestiam de forma mais ou menos parecida ao que ele estava acostumado; se pelos poucos diálogos que apanhou aqui e ali em sua caminhada viu que falavam o português, “o que me diz que estou no Brasil, ou pelo menos é mais provável que esteja”, notou-lhes porém um sotaque sutil e desconhecido — que já notara nos dois desconhecidos da floresta, mas ao qual não se ateu naquele momento —, e a paisagem urbana parecia-lhe inteiramente nova: os prédios, modernos e elegantes, exibiam detalhes arquitetônicos inusitados, e praças e jardins apareciam aos seus olhos surpresos revelando um sentido estético estranho e curioso. Não pôde evitar um tremor de admiração e perplexidade quando alcançou, em campo aberto, uma grande praça circular arborizada, ao redor da qual entrecruzavam-se avenidas largas de trânsito intenso; ali, no centro de um amplo espelho d’água, erguia-se um monumento descomunal em bronze representando um homem primitivo com seu cão.

— Deus do céu! Esta estátua terá pelo menos cento e cinqüenta metros de altura! Quem terá sido o doido ou o gênio que construiu isso?

O homem, ereto e vestindo unicamente uma pequena tanga, apoiava-se na perna esquerda, a direita um pouco à frente e ligeiramente fletida; com a mão direita segurava uma lança — que se apoiava no chão — em atitude de vigília, enquanto a esquerda pousava com suavidade na cabeça do cão, um dobermann imenso sentado ao seu lado e cujas orelhas, apontadas para frente, seguindo o olhar aguçado, denotavam atenção e severa serenidade.

A placa de prata fixada no pedestal exibia dizeres em latim:

Homagium ignoto antecessoris

Otávio Carneiro chegou a sentar-se à sombra para admirar o monumento, que parecia dizer-lhe sem qualquer sombra de dúvida que aquela cidade não era Vale do Rochedo, não a Vale do Rochedo que conhecia.

“Estou quase acreditando que fui mesmo abduzido” disse, pois — absurdo por absurdo — seria possível, com um mínimo de bom-senso, acreditar que estivesse vivendo tal aventura?

Levantou-se e seguiu em frente, não sem deter-se várias vezes para contemplar outra vez, e cada vez mais a distância, o *ignoto antecessoris* de bronze — mas agora penetrava de fato na teia urbana onde ao longo do emaranhamento das ruas erguiam-se prédios fabulosos, torres que pareciam tocar as nuvens, e multidões afluíam de todos e para todos os lugares.

Os automóveis — que de certa forma lembravam aqueles que ele conhecia e cujos modelos pouco ou nada diferiam de uns para outros com suas linhas sóbrias e aspecto severo, ainda que elegantes e aparentemente confortáveis — deslocavam-se quase sem rumor algum, velozes porém de uma precisão milimétrica ao pararem num sinal, quando então todos se detinham no mesmo momento, e arrancando da mesma forma, para seguir em frente com absoluta segurança.

Otávio Carneiro sentia-se tonto.

A caminhada sob o sol forte fizera-o suar e sentiu sede. Deteve-se, secou o suor da testa com um lenço que sacou do bolso, olhou em volta à procura de um bar, “existirá um bar nesta cidade disparatada?”; o povo passava conversando sem que sua presença chamasse atenção, “ainda bem” disse consigo, “pelo menos eu pareço normal aqui” pois, pelo menos quanto às roupas, não havia muita diferença entre a sua e a dos demais.

Ouviu ao longe uma sirene de ambulância, e o reflexo da luz numa vidraça feriu-lhe os olhos. Cobriu a fronte com a mão e avistou adiante a frente envidraçada de uma... lanchonete?

“Pelo menos será uma lanchonete, um restaurante, ou algo parecido...”

No interior da loja quase fazia frio em razão do ar condicionado, o espaço era amplo e mesinhas espalhavam-se de forma bem ordenada com poucos fregueses. Sentou-se em um canto menos visível e quando uma juvenzinha miúda e com o uniforme de garçonne se aproximou, disse:

— Algo para beber... — hesitou, embaraçado — ...algo gelado... um refresco, pode ser um refresco. De laranja.

— Sim, senhor — notou na menina o mesmo sotaque que percebera nas vozes entreouvadas até então. — E para comer?

— Hum?... Ah... Alguma coisa salgada... de preferência que contenha queijo...

A mocinha fez uma mesura e se afastou.

“Não resta dúvida de que ainda estou no Brasil” pensou, rindo-se da idéia de ter sido abduzido. Certo era, contudo, que se por acaso o haviam capturado não o levaram para outro planeta, e se não o largaram no mesmo lugar, abandonaram-no — sabe-se lá por quê — em alguma cidade longínqua. “Talvez eu deva perguntar onde estou” ocorreu-lhe, ainda que a idéia de parecer ridículo lhe tolhesse uma vez mais a intenção.

Interrompeu suas divagações quando a mocinha retornou, pondo diante de si um copo grande com refresco de laranja e, numa travessa, salgadinhos variados de queijo.

Comeu devagar olhando para fora através das vidraças, e uma vez mais admirou-se dos automóveis que via cruzarem a rua defronte, deslizando quase como barcos à flor da água.

— Mais alguma coisa, senhor?

Otávio Carneiro levantou os olhos: a mocinha estava de pé à sua frente, com um sorriso simpático e as mãos cruzadas diante do corpo.

— Oh, não, senhorita! Estou satisfeito. Traga-me a conta.

A própria mocinha ocupava-se da caixa, e ao receber das mãos de Otávio uma cédula de cinquenta reais olhou-a com muita curiosidade, depois o olhou igualmente curiosa, e de novo para a cédula.

Otávio sorriu-lhe:

— Algo errado?

— Não — a mocinha titubeou —, mas... o senhor pode esperar um pouco, enquanto vou lá dentro?

Otávio anuiu, “devo parecer pessoa de fora da cidade” pensou, “e de certo tem receio de receber uma nota falsa”, e recostando-se no balcão esperou. Quanto tempo esperou? Não saberia dizer, pois distraiu-se observando algumas pessoas que acabavam de entrar conversando e ocupando mesas, e pôde mais uma vez notar em todas o mesmo sotaque — leve, é bem verdade, mas claramente perceptível. Continuou esperando sem se preocupar, até que avistou dois homens uniformizados que também entravam no recinto e se encaminhavam para o balcão...

“...não” pensou, “parece que vêm em minha direção...”

— Com licença, senhor — disse um deles aproximando-se, enquanto o outro permanecia na retaguarda, observando.

— Sim — respondeu Otávio.

— Somos agentes de segurança — e exibiu um distintivo. — O senhor pode nos dizer o seu nome?

— Chamo-me Otávio — respondeu —, Otávio Carneiro.

— Poderia identificar-se? Quero dizer, apresentar algum documento que comprove sua identidade?

— Ah, sim... claro — e meteu as mãos nos bolsos da calça à procura da carteira, mas lembrou-se de tê-la dado à mulher para que a guardasse na bolsa após o almoço. — Bem — titubeou —, receio não estar com minha carteira... — e acrescentou a título de justificativa: — Acho mesmo que a perdi.

— Por ora não é preciso preocupar-se com isso — disse o agente. — Apenas confirme: foi o senhor quem pagou sua despesa neste estabelecimento com esta cédula? — e o homem exibiu-lhe uma cédula de cinquenta reais dentro de um envelope plástico transparente.

— Sim — respondeu —, não saberia dizer se foi com a mesma, mas foi com uma dessa.

— Ah — disse o outro —, mas sim, foi exatamente com esta. Devo pedir-lhe que me acompanhe. Precisamos esclarecer uma dificuldade.

— Mas... por quê? — Otávio Carneiro alarmou-se. — Eu fiz algo errado? Estou sendo preso?

— Não senhor, apenas o convidamos a nos acompanhar. Se tudo for esclarecido, e acreditamos que será, não haverá com que preocupar-se.

Otávio olhava estupidamente ora um, ora outro. A mocinha havia desaparecido, atendia as mesas agora uma senhora de aspecto austero, e no fundo do estabelecimento, detrás de uma porta, descobriu o brilho de uns óculos que pareciam observá-lo. Otávio não soube o que dizer ou fazer, apenas refletiu que o melhor seria obedecer, e acompanhou os dois agentes.

O modelo da viatura diferia minimamente dos outros automóveis, e enquanto cortava velozmente pelas ruas largas da cidade Otávio confirmou a impressão de conforto e precisão do veículo no deslocamento e nas manobras.

Detiveram-se diante de um prédio cinzento e sombrio com vidraças espelhadas. Otávio foi conduzido para o interior de um saguão onde outras pessoas, que se sentavam aqui e ali em cadeiras e poltronas, pareciam esperar atendimento. O espaço era enorme e tão soturno quanto o exterior do edifício, o pé-direito de vários metros de altura, as paredes revestidas de placas sintéticas negras, e muito no alto pequenas lâmpadas proviam o ambiente de uma luz mortíça que, mesmo com a claridade do dia que filtrava pelas vidraças espelhadas, deixava o lugar submerso em permanente penumbra.

Detrás de um balcão ao fundo um homem de meia-idade consultava a tela de um monitor. Um dos agentes aproximou-se do balcão e falou-lhe em voz baixa durante alguns segundos, o homem levantou-se, indicou uma porta discreta no outro extremo do saguão e voltou a sentar-se diante do monitor.

Otávio foi guiado pelos dois agentes através de um logo corredor até uma saleta sem janelas.

— O senhor deverá esperar aqui.

— Por que me conduziram para cá, se eu não estou preso? — Otávio perguntou.

— Nada posso adiantar-lhe, senhor. Logo virão chamá-lo para esclarecimentos.

Otávio sentou-se numa poltrona — o mobiliário do cômodo compunha-se apenas de duas poltronas, uma defronte à outra —, a porta foi fechada e ele cerrou os olhos...

Despertou no instante em que ouviu abrirem a porta. Diante de si assomou uma mulher com não mais que quarenta anos, nem bonita nem feia, de aparência séria mas não hostil. Envergonhado de ser surpreendido cochilando, Otávio pôs-se de pé.

— O senhor pode dizer-me seu nome?

— Otávio Carneiro.

— Possui algum documento de identificação?

— Não, senhora — Otávio remexeu nos bolsos embora soubesse da inutilidade do gesto —, os dois agentes que me trouxeram também me pediram, mas eu não sei onde pus minha carteira... creio que perdi... a bem da verdade não sei...

— Nesse caso teremos de colher suas digitais — e exibiu um digitalizador —, dê-me sua mão — e um instante depois: — Pronto! — e sem mais se retirou, deixando-o novamente sozinho. Desta vez, porém, Otávio não teve muito que esperar.

— Senhor Otávio Carneiro — a mulher reapareceu à porta da saleta —, acompanhe-me. A Autoridade deseja falar-lhe.

Otávio foi conduzido através de uma série de pequenos corredores até uma sala ampla e muito clara, mobiliada de forma simples e austera. Junto a uma janela guarnecida de cortinas, pela qual entrava de tempos em tempos uma aragem fresca, havia uma mesa bem abastecida de papéis e livros, atrás da qual, sentado numa poltrona alta e confortável, um homem grisalho, não propriamente gordo mas de compleição forte, vestido com sóbria elegância, examinava alguns documentos numa pasta.

Ao vê-los entrar, o homem levantou os olhos.

— Dr. LeBlanc — disse a mulher dirigindo-se ao homem grisalho —, a pessoa que nos foi conduzida pelos agentes de segurança.

O homem grisalho indicou-lhe uma cadeira defronte à mesa:

— Sente-se — disse, e para a mulher: — Pode continuar a pesquisa, dona Lucrécia — e voltando a sentar-se, continuou examinando os documentos até parecer satisfeito. Finalmente largou-os sobre a mesa e dirigiu-se a Otávio:

- Otávio Carneiro, é isso mesmo? — disse a Autoridade.
— Sim, senhor — respondeu Otávio pondo-se de pé.
— Continue sentado, senhor Otávio. Não me agrada falar a pessoas de

pé.

Otávio pareceu desconcertado, mas obedeceu. Notou então sobre a mesa a cédula de cinquenta reais com que havia pago sua despesa na lanchonete, ainda dentro do envelope plástico transparente.

O homem grisalho fixou-o por alguns momentos, em seguida baixou os olhos para as próprias mãos, como que satisfeito com as unhas bem-feitas, e mais uma vez encarando-o:

— O senhor pode me explicar como esta cédula foi parar em seu poder? — perguntou.

Otávio Carneiro coçou a cabeça. Não conseguia entender por que uma cédula de cinquenta reais causava tal preocupação, e gaguejou:

— É falsa?

— Responda à minha pergunta, senhor Otávio Carneiro.

— Bem, eu... eu fiz um saque no banco hoje pela manhã... aliás, no caixa eletrônico da Concha...

— Da Concha?

— Sim — Otávio confirmou —, da Concha.

A Autoridade fitou Otávio demoradamente, apoiando os cotovelos na mesa e entrecruzando os dedos. Moveu a cabeça devagar como que concordando e estendeu a mão. Recolheu o envelope com a cédula, olhou-a bem de perto, deixou-a outra vez sobre a mesa e disse num tom de sutil advertência:

— Senhor Otávio Carneiro, talvez o senhor queira reconsiderar sua explicação sobre como esta cédula se encontrava em seu poder.

— Mas, senhor... eu estou dizendo a verdade... a menos que a cédula seja falsa, caso em que eu, mesmo sem querer, terei cometido um ilícito, reconheço... mas é raro alguém apanhar uma cédula falsa num caixa eletrônico...

— Senhor Otávio, o senhor complica desnecessariamente a história — e como Otávio fizesse menção de replicar, a Autoridade ergueu a mão direita espalmada: — Ouça primeiro.

O homem grisalho levantou-se e foi espiar pela janela. Esteve aí por alguns momentos e regressou para sua cadeira.

— Seria mais simples, caso o senhor seja uma pessoa de bem e não esteja mesmo envolvido em nenhum ilícito — nesse momento Otávio percebeu na voz do homem grisalho uma sutil entonação de ironia, e em seu olhar uma fixidez incômoda —, que nos explicasse de forma breve, clara e objetiva como esta cédula foi parar em seu poder.

Otávio estremeceu, fitou a Autoridade com ar de súplica. O que poderia responder?

— Mas...

— Ouça bem, senhor Otávio, o senhor decerto é de fora, percebi pelo seu sotaque, e sendo de fora não está informado de certos acontecimentos em nossa cidade...

— Admito que... — Otávio gaguejou.

— Pois bem, vou ajudá-lo para que o senhor também nos ajude, está bem assim?

Otávio moveu a cabeça, concordando.

— Há pouco mais de seis meses o nosso museu foi invadido por delinqüentes e um roubo foi feito. Está compreendendo?

— Sim, senhor — disse Otávio em voz quase inaudível. Seria então suspeito de roubo? Mais ainda, de um roubo tão inexpressivo?

— Alguns objetos de arte foram levados, decerto valiosos e que serão negociados no mercado negro de artes, o que é uma pena, não acha?

— Sem dúvida, senhor!

— Tais roubos, que não são comuns em razão de nossos recursos de segurança, mas acontecem, são encomendados por colecionadores, pessoas milionárias que não se detêm diante do crime para terem uma peça que lhes aguça o desejo mas não podem comprar por não estarem à venda.

— Entendo, senhor.

— Tais objetos, senhor Otávio, todavia, não são nossa principal preocupação...

— Não?!

— Não, pois o que mais nos constrangeu foi terem levado uma antigüidade, uma peça extremamente rara, tão rara que existia um único exemplar em todo o país, e por que não dizer, em todo o mundo, e que figurava como a principal atração de nosso museu!

— Sendo assim, senhor, compreendo sua preocupação...

— Não deseja saber de que antigüidade estou falando, senhor Otávio?

— Sim, se o senhor tiver a bondade...

— Trata-se de uma cédula de dinheiro. Saiba, senhor Otávio, que tal cédula, não se sabe ao certo como, era a última de seu tipo existente, pois outras da mesma época há por aí, ainda, e não valem grande coisa, mas essa, a que nos foi levada pelos ladrões, era a única restante. Tão valiosa era que alcançara cotação de milhões no mercado de antigüidades, e ficava guardada dentro de uma cabine de vidro a prova de balas com sensores eletrônicos que disparavam um alarme mesmo se alguém apenas ultrapassasse a faixa de segurança, entende? Não era necessário que tocassem na cabine ou tentassem abri-la, bastava que alguém ultrapassasse a faixa de segurança! Ainda assim conseguiram levá-la. Uma lástima, não lhe parece?

— Nem sei o que dizer, senhor! Uma perda assim...

— Nossas investigações até hoje não nos haviam propiciado nenhuma informação que levasse à autoria do roubo, ao método utilizado para neutrali-

zar o alarme, embora suspeitássemos de um conluio entre os ladrões e os responsáveis pela segurança do museu, que foram afastados de suas funções e estão sob rigorosa vigilância.

— Tudo indica que seja isso mesmo, senhor — Otávio apressou-se a concordar.

— Contudo, veja o senhor a nossa sorte: hoje conseguimos recuperar essa valiosa peça de nosso museu!

— Fico feliz por isso, senhor.

— ...e só nos resta que nos diga, senhor Otávio, como o senhor fez para entrar no prédio, neutralizar os sensores eletrônicos e o alarme e levar a cédula, essa mesma que está aí à sua frente protegida neste envelope de plástico.

— Mas senhor... doutor...

A Autoridade ergueu a mão, requerendo silêncio:

— Por outro lado, caso não tenha sido o senhor o autor do roubo, tudo que eu quero saber é como a cédula foi parar em seu poder.

— Mas a cédula é minha! — exclamou Otávio sem muita segurança. Sua cabeça parecia dar voltas, vivia uma situação inusitada e ilógica na qual as certezas começavam a vacilar.

— O senhor vai insistir em negar, senhor Otávio?

— Sim, e por uma razão muito simples!

— E qual?

— Porque se eu tivesse roubado esta cédula de seu museu, não seria tão ingênuo em tentar pagar com ela uma despesa justamente no comércio desta cidade...

— Admito que essa resposta faz algum sentido, mas eu tenho uma teoria que pode explicar tal gesto. Quer ouvi-la?

Otávio fez um gesto indefinível com as mãos.

— Minha larga experiência no combate ao crime, em tratar com toda sorte de delinquentes, e até os mais espertos e ousados, me diz que naquele local o senhor tentava entregar a cédula ao colecionador que encomendara o roubo; que havia alguém ali encarregado de recebê-la em plena luz do dia e em público para não levantar suspeitas, mas alguma coisa terá dado errado, e a pessoa a quem o senhor a entregou não foi a pessoa certa. Não teria sido isso?

— Poderia até ser dessa forma, embora, francamente, mais fácil seria nesse caso encontrar-me com o interessado em alguma viela escura, não acha?

— Bem — e a Autoridade sorriu de forma condescendente.

— Além do mais, esta cédula — e Otávio aponta para a nota de cinquenta reais em cima da mesa — nunca esteve exposta no museu de sua cidade...

— Ah, não?! — e a Autoridade sorriu um sorriso de comiseração.

— Claro que não, senhor! Veja bem: esta cédula estava ainda hoje pela manhã no caixa eletrônico da Concha e fui eu mesmo que fiz o saque, portanto estou certo disso...

— E lá vem o senhor outra vez com essa tal de Concha, senhor Otávio. Seja mais criativo, pelo menos!

— Por fim, essa nota de cinqüenta está longe de ser uma raridade, e tão comum é que até tenho outras aqui comigo — e, levantando-se, meteu a mão no bolso traseiro da calça e de lá sacou um maço de cédulas com pelo menos dez ou doze notas de cinqüenta reais, espalhando-as sobre a mesa.

A Autoridade, até então comedida de gestos e palavras, adotando sempre uma atitude de irônica indulgência, deu um salto de espanto e, curvando-se sobre a mesa, pôs-se a examinar atentamente as cédulas que Otávio Carneiro acabara de atirar para ali. Nesse momento a porta do gabinete se abriu e a mulher morena apareceu:

— Doutor LeBlanc, seria conveniente que o senhor viesse até minha sala.

— Agora, dona Lucrécia? — a Autoridade respondeu, sem esconder seu descontentamento.

— É necessário, senhor. Há coisas que o senhor deve verificar pessoalmente.

A Autoridade correu os dedos entre os cabelos grisalhos e se resignou. Já em sua sala, Lucrécia, sentou-se apontando para a tela do monitor à sua frente:

— Doutor LeBlanc, peço que releve, mas não sei como lhe explicar o que encontrei em minha pesquisa... sem parecer ingênua ou absurda.

— Fale de maneira clara e compreensiva, dona Lucrécia, que é a melhor forma de alguém expressar-se.

— Só que não é simples falar de maneira clara e compreensiva quando o caso que temos não é nem claro nem compreensivo, Doutor LeBlanc!

— Faça um esforço, dona Lucrécia — e a Autoridade sentou-se à sua frente, buscando calma dentro de si mesmo para ouvi-la. — Estou certo de que conseguirá.

— Eu fiz a pesquisa que o senhor pediu. O nome de Otávio Carneiro está no sistema, aliás existe uma infinidade de Otávios Carneiros no sistema, de maneira que a fim de localizarmos aquele que nos interessa usei as digitais...

— Esse é o procedimento, dona Lucrécia — disse em tom sério a Autoridade. — O que é que há de mais nisso?

— O que há de mais, Doutor LeBlanc, foi o que encontrei...

A Autoridade respirou fundo, franziu o cenho.

— Ou que não encontrei... pois não há nenhum Otávio Carneiro no sistema com essas digitais.

— Ora, dona Lucrécia, isso só significa que aquele cidadão está mentindo quanto ao seu nome! Note que ele não apresentou qualquer documento de identificação, portanto...

— Na verdade não se trata disso, Doutor LeBlanc, pois as digitais daquele cidadão não estão no sistema.

— O que provavelmente consiste numa falha, seja humana, seja da máquina, não lhe parece?

— Tampouco, pois como não encontrei as digitais do senhor Otávio Carneiro no sistema, resolvi consultar o arquivo morto.

— É preciso permissão especial para consultar o arquivo morto, dona Lucrécia — advertiu a Autoridade —, a senhora sabe disso.

— Sim, que o senhor mesmo me concedeu, de forma permanente, não se lembra?

— Se a senhora diz... Mas siga em frente.

— Pois bem, fi-lo por ter-me ocorrido que alguém, por descuido, pudesse ter atribuído um valor numérico incorreto à identificação dessa pessoa e ela foi parar no arquivo morto...

— O que consiste numa falha humana, como eu havia dito.

— Só que não foi isso que aconteceu.

— E o que foi que aconteceu? Seja mais dinâmica, dona Lucrécia! Que mania tem a senhora de falar aos bocadinhos, fazendo suspense!

— É que eu não sei o que o senhor vai pensar, Doutor LeBlanc, porque eu mesma não sei o que pensar!

— Está bem, vá em frente!

— Pesquisando o arquivo morto, o *software* de busca foi avançando em direção dos registros mais antigos, aqueles que foram lançados há mais tempo, até que... Oh, Doutor LeBlanc — a secretária parecia deveras nervosa a essa altura —, como é que eu vou lhe dizer isso?!

— Apenas diga, dona Lucrécia — ordenou a Autoridade com aspereza e clara irritação —, apenas diga!

— Foi encontrada uma pessoa de nome Otávio Carneiro cujas digitais correspondem às que eu colhi daquele cidadão que está agora mesmo em sua sala... mas essa pessoa viveu há mais de trezentos anos.

— Como?! — e pela segunda vez naquele dia a Autoridade, a contragosto, perdia a serenidade e se via compelida a uma exclamação ou a um gesto de pasmo, atitudes inteiramente contrárias à sua natureza.

— Sim, esse homem existiu há cerca de trezentos e vinte e sete anos, e segundo os registros desapareceu misteriosamente na tarde do dia dezenove de março do ano de 2022. Na época, foi feito um registro de desaparecimento pela esposa, e aqui estão suas declarações, o senhor mesmo pode lê-las...

A Autoridade puxou a cadeira para perto da mesa. Na tela do monitor leu as seguintes declarações:

“Compareceu no dia de hoje na delegacia de Vale do Rochedo...”

— À época a cidade tinha esse nome, Vale do Rochedo, e a Agência de Segurança era conhecida como “delegacia” — Lucrécia explica.

“...a fim de comunicar um desaparecimento, a senhora Judith Carnei-

ro. Relata que em companhia de seu marido Otávio Carneiro e de sua filha Cláudia, de nove anos, saíram hoje de casa por volta das dez e meia para irem à Concha, onde almoçaram num restaurante que fica no térreo, e depois subiram direto para a cobertura pelo elevador central; que, uma vez ali, Otávio lhe disse que iria esperá-las no mirante, e enquanto ele se afastava na direção da passarela foi com a filha até o aquário a fim de ver os novos peixes que haviam sido comprados pela administração do *shopping*; que cerca de meia hora depois seguiu com a criança para o mirante, mas lá não encontraram Otávio; que esperou algum tempo, julgando que a qualquer momento ele fosse aparecer, mas isso não aconteceu; que perguntou aos presentes por ele, mas lhe responderam que ele não fora visto no mirante naquele dia, e então começou a preocupar-se, resolvendo-se a procurá-lo nos outros andares do prédio; que durante boa parte da tarde procurou por ele sem encontrá-lo; assim sendo, decidiu vir a esta delegacia registrar o desaparecimento de seu marido.”

A Autoridade pigarreou ao final da leitura.

— As anotações seguintes neste procedimento — esclarece Lucrécia —, arquivado no ano 2026, dão conta das buscas feitas nas semanas e meses seguintes com o fim de encontrar o esposo dessa senhora, buscas que não resultaram em nada, até que o caso se encerrou. O senhor Otávio nunca foi encontrado.

Fez uma pausa, e digitou alguns comandos:

— Veja — disse, exibindo na tela do monitor uma imagem —, a fotografia do desaparecido apresentada pela esposa no dia em que comunicou o desaparecimento.

Na tela, o rosto de um homem jovem e sorridente de trinta e cinco anos não deixava dúvidas: aquele era Otávio Carneiro, desaparecido três séculos antes, mas que reaparecera três séculos depois e se achava detido na Agência de Segurança da cidade.

A Autoridade olhava fixamente para a tela, já sem ler, sem tampouco compreender como acontecera o que parecia claro que havia acontecido.

— Pudera — disse após meio minuto de silêncio —, como haveriam de encontrá-lo se ele se encontra agora em minha sala?

— Mas, Doutor LeBlanc, como ele pode estar em sua sala se ele viveu há mais de trezentos anos?

— Não é essa a pergunta, dona Lucrécia — disse a Autoridade. — A pergunta é: como foi que ele encontrou um atalho no tempo e veio parar em nossa época?

— Um atalho no tempo...

— Dona Lucrécia, aquele homem não tem nada a ver com o roubo no museu.

— É o que tudo indica, doutor — a mulher pareceu concordar, em voz

apenas sussurrada, no entanto, consciente de que tal história nada tinha de racional.

— O pobre homem desapareceu no ano de 2022, um registro de desaparecimento foi feito até que por fim, transcorrido não sei quanto tempo, caiu no arquivo morto. Além do mais, a cédula pertence mesmo a ele, que, aliás, tinha mais um punhado delas no bolso.

— Oh!

— E essa história de Concha? Ele mencionou essa Concha, alegando que havia sacado as cédulas num caixa eletrônico que havia lá. Que diabos é isso?

— Sim, também pesquisei sobre essa tal de Concha. De fato havia à época um *shopping* fora da cidade com esse nome. Tratava-se de um local muito popular e concorrido, segundo as informações da época... aliás, veja as imagens — e, com alguns toques no teclado, exibiu à Autoridade as imagens resgatadas do arquivo morto. — Bonito, não? Só que foi demolido pouco mais de meio século depois de construído, quando o prédio já se encontrava em decadência e havia planos de reflorestar toda a região ao sul da cidade. Bem, demoliram a tal de Concha, removeram o entulho, reflorestaram, e agora aquilo lá é uma floresta.

A Autoridade levantou-se, andou de um lado para outro esforçando-se por assimilar a novidade. Viu através da vidraça as luzes da rua se acenderem naquele começo de noite morna, e pela primeira vez na sua longa carreira não soube o que fazer.

— Dona Lucrécia...

— Sim, Doutor LeBlanc?

— Como vamos explicar o ocorrido para aquele pobre homem em minha sala, se tampouco nós sabemos o que aconteceu?

Otávio Carneiro, no entanto, já não se encontrava na sala da Autoridade, mas transitava desorientado pelas ruas e olhava a todo momento para trás: que não estivessem em seu encalço era tudo com que contava até que pudesse pôr ordem em seus pensamentos. Por duas vezes escapou de ser atropelado, do que se salvou graças à perícia e precisão com que os automóveis eram conduzidos. Anoiocera e a cidade iluminara-se; em outras circunstâncias seria de apreciar a vista: as avenidas amplas, as praças arborizadas repletas de crianças com seus acompanhantes, o centro comercial com gente indo e vindo... No entanto, Otávio sentia-se dominar por um horror que nunca em sua vida até então tranqüila pudera ao menos conceber.

Pois, logo após a saída da Autoridade, Otávio recosta-se na cadeira a fim de esperar que se esclarecesse a inusitada situação em que, sem saber como, se metera, quando seus olhos pousaram num pequeno calendário eletrônico perdido entre a papelada e a ruma de livros sobre a mesa. Levantou-se, tomado de um pressentimento que, dito em voz alta, seria uma inteira incoerência, mas

que ocorrendo-lhe quase subconscientemente o compeliu a examinar o calendário, e o virou para si.

A data exibida, entre outras informações, como horário, temperatura e previsão do tempo, não fazia nenhum sentido:

19 h 32 min, 19 de março de 2349

“Ora, mas isso não passa de uma bobagem...” disse consigo mesmo enquanto continuava a olhar, apalermado, para o calendário. Em seguida seus olhos se desviaram para um volume de capa marrom a um canto da mesa, que estampava em relevo uma inscrição com um número:

Agência de Segurança — Agenda — 2349.

Sentiu-se tonto.

Mais próximo de si havia um documento oficial com uma data na qual sobressaía o ano... e outros papéis e documentos... todos com datas diversas mas sempre aquele número indicando o ano em que estavam — 2349.

Pensou que sua cabeça fosse explodir e de repente faltou-lhe o ar: precisava sair dali, aquela sala oprimia-o, aquele prédio de aparência sombria aterrorizava-o e quando alcançou o saguão viu que não havia mais ninguém à espera, “todos se foram” disse consigo mesmo; somente o homem — o mesmo de antes — permanecia diante da tela de um monitor e não deu por sua presença.

Pensou em perguntar-lhe a data, mas susteve seu ímpeto: o que haveria de pensar se lhe perguntasse em que ano estavam? Assim refletindo, preferiu sair, caminhou rapidamente para a porta e logo se viu na rua.

Respirou fundo o ar fresco daquele começo de noite e tomou um rumo qualquer, pois que diferença faria a direção que tomasse naquele mundo desconhecido?

Chegou a um grande parque arborizado para onde uma multidão acorrida, atraída sabe-se lá pelo quê, “talvez seja hábito dessa gente reunir-se aqui” pensou, e tratou de afastar-se: tudo que queria agora era estar só e pensar com calma — calma? — em sua nova situação e no que poderia fazer.

“E eu poderei fazer alguma coisa?”

Cruzando o parque, avistou do outro lado uma avenida larga ao longo da qual um caudal de gente vinha na direção da praça. Não obstante, Otávio seguiu em direção contrária, andando rápido, até que alguém o tomou pelo braço:

— Êh, amigo, não vai à festa?

Deteve-se abruptamente. Um homem bem mais jovem, de aspecto desleixado porém com roupas vistosas e de excelente qualidade, sorria-lhe:

— A festa vai começar daqui a pouco. Vai perder?

— Ah... não... — colhido de surpresa, Otávio Carneiro gaguejou. — Eu nem sequer sabia... No entanto, não tenho tempo agora...

— Vai ter uma apresentação da banda de música. Também haverá jogos, e sorteio de brindes. Mas para concorrer aos brindes é preciso apanhar o seu *ticket* na organização. Apresse-se!

— Sim, certamente — disse ainda Otávio, parado a contragosto no meio da rua —, eu... Agora deixe-me ir, está bem?, tenho pressa.

— Pois sim! Apresse-se para o *show* e o sorteio de brindes.

Que imbecil!, pensou Otávio, “que é que me importam sua banda de música e seus brindes?” e, quase correndo em sentido contrário ao avanço da população: “Para o diabo com seus brindes e sua banda de música! Para o diabo!”

Foi então que viu no fim da avenida, que dobrava para a esquerda e prosseguia indefinidamente num oceano de luzes intensas, uma rua estreita entre prédios enormes onde o afluxo de pessoas parecia menor. Meteu-se por ela na esperança de encontrar um lugar sossegado onde pudesse descansar e pensar numa solução; a rua era muito longa e pouco iluminada, com transeuntes que foram rareando à medida que avançava.

Otávio Carneiro sentia-se perdido: admitir como verdadeiro o que mal se delineava em suas cogitações parecia-lhe um tão grande desatino que teve medo até mesmo de pensar, e assim seguiu adiante satisfeito por não encontrar ninguém e desejando que aquela rua não tivesse fim...

“No entanto, o que me parece evidente, continuo no mesmo dia e mês de hoje pela manhã... só que trezentos e vinte e sete anos depois!”

Estacou no meio da rua deserta enquanto de longe lhe chegavam os ruídos da multidão aglomerada na praça.

“Isso faz algum sentido?”

Então faltou luz.

Ouviu ao longe um bruaá e em seguida silêncio. Encostou-se em uma parede: tão negra era a escuridão que permitia ver somente a faixa estrelada do céu entre os edifícios de ambos os lados da rua estreita. Já não era possível seguir em frente, pois naquele negrume tanto fazia estar ali como em qualquer outro lugar. “Vou esperar que a energia se restabeleça” pensou Otávio, “ou que alguém acenda alguma luz”. Observou, contudo, que mesmo com um *blackout* os automóveis deveriam manter seus faróis acesos, e no entanto não havia nenhum ligado, e não ouvia nem mesmo o suave rumor dos motores. “Que estranho” pensou, tentando furar com as vistas para adiante na esperança de enxergar alguma coisa, e em seguida voltou-se para a direção de onde tinha vindo, “não há luz em lugar algum”. Encostou-se outra vez na parede e esperou.

E a noite se iluminou outra vez: as luzes se acenderam, os automóveis já transitavam com os faróis ligados e, uma dúzia de passos adiante, uma transversal larga cortava a ruazinha estreita por onde se metera. Quis seguir em frente, mas estacou: acabara de avistar cruzando a transversal o Brito, o insuportá-

vel Brito com suas repas grisalhas, a barba por fazer e as mãos metidas nos bolsos de um casaco coçado. Não ia só, acompanhava-o um sujeito de ar enfadado que não obstante parecia ouvi-lo com alguma atenção:

— ...pois a hora é agora, meu caro — apanhou-lhe as palavras —, é o que lhe digo, a hora é agora. Continuar votando com a situação é impensável, portanto não podemos mais protelar a ação, que deve acontecer...

“Não, o Brito agora não”, pois então! No estado de ânimo em que se encontrava, como poderia tolerar o Brito e sua conversa fiada sobre o governo, a situação, as medidas urgentes a serem tomadas e todas essas baboseiras de que era pródigo e com que atulhava impiedosamente os ouvidos de quem se dispusesse a escutá-lo?

“Não, o Brito agora não!” repetiu, respirando fundo e encostando-se numa parede, à espera de que ele passasse sem dar com sua presença, e se fosse, e desaparecesse...

Fechou momentaneamente os olhos, e... uma lâmpada acendeu-se já não na rua mas em sua cabeça, mais clara do que todas as que iluminavam a cidade: aquele que acabara de avistar era mesmo o Brito? Disso não podia duvidar, afinal não conhecia o sujeito desde os bancos da escola?

“Se é o Brito” refletiu, “e não há dúvidas de que seja, então estou de volta! Sim, estou de volta!... E da mesma maneira que fui parar em 2349, voltei para 2022! E aconteceu no momento do *blackout*! Sim! Foi no momento do *blackout* que voltei!”

Respirou com alívio sentindo um refrigério por dentro, porque acabava de reconhecer o centro de Vale do Rochedo: a rua larga adiante era a avenida central de sua cidade, avenida pela qual trafegava todos os dias a caminho do trabalho, “portanto não estou longe de casa” — bastaria que atravessasse a avenida, se metesse por umas ruazinhas menos movimentadas na direção da periferia “e em menos de meia hora”...

Em menos de meia hora viu-se defronte ao seu portão.

O portão, a casa familiar, a claridade nas vidraças — tudo isso trazia-lhe um tão grande contentamento que já se dispunha a acreditar que o que lhe acontecera fora algum tipo de pesadelo, talvez tivesse perdido o tino por algumas horas e saíra a esmo pela cidade inventando coisas, “decerto foi isso” afirmou para si mesmo, “isso são os nervos” concluiu, “só podem ser os nervos, amanhã mesmo vou consultar o psicólogo da empresa”. Então empurrou o portão e entrou, cruzou o gramado defronte a varanda procurando a chave de casa nos bolsos, “devo ter perdido” pensou, “talvez tenha deixado no carro, sei lá...” e se dispôs a bater na porta quando alguma coisa — uma suspeita? uma íntima advertência? — fez com que detivesse o gesto.

Sentiu-se trêmulo e outra vez como que as pernas bambearam, forçando-o a apoiar-se no peitoril da varanda. Então ouviu vozes e movimento dentro de casa e teve receio de que alguma coisa estivesse errada — pois, pensando

melhor, já não duvidava de que algo muito estranho persistia... E assim pensando saiu da varanda evitando qualquer ruído, cruzou novamente o portãozinho e foi esconder-se detrás de um arbusto na calçada...

Mas que íntima advertência fora aquela que o fizera recuar no último instante e não bater à porta de sua própria casa?

Naquele momento Otávio Carneiro lembra-se do Brito, que avistara havia pouco atravessando a avenida central e, como de costume, vociferando contra o governo, mas... o que havia de diferente nele afinal? “O Brito não tem aqueles cabelos grisalhos e ralos, nem aquela expressão desgastada e envelhecida” ocorreu-lhe quase no mesmo instante em que olhava para o fundo do quintal: a mangueira, cuja muda com menos de um metro de altura plantara ainda naquela manhã, antes de sair para a Concha, tornara-se uma frondosa e opulenta árvore adulta...

Levou as mãos ao rosto em quase desespero, e observando de seu esconderijo a casa que fora sua, viu luz na varanda e uma mulher jovem e bonita, ostentando uma avançada gravidez, que saía e vinha debruçar-se no peitoril. Outra mulher, mais velha, apareceu à porta:

— Que foi, Cláudia? Alguém chamou?

Por fim um homem jovem assomou também à porta da varanda e ali se deteve por alguns instantes.

— Não, mãe — Cláudia respondeu —, foi um sentimento súbito... como se houvesse aqui fora uma presença... mas acho que não foi nada.

— Ora, filha — e a mãe aproxima-se —, esperamos por tanto tempo... Não fique assim! Se ele tivesse de voltar...

O rapaz também se aproxima de Cláudia e a abraça por trás.

— Faz dezenove anos, mãe, dezenove anos... e nem ao menos sabemos o que aconteceu!

— Querida, tente não se angustiar. Em seu estado não há de ser bom.

— Eu tento, Roberto, mas às vezes tenho a impressão de que vou abrir a porta e deparar com ele ali, de pé, pronto para me abraçar.

Cláudia faz uma pausa, e acrescenta:

— Eu tinha só nove anos quando ele desapareceu, mas éramos tão unidos...

Roberto não responde, beija-lhe os cabelos e ambos permanecem assim, vigiando a noite.

Judith faz-lhe uma carícia no rosto e continua ao seu lado, debruçada no peitoril da varanda.

Otávio Carneiro, pé ante pé, afasta-se evitando o menor ruído, buscando os recantos para não ser visto por ninguém, uma vez mais sem saber o que fazer.

Caminhando pela sombra, buscando as ruas pouco movimentadas, cruzando becos escuros e vielas, ao fim de pouco menos de três horas Otávio já se encontrava do outro lado da cidade, escondido entre as árvores de um parque.

“Estamos então em 2041” refletiu, data já não tão distante — pelo menos sua casa ainda estava ali, sua família, embora naquela linha do tempo ele também estivesse ausente —, mas ainda assim: como reaparecer diante da mulher e da filha o mesmo homem com trinta e cinco anos de idade que desaparecera dezenove anos atrás?

“Dei sorte de não encontrar nenhum conhecido” disse consigo mesmo, imaginando que explicações daria se fosse abordado por algum colega de trabalho, por algum dos parceiros de futebol dos finais de semana, ou mesmo se fosse pilhado pelo Brito!

Lembrou-se dos pais, dos irmãos e dos sogros.

“Será uma boa idéia procurá-los?”

Seus pais haviam-se mudado, anos antes, para o município vizinho, “é longe” pensou, não seria viável por enquanto viajar até lá. Os irmãos estavam para o Norte. Os sogros, ao contrário, residiam em Vale do Rochedo... “Mas de que adianta procurá-los? É o mesmo que parar na frente de qualquer conhecido de outros tempos, ou então diante de minha mulher e minha filha: terei de explicar por que continuo com trinta e cinco anos...”

Ocorreu-lhe uma lembrança e sentiu um aperto no coração:

“A Claudinha vai me dar um neto que eu não vou conhecer...”

Sentou-se na relva com os olhos úmidos e recostou-se a um tronco.

“Talvez se eu fosse até lá... e dissesse ‘estou de volta’, e lhes contasse essa história insana...”

Suspirou. Não teria coragem para tanto, e sabia disso. Sua intuição lhe dizia que alguma coisa talvez estivesse ainda por acontecer... “mas o quê? Reencontrar o meu tempo? Parar em qualquer época longe demais para voltar?”.

Teve medo.

Refletiu que por enquanto o melhor seria permanecer ali mesmo, no parque, por algum tempo, onde decerto não seria encontrado... “até decidir o que fazer...”, e com isso evitar qualquer asneira que piorasse sua situação.

O cansaço fez com que fechasse os olhos.

Dormiu.

Quando acordou, amanhecia: as primeiras claridades da aurora começavam a revelar a Otávio Carneiro uma paisagem nova e desconhecida...

“Está amanhecendo” pensou, esfregando os olhos e levantando-se da relva, indeciso quanto ao que fazer, pois se ainda tinha em mente procurar os sogros e tentar explicar-lhes o que lhe acontecera, não estava bem certo de que fosse a melhor atitude a tomar, nem se o levariam a sério ou se chamariam uma ambulância para conduzi-lo ao hospício.

A princípio não notou nada de estranho: chegara ali à noite, portanto seria natural que com a claridade do dia percebesse algumas diferenças, porém ao avançar alguns passos na direção que supunha conduzi-lo para fora do par-

que, deu-se conta de encontrar-se agora numa região bem mais arborizada, o piso pavimentado já não existia, e não tardou a compreender que a cidade em redor do que fora o parque tampouco existia.

“Aconteceu outra vez” pensou, olhando em volta, “e pra onde é que eu vou agora?”.

Otávio Carneiro caminhou sem destino: viu-se num terreno irregular, ora coberto por uma vegetação cerrada, ora de terra quase nua, onde vingava apenas uma relva ressecada pelo sol — que logo às primeiras horas da manhã anunciava-se com vigor —, e se alguns trechos eram íngremes e de travessia difícil, com barrancos profundos e picos não muito elevados mas anfractuosos, outros eram quase planos ou com aclives e declives suaves, fáceis de transpor.

“Em que época estou agora, meu Deus? Na pré-história?”

E, com desânimo, detendo-se numa sombra para descansar:

“Terei algum dia oportunidade de regressar à minha própria época?”

Já fazia algumas horas que caminhava ao acaso, ouvidos atentos, na esperança de encontrar um rio, ou mesmo um regato onde pudesse matar a sede, mas em vão: o sol castigava, o céu limpo e azul parecia indicar que não teria nuvens tão cedo, e até mesmo a quietude do deserto tornava-se pesada e incômoda.

Por volta do meio-dia alcançou um tope de onde descortinou adiante um vale extenso e acidentado, recoberto por vegetação rala.

Notou, porém, com o coração aos pulos que de um certo ponto do vale subia uma coluna de fumaça, “alguém acendeu uma fogueira? Ou será a chaminé de uma casa?”, e recuperando a esperança — embora não soubesse ainda ao certo de quê: “Então há gente por aqui” e seguiu rapidamente naquela direção.

A meio da descida, porém, deteve-se receoso:

“Se eu vim parar na pré-história, e se houver gente ali, talvez sejam selvagens... quem sabe mesmo canibais!”, e seus cabelos puseram-se de pé.

Refletiu, no entanto, que perigo haveria em qualquer época, e bem podia ser que ali fosse encontrar nativos acolhedores e simpáticos — esforçava-se por ser otimista —, que pelo menos lhe dessem algo para comer e beber.

“Tenho de ir até lá e verificar!... Com cautela, certamente... evitando barulhos que atraíam a atenção sobre minha presença... e espionar... e aproximar-me se for seguro.”

E numa atitude de coragem:

“Parado aqui é que não posso ficar!”

Seguiu devagar e cautelosamente tendo a pequena coluna de fumaça sempre à sua frente para não desviar-se e perder-se — e assim pensando não conseguiu evitar um sorriso irônico: pois não estaria de qualquer forma perdido para onde quer que fosse?

Súbito, de uma pequena elevação avistou a choupana.

Não era mais que uma casita de barro coberta grosseiramente de palha, e a fumaça que avistara de longe provinha de uma pequena fogueira adiante, cujos carvões ainda fumegavam. A uma dezena de passos além corria um riacho.

Sentiu a sede apertar, no entanto teve receio: decidiu observar por mais algum tempo antes de aproximar-se, e assim sentou-se no chão, escondido detrás de umas moitas, vigiando a choupana por algum tempo. Um homem velho, queimado de sol e vestindo somente uma tanga, saiu da choupana e seguiu na direção do riacho carregando o que parecia ser um alguidar de barro; encheu-o de água e voltou; depositou com cuidado o alguidar no chão e remexeu nos carvões; de um monte de gravetos que havia perto apanhou alguns e logo fez fogo outra vez; depois, recolheu o alguidar e desapareceu dentro de casa.

Otávio continuou em seu posto até que, supondo não haver mais ninguém por ali além do velho, resolveu ir até o riacho. Passava defronte à choupana quando o morador saiu, e ambos se encararam durante um largo momento de surpresa: temeroso, o velho recuou dois ou três passos apoiando-se de costas na parede de barro, enquanto Otávio tentou demonstrar afabilidade, sorriu, fez um gesto tranqüilizador e foi até o riacho. Lavou as mãos e o rosto, bebeu fartamente até matar a sede e retornou para perto da choupana. O velho ainda se encostava à parede de barro encarando-o ao mesmo tempo com assombro e medo; depois de muito hesitar resolveu aproximar-se do inesperado visitante, e cautelosamente avançou um passo, outro, por fim um terceiro em sua direção, estendeu timidamente uma das mãos, deteve o gesto a meio e recuou com rapidez, caindo de joelhos e curvando-se até tocar o chão com a cabeça.

— Não precisa ter medo, vovô — disse Otávio penalizado, convencido de que retrocedera até a pré-história e tendo como certo que o velho não entenderia.

Surpreendeu-se, porém, quando ele, ainda abaixado e sem encará-lo, respondeu num dialeto estranho mas do qual Otávio reconheceu duas ou três palavras. Não entendeu o sentido do que fora dito, mas compreendeu que o velho, por manter-se em tal atitude de submissão, julgava-o alguém especial — e decerto permaneceria indefinidamente curvado com a fronte em terra. Otávio, porém, deu-lhe pancadinhas com a ponta dos dedos na cabeça e, quando ele levantou o rosto, fez por meio gestos que ficasse de pé. O nativo, contudo, permaneceu ainda meio encurvado por algum tempo e pronunciou uma enxurrada de palavras quase incompreensíveis.

— Não entendi nada do que você disse, vovô — Otávio respondeu, e consigo mesmo: — Como iremos nos entender desse jeito?

O velho apontava agora para a direção do poente, continuando a falar. Da fala embrulhada do homem Otávio conseguiu apanhar mais algumas pala-

vas, entre elas “deus” e “que vem”, no entanto quase irreconhecíveis e cujo sentido era-lhe de todo obscuro.

Como olhasse na direção indicada, o outro continuou a pronunciar sua algaravia e a falar num “deus” ou algo parecido. Por fim fez um gesto que parecia significar “comida” e indicou a choupana, convidando Otávio a entrar nela.

O interior da choupana era asseado, ainda que escuro, pois não havia janelas. A um canto acumulavam-se vasilhas de barro, noutro canto um monte de capim fresco deveria servir de cama. O velho indicou o leito, sugerindo com gestos e palavras incompreensíveis que Otávio se acomodasse e descansasse, e logo providenciou alimento: frutas secas, que retirou de um grande boião de barro, legumes e nacos de carne cozida mas sem tempero.

O velho falava sempre, esperando decerto respostas que a princípio não obteve. Contudo, no decorrer da tarde as tentativas de comunicação não foram vãs: da fala quase impenetrável do velho Otávio começou a reconhecer um número maior de palavras, e a sintaxe, que de início não fazia qualquer sentido, passou a lhe parecer menos obscura, e então respondeu com gestos e expressões simples que o outro teve tanta dificuldade de assimilar como ele até então, mas que por fim permitiu conversarem, se não fluentemente, pelo menos o suficiente para se entenderem.

“Não devo ter retrocedido para a pré-história” ocorreu a Otávio, agora que tropeçar nesses desvios do tempo começava a parecer-lhe rotineiro, “mas em que época estou? Pelo grau de primitivismo desse pobre velho é certo que retrocedi pelo menos uns quatrocentos anos, se não mais, e para uma região distante de qualquer vestígio de civilização! Esse pobre homem decerto nunca chegou perto nem mesmo de um povoado!”.

Em parte entendendo o dialeto utilizado por seu anfitrião, em parte adivinhando, soube que o homem vivera toda sua vida ali; que de longe em longe outros semi-selvagens como ele viviam ou sozinhos, ou em pequenos grupos, e que vez por outra se encontravam... para celebrar rituais religiosos? Seria isso mesmo que ele estava querendo dizer? Pois outra vez surgiram na fala do velho as palavras “deus” e “que vem”, e uma outra que até então não fora dita, “anunciador” — então Otávio compreendeu que o pobre homem queria saber se era ele, Otávio, o “anunciador” que deveria vir para acordar de seu sono o grande deus da planície. Certo é que o velho longe esteve de pronunciar com clareza a expressão “grande deus da planície” ou de fazer objetivamente a pergunta “será você o anunciador que todos esperam?”, mas Otávio, depois de muito matutar, logrou deduzir o sentido de suas frases: ele se havia referido a algum tipo de divindade que existia em algum lugar na planície, não muito perto dali, divindade que estaria adormecida mas que governaria o mundo quando viesse aquele com poder para tirá-la de seu sono.

De início Otávio não soube o que responder, mas, como o outro espe-

rasse uma confirmação, tentou fazê-lo compreender que viera não despertar o deus da planície, mas apenas vê-lo dormindo para depois decidir. O homem pareceu pensativo e decepcionado, mas em seguida levantou-se de um salto e começou uma arenga interminável e de todo obscura, apontando para o céu e para longe, dando pulinhos aflitos e elevando os braços em desespero, até que, mais por meio de gestos que de palavras, intimou Otávio a acompanhá-lo até onde dormia o deus.

— Vamos então — Otávio anuiu, pondo-se também de pé ao compreender o que o outro pretendia.

O velho pareceu então tomado de grande animação: munuiu-se de um alforje de couro, de suas vasilhas de barro retirou provisões — nacos de carne, legumes cozidos e frutas —, apanhou num canto um cajado e indicou a saída, como a dizer: “Vamos?”. E foram: depois de fechar a rústica porta feita de lascas de madeira, o velho pôs-se adiante tomando a direção do poente.

Otávio viu o sol se pôr naquela paisagem desolada e temeu pela noite que teria. Seu companheiro de viagem decerto estava acostumado com o desconforto de dormir em montes de palha, porém ele...

Sentado numa pedra, esperou...

Olhando para si mesmo, examinando com desgosto o estado em que encontrava — suado, sujo, fedendo, unhas negras e roupas imundas — sentiu um tal desânimo que se perguntou por que concordara em seguir o velho até onde supostamente dormia esse deus de que ele tanto falava, deus que com certeza não passaria de um rochedo com a vaga forma de um corpo de homem e no qual ignorância e simplicidade elaboravam um ar de divindade. Para consolar-se, porém, disse consigo mesmo que não faria diferença permanecer parado na choupana ou andar por aí, já que não tinha nada melhor para fazer, “além do que” concluiu, “é bem possível que de repente eu me veja noutro lugar, noutra época, quem sabe noutro mundo”.

...Embora não descartasse a remota possibilidade de, a qualquer momento, abrir os olhos e descobrir que tudo não fora mais que um pesadelo: acordaria em sua cama e veria os olhos grande da Claudinha fitando-o, esperando para aprontarem juntos alguma arte que pusesse a Judith em polvorosa — no entanto, após comer uma fruta e alguns bocados de carne, em vez de abrir os olhos, forçado pelo cansaço fechou-os, e encolhido junto a um tronco de árvore dormiu.

No meio da manhã seguinte, do alto de uma elevação o velho apontou para a vasta planície que se abria adiante, indicando algum ponto não muito visível entre a vegetação rala, e em seu dialeto disse que naquele lugar o grande deus dormia.

Otávio Carneiro caminhava por fim ao lado do corpo colossal do deus adormecido, tomado de assombro e de um sentimento profundo de sofrimento, dando-se conta da trágica realidade — pois próximo aos pés do deus acha-

va-se ainda visível, se bem que coberta de azinhavre e uma espessa crosta de sujeira, a inscrição em alto-relevo:

Homagium ignoto antecessoris

“A imensa cidade não existe mais” murmurou, correndo os dedos pelo bronze enegrecido, enquanto o velho permanecia, reverente e até mesmo temeroso, a distância. “Quantos milhares de anos avancei no futuro, meu Deus, para que, de tudo aquilo que vi, restasse apenas este monumento, e sabe-se lá derrubado por que tremendo terremoto!”

A lua iluminava a planície, e do alto de uma pequena colina Otávio Carneiro contemplava a paisagem com uma impressão de descrença acerca da finalidade da vida, nem incomodando-o mais o lastimável estado de suas roupas e a sujeira que lhe grudara na pele. O velho, a quem fizera compreender que não poderia despertar o deus, e mais, que ele talvez tivesse largado ali seu corpo e partido definitivamente para as estrelas (presumiu que melhor seria desencantá-lo de vez do que manter o coitado numa expectativa que duraria toda a vida); o velho, portanto, após terminar de comer encolhera-se algo desconsolado numa moita de capim e adormecera, enquanto ele, recostado numa pedra, continuava a contemplar a planície, até que o sono fechou-lhe os olhos devagar e, sem perceber, adormeceu também.

Acordou com um pingo na testa: começava a chover, era preciso procurar abrigo, levantou-se e... percebeu que estava de volta ao parque.

“Sonhei... então foi um sonho! Graças a Deus!”

Mas tão logo pôs-se de pé, viu que a triste aparência de suas roupas não significava outra coisa: estivera sim, por dois dias, milhares de anos no futuro, quando a grande cidade que havia conhecido já não existia e dela restava apenas o monumento ao *ignoto antecessoris*.

“Estou feito um mendigo” gemeu, e se por um momento cogitou procurar abrigo numa pousada — havia uma muito simples e barata ali perto —, reconheceu que não seria possível: após vasculhar os bolsos não encontrou uma única moeda; lembrou-se de que todo seu dinheiro ficara sobre a mesa da Autoridade, mas, mesmo se tivesse com que pagar, como poderia apresentar-se com tal aparência?

Acabou embaixo de uma marquise, numa viela escura a dois passos do parque, de pé contra uma porta de aço, vendo a chuva cair em goteiras nas poças à sua volta.

Então decidiu: iria até a casa dos sogros. Pensava apresentar-se como estava; se convenceria os velhos ou não era impossível saber, mas diria a verdade. Se duvidassem, perguntaria:

— Então como se explica que, tendo-se passado dezenove anos, eu aqui esteja com a mesma cara dos trinta e cinco?

Teria uma boa caminhada pela frente, cruzaria parte da cidade na dire-

ção de seu próprio bairro e, a certa altura, seguiria para fora, para a região periférica: os velhos moravam numa bonita chácara entre a área urbana e a zona rural. Como a chuva não dava mostras de diminuir, muito menos de estiar de vez — “é certo que vou ficar encharcado” pensou —, pôs-se a caminho assim mesmo.

Chovera forte e sem parar até atingir as últimas casa na zona oeste da cidade, e vez por outra um relâmpagos riscava o céu seguindo-se um estrondo rumoroso que enchia a noite, mas para surpresa de Otávio ao entrar na estrada que conduzia à chácara o tempo mudou subitamente: a estrada estava seca e poenta, a vegetação lustrosa ao luar — pois no céu agora limpo de nuvens e pontilhado de estrelas brilhava uma lua esplêndida — e as aves noturnas pulavam de galho em galho, tanto que vez a vez alçava vôo uma coruja, ou um bacurau ia pousar alguns passos à sua frente numa aterrisagem precisa, para voar outra vez à sua aproximação.

A menos de cem metros da chácara ouviu música e supôs que estivessem dando uma festa. Má hora para chegar, pensou, e já ia desistindo quando decidiu pelo menos dar uma espiada — e assim, tendo se aproximado sem denunciar sua presença, procurou um esconderijo entre as árvores do jardim.

O quintal defronte a casa estava todo iluminado por fileiras de lâmpadas, enquanto as pessoas ou se reuniam em grupos animados de conversa, ou formando pares dançavam ao som da música que provinha de umas caixas acústicas na varanda. Aquela festa pareceu bem mais familiar a Otávio Carneiro que o esperado: já conhecia a disposição dos velhos para festejos, e qualquer novidade seria motivo para reunir a vizinhança num arrasta-pé que divertisse a rapaziada e entretivesse os mais idosos em seus assuntos graves e lembranças de outrora. Sim, seus sogros eram festeiros por costume, mas havia qualquer coisa nessa festa que...

Então Otávio Carneiro, de seu esconderijo, sentiu um calafrio: pois quem apareceu de repente na varanda, vindo de dentro, foi uma linda moreninha de vinte anos de idade que absolutamente não lhe era estranha: Judith, a sua Judith na flor da juventude, que no instante seguinte foi abraçada por trás por um moço muito desabrido que lhe vinha no encalço, muito cheio de intimidades, e que lascou-lhe um beijo no pescoço — o que fez Otávio Carneiro sentir-se ferver por dentro de ciúmes, mas ciúmes... de quem? Não seria de si mesmo, afinal? Pois aquele jovem brejeiro não era ele próprio, na noite de seu noivado, treze anos antes?

Otávio sentiu os olhos encherem-se de lágrimas, de seu esconderijo contemplou demoradamente a cena, e depois, evitando ser descoberto, deixou a chácara dos sogros, seguiu na direção da cidade, submergiu na teia urbana sob uma chuva miúda, perguntando-se se ainda haveria para si, não um lugar, mas um tempo que pudesse chamar de seu.

Amanhécia agora, e esfregando os olhos ainda sonolentos Otávio Car-

neiro não saberia dizer como fora parar ali, na pracinha a dois quarteirões de sua casa, e ainda mal acomodado no banco de madeira avistou de longe o Godofredo — o Godofredo da banca de jornais, que naquele momento ocupava-se justamente em abrir sua banca e empilhar os jornais do dia à entrada.

Pôs-se de pé, espreguiçou-se, respirou fundo o ar matinal e, já sem importar-se em ser visto e reconhecido, encaminhou-se para a banca.

— Bom dia, Godofredo.

— Ah, bom dia, seu Otávio. Madrugou hoje, hein? — mas o Godofredo não conseguiu esconder sua cara de espanto ao vê-lo.

— Mais ou menos, Godofredo. O jornal, por favor... posso pagar mais tarde? Agora estou a nenhum...

— Ora essa, seu Otávio — exclamou o jornaleiro —, o senhor afinal sempre teve crédito na casa. Mas... O senhor está bem? — não evitou perguntar. — Aconteceu alguma coisa?

— E o que poderia ter acontecido, Godofredo? Estou perfeitamente bem. Obrigado, e até mais.

— Até mais, seu Otávio — e enquanto via seu conhecido e quase vizinho afastar-se, o pobre Godofredo coçava a cabeça, penalizado, imaginando se Otávio Carneiro estava bem do juízo, se não havia surtado e saído a vagar pelas ruas, se não dormira com os mendigos do outro quarteirão...

Com o jornal embaixo do braço, entretanto, Otávio afastou-se e foi sentar-se no banco, acomodou-se o melhor que pôde — sempre achara horrível aquele banco duro e desajeitado de madeira, mas na falta de outro...

Abriu o jornal... e pôs-se de pé num salto de acrobata: esfregou os olhos ainda duvidando do que acabava de ver no frontispício da folha — uma data: sábado, 19 de março de 2022.

Sentiu uma vertigem, teve palpitações, os olhos se embaçaram. Sentou-se para não cair. Na banca ao longe o Godofredo arrumava calmamente suas revistas, vez por outra lançava olhadelas curiosas em sua direção e atendia a alguns fregueses que ou vinham pelo jornal, ou só para um bate-papo sem compromisso.

Otávio levantou-se.

Jornal embaixo do braço, caminhou rapidamente para casa, atravessou o portãozinho e seguindo pelos fundos entrou pela cozinha. O cheiro de café fresco recordou-lhe a Judith em sua faina matinal, e com efeito ali estava ela, de costas para a entrada, terminando de coar:

— Resolveu madrugar hoje? — disse, e voltou-se para ele, coador na mão e um sorriso de dentes puros no rostinho moreno, sorriso que no entanto morreu-lhe nos lábios ao ver o estado com seu marido entrava em casa. — Otávio! — exclamou, horrorizada. — O que foi que aconteceu.

— Preciso de um banho — disse, e largou o jornal em cima da mesa.

— Está bem — ela disse, ainda perplexa, — mas afinal o que foi que aconteceu com suas roupas? Onde foi que você andou?

— Falamos disso mais tarde — e antes de meter-se embaixo do chuveiro: — Lembre-me de pagar o Godofredo mais tarde.

Meia hora depois saiu do banheiro.

— Vou tentar dormir um pouco — olhou para o relógio de parede —, sete horas... pelo menos até as nove. Estou que não me agüento.

— Bem, descanse — e foi pôr na máquina a roupa suja do marido, ainda sem fazer idéia do que pudesse ter acontecido.

Às nove Otávio acordou, sacudido pela mulher:

— Querido, levante-se para molhar o gramado. Antes de sairmos não se esqueça de plantar a muda de manga que o papai trouxe ontem. Planta na lateral do terreno, mas a pelo menos cinco metros do muro, pra molecada não roubar mangas quando estiver dando”.

— A muda...? Gramado?... Mas, nós vamos sair hoje?

— Otávio! O que está acontecendo contigo? Você está mesmo muito estranho! Então não se lembra?

— Não me lembro do quê, Judith?.

— Hoje é dia de Concha...

Otávio estremeceu, encolheu-se em cima da cama.

— ...você prometeu à Claudinha no começo da semana, e ela está cobrando.

Uma expressão de terror transfigurou-lhe as feições e Otávio Carneiro cobriu a cabeça com o cobertor. As palavras saíram abafadas:

— Não, Judith, *hoje* nada de Concha.

— Mas, querido, a Claudinha...

— Não hoje, Judith, qualquer outro dia... diga à Claudinha, qualquer outro dia... amanhã... depois... ou semana que vem... mas hoje não! Pelo amor de Jesus pregado na cruz! *Hoje*, nada de Concha!!

Uma questão de ruídos

Teobaldo abriu um olho e viu que era dia.

Esteve assim, um olho aberto e outro fechado, por algum tempo — até decidir-se a abrir o outro olho. Sentou-se na cama olhando para os lados com preguiça, coçou o volume da barriga, fungou, suspirou, pôs-se de pé.

Então aconteceu: soltou um fragoroso peido!

Abismou-se: pois não fora um peido comum, não senhor! Fora desses raros que vibram, sonoros e profundos, pelos cômodos vizinhos — e chegou mesmo a ouvir um eco ao longo do corredor que conduzia do quarto para a sala.

Sentiu-se mais leve e abriu a janela, que, do sobrado, dava para uma ruazinha de pouco movimento.

Na ruazinha passava àquela hora uma mulher gorda com volumosos glúteos. “Teria escutado?” perguntou-se, pois o estridor de há pouco sem dúvida chegaria até a rua — e vigiou-lhe a bunda: enorme. Seria capaz de produzir uma erupção similar?, aventou como hipótese.

“Tudo é possível” disse consigo mesmo, “mas...” duvidou.

E debruçado no peitoril da janela, enquanto o dia amanhecia devagar, Teobaldo começou a lembrar-se de diversos episódios ruidosos que protagonizara em seus quarenta e poucos anos de vida.

Uma ocasião encontrava-se numa cerimônia de casamento, sentado num dos últimos bancos da igreja. Quebrando o silêncio da nave, apenas a voz monótona do padre no altar falando aos noivos, quando deixou escapular um estalo que, por estar sentado, amplificou-se pela madeira do banco e fez todos os pescoços se voltarem em sua direção. Seguiu-se um silêncio aterrador, uma imobilidade de morte, até que um senhor de aspecto solene e cãs aproximou-se, falando-lhe ao ouvido: “V. S^a. não conhece normas de civilidade? Não sabe comportar-se?”, e a imediata resposta foi um arrote, desses que se produzem após engolir-se boa quantidade de ar, que estourou nas brancas e veneráveis barbas do velho. O que se deu em seguida foi ser agarrado por dois pares de braços vigorosos que o atiraram da igreja porta afora. Diga-se, a título de esclarecimento, que ele ali estivera como penetra e os noivos lhe eram de todo desconhecidos. Uma vez na rua tomou seu rumo — satisfeito.

Doutra feita, num desses restaurantes freqüentados pela gente melhor, entrou a produzir borborignos. Como o ambiente fosse silencioso e os presentes conversassem em voz baixa, tais ruídos se tornaram bastante audíveis, e vez

por outra uma cabeça voltava-se em sua direção com ar de censura, que ele tratou de ignorar. Em dado momento recendeu no ambiente um certo cheiro, forte o bastante para que os da mesa próxima cobrissem discretamente o nariz, mas quando Teobaldo, estômago cheio, arrotou alto, alguém acenou para o *barman*. Não tardou que este, um homenzinho franzino de meia-idade com uns bigodinhos finos e ridículos, se aproximasse dele, se curvasse em sua direção e lhe cochichasse qualquer coisa ao ouvido (e eis aí uma coisa que irritava Teobaldo: esse hábito que tinham as pessoas de lhe falarem sempre ao ouvido, sempre aos cochichos). Olhou bem de frente para o homenzinho, fixou por um instante o bigodinho ridículo e, em seguida, soergueu-se da cadeira dois ou três dedos... No instante seguinte viu-se no meio da rua com uma das orelhas em brasa, mas duplamente satisfeito: não lhe fora cobrada a despesa e ele ainda ouvia, pelo menos de memória, o estampido que produzira.

Lembrou-se depois do velório de uma tia: do doloroso silêncio dos presentes, dos pêsames pronunciados em voz baixa, de algum fungado aqui e ali e um soluço reprimido acolá. No caixão, cercada de flores, a velha — bem feia, por sinal, ostentando uma berruga no queixo, com dois ou três pêlos hediondos — não parecia dormir, senão que parecia mesmo morta e medonha. Teobaldo, muito sério em face da gravidade da ocasião, deixou escapar um ligeiro estalido, um peidinho rele que em outras circunstâncias mal se perceberia, mas que ali chamou a atenção de alguém. Esse alguém se virou, em dúvida, circunvagou as vistas e voltou a olhar para frente. Ele permaneceu: sério, o cenho levemente franzido, chegou a fazer um bico de pesar com os lábios (que não fora ele, que aquilo não fora nada! Ora, ora!...). Momentos depois foi — outra vez — um cheiro, e alguns dos mais próximos se afastaram deixando-o quase isolado mas indiferente, como a ignorar o que se passava (não senhor! Não era com ele!). Mas de súbito espirrou — fosse pelo pólen das flores flutuando no ar ou por qualquer outro motivo, espirrou —, e junto com o espirro já não um peidículo mas um estrondo... e toda a gravidade da ocasião se desfêz numa gargalhada geral. “Até aqui, fulano?” vociferou um parente ao seu lado, e um primo se aproximou tomado de indignação. “Foi sem querer” defendia-se cochichando alto, “é o organismo, que diabo! É o organismo...”. Mas lhe foi dito de forma peremptória que se controlasse (alguém sugeriu, chalaceando, uma rolha de cortiça) ou se retirasse do recinto. A admoestação foi inútil: peidou outra vez quando baixavam o caixão à cova.

Na repartição tinha de viver se controlando, e quando se sentia apertado levantava-se para ir ao banheiro. Todos já sabiam o motivo dessas saídas, e vez por outra chegava até o corredor o eco de uma ou outra detonação.

Uma ocasião em que se viu numa verdadeira camisa de onze varas foi a da cerimônia do próprio casamento, pois então até ele concluiu que não ficaria bem produzir ruídos, menos ainda cheiros, em tal data (no mínimo, havia a noiva a quem considerar) e passou o dia apertando-se de ficar quase roxo, até

que alguém — maravilhoso alvitre — ligou o som, a música encheu o ambiente e ele pôde ir ao banheiro aliviar-se. (Acrescente-se, de passagem, que sem que ele soubesse houve até apostas entre a parentela mais chegada: “Hoje ele peida, aposto”, “aposto que não”, “dobro a aposta”, “mas é o casamento dele”, “e ele lá se importa?”). Quem apostou que nem assim Teobaldo continhasse, perdeu — mas só Teobaldo sabia quanto lhe custou!)

E continuou lembrando: de uma explosiva fedentina na festinha de aniversário de um sobrinho; de um pum sibilante na cadeira do dentista, quando a broca parecia enfurecida em um de seus molares; de outro pum, longo e vibrante, na rua, que ele largou de propósito para escândalo de duas senhoras de aspecto muito fino por quem acabara de passar, uma das quais conduzia nos braços um cãozinho fraldiqueiro que entrou a uivar desvairadamente... a lista parecia não ter fim, e se a fôssemos enumerar acabaria por tornar-se repetitiva e enfadonha: Teobaldo soltava peidos e arrotos com regularidade e mestria onde quer que estivesse.

O dia acabara de amanhecer, o sol subira por trás de uns prédios ao longe e a rua enchera-se de gente.

Ele saiu da janela, vagou pelo corredor e atravessou a sala: em cima da mesa da cozinha algumas contas para pagar, uma revista *Ele & Ela* antiga que esquecera aí na noite anterior, o café da véspera esfriando na garrafa térmica e a louça suja dentro da pia (que a mulher, sem tempo de botar a casa em ordem, saíra cedo e já meio atrasada para o trabalho).

Curvou-se para apanhar do chão a toalha de prato e assoou o nariz.

Deu com ela num enxame de moscas que zunia sobre o fogão.

Abriu a geladeira. Fechou. Tornou a abrir. Tornou a fechar. Sozinho em casa, não sabia o que fazer para o café da manhã.

Foi até o banheiro e cuspiu.

Voltou para a cozinha, desacorçoado, olhando em volta.

Dia de folga. Nada para fazer.

“Que vida de merda!” rosnou.

Suspirou, num desconsolo só, lembrando-se de há pouco no quarto:

“...Um peido daqueles desperdiçado!”

